

Maria de Magdala

“Apóstola dos Apóstolos”

IHU

ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Nº 489 | Ano XVI
18/07/2016

ISSN 1981-8769
(impresso)
ISSN 1981-8793
(online)

Elizabeth Johnson: *As faces femininas em um cristianismo sem véu*

Wilma Steagall De Tommaso: *O mosaico das “Madalenas”*

Lilia Sebastiani: *A história do mito e a falsificação*

Leandro Karnal:
Detração, o fio
que costura as
relações sociais

Marcelo de Araujo:
Brasil e o genoma
humano, discussões
sobre o CRISPR-Cas9

Gianfranco Ravasi:
‘Diga-nos, Maria
Madalena, o que viste no
caminho?’

Maria de Magdala. “Apóstola dos apóstolos”

A recente iniciativa do Papa Francisco, de elevar a memória litúrgica de Maria Madalena, no dia 22 de julho, à festa, como dos Apóstolos, é profética. Segundo Lília Sebastiani, teóloga italiana, a decisão “inscreve-se na teologia dos gestos, mais do que das inovações doutrinárias, e será lembrada como dos aspectos mais significativos de seu pontificado” Segundo ela, isto “não somente é importante para a história do culto de uma santa, mas para o devir do anúncio Pascal”.

Miriam de Magdala é o tema de capa desta semana da revista IHU On-Line.

Participam da edição Elizabeth Johnson, professora de Teologia na Fordham University, EUA, as teólogas italianas, Lília Sebastiani e Antonietta Potente, Wilma Steagall De Tommaso, professora no Museu de Arte Sacra de São Paulo - MAS-SP, Salma Ferraz, professora da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Ivoni Richter Reimer, professora dos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião e Mestrado em História Cultural na Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC Goiás, Wanda Deifelt, coordenadora do departamento de Religião da Luther College, EUA, Chris Schenk, diretora-executiva da FutureChurch, organização norte-americana de renovação da Igreja que tem trabalho para restaurar a consciência sobre a Santa Maria de Magdala como a primeira testemunha da Ressurreição e uma respeitada líder da Igreja primitiva, Lucetta Scaraffia, jornalista, historiadora e professora da Universidade La Sapienza de

Roma, Marcela Zapata-Meza, arqueóloga da Universidade Anáhuac do México e Katherine L. Jansen, professora do Departamento de História da Universidade Católica da América, em Washington.

Também debatem o tema de capa os teólogos Carlos Molari, teólogo italiano, Johan Konings, professor titular de teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - Faje, Thomas Stegman, professor de Novo Testamento na Boston College e Régis Burnet doutor em Ciências Religiosas pela École Pratique des Hautes Études, Paris.

Os artigos de Gianfranco Ravasi, cardeal, presidente do Conselho Pontifício para a Cultura, Pontifícia Comissão de Arqueologia Sacra e do Conselho de Coordenação das Academias Pontifícias e de Elisabeth Schüssler Fiorenza, teóloga e biblista feminista, complementam a discussão sobre Maria de Magdala, contribuem no aprofundamento da visão sobre a grande ‘apóstola dos apóstolos’.

Uma entrevista com Leandro Karnal, professor da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, e os artigos de Marcelo de Araujo, professor de Ética da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ e de Filosofia do Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, e de Carla A. R. Holand Mello, professora no curso de Relações Internacionais da Unisinos, completam a edição.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana!

Imagem de capa: Marko I. Rupnik, “Madalena e o Ressuscitado”. Detalhe do mosaico da igreja “Os Santos Primo e Feliciano”, em Vrhopolje, Eslovênia

IHU ON-LINE

A IHU On-Line é a revista do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no site www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da IHU On-Line é *copyleft*.

Diretor de Redação

Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br)

Coordenador de Comunicação - IHU

Ricardo Machado - MTB 15.598/RS
(ricardom@unisinos.br)

Jornalistas

João Vitor Santos - MTB 13.051/RS
(joavvs@unisinos.br)
Leslie Chaves - MTB 12.415/RS
(leslies@unisinos.br)
Márcia Junges - MTB 9.447/RS
(mjunges@unisinos.br)
Patrícia Fachin - MTB 13.062/RS
(prfachin@unisinos.br)

Revisão

Carla Bigliardi

Projeto Gráfico

Ricardo Machado

Editoração

Rafael Tarcísio Forneck

Atualização diária do site

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Evelyn Zilch, Fernanda Forner, Matheus Freitas e Nahiene Alves.

Colaboração

Jonas Jorge da Silva, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR.



Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950
São Leopoldo / RS
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128

e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling

Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br)

Sumário

Destaques da Semana

- 6 Destaques On-Line
- 8 Linha do Tempo
- 10 Estante - Leandro Karnal: Detração, o fio que costura relações sociais
- 13 Marcelo de Araujo: Brasil e o genoma humano, discussões sobre o CRISPR-Cas9

Tema de Capa

- 18 Baú da IHU On-Line
- 19 Elizabeth Johnson: As faces femininas de um cristianismo sem véu
- 23 Wanda Deifelt: Protagonistas que resistem a um apagamento
- 28 Gianfranco Ravasi: 'Diga-nos, Maria Madalena, o que viste no caminho?'
- 31 Lilia Sebastiani: A história do mito e a falsificação
- 35 Ivoni Richter Reimer: O poder sob a égide do sagrado: manutenção do domínio religioso e normatização pela crença
- 40 Johan Konings: A testemunha ocular da Divina Misericórdia
- 44 Katherine L. Jansen: Pregadora de uma nova fé e em pé de igualdade com os outros apóstolos
- 48 Régis Burnet: A transcendência de Madalena: múltiplas faces no espírito dos tempos
- 52 Marcela Zapata-Meza: A Magdala de Maria
- 54 Wilma Steagall De Tommaso: O mosaico das "Madalenas"
- 65 Carlo Molari: A autêntica humanidade em Jesus por Maria Madalena
- 72 Salma Ferraz: A mística que reconhece o Salvador
- 77 Antonietta Potente: Os limites do reconhecimento masculino sobre a mulher
- 81 Chris Schenk: Paulo e Madalena: dois caminhos que levam ao Cristo
- 85 Lucetta Scaraffia: A apóstola da dedicação e do amor integral
- 88 Thomas Stegman: Um novo pensar sobre a mulher pelo reconhecimento de Madalena
- 91 Elisabeth Schüssler Fiorenza: O chamado de Maria de Magdala e o nosso próprio chamado

IHU em Revista

- 96 #Crítica Internacional - Carla A. R. Holand Mello: Fragmentação e estagnação econômica: o que resta ao Mundo Árabe?
- 98 Publicações
- 99 Retrovisor

O Ensino Social da Igreja à luz do pontificado do Papa Francisco

Conferência ministrada pelo

Prof. Dr. Gaël Giraud

jesuíta economista e pesquisador do
Centre National de la Recherche Scientifique
CNRS – França

**12 de setembro (segunda-feira)
14h30min às 17h**

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus da Unisinos de São Leopoldo (RS)

O Prof. Dr. Gaël Giraud também estará no
IV Colóquio Internacional IHU. Políticas
Públicas, Financeirização e Crise
Sistêmica, que acontecerá nos dias 13 e
14 de setembro de 2016.



Informações e inscrições:
ihu.unisinos.br



IHU ON-LINE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Destques da Semana

Destques On-Line

Entrevistas publicadas entre os dias 11-07-2016 e 15-07-2016 no sítio do IHU.

Rio Doce: a negligência com a bacia hidrográfica é histórica

Entrevista com Fabiano de Melo, Biólogo e mestre em Genética e Melhoramento pela Universidade Federal de Viçosa - UFV e doutor em Ecologia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Atualmente é professor da Universidade Federal de Goiás - UFG.

Publicada em 15-07-2016

Disponível em <http://bit.ly/29JcZj8>

“O que chama a atenção em relação ao desastre da Samarco é que as pessoas falavam como se o desastre fosse o culpado em si pela grande morte do Rio Doce, mas não foi, porque já estávamos degradando o rio lentamente. O desastre foi uma situação extrema em que, de novo, o rio foi colocado em uma condição muito pior”, diz Fabiano de Melo à IHU On-Line. Segundo o biólogo, há anos o entorno do rio vem sofrendo com a intervenção humana e com o desmatamento das matas ciliares.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Da “picaretagem” do Protocolo de Kyoto às fragilidades do Acordo de Paris: temperatura climática pode chegar a 3,9°C

Entrevista com Roberto Schaeffer, doutor em Política Energética pela University of Pennsylvania, atualmente leciona Economia da Energia na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, e atua no Programa de Planejamento Energético da COPPE.

Publicada em 14-07-2016

Disponível em <http://bit.ly/2a0JXAh>

Apesar de a COP-21 ter representado avanços na elaboração de um acordo entre os países que participam da Conferência do Clima, a Contribuição Nacionalmente Determinada Pretendida - INDC, as conhecidas metas nacionais anunciadas por cada um dos membros este ano, não serão suficientes para garantir que a temperatura do clima se mantenha em 2°C. Se “os países se limitarem a fazer aquilo com que eles estão se comprometendo, de maneira alguma estaremos caminhando para um mundo com temperaturas abaixo de 2°C; muito pelo contrário, dependendo da probabilidade do acerto que se gostaria de ter, grosso modo, as INDCs levariam o mundo a temperaturas, ao final do século, variando entre 2,9°C e 3,9°C”, diz Roberto Schaeffer à IHU On-Line.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

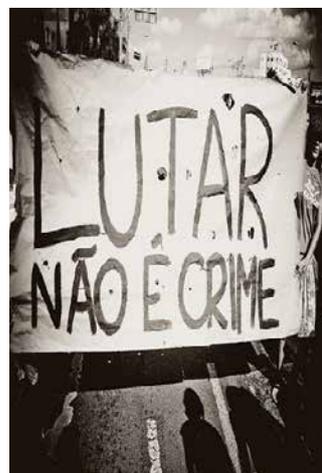
A indisponibilidade democrática, a violência e a criminalização dos movimentos sociais

Entrevista com Roberto Efrem Filho, professor de Sociologia do Direito na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, doutorando em Ciências Sociais na Unicamp e integrante do Setor de Direitos Humanos do MST/PE.

Publicada em 13-07-2016

Disponível em <http://bit.ly/29Hakco>

A criminalização dos movimentos sociais “opera” no Brasil “através da deslegitimação de militantes, movimentos sociais e, em última instância, de suas pautas políticas”, e da “conversão narrativa de ‘militantes’ em ‘criminosos’ no sentido da produção de uma ilegitimidade para a participação democrática”, na qual “‘lutadores’ são redesenhados narrativamente como ‘criminosos’”, diz Roberto Efrem Filho à IHU On-Line na entrevista concedida por e-mail. Contudo, frisa, quando se trata de analisar as relações dos movimentos sociais com o Judiciário, “seria irresponsável” “alegar que o Judiciário brasileiro é absolutamente fechado às pautas dos movimentos”.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Uso de combustíveis fósseis X mobilidade urbana: desafios para o Brasil

Entrevista com David Tsai, engenheiro químico graduado pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo - USP, atualmente é coordenador da área de emissões do Instituto de Energia e Meio Ambiente - IEMA.

Publicada em 12-07-2016

Disponível em <http://bit.ly/29xZMOd>

Se aprovado, o Projeto de Lei 1.013/2011, que propõe a fabricação e a venda de carros de passeio a diesel no Brasil, poderá causar “um agravamento da poluição do ar nas cidades brasileiras” e contribuirá para o “aumento dos gases de efeito estufa devido à competição” que passaria a existir entre a venda de etanol hidratado, gasolina C e diesel para abastecer os carros de passeio, diz David Tsai à IHU On-Line na entrevista concedida por telefone. Segundo ele, hoje o uso de combustíveis como fonte de energia para o transporte é “o fator que mais contribui para a poluição das cidades brasileiras” e já está atingindo “patamares comparáveis” aos do desmatamento no nível de emissões de gases de efeito estufa.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

PEC 241/16: Uma afronta à saúde, aos direitos sociais e à Constituição

Entrevista com Grazielle David, especialista em Direito Sanitário pela Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz, especialista em Bioética e mestra em Saúde Coletiva pela Universidade de Brasília - UnB, atualmente é assessora política do Instituto de Estudos Socioeconômicos - Inesc.

Publicada em 11-07-2016

Disponível em <http://bit.ly/29rhsLw>

O Sistema Único de Saúde - SUS, considerado uma das maiores conquistas das lutas populares implementadas na Constituição de 1988, ao longo de sua história tem passado por constantes e graves crises. Neste momento, certamente está enfrentando um dos períodos mais tensos por que já passou, pois está tendo sua integridade questionada. A possibilidade de aprovação da Proposta de Emenda Constitucional - PEC 241/16 é um dos fatores que tem ameaçado o SUS de dissolução. “A PEC 241/16 é o congelamento e futura extinção dos direitos sociais previstos na Constituição. Isso acontece porque essa Proposta diz claramente que durante 20 anos não haverá ampliação do que será aplicado para a garantia de direitos sociais”, alerta a pesquisadora.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Linha do Tempo

A IHU On-Line apresenta seis notícias publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, entre os dias 06-07-2016 e 18-07-2016, relacionadas a assuntos que tiveram repercussão ao longo da semana

Quando o Islã desloca o terceiro-mundismo e a teologia da libertação. Artigo de Donatella Di Cesare

“Aquilo que contrasta a hegemonia do sistema capitalista não é mais apenas a esquerda internacionalista. Longe de ser o terceiro incômodo, o Islã parece ser a única potência capaz de impor um universalismo militante que promete ser novamente o próprio futuro deste mundo.” A opinião é da filósofa italiana Donatella Di Cesare, professora da Universidade de Roma “La Sapienza”, em artigo publicado no caderno La Lettura, do jornal Corriere della Sera, 03-07-2016.

Leia mais em <http://bit.ly/29PmOyl>

Žižek: Precisamos entender a esquerda que apoiou o Brexit

Não vamos competir com os populistas de direita. Não vamos permitir que eles definam os termos da luta. O artigo é de Slavoj Žižek, filósofo, psicanalista e um dos principais teóricos contemporâneos, publicado por Blog da Boitempo, 24-06-2016.

Eis um trecho do artigo.

Quando perguntaram ao camarada Stalin no final dos anos 1920 o que ele achava pior, a direita ou a esquerda, ele imediatamente rebateu: “Os dois são piores!” Essa é minha primeira reação ao Brexit. A Europa está presa agora em um círculo vicioso, oscilando entre dois falsos opostos: de um lado, a rendição ao capitalismo global, e de outro, a sujeição a um populismo anti-imigração. É preciso colocar a pergunta: qual é o tipo de política capaz de nos tirar desse impasse?

Leia mais em <http://bit.ly/29HShR7>

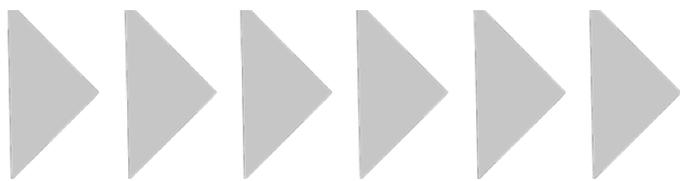
“O medo e o ódio têm a mesma origem.”

Entrevista com Zygmunt Bauman

“O medo é o demônio mais sinistro do nosso tempo”, alertava há muitos anos o filósofo polonês Zygmunt Bauman. Olhando para o mundo ocidental, que, dos EUA à envelhecida Europa, parece ter sucumbido às pulsões mais furiosas como se tivesse se “médio-orientalizado”, os fantasmas evocados pelo teórico da sociedade líquido, além de uma das mentes mais afiadas do pensamento contemporâneo, assumem dimensões épicas. A reportagem é de Francesca Paci, publicada no jornal La Stampa, 11-07-2016.

Leia mais em <http://bit.ly/2a5oVhg>

II CEHLA - 2016
“Conexões Brasil e América Latina”
 COLÓQUIO DISCENTE DE ESTUDOS HISTÓRICOS LATINO-AMERICANOS
 UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
 23 A 25 DE AGOSTO DE 2016



Acumulação por extermínio

“O capitalismo não é uma economia, é um sistema que inclui uma economia capitalista. Em sua etapa atual, o modelo extrativo ou de acumulação por roubo não se reduz a uma economia, mas a um sistema que funciona (das instituições à cultura) como uma guerra contra os povos, como um modo de extermínio ou de acumulação por extermínio”, escreve o jornalista e analista político uruguaio Raúl Zibechi, em artigo publicado por Rebeli-ón, em 09-07-2016.

Leia mais em <http://bit.ly/29zu3Zy>

Boaventura de Sousa Santos: Quinze questões para uma nova esquerda

Em uma entrevista com o professor português Boaventura de Sousa Santos, para a produção da reportagem sobre o avanço da direita na América Latina, publicada na edição 231 de Caros Amigos, perguntei como a esquerda poderia contrapor à ofensiva da direita, especialmente na América Latina. “Respondo em forma de teses para discussão”, indicou.

A reportagem é de Vitor Taveira publicada por Caros Amigos, em 12-07-2016.

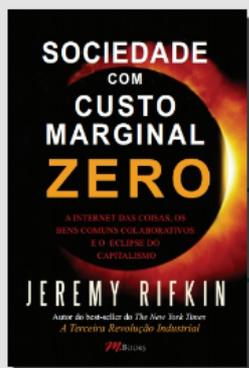
Boaventura é professor da Universidade de Coimbra, Portugal, e da Universidade de Wisconsin-Madison, EUA.

Leia mais em <http://bit.ly/29Ky9B9>

A inspiração de Mandela e a crise aguda do petismo sem princípios

“É diferente sermos derrotados colaborando com os inimigos da democracia, que defendem tanto o ajuste como o autoritarismo golpista, de sermos derrotados resistindo e lançando sementes para o futuro. Porque a derrota era certa, em qualquer das hipóteses, e a melhor das escolhas seria fazer, do momento, uma ponte para o futuro: a hora - depois de duras provações durante os Governos Dilma - de abandonar a nossa dependência peemedebista e promover - no sítio mais agudo da crise - um momento de dignidade da política”, escreve Tarso Genro, ex- Governador do Estado do Rio Grande do Sul - PT, em artigo publicado por Sul21, 17-07-2016.

Leia mais em <http://bit.ly/29Odzf2>



Sociedade Com Custo Marginal Zero

A Internet das Coisas, os Bens Comuns Colaborativos e o Eclipse do Capitalismo

Apresentação da obra pelo **Prof. MS Gilberto Faggion – UNISINOS** e pelo **Prof. MS Lucas Henrique da Luz – UNISINOS**

25 de agosto | 17h30min

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES – IHU.UNISINOS.BR



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



ESTANTE

Detração, o fio que costura relações sociais

Leandro Karnal observa como a detração se constitui em um traço cultural marcante que atravessa o tempo e as civilizações

Por Ricardo Machado

A detração nos constitui. A história da humanidade é a história da detração. No Brasil ainda há uma espécie de agravante em nosso ethos, uma vez que tendemos a ser mais sensíveis às críticas mesmo quando elas não são de cunho pessoal. Em meio a tudo isso a democracia descortina o palco das relações sociais e vivemos o ínterim entre o contraditório e a detração. “A democracia precisa conviver com o contraditório e com a detração. Ela também precisa (e quase todas fazem) estabelecer limites legais como temos, no Brasil, para calúnia, difamação e injúria”, propõe Leandro Karnal, em entrevista por e-mail. Em seu livro *A detração* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016), lançado recentemente e no qual esta entrevista se inspira, ele aborda a detração, ou a fofoca, como matéria constitutiva das relações humanas.

Talvez a tarefa mais difícil seja, justamente, separar a fofoca da crítica racional, isto é, ser crítico sem cair na maledicência. “Teoricamente, a crítica tem como mira a verdade e não é pessoal ou não contém imputação ao sujeito. A maledicência é pessoal e subjetiva. A Igreja medieval tinha a bela ideia de odiar o pecado e amar o pecador”, provoca o entrevistado. “A ri-

gor, quando eu deixo claro que um texto contém erro e que meu objetivo é melhorar e atingir a verdade, estou no campo da crítica. Quando eu recrimino o outro como analfabeto ou burro, estou no campo da detração”, complementa.

Leandro Karnal é graduado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, com doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo - USP. Trabalha há muitos anos com capacitações para professores da rede pública e publicação de material didático e de apoio para os professores. Atualmente é professor da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, membro de corpo editorial da Revista Brasileira de História e da Revista Poder & Cultura. Entre suas publicações, destacamos a recém-lançada *A detração* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016), *A Escrita da Memória - Interpretações e Análises Documentais* (São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004) e *Cronistas da América* (Campinas: Unicamp, 2004).

Confira a entrevista.



São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016

IHU On-Line - Como a detração se constituiu na história do Brasil?

Leandro Karnal - Provavelmente começou quando Cabral¹ encon-

¹ **Pedro Álvares Cabral** (1467-1520): fidalgo e navegador português a quem geralmente se atribui o descobrimento do Brasil, em 22 de abril de 1500. (Nota da IHU On-Line)

trou os indígenas. Comentários maldosos dos portugueses sobre os nativos. Depois ela foi institucionalizada, por exemplo, com as três visitas da Inquisição à colônia. O processo Inquisitorial é um antro de fofoca. Denúncias anônimas são terreno fértil para toda espécie de vingança.

IHU On-Line - De que maneira podemos entender o atual cenário político brasileiro a partir da perspectiva da detração?

Leandro Karnal - As redes sociais juntaram ao nosso ódio político a liberdade e facilidade de posts. Imagine que, há 100 anos, se alguém quisesse ser contra o



Quando eu recrimino o outro como analfabeto ou burro, estou no campo da detração

governo, teria de tornar pública sua crítica num grande jornal e isto era muito mais difícil. Hoje, com um clique, podemos tratar de igual para igual um Juiz do supremo ou o chefe do Executivo. Mais, além da facilidade em focar com as redes, a média das pessoas acha importante manifestar sua opinião, especialmente a detratora. Perdemos a noção de hierarquia, para o bem e para o mal.

IHU On-Line - Qual a relação entre a democracia e a detração?

Leandro Karnal - A democracia precisa conviver com o contraditório e com a detração. Ela também precisa (e quase todas fazem) estabelecer limites legais como temos, no Brasil, para calúnia, difamação e injúria. Mas há uma linha muito tênue entre a detração e a democracia, que precisa resolver medianamente a questão: como conviver com liberdade de expressão e direito de não sermos devassados na nossa intimidade?

IHU On-Line - O que está em jogo no debate público na atual política brasileira: crimes ou a "fofoca mais bem elaborada"?

Leandro Karnal - Não sei se podemos ter uma distinção clara entre estas duas coisas. Crimes também dependem de opinião pública para serem investigados. Temos crimes cometidos há décadas e que esperam um último recurso no Supremo Tribunal Federal - STF e outros, muito mais recentes, são examinados com rapidez por pressão da opinião pública. A lei rápida ou lenta depende de muitas coisas. Nas sociedades de informações de massa, até o crime precisa ter uma versão bem elaborada.

IHU On-Line - O que a votação sobre o impeachment e as argumentações contra e a favor demonstram sobre o uso da detração na política brasileira?

Leandro Karnal - Que a detração veio para ficar e que a mulher de César, além de ser e parecer honesta, deve contratar uma boa assessoria de imprensa.

IHU On-Line - O que a "santíssima trindade" do Bela, recata e do lar diz a respeito do ideal de virtude pública?

Leandro Karnal - Que existe um projeto político nesta expressão, uma crítica velada a outra mulher menos bela, não recatada e não do lar e que a mulher do lar ou da rua continua sendo alvo da manipulação maldosa e detratora.

IHU On-Line - Em que medida a fofoca nos conduz a um processo civilizacional e em que medida nos transporta à barbárie?

Leandro Karnal - Há casos de calúnias que resultaram em tragédia, como o da escola Base em São Paulo, citado no livro. Aqui o grande risco da fofoca e do seu poder de destruição. Multiplicamos o calibre das nossas línguas, mas temos esquecido que o corpo humano continua frágil.

IHU On-Line - Qual a relação entre o humor e a detração? Como a maledicência abriu os portões de Auschwitz?

Leandro Karnal - Esta é uma frase clássica. O humor, com frequência, é preconceituoso e registra os medos e preconceitos da

sociedade. Aristóфанes² ironizava filósofos e a própria democracia, reclamando do comportamento ouzado das mulheres, por exemplo. Molière³ atacava os burgueses para defender a aristocracia. A maioria da piadas contém homofobia, misoginia, racismo ou outros preconceitos. Sim, o humor pode ser uma arma política boa como as charges de Belmonte,⁴ ou Millôr.⁵ Porém, com frequência, o humor malévolos tem um grande potencial de magnificar ódio e preconceito.

IHU On-Line - Como separar a detração da crítica? Como ser crítico sem cair no terreno da maledicência?

Leandro Karnal - Difícil. Teoricamente, a crítica tem como mira a verdade e não é pessoal ou não contém imputação ao sujeito. A maledicência é pessoal e subjetiva. A Igreja medieval tinha a bela ideia de odiar o pecado e amar o pecador. A rigor, quando eu deixo claro que um texto contém erro e que meu objetivo é melhorar e atingir a verdade, estou no campo da crítica. Quando eu recrimino o outro como analfabeto ou burro, estou no campo da detração. Nós,

² **Aristóфанes** (447a.C.-385 a.C.): foi um dramaturgo grego. É considerado o maior representante da comédia antiga. Nascido em Atenas, presenciou a Guerra do Peloponeso, e foi testemunha também do início do fim de Atenas. (Nota da IHU On-Line)

³ **Jean-Baptiste Poquelin** (1622-1673): mais conhecido como Molière, foi um dramaturgo francês, além de ator e encenador, considerado um dos mestres da comédia satírica. Teve um papel de destaque na dramaturgia francesa, até então muito dependente da temática da mitologia grega. (Nota da IHU On-Line)

⁴ **Benedito Carneiro Bastos Barreto ou Belmonte** (1896-947): foi um caricaturista, pintor, cartunista, cronista, escritor e ilustrador brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

⁵ **Millôr Fernandes** (1923-2012): desenhista, humorista, dramaturgo, escritor e tradutor brasileiro. Em 1968 começa a trabalhar na revista Veja, e em 1969 torna-se um dos fundadores do jornal O Pasquim. Sobre Millôr, confira as seguintes entrevistas, concedidas por Henrique Rodrigues à IHU On-Line: *O riso como arma e libertação*, na edição 367, de 27-06-2011, disponível em <http://bit.ly/kKlnso> e *Um humorista iconoclasta*, encartada na edição de hoje. (Nota da IHU On-Line)

brasileiros, somos mais sensíveis à crítica do que os europeus em geral, por exemplo. No Brasil, criticar um texto ou uma ação é sempre visto como inimizade. Trata-se do homem cordial, ou seja, do indivíduo que mede tudo pelo coração.

IHU On-Line - Como pensar a sociedade a partir de uma relação que não seja a das paixões tristes, como o medo, a inveja e o preconceito?

Leandro Karnal - A dimensão trágica da existência faz parte es-

trutural do nosso ser. Somos a aspiração com Bom e ao Belo e somos dotados das paixões tristes. Nossos “afetos desordenados”, para utilizar uma expressão inaciana,⁶ são

⁶ **Inácio de Loyola** (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, a Ordem dos Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. A Ordem teve grande importância na Reforma Católica. Atualmente a Companhia de Jesus é a maior Ordem religiosa católica no mundo. Para saber mais sobre Loyola, acesse a edição 186 da **IHU On-Line**, disponível em <http://bit.ly/1Bwk2U>. Foi canonizado em 12 de

constituidores de muitas coisas. Muito consenso via boa educação e coerção proporcional para barrar excessos parecem ser uma fórmula que DIMINUI, mas não elimina estas paixões. O preconceito terminará com o último homem. Até lá, é convidado indesejado em todas as mesas. A consciência crítica de si e boa formação ajudam a identificá-lo, e até controlá-lo, mas não o eliminam. ■

março de 1622 pelo Papa Gregório XV. Festeja-se seu dia em 31 de julho. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- “*Os jesuítas foram os primeiros do clero católico a entender a modernidade*”. Entrevista especial com Leandro Karnal publicada na revista **IHU On-Line**, nº 458, de 10-11-2014, disponível em <http://bit.ly/29KKeWW>.
- “*Uma educação significativa parte do paradigma do aluno, mas constrói outro paradigma*”. Entrevista especial com Leandro Karnal publicada nas **Notícias do Dia**, de 04-05-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/29zFlaH>.



NOTÍCIAS DO DIA

Acompanhe notícias, artigos e entrevistas veiculadas na mídia do Brasil e do mundo, em uma seleção preparada pela equipe do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU.**



ihu.unisinos.br/noticias/noticias-do-dia

ARTIGO DA SEMANA

Brasil e o genoma humano, discussões sobre o CRISPR-Cas9

Por Marcelo de Araujo

“**C**omo o ‘código genético’ contido no genoma de uma espécie é representado por uma sequência de letras (A, T, C, e G), cientistas usam a palavra ‘editar’ para se referir ao processo pelo qual essas letras são apagadas ou substituídas. O genoma humano é formado por uma sequência com mais de três bilhões de letras. Mas até o momento cientistas conseguiram decifrar apenas uma pequena parte de nosso código genético”, explica Marcelo de Araujo, em artigo enviado à IHU On-Line.

Marcelo de Araujo possui graduação e mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, doutorado em Filosofia pela Universität Konstanz, da Alemanha, 2002. Atualmente, é professor de Ética da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ e professor adjunto de Filosofia do Direito da UFRJ. Sua pesquisa filosófica se concentra nas áreas de ética, filosofia política e filosofia do direito. Este artigo resulta de um trabalho apresentado em janeiro de 2016 em um congresso na Universidade de Oxford, e de um intercâmbio acadêmico com a Universidade de Birmingham, Inglaterra. O trabalho contou com o apoio financeiro do CNPq e da FAPERJ.

Eis o artigo.

Faz pouco mais de um ano que um experimento científico deflagrou um debate mundial sobre a ética da pesquisa em engenharia genética. Em abril de 2015 cientistas chineses publicaram um artigo sobre a manipulação do genoma de 86 embriões humanos. O experimento tinha como objetivo investigar a possibilidade de cura para uma doença sanguínea de origem hereditária chamada beta-talassemia. Os embriões usados no experimento eram “não viáveis”, ou seja, não poderiam se desenvolver e formar um feto. Mesmo assim, o artigo dos cientistas chineses causou muita polêmica.¹

A manipulação do genoma, por si só, não é nenhuma novidade. Mas duas coisas chamaram a atenção da comunidade científica para o experimento dos pes-

quisadores chineses. Em primeiro lugar, esse tipo de pesquisa nunca havia sido feito antes com embriões humanos, pois muitas pessoas consideravam moralmente questionável a tentativa de se manipular o “código genético” de nossa espécie.² Em segundo lugar, a “ferramenta” que foi utilizada para se modificar o genoma dos embriões humanos é bastante diferente de outras técnicas que vinham sendo usadas para esse fim até poucos anos atrás. Essa ferramenta se chama CRISPR-Cas9.

CRISPR-Cas9 representa uma verdadeira revolução nas pesquisas em biotecnologia. CRISPR-Cas9 é muito mais barato, preciso e rápido do que as outras ferramentas para alterações no código genético de um determinado organismo. Uma organização sem fins lucrativos chamada Addgene, localizada nos Estados Unidos, é a principal fornecedora de kits de CRISPR-Cas9,

¹ O artigo que desencadeou o debate é de Liang P, Xu Y, Zhang X, *et al.* 2015. “CRISPR/Cas9-mediated gene editing in human tripronuclear zygotes”. In *Protein & Cell*. (6):363-372, disponível em <http://goo.gl/Bnw50p>. Cf. Cyranoski, David; Reardon, Sara. “Embryo editing sparks epic debate. In wake of paper describing genetic modification of human embryos, scientists disagree about ethics”. In *Nature* (520): 593-594, 29 de abril de 2015. Cf. Lander, Eric S. “The heroes of CRISPR”. In *Cell* (164): 18-28, 2016. (Nota do entrevistado)

² Cf. por exemplo UNESCO. 2015. *Report of the IBC [International Bioethics Committee] on updating its reflection on the human genome and human rights*. Paris, 2 October 2015, p. 25, artigo 102, disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002332/233258e.pdf>. (Nota do entrevistado)



Algumas pessoas alegam que, ao tentarem editar o genoma de embriões humanos, os cientistas chineses teriam violado uma “linha ética” sem precedentes

despachados pelo correio todos os dias para diversas partes do mundo.³ Em princípio, qualquer pesquisador, ou até mesmo estudantes de biologia com conhecimentos razoáveis de genética, e acesso aos reagentes e equipamentos necessários, já podem realizar experimentos que envolvem a modificação do código genético de um organismo.

Como o “código genético” contido no genoma de uma espécie é representado por uma sequência de letras (A, T, C, e G), cientistas usam a palavra “editar” para se referir ao processo pelo qual essas letras são apagadas ou substituídas. O genoma humano é formado por uma sequência com mais de três bilhões de letras. Mas até o momento cientistas conseguiram decifrar apenas uma pequena parte de nosso código genético. Conforme o nosso conhecimento nessa área for se ampliando, a utilização de CRISPR-Cas9 com vistas ao tratamento de doenças congênitas deve se tornar cada vez mais difundida. E é justamente por isso que muitas pessoas sustentam que o uso dessa nova tecnologia deve ser acompanhado de um debate ético mais aprofundado.

Algumas pessoas alegam que, ao tentarem editar o genoma de embriões humanos, os cientistas chineses teriam violado uma “linha ética” sem precedentes e que novas pesquisas envolvendo a manipulação do genoma humano deveriam ser banidas. Mas outras pessoas veem no experimento do ano passado o início de uma nova era de pesquisas que poderiam um dia levar à cura para o câncer e à erradicação de uma série de doenças hereditárias. O debate sobre as implicações éticas e jurídicas do uso de CRISPR-Cas9 em pesquisas envolvendo embriões humanos continua gerando discussões. Até o momento, dois encontros globais já foram realizados com vistas ao estabelecimento de di-

retrizes para um uso ético de CRISPR-Cas9 e para a orientação dos governos na elaboração de legislações específicas.

O primeiro encontro ocorreu em dezembro de 2015, em Washington. O evento contou com a participação de representantes da comunidade científica mundial e da sociedade civil de vários países.⁴ O segundo encontro ocorreu em 29 de abril deste ano, em Paris, e contou com a participação de representantes da China, Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, Bélgica, Malásia, Canadá, Singapura e Espanha. Mas o Brasil, até o momento, não tem participado das rodadas de discussões.⁵

Enquanto o tema é discutido em fóruns internacionais e na imprensa especializada, novas pesquisas envolvendo o uso de CRISPR-Cas9 em embriões humanos já foram anunciadas. No início deste ano pesquisadores do Instituto Francis Crick, na Grã-Bretanha, obtiveram autorização para a realização de experiências em embriões humanos viáveis, mas que deverão ser descartados dentro de no máximo 14 dias após o início do experimento. Pesquisadores do Karolinska Institute, na Suécia, também obtiveram recentemente uma autorização do governo sueco para usar CRISPR-Cas9 em pesquisas com embriões humanos.⁶ E em abril de 2016, um ano após a publicação do artigo que gerou todo esse debate, outra equipe de cientistas chineses publicou um novo trabalho no qual relatam o uso de CRISPR-Cas9 em 213 zigotos humanos (óvulos fertilizados). Dessa vez, porém, a notícia causou bem menos alvoroço do que o experimento de abril do ano passado. O novo experimento teve como objetivo usar o

³ Site da Addgene: <https://www.addgene.org/>. Cf. ADDGENE. *CRISPR 101: A Desktop Resource Created and Compiled by Addgene*, January 2016 (1st Edition). Cambridge (Massachusetts), 2016, 146p. (e-book, distribuição gratuita). Cf. também Regalado, Antonio. “The scientific swap meet behind the gene-editing boom: How one nonprofit’s mailroom is making tinkering with genomes as easy as shopping at Amazon.” In *MIT Review*, 8 de abril de 2016, disponível em: <https://goo.gl/w8NHBi>. (Nota do entrevistado)

⁴ National Academies of Sciences. *International Summit on Human Gene Editing: A Global Discussion*. Washington: The National Academies Press, 3 de dezembro de 2015 (doi: 10.17226/21913). Cf. Simons, Caroline. “In depth report from April 29th Paris Human Gene Edit Meeting”. In *The Niche*, 11 de maio de 2016. Disponível em: <https://goo.gl/bKcDma>. (Nota do entrevistado)

⁵ Simons, Caroline. “In depth report from April 29th Paris Human Gene Edit Meeting”. In *The Niche*, 11 de maio de 2016. Disponível em: <https://goo.gl/bKcDma>. (Nota do entrevistado)

⁶ Callaway, Ewen. “Embryo-editing research gathers momentum. Scientists proceed with human-genome-editing experiments as ethical debate continues.” In *Nature*, (532): 289-290, 19 de abril de 2016. (Nota do entrevistado)

CRISPR-Cas9 na tentativa de provocar uma mutação genética que às vezes ocorre espontaneamente em seres humanos, e que os torna resistentes ao vírus HIV.⁷

CRISPR-Cas9 já foi utilizado com sucesso na edição, por exemplo, do genoma de algumas espécies de soja, arroz e batata com o objetivo de torná-las mais resistentes a pragas. Mas esse processo é diferente da criação de uma semente “transgênica”, já que nesse caso não ocorre a mistura do material genético de diferentes espécies. O governo americano já deu sinais, inclusive, de que não tratará produtos alimentícios, gerados por meio de CRISPR-Cas9, com a mesma legislação que aplica à produção de produtos transgênicos.⁸ CRISPR-Cas9 também já foi usado

⁷ Callaway, Ewen. “Second Chinese team reports gene editing in human embryos. Study used CRISPR technology to introduce HIV-resistance mutation into embryos.” In *Nature*, 8 de abril de 2016 (doi:10.1038/nature.2016.19718). O artigo da equipe chinesa está disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/s10815-016-0710-8>. (Nota do entrevistado)

⁸ Waltz, Emily. “Gene-edited CRISPR mushroom escapes US regulation. A fungus engineered using CRISPR-Cas9 can be cultivated and sold without oversight.” In *Nature*, (532): 293, 21 de abril de 2016; Ainsworth, Claire. 2015. “Genome editing allows much smaller changes to be made to DNA compared with conventional genetic engineering. In terms of agriculture, this might win over public and regulator opinion.” In *Nature* 3 de dezembro, 2015, vol. 528, S15-S16; Wolt, Jeffrey D.; Wang, Kan; Yang, Bing. 2015. “The regulatory status of genome-edited crops”. In *Plant Biotechnology Journal*, 7 de agosto de 2015 (doi: 10.1111/pbi.12444); FG [Farmers Guardian] Insight. 2015. “GM or not GM? Why key decisions on new technology will shape EU plant breeding”. In *FG [Farmers Guardian] Insight*, 16 de outubro de 2015, disponível em: <https://goo.gl/CFPfkR>; Pollack, Andrew. “By ‘editing’ plant genes, companies avoid regulation”. In *The*

para a criação de mosquitos incapazes de transmitir a malária. Mas esses mosquitos ainda não saíram dos laboratórios, e são geneticamente diferentes dos mosquitos que a empresa britânica Oxitec vem usando no combate à dengue no Brasil.⁹

CRISPR-Cas9 também vem sendo usado em pesquisas para criação de porcos que, no futuro, poderiam ser utilizados na produção de órgãos para transplantes em seres humanos.¹⁰ A empresa responsável por essa pesquisa é a eGenesis.¹¹

São inúmeras as possibilidades de aplicação do CRISPR-Cas9. O potencial que essa ferramenta possui para o tratamento de doenças, e

avanços no setor agropecuário, é inquestionável. Mas é fundamental também que haja um amplo debate com o objetivo de delinear princípios éticos claros para a utilização de CRISPR-Cas9, ou de outras tecnologias para a edição do código genético de seres vivos, especialmente seres humanos. A comunidade científica brasileira e a sociedade civil, a meu ver, não podem ficar de fora desse debate. ■

New York Times, 1 de janeiro de 2015, disponível em: <http://goo.gl/Mw3EbC>. (Nota do entrevistado)

⁹ Informação obtida por e-mail diretamente com a empresa Oxitec, em Oxford. A troca de mensagens com o representante da Oxitec está à disposição do editor de CH. (Nota do entrevistado)

¹⁰ Reardon, Sara. “New life for pig-to-human transplants. Gene-editing technologies have breathed life into the languishing field of xenotransplantation”. *Nature* (527): 152-154, 12 de novembro de 2015. Cf. Regalado, Antonio. “Human-animal chimeras are gestating on U.S. research farms. A radical new approach to generating human organs is to grow them inside pigs or sheep”. *MIT Technology Review*, 6 de janeiro de 2016.

¹¹ Consultar: <http://www.egenesisbio.com/> (Nota do entrevistado)

“
Esse tipo de pesquisa nunca havia sido feito antes com embriões humanos

LEIA MAIS...

- *Entre o tratamento e o aprimoramento humano*. Entrevista com Marcelo de Araujo, publicada na revista **IHU On-Line**, número 487, de 13-06-2016, disponível em <http://bit.ly/29zUzSw>.
- *O que significa ser humano se faculdades cognitivas e físicas forem aprimoradas?* Entrevista com Marcelo de Araujo, publicada na revista **IHU On-Line**, número 472, de 14-09-2015, disponível em <http://bit.ly/1rf5HeQ>.
- *Política e moralidade na teoria dos contratos sociais*. Entrevista com Marcelo de Araujo, publicada na revista **IHU On-Line**, número 436, de 10-03-2014, disponível em <http://bit.ly/10eNQzl>.
- *Os algoritmos e os desafios às novas configurações acadêmicas*. Artigo de Marcelo de Araujo, publicada na revista **IHU On-Line**, número 482, de 04-04-2016, disponível em <http://bit.ly/1YgyXPI>.



@_ihu



TWEETS 91,4 mil SEGUINDO 1.932 SEGUIDORES 10,9 mil CURTIÇÕES 51 LISTAS 9

[Seguir](#)



ihu.unisinos.br

IHU ON-LINE



INSTITUT
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Tema de Capa

Baú da IHU On-Line

Confira alguns textos já publicados no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU sobre Maria Madalena

- *O Papa institui a festa de Maria Madalena.* A reportagem de Andrea Tornielli, publicada por Vatican Insider, 10-06-2016, e reproduzida nas **Notícias do Dia** de 13-06-2016, disponível em <http://bit.ly/2aa7squ>.
- *Festa de Maria Madalena, “igual aos apóstolos”.* Nota do sítio do Mosteiro de Bose, de 18-06-2016, reproduzida nas **Notícias do Dia** de 22-06-2016, disponível em <http://bit.ly/2amYliW>
- *Maria de Magdala, a grande “Apóstola dos Apóstolos”.* Entrevista especial com Chris Schenk publicada nas **Notícias do Dia**, de 18-12-2011, disponível em <http://bit.ly/29HVPD8>.
- *O que Maria Madalena e a samaritana ensinam à Igreja.* Artigo publicado no sítio do jornal National Catholic Reporter, 24-07-2012, e reproduzido nas **Notícias do Dia** de 28-07-2012, disponível em <http://bit.ly/29Ps4lN>.
- *“Não sei como amar-te”. Cartas de amor de Maria Madalena a Jesus de Nazaré.* Reportagem sobre livro de Pedro Miguel Lamet publicada no sítio Religião Digital, 21-05-2016, e reproduzida nas **Notícias do Dia** de 24-05-2016, disponível em <http://bit.ly/29PhUPD>.
- *Legionários de Cristo profanam Maria Madalena. E o papa se insurge.* Reportagem de Franca Giansoldati, publicada no jornal Il Messaggero, 02-09-2014, e reproduzida nas **Notícias do Dia** de 08-09-2014, disponível em <http://bit.ly/29OhDvK>.
- *Páscoa, Maria Madalena e Não me Toque.* Artigo de Antonio Cechin, publicado nas **Notícias do Dia** de 16-04-2012, disponível em <http://bit.ly/2an06g3>.
- *Na festa de Maria Madalena, mulheres católicas pedem acesso ao sacerdócio feminino.* Reportagem publicada no sítio Religião Digital, 21-07-2014, e reproduzida nas **Notícias do Dia**, 22-07-2014, disponível em <http://bit.ly/29Oib4t>.
- *Jesus e Maria Madalena.* Entrevista especial com Bernard Sesboüé publicada no boletim eletrônico Teologia@ Internet, da página www.queriniana.it, e reproduzida na revista IHU On-Line, n.º 199, de 09-10-2006, disponível em <http://bit.ly/29Oj3WQ>.
- *Maria Madalena, a mulher que amou Jesus.* Entrevista especial com Salma Ferraz publicada na revista IHU On-Line, n.º 385, de 19-12-2011, disponível em <http://bit.ly/29UHeXy>.

Leia mais sobre Maria Madalena em <http://bit.ly/29Og6Wr>.

ECOFEIRA UNISINOS

LOCAL
Praça de Heraclito / Taquareiras
Sala Ignacio Ellacuria e Companheiros – IHU
Saiba mais: ihu.unisinos.br

Horário
10h - 18h

TODAS AS QUARTAS

Organiza o projeto
TENDA VIVA
TENDAVIVA-STRIKINGLY.COM

EMATER/RS

CCIAS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS

As faces femininas de um cristianismo sem véu

Elizabeth Johnson destaca que os relatos bíblicos foram organizados de homens para homens. Mudar essa perspectiva é valorizar as mulheres da Igreja primitiva e inspirar as mulheres de hoje

Por João Vitor Santos | Tradução Luis Sander

Para muitos, Maria Madalena é a apóstola dos apóstolos, a grande anunciadora do Cristo ressurreto. Outros preferem não dar muita importância a essa figura, já que não se sabe muito sobre ela e o que se sabe ainda é atravessado por interpretações equivocadas. Apressadamente, pode-se concluir que essa personagem é encoberta pelos varões por simples machismo. Entretanto, a professora de Teologia da Fordham University, de Nova York, Elizabeth Johnson pede uma reflexão com mais vagar e profundidade na análise. “A situação de Maria Madalena tem de ser vista sobre o pano de fundo de um problema mais amplo”, alerta.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, a teóloga recupera que toda a sistematização e organização dos textos bíblicos se dá no interior de uma sociedade duramente patriarcal. Ou seja, era natural para aquele tempo não se perceber a importância, e sequer a presença, das mulheres. “Os autores focaram sua atenção no que homens importantes disseram ou fizeram, desconsiderando outras pessoas de menor importância, tais como mulheres ou escravos do sexo masculino”, explica. Porém, “o simples fato de mulheres não serem mencionadas em um texto, por exemplo, não quer dizer que elas não estivessem presentes ou atuantes”.

São justamente os movimentos de releituras e análises feministas sobre as escrituras que hoje revelam o verdadeiro papel da mulher entre os integrantes do movimento de Jesus. “Se mulheres são efetivamente mencionadas em um texto, é provável que elas sejam tão importantes que a história não poderia ser contada se elas fossem ignoradas”, completa Elizabeth. Assim, a professora entende que “corrigindo as coisas, podemos permitir que Maria Madalena surja como modelo de seguidora fiel, devotada do Senhor, e como liderança forte e independente na igreja primitiva”. E vai além: “sua liderança desafia a Igreja toda a se converter à participação das mulheres como discípulas em pé de igualdade no século XXI”.

Elizabeth Johnson é professora de Teologia nos programas de graduação e pós-graduação da Fordham University, universidade jesuíta de Nova York, onde leciona Teologia sistemática e Teologia feminista. Integrante da congregação religiosa Irmãs de São José de Brentwood, é ex-presidente da American Theological Society e da Catholic Theological Society. Faz parte do Conselho Editorial dos periódicos *Theological Studies*, *Horizons: Journal of the College Theology Society* e *TheoForum*. Elizabeth também é autora de *Ask the Beasts: Darwin and the God of Love* (Bloomsbury, 2014).

Confira a entrevista.



A identidade de Maria Madalena como líder destacada se perdeu quando pregadores começaram a confundir-la com várias outras mulheres

IHU On-Line - Como compreender a figura de Maria Madalena e seu papel na história do cristianismo?

Elizabeth Johnson - Tanto quanto podemos depreender das fontes históricas, Maria Madalena foi uma judia do século I cuja liderança dava suporte ao ministério de Jesus e ajudou a fundar a Igreja. Há relatos de que o contato dela com Jesus começou quando ele a curou de uma doença grave. Depois dessa cura, ela se juntou ao grupo de discípulos e discípulas que seguiam Jesus de cidade em cidade na Galileia, absorvendo seus ensinamentos e testemunhando seus atos de compaixão.

O dinheiro dela ajudou a financiar o ministério de Cristo. No fim da vida de Jesus, ela não fugiu, mas, junto com outras mulheres, ficou fielmente junto à cruz e acompanhou seu corpo até a sepultura. Na manhã da Páscoa, o Cristo ressurreto apareceu para ela, incumbindo-a de transmitir a boa nova de sua ressurreição ao resto dos discípulos - o que ela fez. Depois, Madalena esteve presente quando o Espírito Santo desceu em vento e fogo sobre toda a comunidade em Pentecostes¹, energizan-

¹ **Pentecostes:** é uma das celebrações importantes do calendário católico e comemora, segundo esta crença, a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos de Jesus Cristo. O Pentecostes é celebrado 50 dias depois do domingo de Páscoa. O dia de Pentecostes ocorre no sétimo dia depois do dia da Ascensão de Jesus. Isto porque ele ficou quarenta dias após a ressurreição dando os últimos ensinamentos a seus discípulos, somando aos três dias em que ficou na sepultura somam quarenta e três dias, para os cinquenta dias que se completam da páscoa até o último dia da grande festa de Pentecostes, sobram sete

do a linguagem de seus membros e fundando a Igreja.

Para usar a terminologia bíblica, ela é tanto uma discípula (alguém que segue) quanto uma apóstola (alguém que é enviado). Com base em sua relação com Jesus, sua liderança em ambos os papéis deu uma contribuição destacada na origem do cristianismo.

IHU On-Line - O que está por trás das confusões em torno da figura de Madalena, associada muitas vezes pela tradição à prostituta regenerada e figura controversa na relação com Cristo e com os apóstolos? Por que se sabe tão pouco sobre sua vida antes de Cristo e depois da crucificação?

Elizabeth Johnson - A identidade de Maria Madalena como líder destacada se perdeu quando pregadores começaram a confundir-la com várias outras mulheres presentes no Novo Testamento. Isso aconteceu do modo mais significativo com a mulher que aparece no capítulo 7 do Evangelho de Lucas. Naquele relato, uma mulher banha os pés de Jesus com suas lágrimas, unge-os com o perfume de seu frasco de alabastro e os enxuga com seus cabelos. Quando os fariseus levantam uma objeção, observando que ela é uma pecadora notória, Jesus os admoesta e a perdoa "porque ela demonstrou muito amor" (Lc 7,47). Em lugar algum Lucas diz que essa mulher era uma prostituta, e em

dias; e foram estes os dias em que os discípulos permaneceram no cenáculo até a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes. (Nota da **IHU On-Line**)

lugar algum ela é identificada como Maria de Magdala.

O relato que se segue imediatamente a este, em Lucas 8, fala de Maria Madalena, dizendo que ela tinha sido curada por Jesus e o seguia. Com o passar do tempo, pregadores começaram a mesclar esses dois relatos em um só, e Maria Madalena se tornou uma prostituta contrita. A imaginação da igreja foi selada com essa ideia quando, no século VI, o Papa Gregório Magno² fez um sermão em que disse: "Aquela a quem Lucas chama de pecadora, a quem João chama de Maria, cremos que ela seja a Maria de quem Jesus expulsou sete demônios de acordo com Marcos. E o que significavam esses sete demônios, senão todos os vícios? [...] Está claro, irmãos, que a mulher anteriormente usava o unguento para perfumar sua carne em atos proibidos [...]".

É muito provável que o Papa Gregório quisesse usar a história para assegurar às pessoas convertidas que seus pecados seriam perdoados. Mas o infeliz resultado foi que a memória de uma apóstola destacada foi misturada com a história de uma pecadora contrita e depois enterrada nela. Maria Madalena, a prostituta pesarosa, foi então contraposta à Virgem Maria. O papel efetivo dela foi esquecido.

IHU On-Line - Por que se sabe tão pouco sobre a vida de Madalena antes de Cristo e depois da crucificação? Tendo em perspectiva também os relatos históricos, em que medida é possível afirmar que os relatos canônicos suprimem a importância dessa figura?

² **Papa Gregório IX** (1160-1241): foi o 178º papa, de 1227 a 1241. Foi importante incentivador dos dominicanos e dos franciscanos, tendo sido amigo pessoal do próprio São Francisco de Assis. Organizou a Inquisição Pontifícia com o objetivo de reprimir as heresias, com a promulgação da bula "Licet ad capiendos" em 20 de abril de 1233, dirigida aos dominicanos, que passaram a liderar o trabalho de investigação, julgamento, condenação e absolvição dos hereges. Canonizou S. Francisco de Assis dois anos após sua morte, S. Domingos de Gusmão e Santo António de Lisboa. (Nota da **IHU On-Line**)

Elizabeth Johnson - A situação de Maria Madalena tem de ser vista sobre o pano de fundo de um problema mais amplo. A pesquisa bíblica feita a partir da perspectiva das mulheres deixa absolutamente claro que a Bíblia foi escrita por homens, para homens, em uma sociedade patriarcal. Por conseguinte, os autores focaram sua atenção no que homens importantes disseram ou fizeram, desconsiderando outras pessoas de menor importância, tais como mulheres ou escravos do sexo masculino.

Um exemplo claro dessa tendência ocorre no relato neotestamentário do episódio em que Jesus alimenta uma multidão que tinha vindo para ouvi-lo pregar. Marcos termina seu relato dizendo: "E os que comeram dos pães eram cinco mil homens" (Mc 6,44). Em contraposição a isso, o relato de Mateus nos mostra um número maior: "Ora, os que comeram eram cerca de cinco mil, sem contar mulheres e crianças" (Mt 14,21). Para a mentalidade patriarcal, mulheres e crianças não tinham importância. Mas elas estavam lá e comeram.

Desenterrando as mulheres

Para corrigir as coisas, os e as biblistas usam uma forma de interpretar a Bíblia que visa libertar a história de mulheres enterrada no texto. Eles e elas usam várias estratégias. O simples fato de mulheres não serem mencionadas em um texto, por exemplo, não quer dizer que elas não estivessem presentes ou atuantes (cf. acima). Se mulheres são efetivamente mencionadas em um texto, é provável que elas sejam tão importantes que a história não poderia ser contada se elas fossem ignoradas; assim, qualquer mulher mencionada é a "ponta do iceberg", havendo muito mais que poderia ser dito.

Essas e outras ferramentas interpretativas estão permitindo que Maria Madalena, essa "apóstola dos apóstolos", finalmente tome seu lugar legítimo na História como discípula amada de Je-

sus e líder proeminente da igreja primitiva.

“

Maria Madalena, a prostituta pesarosa, foi então contraposta à Virgem Maria. O papel efetivo dela foi esquecido

IHU On-Line - Em que medida é possível associar a história de Madalena, e o sentido que a tradição católica dá à sua história, ao espaço e papel da mulher na Igreja e no cristianismo?

Elizabeth Johnson - Existe uma conexão clara entre a maneira como contamos a história das origens da Igreja e a maneira como vemos os papéis apropriados das pessoas hoje em dia. A redução de uma das mais importantes líderes da igreja primitiva a uma prostituta cobrou um tributo, especialmente para as mulheres, ao reforçar a noção de que as mulheres não devem ser líderes, e sim gratas recebedoras do perdão dado por homens.

IHU On-Line - Em comparação com o cristianismo primitivo, como analisa o papel dado à mulher na Igreja hoje?

Elizabeth Johnson - Que as mulheres tenham sido líderes nos primórdios do movimento de Jesus é algo que está ficando mais claro e sendo mais comumente aceito entre pesquisadores e pesquisadoras. Uma série de passagens bíblicas descrevem mulheres que exercem diferentes ministérios. No capítulo 16 de sua Carta aos Romanos, Paulo de fato menciona diferentes mulheres que são apóstolas (Júnia), diáconas (Febe), líderes de igrejas que se reuniam em casas (Prisca) e

colaboradoras em prol do evangelho (Maria, Pérside e outras).

Escritos não canônicos posteriores também retratam mulheres que desempenham esses papéis. Esses escritos também retratam conflitos em torno da liderança das mulheres entre alguns dos discípulos do sexo masculino. Estudos a respeito de inscrições tumulares antigas também confirmaram que esses títulos designavam mulheres nos primeiros séculos da igreja. Em comparação com isso, os papéis das mulheres na Igreja atual são insignificantes.

IHU On-Line - Como compreender a mística de Madalena, sendo ela uma figura tão presente no ato da crucificação e, depois, a primeira a ver o Cristo ressurreto? Que mensagem está por trás desse momento e por que é ela a primeira testemunha?

Elizabeth Johnson - Todos os quatro evangelhos mostram as mulheres fiéis se fazendo presentes por ocasião da crucificação e do sepultamento de Jesus, bem como junto ao sepulcro vazio no domingo de Páscoa. Elas são o ponto móvel de intersecção dentro de toda a narrativa da Paixão. Sem o testemunho delas, como ficaríamos sabendo o que aconteceu? Pois os discípulos tinham fugido e se escondido.

Sempre gosto de dizer que o Cristo ressurreto poderia ter escolhido qualquer pessoa que quisesse para confiar a ela a boa nova da ressurreição. O fato de que ele escolheu Maria Madalena atesta primeiro - poderíamos supor - o relacionamento estreito que ele e ela tinham e à percepção que ele tinha das capacidades dela. Também é coerente com toda a sua orientação deabençoar e incluir as pessoas marginalizadas em nome de Deus.

Examinemos a cena descrita no capítulo 20 de João. Maria Madalena está chorando do lado de fora do sepulcro, lamentando a perda do corpo de seu amado mestre. O jardineiro (pensa ela) pergunta qual é

a razão da aflição dela... e então a chama pelo nome. Ela se vira e fica espantada ao reconhecê-lo. Jesus lhe dá a incumbência com palavras de envio apostólico: "Vai e diz". A mensagem a ser transmitida é que o relacionamento íntimo que Jesus tem com seu Abba/Pai está agora abertamente disponível para seus discípulos e discipulas: "meu Deus e vosso Deus". Maria vai e anuncia: "Vi o Senhor". Chorar, virar-se, dizer - essa mulher está no próprio cerne do relato da ressurreição, de que depende toda a fé cristã. O Prefácio da liturgia do Domingo de Páscoa a cada ano pede a Maria Madalena que ela conte o que viu. Em cada missa pascal no mundo inteiro, ela continua a falar.

Se os papéis de gênero tivesse sido inversos; se os homens tivessem ficado junto à cruz enquanto as mulheres fugiam e se escondiam; se Cristo tivesse aparecido primeiro para um homem e o tivesse incumbido de contar aos outros; então a maneira como a igreja funciona atualmente poderia ser justificada. Entretanto, Maria Madalena

e outras mulheres no Novo Testamento rompem essa justificação.

IHU On-Line - Como a senhora interpreta a ação do papa Francisco ao elevar a celebração litúrgica de Maria Madalena para condição de festa?

Elizabeth Johnson - Enquanto a maioria das celebrações litúrgicas de santas e santos tomados individualmente durante o ano são formalmente conhecidas como memoriais, aquelas classificadas como festas são reservadas para santos e santas de importância particular, tais como a Bem-Aventurada Virgem Maria e os Doze Apóstolos. Ao elevar o status do dia de Maria Madalena para a condição de uma festa importante, o Papa Francisco está salientando a relevância dessa mulher, cujo papel como testemunha primordial da Ressurreição é insubstituível.

Colocá-la no mesmo nível de festa concedido aos outros apóstolos dá a ela um status apostólico igual ao dos apóstolos do sexo masculi-

no. Significa honrar a posição dela como figura-chave em nossa história da salvação. Fica claro que há uma conexão profunda entre o papel de Maria Madalena e as conclusões contemporâneas para que as mulheres tenham papéis ampliados na Igreja Católica.

O reconhecimento

Acho que temos de ponderar a enormidade do que aconteceu com Maria Madalena, como a história dela foi subvertida, como ela foi injustamente despojada de seu papel de liderança e como isso teve um efeito duradouro sobre a imaginação da Igreja a respeito do que é certo que as mulheres façam. As implicações disso ainda nos acompanham atualmente. Corrigindo as coisas, podemos permitir que Maria Madalena surja como modelo de seguidora fiel, devotada do Senhor, e como liderança forte e independente na igreja primitiva. Sua liderança desafia a Igreja toda a se converter à participação das mulheres como discipulas em pé de igualdade no século XXI. ■

LEIA MAIS...

- *“Precisamos nos voltar à Bíblia e às riquezas da tradição cristã para um entendimento mais pleno do Deus vivo”*. Entrevista especial com Elizabeth Johnson, publicada nas **Notícias do Dia**, de 23-11-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/29l4vhl>.
- Jesus e as imagens sobre Deus: para além do masculino e do feminino. Entrevista com Elizabeth Johnson, publicada na revista **IHU On-Line**, número 248, de 17-12-2007, disponível em <http://bit.ly/29xU0LJ>.
- *Jesus e as mulheres: “Vocês estão livres” (I)*. Artigo de Elizabeth Johnson, publicado no **Global Sisters Report** e reproduzido pelas **Notícias do Dia** de 28-07-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/29lsTiS>.
- *Jesus e as mulheres: “Vocês estão livres” (II)*. Artigo de Elizabeth Johnson, publicado no **Global Sisters Report** e reproduzido pelas **Notícias do Dia** de 28-07-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/29lOHvN>.
- *O Deus vivo nas vozes das mulheres*. Artigo de Elizabeth Johnson, publicado em **Cadernos Teologia Pública**, número 34, disponível em <http://bit.ly/2a4odnF>.
- *Perdendo e encontrando a criação na tradição cristã*. Artigo de Elizabeth Johnson, publicado em **Cadernos Teologia Pública**, número 57, disponível em <http://bit.ly/29UF6ip>.
- *O Deus vivo em perspectiva cósmica*. Artigo de Elizabeth Johnson, publicado em **Cadernos Teologia Pública**, número 51, disponível em <http://bit.ly/29OuAvC>.

Protagonistas que resistem a um apagamento

Wanda Deifelt destaca a importância das mulheres no cristianismo primitivo e analisa como, ao longo dos anos, vem-se tentando apagar essa perspectiva. Para ela, Madalena é icônica para observar esses movimentos

Por João Vitor Santos

É numa sociedade patriarcal que Jesus se insere e essa é uma das lógicas que tenta subverter. Esse Cristo reformador quer mostrar que todos são iguais, elevando às mulheres atribuições que eram dedicadas apenas aos varões. Para a professora do departamento da Religião da Luther College, nos EUA, Wanda Deifelt, ainda está presente a essência do protagonismo das mulheres em Cristo. Mas, ressalta: “durante os séculos iniciais do Cristianismo, o tom libertador e afirmador de igualdade entre homens e mulheres foi sendo paulatinamente abrandado, acomodando-se aos padrões discriminatórios da cultura e da sociedade”.

Wanda explica que já no primeiro século começaram as tentativas de “domesticação e confinamento da mensagem libertadora”. “Paulo, por exemplo, incluiu como verdades de fé os assim chamados códigos domésticos, ou seja, elementos da cultura da época que definiam os papéis que homens, mulheres e crianças deveriam desempenhar”, destaca. Estava posta uma primeira tentativa de apagar o protagonismo feminino. Porém, lembra que “sempre houve mulheres que desafiaram as normas e os ensinamentos que as definiam como seres física, moral e espiritualmente inferiores”.

É nessas resistências que está a figura de Maria Madalena, aquela que teve umas das experiências mais reveladoras do Filho de Deus e que, mesmo assim, tem sua memória submetida a interpretações misóginas. “Acusar alguém

de uma falha moral deslegitima qualquer autoridade e liderança que Maria Madalena pudesse ter tido. Ao invés de ser lembrada como uma apóstola, ela é reduzida a uma pecadora arrependida”. Mas isso parece começar a mudar. Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, a professora traz novas leituras desde a Teologia Feminista. “Ao invés de focar somente no ministério masculino, a Teologia Feminista mostra que o seguimento a Jesus se dá através da solidariedade com quem sofre, a partilha com quem pouco ou nada tem, a hospitalidade a quem necessita e a aceitação de quem é excluído”.

Wanda Deifelt é brasileira, lutera-na, possui graduação em Teologia pela Escola Superior de Teologia - EST, de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Tem mestrado pelo Garrett-Evangelical Theological Seminary e doutorado pela Northwestern University, ambas na cidade de Evanston, estado de Illinois, EUA. Atua como professora e coordenadora do departamento de Religião da Luther College, na cidade de Decorah, estado de Iowa, EUA. Trabalha com teologias contextuais, em especial teologia feminista. Entre os temas que aborda estão Lutero e luteranismo, criação, cristologia, direitos humanos e sexualidade. É autora de, entre outras obras, *À flor da pele - Ensaio sobre gênero e corporeidade* (São Leopoldo: Sinodal, EST, CEBI, 2004).

Confira a entrevista.



Dentro de um sistema eclesiástico hierárquico e predominantemente masculino, é mais fácil lidar com uma Maria Madalena humilhada e contrita do que com uma que é apóstola

IHU On-Line - Como a senhora compreende a figura de Maria Madalena? Qual sua importância para a história do cristianismo?

Wanda Deifelt - Maria Madalena, ou Maria de Magdala (que era o nome da pequena cidade de onde Maria provinha), era uma das seguidoras de Jesus e fazia parte de seu círculo de amigos e amigas. A ela Jesus se revelou, primeiro, como o ressurreto e confiou a tarefa de ir e anunciar que ele havia ressuscitado. Na tradição da Igreja, nos primeiros séculos, Maria Madalena recebeu o título "*apostola apostolorum*", ou seja, apóstola dos apóstolos, pois ela anunciou aos discípulos que Jesus havia ressuscitado. O fato de Maria Madalena constar, em todos os Evangelhos, como a líder que leva o grupo de pessoas ao túmulo mostra a importância que ela teve na história da Igreja e na formação de muitas comunidades cristãs no primeiro século. Os evangelhos apresentam nomes e versões diferentes para o relato da descoberta da ressurreição de Jesus. Não obstante, o nome de Maria Madalena sempre aparece.

Com o passar dos anos, no entanto, o nome de Maria Madalena foi associado, erroneamente, ao de uma mulher prosmíscua. É esta a imagem que aparece, por exemplo, em muitos quadros e obras de arte. A identificação de Maria Madalena com a mulher pecadora de Lucas 7.36-50, no entanto, não tem fundamento. Aliás, esta associação aparece somente em 591, em uma homilia do Papa

Gregório¹, o Grande (540-604), que dizia ser Maria Madalena uma prostituta arrependida.

Entretanto, essa interpretação não é justificada biblicamente. O que está escrito é que de Maria foram expulsos sete demônios (Lucas 8.1-3). Neste caso, como em toda linguagem bíblica, estar possuída por demônios é estar extremamente doente, de um mal recorrente e grave que não podia ser diagnosticado simplesmente como um problema físico. Mas nada disto implica em que ela tenha sido uma prostituta, como o Papa Gregório apregoava no século VI.

IHU On-Line - Em que medida a figura da pecadora arrependida reduz a potência dessa personalidade bíblica?

Wanda Deifelt - A liderança de Maria Madalena, como seguidora fiel de Jesus e mensageira de suas palavras, foi marcante nos primeiros anos do movimento de Jesus. Em um escrito apócrifo², datado

¹ **Papa Gregório IX** (1160-1241): foi o 178º papa, de 1227 a 1241. Foi incentivador dos dominicanos e dos franciscanos. Organizou a Inquisição Pontifícia com o objetivo de reprimir as heresias, com a promulgação da bula "Licet ad capiendos" em 20 de abril de 1233. Canonizou S. Francisco de Assis dois anos após sua morte, S. Domingos de Gusmão e Santo Antônio de Lisboa. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Apócrifos do Novo Testamento**: também conhecidos como "evangelhos apócrifos", são uma coletânea de textos, alguns dos quais anônimos, escritos nos primeiros séculos do cristianismo, votados no Primeiro Concílio de Niceia, não reconhecidos pelo cristianismo ortodoxo e que, por isso, não foram incluídos no Cânone do Novo Testamento. Não existe um consenso entre todos os ramos da

do século V e intitulado O "Evangelho de Maria Madalena"³, há uma passagem reveladora sobre o ministério desta mulher: "Eles ficaram tristes e choraram muito. Disseram: 'Como poderemos ir aos gentios e pregar-lhes o evangelho do reino do filho do homem? Nunca foi anunciado entre eles. Devemos nós anunciá-lo? Levantou-se, então, Maria, saudou a todos e disse-lhes: 'Não choreis, irmãos, não fiquéis tristes nem indecisos. A sua graça estará com todos vós e vos protegerá. Louvemos antes a sua grandeza, por nos ter ensinado e nos ter enviado aos seres humanos'. Falando deste modo, Maria os reanimou e eles começaram a preparar-se para seguir as palavras do Salvador" (Evangelho de Maria Madalena, papiro 8.502 de Berlim).

Além de celebrar a liderança de Maria Madalena, este texto também revela a dificuldade que havia, nos primeiros séculos, em aceitar mulheres líderes. Um dos fragmentos deste evangelho conta que Pedro questionou a autoridade de Maria Madalena: "Diz Pedro: 'Será que o Senhor, perguntado a respeito destas questões, iria falar a uma mulher ocultamente e não em público para que todos escutassemos? Por acaso quereria apresentá-la como mais digna do que nós?'. Outro discípulo intervém e corrige Pedro: "Tens sempre, ó Pedro, a cólera a teu lado e, ainda agora, discutes com esta mulher, defrontando-te com ela. Se o Salvador a julgou digna, quem és tu para desprezá-la?" (Evangelho de Maria Madalena, Fragmento de P. Rylands III 463). Mesmo que os textos apócrifos não tenham a mesma validade que os textos bíblicos, eles nos informam sobre o ministério e atuação de uma mulher de grande liderança.

fé cristã sobre o que deveria ser considerado canônico e o que deveria ser apócrifo. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Evangelho de Maria Madalena**: é um texto gnóstico encontrado no Codex Akhmin, que foi adquirido pelo Dr. Carl Reinhardt na cidade do Cairo em 1896. (Nota da **IHU On-Line**)

Reduzida à pecadora

Assim, quando, em 591, o Papa Gregório caracterizou Maria Madalena como uma prostituta arrependida, ele dava início a um boato que passou a ser aceito como verdade. Acusar alguém de uma falha moral (neste caso, sexual) deslegitima qualquer autoridade e liderança que Maria Madalena pudesse ter tido. Ao invés de ser lembrada como uma apóstola, ela é reduzida a uma pecadora arrependida. Dentro de um sistema eclesiástico hierárquico e predominantemente masculino, é mais fácil (e vantajoso) lidar com uma Maria Madalena humilhada e contrita do que com uma Maria Madalena que é apóstola.

IHU On-Line - Quais as contribuições de Madalena para a Teologia Feminista? E como compreender a Teologia Feminista, enquanto forma de se atingir a compreensão plena do "ser cristão"?

Wanda Deifelt - A Teologia Feminista possibilitou o resgate de personagens bíblicos e históricos, como Maria Madalena. Isto possibilitou outras perspectivas - mais inclusivas e justas - de discipulado. Ao invés de focar somente no ministério masculino (baseado no modelo dos doze discípulos que Jesus havia selecionado), a teologia Feminista mostra que o seguimento a Jesus se dá através da solidariedade com quem sofre, a partilha com quem pouco ou nada tem, a hospitalidade a quem necessita e a aceitação de quem é excluído. O amor de Cristo não se revela através de um poder hierárquico, mas de um poder compartilhado, de serviço (mas não de servitude).

Estas características ficam evidentes no relacionamento que Jesus tinha com o grupo de amigas e amigos, com quem mantinha um vínculo muito estreito. Em Lucas 8.1-3, por exemplo, lemos que Maria Madalena era uma das mulheres que ajudava Jesus, prestando-lhe assistência com seus bens. Ela era uma pessoa querida por Jesus e assim como Marta, Maria, Suzana,

Joana e muitas outras, era amiga de Jesus. Este círculo de amigos e amigas muitas vezes estava mais próximo de Jesus do que os próprios discípulos. Ao passo que os doze discípulos tinham uma relação mestre-estudante com Jesus, a relação de Maria Madalena e seu grupo com Jesus era de amizade e parceria. Este relacionamento afetivo é descrito, por exemplo, em João 11.5: "Ora, amava Jesus a Marta, e a sua irmã e a Lázaro".

Fiéis até o fim

Como boas amigas, as mulheres se preocupavam com Jesus até mesmo após sua morte, perfundo seu corpo, embalsamando-o. Neste sentido, a história das mulheres é bem diferente da dos discípulos. Enquanto um discípulo, Judas, traiu Jesus por um punhado de moedas, e outro, Pedro, o negou três vezes, as mulheres e o discípulo

“

A Teologia Feminista possibilitou o resgate de personagens bíblicos e históricos

amado permaneceram fiéis até o fim. Maria Madalena é uma das mulheres que amava Jesus a ponto de ter a coragem de vê-lo ser crucificado. Enquanto todos os discípulos fugiam para se esconder, evitando o perigo de serem presos e mortos, a mãe de Jesus, a irmã dela, Maria (mulher de Clopas) e Maria Madalena ficaram junto à cruz (conforme João 19.25).

A morte na cruz era reservada para condenados por crimes políticos, e todas as pessoas identificadas com um criminoso como Jesus poderiam sofrer o mesmo fim. Isto valia tanto para homens como para mulheres. Por isto, o fato de as mulheres - entre elas Maria

Madalena - ficarem com Jesus enquanto ele estava pendurado na cruz mostra o quanto elas o amavam, arriscando as próprias vidas para estar com ele. O seu choro em público é um testemunho de fé e coragem.

IHU On-Line - Que imagem da ressurreição de Cristo e revelação à Madalena é possível apreender de uma leitura mais detalhada dos Evangelhos? Quais as semelhanças e dissociações entre as versões desse momento?

Wanda Deifelt - A cena da ressurreição de Jesus é um dos relatos mais marcantes. O Evangelho de Marcos conta que Maria Madalena foi junto com outras mulheres - Maria, mãe de Tiago, e Salomé - comprar perfume para embalsamar o corpo de Jesus (Marcos 16.1). A preocupação pelo cadáver de Jesus e o afeto expresso em um último gesto levou as mulheres ao túmulo, que elas encontram vazio. Na versão de Marcos, as mulheres fogem com medo. Apesar da originalidade do texto ser questionada, o relato continua com Jesus aparecendo por primeiro a Maria Madalena (Marcos 16.9-11), mas quando ela retorna aos discípulos para contar que Jesus havia ressuscitado, eles não creram.

No Evangelho de João (João 20.1-18), lemos que somente Maria Madalena foi ao sepulcro, de madrugada, quando ainda estava escuro. No sepulcro, a pedra havia sido removida. Correndo para chamar os discípulos, Simão Pedro e o discípulo amado, Maria Madalena os informou que o corpo de Jesus havia desaparecido. Os dois discípulos correram ao túmulo, constataram que os lençóis que envolviam Jesus estavam lá, mas não encontraram Jesus e voltaram para casa. Do discípulo amado é dito que "viu e creu". Como nenhum deles encontrou Jesus, decidiram voltar para casa.

Maria Madalena, no entanto, permaneceu junto à entrada do túmulo, chorando. Ali, Jesus apareceu a ela. Maria o reconheceu porque ele a chamou pelo nome e ela retru-

cou chamando-o Rabôni (que quer dizer Mestre, em aramaico). Então Jesus recomendou que Maria não o detivesse, pois ele ainda não havia subido ao Pai. E deu a ela a seguinte incumbência: "Vai ter com meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus". Assim, Maria Madalena foi a primeira testemunha da ressurreição. Foi a ela que o ressurreto apareceu pela primeira vez e deu a missão de ir e anunciar aos demais que Jesus havia ressuscitado.

Mas por que uma mulher?

Muitos se perguntaram por que Jesus haveria de aparecer por primeiro a uma mulher e escolher justamente a ela como testemunha de sua ressurreição. No Judaísmo do tempo de Jesus, ou seja, no primeiro século, somente o testemunho dos homens era válido. Nesta época havia, também, rumores que os próprios discípulos haviam roubado o corpo de Jesus, para espalhar a notícia de que ele havia ressuscitado. Se isto fosse verdade, certamente teriam forjado a história de tal modo que o ressurreto aparecesse primeiro aos homens (que poderiam servir como testemunhas). Por isso, o fato de Jesus ter aparecido primeiro a Maria Madalena torna o relato ainda mais plausível.

IHU On-Line - Como compreender a mística de Maria Madalena e sua relação com o Cristo? Como isso é visto desde a perspectiva luterana?

Wanda Deifelt - A cena da ressurreição, relatada nos evangelhos, mostra que Maria Madalena foi uma mulher de coragem e fé. Na tradição Católica, Ortodoxa, Anglicana e Luterana ela é considerada santa, mas a maneira como esta santidade é interpretada varia entre as denominações. Nas igrejas Católica e Ortodoxa, Maria Madalena é comemorada no dia 22 de julho. Na concepção Luterana, a terminologia "santo" ou "santa"

não se aplica somente aos heróis da fé, mas a todas pessoas que, batizadas, fazem parte do corpo de Cristo, da "comunhão dos santos" (como confessamos no Credo Apostólico⁴).

“

Ao passo que os doze discípulos tinham uma relação mestre-estudante com Jesus, a relação de Maria Madalena e seu grupo com Jesus era de amizade e parceria

No Protestantismo não se revelenciam os santos, pois a santidade não pode ser alcançada por esforços humanos. Antes, é qualidade de Deus, que é santo. Sendo Deus o santo por excelência, todas as pessoas que pertencem a Deus são consideradas santas (Lv 11.44). Pela vinda de Jesus, "o Santo de Deus" (Jo 6.69), a santidade é possível não pelo mérito do cumprimento às leis, mas pela graça. Todas as pessoas batizadas são parte da comunhão dos santos, e a santificação se dá pela fé - um presente de Deus. A graça não exime a cristandade do seguimento às leis, nem descarta a sua responsabilidade diante de Deus e do próximo. Pelo contrário. A fé leva

4 Credo dos Apóstolos (em latim: *Symbolum Apostolorum* ou *Symbolum Apostolicum*): às vezes chamado de Símbolo dos Apóstolos, é uma profissão de fé cristã, um credo ou um símbolo. É amplamente utilizado por muitas denominações cristãs para propósitos litúrgicos e catequéticos, mais visivelmente pelas igrejas litúrgicas de tradição ocidental, incluindo o Rito latino da Igreja Católica, o Rito oriental das Igrejas Ortodoxas Orientais, o luteranismo, o anglicanismo e o presbiterianismo. (Nota da **IHU On-Line**)

às boas obras, mas estas obras não são uma conquista humana. É a graça de Deus, pela fé, que atua por meio de nós.

Pela sua coragem de ficar junto a Jesus, aos pés da cruz, por seu seguimento fiel, por todo seu ministério e testemunho, Maria Madalena representa um modelo de fé e vida que ultrapassa os limites denominacionais.

IHU On-Line - De que forma a senhora compreende o espaço atribuído à mulher ao longo da história do cristianismo? Como a história de Madalena - e o espaço que se dá a ela - pode contribuir nessa reflexão? E como observa esse papel da mulher cristã nos dias de hoje?

Wanda Deifelt - O papel das mulheres é marcante e visível. Jesus inicia seu ministério público por causa de uma mulher, Maria, sua mãe, quando ela insiste que ele ajude a resolver um problema prático: a falta de vinho em uma festa (Jo 2.1-12). Jesus dialoga teologicamente e se revela como Messias a uma mulher estrangeira, uma samaritana (Jo 4.4-42). Ele aceita que mulheres, como Maria, irmã de Marta, se sentem aos seus pés, como fazem os discípulos de sua época, para escutar seus ensinamentos (Lc 10.38-42). Perdoa e cura mulheres, é amigo, solidário. Em nenhuma parte da Bíblia se encontra atitude ou palavra de Jesus contrária à dignidade da mulher, questionando suas capacidades ou limitando sua atuação. Neste sentido, Jesus quebra todos os tabus e preconceitos de sua época: perdoa uma adúltera, deixa-se perfumar por uma mulher de reputação duvidosa, dialoga publicamente com as mulheres.

A fidelidade destas mulheres é demonstrada precisamente na cruz. Enquanto os discípulos se escondem, a mãe de Jesus, a irmã de sua mãe, Maria, a mulher de Clopas, Maria Madalena e o discípulo amado permanecem com Jesus até o fim (Jo 19.25-27). São muitos os nomes de mulheres que se destacam no movimento cristão primitivo.

vo. Lídia, Febe, Evódia, Síntequa, Priscila, Junia, Trifena e Trifosa são algumas delas. A própria Maria Madalena é mencionada doze vezes nos quatro Evangelhos, mais do que muitos apóstolos.

Domesticação da mensagem

No entanto, já no primeiro século houve uma tentativa de domesticação e confinamento da mensagem libertadora e afirmadora de igualdade entre homens e mulheres. Paulo, por exemplo, incluiu como verdades de fé os assim chamados códigos domésticos, ou seja, elementos da cultura da época que definiam os papéis que homens, mulheres e crianças deveriam desempenhar dentro da família, da religião e da sociedade. Os códigos domésticos estabeleciam a autoridade do *pater familias*, onde o homem livre, cidadão do império romano era tido como norma. Seu poder era exercido sobre a esposa (ou esposas), filhas e filhos, escravas e escravos e animais. O cidadão era proprietário e tinha poder de vida e morte sobre as pessoas que estavam sob sua tutela. Durante os séculos iniciais do Cristianismo, o tom libertador e afirmador de igualdade entre homens e mulheres foi sendo paulatinamente abrandado, acomodando-se aos padrões discriminatórios da cultura e da sociedade.

Ao adotar um modo grego de pensar e um modelo romano de administrar, a Igreja reduziu os espaços para as mulheres. Já no início do terceiro século se percebe um interesse cada vez maior de elites municipais romanas (treinadas para a vida pública) pelo Cristianismo, um processo que culminou um século depois, com a conversão do imperador Constantino⁵. Muitas comunidades viram

5 **Constantino, também conhecido como Constantino Magno ou Constantino, o Grande** (em latim Flavius Valerius Constantinus Naisso (272-337): foi um imperador romano, proclamado Augusto, venerável, pelas suas tropas em 25 de julho de 306, que governou uma porção crescente do Império Romano até a sua morte. (Nota da **IHU On-Line**)

com bons olhos esta mudança, mas ela alterou significativamente a atuação das mulheres dentro do espaço eclesial. Até então, as mulheres desenvolviam atividades dentro da Igreja e atuavam no espaço doméstico, já que os cultos eram celebrados nas próprias casas. Isto não quer dizer, porém, que o ministério das mulheres se restringia a este espaço, pois muitas atividades eram públicas, atuando como diáconas, apóstolas, missionárias e pregadoras do Evangelho. Com a mudança nas

“
O seu choro em público é um testemunho de fé e coragem

relações entre o Cristianismo e o Império, a Igreja começou a usufruir os benefícios de uma entidade pública. A grande discussão passou a ser, então, se as mulheres poderiam exercer ministério publicamente, já que o ministério eclesial se tornara um ministério público. Assim, acabou prevalecendo o ministério masculino.

Desafiadoras da norma

No entanto, sempre houve mulheres que desafiaram as normas e os ensinamentos que as definiam como seres física, moral e espiritualmente inferiores. Através de uma reconstrução histórica feminista, tem sido possível identificar as contribuições de mulheres como Heloísa (séc. XII)⁶, Hildegard de Bingen (séc. XII)⁷, Me-

6 **Heloísa de Argenteuil** ou Heloísa de Paráclito, ou Heloíse, Heloíse, Héloyse, Hélose, Heloísa, Helouisa, Eloise, Aloysia (1090-1164): foi uma freira, escritora, erudita e abadessa francesa, mais conhecida por seu amor e correspondências com o filósofo Pedro Abelardo. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Hildegard de Bingen** (1098-1179): mística, filósofa, compositora e escritora alemã, abadessa de Rupertsberg em Bingen. Hildegard foi autora de várias obras musicais de te-

chtild de Magdeburg (séc. XIII)⁸, Catarina de Siena (séc. XIV)⁹, Júlia de Norwich (séc. XIV)¹⁰ e Sor Juana Inés de la Cruz (1651 - 1695)¹¹. Elas foram intelectuais, teólogas, filósofas e também pregadoras (mesmo que, em grande parte, restringissem suas atividades ao espaço dos conventos). Elas, assim como Maria Madalena e tantas mulheres que permaneceram anônimas na história do Cristianismo, servem como exemplo para nós. Pela sua ousadia e testemunho, elas nos servem como modelo. ■

mática religiosa incluindo *Ordo Virtutis*, uma espécie de ópera que relata um diálogo de um grupo de freiras com o Diabo. Escreveu ainda dois dos únicos livros de medicina escritos na Europa no século XII, onde demonstrou um conhecimento notável de plantas medicinais. Hildegard alegava ter visões inspiradas por Deus, que o próprio a incentivou a escrever em livros. Após quatro tentativas de canonização, Hildegard permanece apenas beatificada. Leia também, *Hildegard de Bingen, mística medieval e santa doutora da Igreja*, disponível em <http://bit.ly/1wElySG>; *Hildegard de Bingen e a igualdade homem-mulher*, disponível em <http://bit.ly/1GL2Hbc>; *Hildegard de Bingen: os bastidores de uma promoção tardia*, disponível em <http://bit.ly/1zrjHBL>; *Hildegard de Bingen: futura Doutora da Igreja*, disponível <http://bit.ly/13thKKs>; *O ser humano sinfônico de Hildegard de Bingen*, <http://bit.ly/1IwQBz2>. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Mechthild** (ou Mechtild, Matilda, Matelda) de Magdeburg (1207-1282/1294): foi uma cristã mística medieval, cujo livro *Das fließende Licht der Gottheit* (The Light Current of divinity) descreveu suas visões de Deus. Ela foi a primeira mística a escrever em alemão. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Catarina de Siena** (1347-1380): leiga da Ordem Terceira de São Domingos, venerada como Santa Catarina na Igreja Católica. Catarina de Siena foi ainda uma personagem influente no Grande Cisma do Ocidente. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Juliana de Norwich** (1342-1416): foi uma anacoreta e mística inglesa. O seu livro *Revelações do Amor Divino* (Revelations of Divine Love, em inglês), escrito por volta de 1395, foi o primeiro em língua inglesa que se sabe ter sido escrito por uma mulher. Juliana foi também uma autoridade espiritual dentro da sua comunidade, que serviu como conselheira. É venerada na Igreja Católica, apesar de não ter sido beatificada ou canonizada, e nas Igrejas Anglicanas e Luteranas. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Sóror Juana Inés de la Cruz** ou, simplesmente, Sóror Juana (1651- 1695): religiosa católica, poetisa e dramaturga nova-espanhola mexicano-espanhola. Foi a última dos grandes escritores do Século de Ouro. (Nota da **IHU On-Line**)

‘Diga-nos, Maria Madalena, o que viste no caminho?’

Por Gianfranco Ravasi | Tradução Ramiro Mincato

“**D**uas vezes a tradição popular encobriu as características pessoais de Maria Madalena, confundindo-a primeiro com uma prostituta - daqui, todas as representações “carnais” da santa na história da arte - e, em seguida, com a mais pura Maria de Betânia. Enquanto isso, porém, Maria Madalena chegou, de fato, em Jerusalém, na sequela de Jesus, para viver com ele e os discípulos, suas últimas horas trágicas. Todos os evangelistas, na verdade, concordam em registrar sua presença no momento da crucificação e do sepultamento de Cristo”, analisa o cardeal Ravasi.

Gianfranco Ravasi é cardeal, arcebispo católico e biblista italiano, teólogo e estudioso do hebraico. Desde 2007, é presidente do Conselho Pontifício para a Cultura, da Pontifícia Comissão de Arqueologia Sacra e do Conselho de Coordenação das Academias Pontifícias, todos departamentos da cúria romana. Autor de vários livros populares sobre Bíblia e exegese, durante anos trabalhou com o jornal *L’Osservatore Romano*, *Il Sole 24 Ore* e *Avvenire*, o semanário *Famiglia Cristiana* e o mensal *Jesus*. Desde 2011, também edita alguns blogs. Entre seus livros mais recentes, estão *L’uomo della Bibbia* (EDB, 2014), *Le meraviglie dei musei vaticani* (Mondadori, 2014), *In compagnia dei Santi* (Ecra-Edizioni del Credito Cooperativo, 2014) e *Le pietre di inciampo del Vangelo. Le parole scandalose di Gesù*, Collana Saggistica (Mondadori, 2015).

Eis o artigo.

Em 1989, o escritor e crítico de arte italiano Giovanni Testori pediu-me para prefaciá-lo, com perfil bíblico, seu livro sobre Maria Madalena na história da arte (tema que entrelaça “sagrado” e “erótico”, segundo uma tipologia prezada pelo escritor). Escolhi como título: “**Uma santa caluniada e glorificada**”. O título tornou-se ainda mais apropriado, nos últimos anos, devido às fantasias do Código Da Vinci¹, de Dan Brown², que apresentam Madalena, a santa protagonista, como amante de Jesus.

O título, portanto, sempre funcionou como uma espécie de clichê, equivocadamente tomado como histórico, cravado nas mentes de tantos leitores. Procuramos reconstruir, então, as razões da deformação do rosto

desta mulher proveniente de Magdala, cidadezinha situada na costa oeste do Mar da Galileia, considerada, então, um centro comercial de peixes, tanto que em grego era chamada Tariqueia, ou seja, “peixe salgado”.

Pois bem, a partir desse local, Maria aparece, de repente, no Evangelho de Lucas (8,1-3), numa lista de discípulos de Cristo. O retrato é esboçado numa única pincelada, “Maria Madalena, da qual tinham saído sete demônios”. O “demônio”, na linguagem do evangelho, não é somente a raiz de um mal moral, mas também físico, que pode permear uma pessoa. O número de “sete”, então, é o número simbólico da plenitude. Não sabemos muito, portanto, sobre o grave mal moral, psíquico ou físico que atingiu Maria e que Jesus eliminara.

As Madalenas “inventadas”

A tradição popular, no entanto, nos séculos posteriores, não hesitou, e fez de Maria Madalena uma prostituta. Por quê?

A resposta é simples: na página anterior, em *Lc 7*, conta-se a história de uma anônima pecadora “conhe-

1 BROWN, Dan. *O Código Da Vinci*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Dan Brown** (1964): é um escritor norte-americano. Seu primeiro livro, *Fortaleza Digital*, foi publicado em 1998 nos Estados Unidos. A este seguiram-se *Ponto de Impacto* e *Anjos e Demônios*, a primeira aventura protagonizada pelo simbologista de Harvard Robert Langdon. Seu maior sucesso foi o polêmico best-seller *O Código Da Vinci*, mas seus outros cinco livros também tiveram uma grande tiragem. Entre seus grandes feitos, está o de conseguir colocar seus quatro primeiros livros simultaneamente na lista de mais vendidos do jornal *The New York Times*. (Nota da **IHU On-Line**)



Maria Madalena chegou, de fato, em Jerusalém, na sequela de Jesus, para viver, com ele e os discípulos, suas últimas horas trágicas. Todos os evangelistas concordam em registrar sua presença no momento da crucificação e do sepultamento de Cristo

cida naquela cidade (cujo nome não é mencionado)". A aplicação foi fácil, mas infundada: esta "pecadora" pública devia ser Maria Madalena, apresentada logo em seguida, algumas linhas depois! A ela foi atribuída toda a história contada pelo evangelista. Tendo sabido que Jesus estava num banquete, na casa de um fariseu notável, realizou um gesto de veneração e amor, particularmente apreciado por Cristo: aspergiu com óleo perfumado os pés do rabi de Nazaré, banhando-os com suas lágrimas e enxugando-os com seus cabelos.

Com esta primeira identificação injustificada, preparava-se já uma segunda, numa espécie de jogo de sobreposições. Sabe-se, de fato, que no capítulo 12 de João, Maria, irmã de Marta e Lázaro, amigos de Jesus, realiza o mesmo gesto - que, por sinal, era um sinal de hospitalidade e exaltação pelos hóspedes - da anônima pecadora de Lucas. De fato, durante o almoço, "unge os pés de Jesus com uma libra de bálsamo de nardo muito valioso e genuíno e seca-os com seus cabelos". A tradição cristã, assim, transformou Maria de Magdala em Maria de Betânia, subúrbio de Jerusalém!

Duas vezes a tradição popular encobriu as características pessoais de Maria Madalena, confundindo-a primeiro com uma prostituta - daqui, todas as representações "carnais" da santa na história da arte - e, em seguida, com a mais pura Maria de Betânia. Enquanto isso, porém, Maria Madalena chegou, de fato, em Jerusalém, na sequela de Jesus, para viver, com ele e os discípulos, suas últimas horas trágicas. Todos os evangelistas, na verdade, concordam em registrar sua presença no momento da crucificação e do sepultamento de Cristo. E é exatamente do lado daquele túmulo, na luz ainda pálida do amanhecer da Páscoa, que o Evangelho de João (20,11-18) ambienta o famoso encontro de Cristo com Maria Madalena.

Testemunha da ressurreição

Como é sabido, Maria confunde Cristo com o jardineiro do cemitério. Ora, a "cegueira" é típica de algumas aparições do Ressuscitado: basta pensar nos discípulos de Emaús, caminhando juntos por horas, sem reconhecê-lo (Lc 24,13-35). O significado é claramente teológico: embora sendo ainda o mesmo Je-

sus de Nazaré, o Cristo glorioso pascal transcende as coordenadas humanas, históricas e físicas. Para poder reconhecê-lo é necessário num canal de conhecimento transcendente, o canal da fé. É por isso que, somente quando ouve o chamado pelo nome, num diálogo pessoal, Maria o "reconhece", chamando-o em aramaico *Rabbuni*, "meu mestre".

Em sua célebre *Vida de Jesus*³, o historiador francês Ernest Renan⁴, do século XIX, explicará racionalisticamente toda a cena como alucinação de uma apaixonada: "O amor de uma mulher realizou o milagre: Jesus ressuscitou para ela". Acrescentava-se, com isso, mais um elemento malicioso ao retrato de Maria, fazendo-a passar - sem nenhuma base textual - a amante secreta de Jesus (e Dan Brown irá calcar ainda mais esta linha de pensamento).

Para além dos Evangelhos canônicos

Esta deformação do rosto da Madalena, no entanto, tinha raízes mais antigas. É preciso sair dos Evangelhos canônicos e entrar no mundo, caótico e inseguro, dos textos apócrifos gnósticos, surgidos no cristianismo no Egito por volta do terceiro século. Antes de tudo devemos dizer que em alguns destes escritos Maria Madalena é identificada com Maria, a mãe de Jesus! Identificação nobre, é claro, mas, mais uma vez, impedia esta mulher de manter sua identidade pessoal.

A transfiguração, naqueles escritos, na verdade, chegará a um desenvolvimento tal, que dissolverá a figura de Maria Madalena, a ponto de torná-la quase uma ideia, um símbolo, a Sabedoria por excelência. Este resultado é alcançado, paradoxalmente, por meio de imagens, que a leitura posterior maliciosamente enriquecerá com alusões voluptuosas e eróticas. Lê-se, de fato, no Evangelho apócrifo de Filipe, descoberto

3 Na versão original: *Vie de Jésus* (Paris: Michael Lévi Frères, Libraires Éditeurs, 1863). Na versão em português: *A Vida de Jesus* (Lisboa, Portugal: Publicações Europa-América, 2005). (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Joseph Ernest Renan** (1823-1892): escritor, filósofo, filólogo e historiador francês. Sua influência foi grande sobre vários escritores dos finais do século XIX e inícios do século XX, tocando Paul Bourget (antes da sua reconversão ao catolicismo), Charles Maurras e Maurice Barrès. (Nota da **IHU On-Line**)

em 1945, em *Nag Hammadi*, no Egito: “O Senhor amou Maria Madalena mais do que a todos os discípulos e, muitas vezes, beijou-a na boca. Os outros discípulos, vendo-o com Maria, perguntaram-lhe: ‘Por que a ama mais do que a todos nós?’”.

Aqui tem material suficiente para aqueles que, ignorados do simbolismo bíblico - a Sabedoria sai da boca do Altíssimo, segundo o Antigo Testamento -, querem semear suspeitas sobre Maria e sobre Jesus, imaginando uma relação sexual entre os dois (como, de fato, defende Dan Brown). Na verdade, como escrevia um estudioso daquele evangelho apócrifo, “em todos os escritos gnósticos cristãos, Maria Madalena é somente o exemplo perfeito do sábio e mestre da doutrina gnóstica”, isto é, do conhecimento pleno dos mistérios divinos. Noutro texto gnóstico, no tratado *Pistis Sophia*, onde Maria Madalena aparece bem 77 vezes, ela se torna o emblema da humanidade redimida, de tipo andrógino (outra deformação de Maria!), porque, de acordo com Paulo, “não haverá mais nem homem nem mulher, mas todos serão um em Cristo Jesus” (*Gl 3,28*). Mas, também neste escrito, sua função de sinal

da Sabedoria divina será explícita na bem-aventurança posta na boca de Jesus pelo autor gnóstico: “A ti, bem-aventurada Maria, farei perfeita em todos os mistérios do alto. Falas abertamente tu, cujo coração está voltado para o Reino dos céus, mais do que todos os teus irmãos!” (17, 2).

A discípula

Uma santa em busca de identidade e, depois, suspensão entre dois extremos: carnalmente abaixada a prostituta ou amante, espiritualmente elevada à Sabedoria transfigurada. Felizmente, como vimos, a única pessoa que a chamou pelo nome, Maria, reconhecendo-a e confirmando-a como discípula, foi o próprio Jesus de Nazaré, seu Mestre, o Rabbuni. E é com base naquele encontro pascal, precisamente, que sua presença reaparecerá, a cada ano, na liturgia católica, com a bela melodia gregoriana do *Victimae paschali*, e com aquele diálogo latino que nos permitimos não traduzir: *Dic nobis, Maria, quid vidisti in via? Surrexit Christus spes mea!* ■

ihu.unisinos.br

30

Apresentação Marilene Maia - II Seminário...
1.099 visualizações • 2 anos atrás

Prof. Dr. Umberto Galimberti - O ser humano...
630 visualizações • 4 meses atrás

Ética, Memória, Esperança.
Uma perspectiva de triunfo da Justiça e da Vida
1:12:31

III SEMINÁRIO XIV SIMPÓSIO INTERNACIONAL IHU
8 de agosto a 20 de novembro

A técnica como segunda natureza humana no...
483 visualizações • 11 meses atrás

Foucault além de Foucault: uma política da Filosofia...
395 visualizações • 6 meses atrás

50 anos de estudo...
1:08:24

Conservadora: impactos...
328 visualizações • 11 meses atrás

Curso d...

Acompanhe nosso canal do Youtube
[youtube.com/IHUComunica](https://www.youtube.com/IHUComunica)

A história do mito e a falsificação

Lilia Sebastiani analisa como as interpretações das escrituras sobre Madalena vão transformando a personagem e dificultando a compreensão plena do anúncio feito por ela

Por João Vitor Santos | Tradução Ramiro Mincato

Para a teóloga Lilia Sebastiani, não se pode falar apenas “na” história de Maria Madalena porque são várias as histórias que se criam em torno da personagem bíblica, embora muitas delas sejam interpretações - por que não dizer até misóginas - de quem não vai de fato na exegese do que está na escritura. “A história do mito da Madalena na Igreja ocidental é a história de uma grande falsificação, mantida por séculos”, dispara, ao se referir à associação de Madalena tanto com a pecadora quanto com a irmã de Lázaro. “A história da Madalena pré e pós-evangélica, popularizada pela Legenda Áurea de Jacopo da Varazze, completamente fantasiosa, cheia de elementos aventureiros e patéticos, obteve grande sucesso”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, Lilia comemora o resgate que vem tendo a essência da personagem. Entretanto, lamenta o fato de isso ocorrer ainda em poucos círculos, como apenas entre teólogos. “Hoje, o mal-entendido foi superado, na teoria, mas persiste ainda fortemente na mentalidade. Quem não tem conhecimento dos Evangelhos, e ouve falar de Maria Madalena, ainda pensa na mulher de vida fácil, que de alguma maneira se arrependeu, e não na dis-

cípula predileta, e não na apóstola da Ressurreição”, explica.

Lilia Sebastiani é formada em Literatura Moderna pela Universidade de Roma “La Sapienza”, com doutorado em Teologia Moral pela Academia Alfonsiana, Instituto Superior de Teologia Moral na Universidade Lateranense. Também é colunista e professora de Teologia. Entre suas publicações, estão: *Morale personale* (Piemme, 1991); *Tra/Sfigurazione - Il personaggio evangelico di Maria di Magdala e il mito della peccatrice pentita nella tradizione occidentale* (Queriniana, 1992); *Donne dei Vangeli* (Paoline, 1994); *Maria ed Elisabetta: icona della solidarietà* (Paoline, 1996); *Il terzo cielo: l'ultimo anno di Iacopone da Todi (romanzo teologico)* (Paoline, 2000); *Nella notte mi istruisci. Il sogno nelle Scritture sacre* (Pazzini Editore, 2007); *Svolte: il ruolo delle donne negli snodi del cammino di Gesù* (Cittadella Editrice, 2008); *Il frutto dello Spirito* (Cittadella Editrice, 2010). Entre seus livros publicados no Brasil, estão: *Maria e Isabel - Ícone da Solidariedade* (São Paulo: Paulinas, 1998) e *Maria Madalena: de Personagem do Evangelho a Mito de Pecadora Redimida* (Rio de Janeiro: Vozes, 1995).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como Maria Madalena é construída simbolicamente pelos evangelistas? Quais as semelhanças e distinções que emergem dos quatro Evangelhos?

Lilia Sebastiani - Uma construção simbólica houve. A responsabilidade não é dos evangelistas, mas, antes, da tradição da Igreja,

depois das primeiras gerações, por meio de um processo, somente em parte intencional. De acordo com os evangelistas, Maria Madalena é uma discípula de Jesus, desde o início (Lc 8,1-3, confirmado brevemente por Marcos e Mateus, que citam as mulheres presentes sob a cruz, as que “o seguiam e serviam” desde a Galileia).

Ela está presente na morte e na sepultura de Jesus, dirige-se ao túmulo de madrugada, no primeiro dia da semana. Sobre isso os evangelistas estão de acordo, mas em todos os outros detalhes são diferentes. Não concordam no nome e no número das mulheres presentes na experiência. Mateus e João falam do encontro do Cristo Ressus-

citado com Maria Madalena (junto com a outra Maria, Mt 28,1-10, com ela sozinha em Jo 20,1-18), Lucas e Marcos não: a Ressurreição é anunciada por seres celestiais junto ao túmulo.

Em Mateus, Lucas e João temos o anúncio trazido pelas mulheres; em vez disso, de acordo com a estranha conclusão original de Marcos (Mc 16,1-8; Mc 16,9-16 é uma adição tardia com elementos lucanos e joaninos), as mulheres “não disseram nada a ninguém, porque estavam com medo”. De acordo com a história de Jo 20,1-18, Maria é a primeira a encontrar Jesus ressuscitado e recebe dele o encargo de anunciar a Ressurreição para os outros discípulos.

Maria Madalena é a mulher mais importante e mais presente durante a vida pública de Jesus, como se compreende também pelo número de passagens do Evangelho em que é nomeada, sempre em primeiro lugar, entre as mulheres que o seguem. A exceção é em Jo 19,25-27. A precedência não é sem significação nos Evangelhos (o primado de Pedro é confirmado pelo fato de que seu nome sempre precede aos dos outros discípulos homens).

Mal-entendidos

O mal-entendido com relação à Madalena que ocorrerá mais tarde se dá principalmente devido a uma identificação infundada com a pecadora galileia, que entra numa casa, enquanto Jesus estava à mesa, lava seus pés com lágrimas (de arrependimento? ou de alívio e gratidão?), seca-os com seus cabelos, unguendo-os com perfume (Lc 7,36-50). Da pecadora do Evangelho, Lucas não diz o nome. Não há nada a sugerir uma combinação com Maria Madalena, nomeada pela primeira vez no capítulo seguinte, num contexto totalmente diferente.

As coisas complicaram-se de novo quando Maria Madalena foi identificada com a mulher que ungiu Jesus (porque no episódio de Lucas se fala de uma unção realizada com perfume), que em Ma-

teus e Marcos permanece anônima, enquanto para o quarto evangelista é Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro. Assim, Maria de Betânia tornou-se Maria Madalena ... “depois de curada”. E três importantes e diferentes figuras femininas fundiram-se numa só, perdendo muito de veracidade, nitidez e significado. O mal-entendido permaneceu quase imperturbado no Ocidente, por pouco menos de mil e quinhentos anos. Já o Oriente cristão sempre distinguiu as três mulheres evangélicas.

“

Sua figura é agora para nós uma espécie de ícone de referência

IHU On-Line - Como entender as passagens que se referem a Maria Madalena como a mulher de quem Jesus expulsou sete demônios? Por que não há relatos do episódio deste exorcismo?

Lilia Sebastiani - Trata-se de uma única passagem: o pequeno registro de Lc 8,2 significa que tinha sido doente e tinha sofrido muito. Dizer “muito”, não é uma afirmação gratuita: na cultura judaica, demônios não estavam relacionados à tentação (como acontece na tradição cristã com a figura do diabo), mas, sim, com a doença, especialmente se inexplicável e incurável, se impede a pessoa de relacionar-se, tirando-a de seu centro. Além disso, o 7 é o número da plenitude.

Por que o evangelista não narra o exorcismo? Provavelmente porque ele próprio não sabia exatamente o que tinha acontecido - não era uma testemunha -, mas apenas ouviu falar sobre isso, na fase de transmissão oral. Vários outros exorcismos são narrados nos Evangelhos (não relacionados às mulheres, se prescindimos da filha da mulher siro-fe-

nícia ou cananeia, que de qualquer modo será curada a distância, “fora do palco”), e, por isso, talvez, não se sente a necessidade de contar outro. E, especialmente, porque o propósito de Lucas não é informar-nos exaustivamente sobre Maria Madalena e os acontecimentos da sua vida, mas apontar-nos a salvação de Deus, que através do evento Jesus, atinge os seres humanos.

IHU On-Line - O que se sabe da Madalena antes de Cristo? E qual teria sido seu destino depois da crucificação?

Lilia Sebastiani - Desculpe-me se respondo em termos estritamente evangélicos, por isso, bastante sobriamente. De Maria Madalena, de fato, foram ditas tantas coisas (demais), mas quase todas relacionadas à lenda ou à imagem pseudo-evangélica das três faces. Os Evangelhos não dizem muito, mas o que dizem é suficiente, pelo menos, para aqueles que sabem ler, e sabem ver uma pessoa e uma história absolutamente extraordinárias.

De sua vida anterior ao encontro com Jesus, uma só coisa se sabe: sua doença. No encontro com Jesus ela encontra autenticidade, liberdade, e discerne o plano de Deus a seu respeito. Quanto ao “depois”, devemos ter a coragem de admitir que simplesmente nada sabemos. Maria Madalena desaparece do Evangelho com o anúncio das palavras da Páscoa: “Eu vi o Senhor” (Jo 20,18). Talvez, depois de tal conclusão, é difícil encontrar alguma outra coisa para dizer.

Todo o resto é lenda. Segundo uma tradição difusa no cristianismo do Oriente, ela teria passado o resto de sua vida em Éfeso, junto à mãe de Jesus e o Discípulo Amado. Segundo outra tradição, difusa no Ocidente, e considerada confiável até o século XIX, fugida da Terra Santa, junto com alguns seguidores de Jesus, para escapar à primeira perseguição dos Judeus. Assim, teria desembarcado na Gália e ali teria vivido até sua morte, em penitência. Seu culto era muito vivo na França, especialmente em Vézelay, na Borgonha, e no mosteiro bene-

ditino de Sainte-Baume, perto de Marselha.

IHU On-Line - Há inúmeras passagens que narram Jesus Cristo entre as mulheres, mesmo na sociedade patriarcal da época. Que mensagem o Cristo quer passar? O que sua relação com Madalena revela dessa mensagem? Como essa mensagem é recebida entre os primeiros cristãos?

Lilia Sebastiani - Não diria que Jesus prega "entre as mulheres". Jesus não se comporta de acordo com categorias, como muitas vezes tendemos a fazer. Seu ensinamento é dirigido, em certos casos, à multidão que o segue mais ou menos numerosa, formada por homens e mulheres. Outras vezes, ao grupo de discípulos habituais, também este formado por mulheres e homens. Em casos mais raros, a um pequeno grupo ou a uma só pessoa - que pode ser masculino ou feminino. Jesus nunca aborda a questão das mulheres em termos teóricos: não fala sobre a condição da mulher, nem daquilo que devem fazer ou não fazer "como mulheres". Ele olha para as mulheres na singularidade de sua condição de pessoas. Jesus atua e vive a igualdade, com uma naturalidade absoluta, que parece mesmo nem precisar de explicações, e que é um dos aspectos mais perturbadores de seu evento, um dos que mais manifestam a novidade do Reino.

Jesus não evita tocar nas mulheres com doença (ou mortas, como a filha de Jairo, 12 anos), nem de ser tocado por elas. A mulher que sofria de perda de sangue, permanentemente impura, toca em segredo - e assim torna-o impuro também, sem que ele soubesse, uma culpa gravíssima diante da Lei... -, porém, quando o gesto é revelado, Jesus não repreende a transgressão, mas, ao contrário, elogia a sua fé. Quando lhe trazem a mulher apanhada em adultério, Jesus, quase provocadoramente, não se pronuncia sobre o pecado, mas convida seus interlocutores a examinarem-se interiormente. Jesus confia a Maria Madalena, a

discípula mais fiel, e que o amou mais do que todos os outros, a missão de autoridade fundamental, de anunciar aos outros discípulos sua vitória sobre a morte e seu retorno ao Pai.

Para as primeiras gerações cristãs, ser testemunha e anunciadora do Ressuscitado foi o principal título de glória de Maria Madalena. Os Padres da Igreja recorrem, frequentemente, ao regime "*per feminam mors - per feminam vita*",

“

Na história, sua missão ainda não terminou, porque o anúncio ainda não foi acolhido em plenitude

contrastando Maria Madalena e Eva, responsável pela queda dos primeiros pais. Mas, em algum momento, a mulher da vida passará a ser Maria, a mãe de Jesus (aqui também, o mesmo nome), que terminará absorvendo, gradualmente, toda possível feminilidade positiva.

IHU On-Line - De que forma é possível enfrentar o problema da mulher, da feminilidade, no cristianismo, através da história de Maria Madalena?

Lilia Sebastiani - Em primeiro lugar, é preciso distinguir: qual história? Aquela da discípula predileta de Jesus que, curada por ele, segue-o fielmente até a cruz e o sepultamento, encontra-se junto ao túmulo no amanhecer do terceiro dia, que teve a experiência única e indescritível da vitória sobre a morte - experiência que, por encargo recebido, ela deverá anunciar aos outros? Ou a história da lendária "Superpecadora", cheia de todos os pecados possíveis (todos de ordem sexual, nem pre-

cisa dizer, tratando-se de mulher!), perdoada e convertida, à custa de rios de lágrimas e abismal senso de indignidade e penitência, então, prolongado absurdamente por trinta anos *depois* da ressurreição de Jesus, *depois* de receber a missão de testemunhá-la?

Maria Madalena sempre foi amada pelo povo cristão, "caluniada e glorificada" (G. RAVASI)¹, mas seu personagem fictício ajudou a penalizar as mulheres e a exorcizar um seu possível e temido papel de autoridade na comunidade de fé. Uma Superpecadora arrependida reentra nos esquemas, até mesmo os reforça. Uma discípula favorita, ao contrário, enviada em missão apostólica aos próprios apóstolos, parece subversiva e perturbadora.

IHU On-Line - Em que medida a construção de Madalena como pecadora redimida, ou mulher exorcizada, e que chega a ser considerada a apóstola dos apóstolos, tem um caráter pedagógico, potente, em termos de conversão cristã? E por que uma mulher nesse papel e não, por exemplo, um homem?

Lilia Sebastiani - A história do mito da Madalena na Igreja ocidental é a história de uma grande falsificação, mantida por séculos, em que o dado bíblico (isto é, o erro de identificá-la com a anônima pecadora galileia, e em seguida com a irmã de Lázaro) era sustentado por motivos psicológicos e simbólicos, que escapavam à consciência.

A história da Madalena pré e pós-evangélica, popularizada pela *Legenda Áurea*² de Jacopo da Va-

¹ **Gianfranco Ravasi:** é cardeal, arcebispo católico e bibliista italiano, teólogo e estudioso do hebraico. Desde 2007, é presidente do Conselho Pontifício para a Cultura, da Pontifícia Comissão de Arqueologia Sacra e do Conselho de Coordenação das Academias Pontifícias. Esta edição da **IHU On-Line** traz um artigo seu sobre a "apóstola dos apóstolos", intitulado Maria Madalena. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Lenda Dourada ou Legenda Áurea:** é uma coletânea de narrativas hagiográficas reunidas por volta de 1260 pelo dominicano e futuro bispo de Gênova Jacopo de Varazze e que se tornou um sucesso durante a Idade Média. (Nota da **IHU On-Line**)

razze³, completamente fantasiosa, cheia de elementos aventureiros e patéticos, obteve grande sucesso. Retomada constantemente pelos pregadores, teve grande influência na arte sacra e era considerada quase histórica nos círculos católicos, pelo menos até o século XIX. Hoje, o mal-entendido foi superado, na teoria, mas persiste ainda fortemente na mentalidade. Quem não tem conhecimento dos Evangelhos, e ouve falar de Maria Madalena, ainda pensa na mulher de vida fácil, que de alguma maneira se arrependeu, e não na discípula predileta, e não na apóstola da Ressurreição!

Certo, o motivo consciente pelo qual, por muito tempo, acentuou-se a fisionomia penitente, possuía também um propósito pedagógico-pastoral: exortar os pecadores a confiar no perdão e mudar de vida. Mas, como você disse, não havia personagens masculinos mais adequados para expressar a conversão do pecado? Pensemos em Zaquê, ou mesmo em Pedro, que nega Jesus, mas nem por isto foi negado por Ele; ou em Judas, por muito tempo coberto de infâmia e destinado ao inferno, mas que a reflexão dos nossos dias está produzindo resultados de grande interesse.

O fato de colocar uma mulher como símbolo do pecado e da penitência, deformando gratuitamente sua fisionomia evangélica, é uma operação extremamente ideológica.

IHU On-Line - Como analisa os movimentos da Igreja hoje, em

3 **Jacopo De Fazio** (1228-1298): também é chamado Jacopo da Voragine (nome latino de Varazze) ou James de Voragine. Foi um frade dominicano, arcebispo de Gênova e hagiógrafo, proclamado Beato na Igreja Católica. (Nota da **IHU On-Line**)

especial do Papa Francisco, com relação à figura de Madalena?

Lilia Sebastiani - Em termos gerais, eu diria que, até agora, apesar do avanço nos estudos bíblicos, percebe-se uma significativa desconexão entre o plano das ideias e o plano da mentalidade, entre teologia e reações instintivas. A ideia tradicional da prostituta arrependida foi superada pelos teólogos, na Igreja Católica, pelo menos desde meados do século XX (nas igrejas reformadas, com algumas décadas de antecedência, sendo menor o peso da tradição, e mais difusa a leitura e a reflexão pessoal dos textos bíblicos). Mas a arte sacra, e também, no último século, muitos filmes sobre a vida de Jesus (em que Maria Madalena sempre aparece como ex-pecadora, mais enamorada que convertida) exerceram grande influência, especialmente naqueles que nunca leram os Evangelhos.

A iniciativa do Papa Francisco (Decreto de 03 de junho de 2016) de elevar a memória litúrgica de Maria Madalena à festa, como dos Apóstolos, que eu saiba, é inesperada, o que acentua seu valor profético. Inscreve-se na teologia dos gestos, mais do que das inovações doutrinárias, e será lembrada como dos aspectos mais significativos de seu pontificado.

O termo *apóstola*, pela primeira vez foi usado, de forma oficial, em referência a Maria Madalena: na verdade "*apóstola dos apóstolos*". Para quem conhece um pouco a língua hebraica e o modo como se formam os superlativos, a expressão se enriquece de alguma ressonância posterior: é como se o texto quisesse dizer "a maior, entre todos os apóstolos".

IHU On-Line - O que Madalena representa para a senhora?

Lilia Sebastiani - O papel de Maria Madalena, na vida terrena de Jesus e na Ressurreição, é absolutamente único, e sua figura é agora para nós uma espécie de ícone de referência. Mas um ícone que foi uma pessoa viva, verdadeira, embora não conheçamos muitas coisas sobre ela, ou os conhecimentos foram deformados.

Então, gostaria de acrescentar a reflexão que já acenei em 1992, no primeiro livro dedicado a este tema (cf. SEBASTIANI, L. *Tra/Sfigurazione: il personaggio evangelico di Maria di Magdala e il mito della peccatrice redenta nella tradizione occidentale*. Brescia: Queriniana, 1992. 287p.). A apóstola envolta na luz da Ressurreição, cujo ardor do anúncio enxugou as lágrimas, que bate numa porta fechada e com os homens fechados, por medo, lá dentro, que repete "o Senhor está vivo", cumpriu sua missão. Mas na história, sua missão ainda não terminou, porque o anúncio ainda não foi acolhido em plenitude. Aqueles homens que, talvez, não abriram logo a porta, cheios de sentimentos de derrota e desespero, não acreditaram, não tiveram a experiência do Espírito, pois aquela que fala é "apenas uma mulher", e o anúncio da Ressurreição (o sabemos por Lucas) foi recebido, no início, como um disparate... Talvez o anúncio de Maria Madalena estará ainda em vigor, até o fim dos tempos, até quando não haverá mais portas fechadas devido ao medo.

É um anúncio *in progress*.

Portanto, a decisão do Papa Francisco é uma etapa importante, na minha opinião, não só para história do culto de uma santa, mas para o dever do anúncio Pascal. ■

LEIA MAIS...

- *Falando como leiga*. Artigo de Lilia Sebastiani, publicado na revista Rocca, n.2, 15-02-2013, e reproduzido, em duas partes, nas **Notícias do Dia**, de 04-05-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponíveis em <http://bit.ly/29Sw7gN> (Primeira Parte) e <http://bit.ly/29SvPqs> (Segunda Parte)

O poder sob a égide do sagrado: manutenção do domínio religioso e normatização pela crença

Para Ivoni Richter Reimer, a face pecaminosa de Madalena foi construída e difundida com o intuito de cercear comportamentos dos considerados hereges, sobretudo das mulheres

Por João Vitor Santos | Edição Leslie Chaves

A produção de sentidos sobre a figura de Maria Madalena é fértil, dando origem a múltiplas interpretações sobre o papel que essa mulher desempenhou na trajetória da vida de Jesus Cristo e, conseqüentemente, na construção dos referenciais do cristianismo. De acordo com Ivoni Richter Reimer, a variedade de relatos tem relação com a existência de “diferentes vertentes cristãs nos primeiros séculos, que conclamam a repensarmos a concepção de cristianismo de forma plural e mais fluida”. No entanto, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, a teóloga alerta que, apesar de algumas nuances, a figura de Madalena que predomina originalmente nas escrituras sagradas é a de uma mulher que “é protótipo, ao lado de Maria, mãe de Jesus, de origens de movimentos de libertação. Seus atributos e suas funções de discípula, amada, diácona, testemunha dos feitos de Jesus e da sua morte e ressurreição, apóstola, líder eclesial etc., garantiram-lhe o título de isapóstolos, ‘igual a apóstolo’ na tradição da Igreja Oriental e *apostola apostolorum* “apóstola dos apóstolos”, na tradição da Igreja Ocidental”.

Todavia, essa imagem foi gradativamente recebendo conotações diferentes, com um intuito mais político do que pastoral, fundamentando-se nos processos de organização patriarcal e hierárquica da Igreja. “Num incisivo e simultâneo processo de ressignificação de Maria Madalena e de combate aos ‘hereges’, começou-se a transformar

a apóstola, amada/amante, líder e mestra em pecadora, prostituta, penitente. No imaginário religioso, a Eva pecadora teve sua contraparte na Madalena arrependida”, afirma Ivoni Reimer. Segundo a pesquisadora, “esta foi a Maria Madalena usada para justificar a criação de conventos para mulheres, para afirmação do celibato ou da abstinência sexual. Tirando-se o poder da Maria Madalena apóstola e companheira de Jesus, tirava-se também a força dos movimentos eclesiais *madalenas*. A ‘popularização’ dessa ‘outra’ Maria Madalena está intrinsecamente ligada com uma política eclesial patriarcal de desempoderamento das mulheres”.

Ivoni Richter Reimer, teóloga luterana, é doutora em Teologia/Filosofia pela Universidade de Kassel, Alemanha, com pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas, Interdisciplinar, da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. É membro-fundadora da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica - ABIB e de StreitgängerInnen, Alemanha. Atualmente leciona no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião e no Mestrado em História Cultural na Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC Goiás, é professora colaboradora no Programa POLICREDOS do Centro de Estudos Sociais, da Universidade de Coimbra, Portugal, e do Programa de Religião e Gênero, das Faculdades EST, São Leopoldo.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a importância da figura de Maria Madalena para o cristianismo? Como avalia o tratamento que foi dado a sua história ao longo dos tempos?

Ivoni Richter Reimer - Em primeiro lugar, preciso complexificar a questão colocada. Explico. A diversidade de fontes e tradições acerca de Maria Madalena não permite tecermos 'uma' figura desta mulher. Isto tem a ver com as diversas e diferentes vertentes cristãs nos primeiros séculos, que conclamam a repensarmos a concepção de cristianismo de forma plural e mais fluida. Entendo que desde as origens havia a diversidade, que foi sobrevivendo nos jogos e relações de institucionalização da Igreja. E, nesse sentido, desde as origens, por meio da memória, da escrita e da celebração, existem várias "figuras" ou "imagens" de Maria Madalena. Isso tem a ver com os contextos eclesiais, teológicos e político-filosóficos nos quais Maria Madalena "transitava" como modelo a ser seguido, negado ou domesticado.

A literatura sagrada, que versa sobre Maria Madalena, também não é homogênea, porque é oriunda desses contextos diversos. Trata-se de textos canônicos e apócrifos, além de comentários feitos por Pais da Igreja. No Novo Testamento (texto canônico) ela é especificamente nomeada 14 vezes, e apenas nos evangelhos (século I): nos relatos de cruz e ressurreição de Jesus: Marcos 15,40-16,11; Mateus 27,55-61; 28,1-11; Lucas 24,10 (no contexto); João 19,25; 20,1-18; no relato de seguimento a Jesus, em Lucas 8,1-3. Nos evangelhos gnósticos¹ (séculos II-VIII), ela é nomeada em várias passagens no Evangelho de Tomé², Evangelho de Maria

1 Apócrifos do Novo Testamento: também conhecidos como "evangelhos apócrifos" ou "evangelhos gnósticos", são uma coletânea de textos, alguns dos quais anônimos, escritos nos primeiros séculos do cristianismo, votados no Primeiro Concílio de Niceia, não reconhecidos pelo cristianismo ortodoxo e que, por isso, não foram incluídos no Cânone do Novo Testamento. Não existe um consenso entre todos os ramos da fé cristã sobre o que deveria ser considerado canônico e o que deveria ser apócrifo. (Nota da **IHU On-Line**)

2 Evangelho de Tomé: é uma lista de 114 ditos atribuídos a Jesus. Alguns são semelhantes aos dos evangelhos canônicos de Ma-

Madalena³, Tratado Pistis Sophia⁴, Evangelho de Felipe⁵, Perguntas de Maria⁶, Evangelho de Nicodemos⁷, O livro da ressurreição de Cristo⁸ do apóstolo Bartolomeu.⁹

teus, Marcos, Lucas e João, mas outros eram desconhecidos até a descoberta desse manuscrito em 1945. Tomé não explora, como os demais, a forma narrativa, apenas cita –de forma não estruturada– as frases, os ditos ou diálogos breves de Jesus a seus discípulos, contados a Tomé, dito Dídimo ("gêmeo" em grego), sem incluí-los em qualquer narrativa, nem apresentá-los em contexto filosófico ou retórico. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Evangelho de Maria Madalena: é um texto gnóstico encontrado no Codex Akhmin, que foi adquirido pelo Dr. Carl Rheinhardt na cidade do Cairo em 1896. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Tratado Pistis Sophia: é um importante texto Gnóstico. As cinco cópias remanescentes, que os estudiosos datam do período entre 250 a 300 dC, relatam os ensinamentos Gnósticos de um Jesus transfigurado aos apóstolos (incluindo Maria de Magdala, Maria, mãe de Jesus e Marta), quando o Cristo ressuscitado havia passado supostamente onze anos falando com seus discípulos. Nele as estruturas complexas e as hierarquias celestes familiares nos ensinamentos Gnósticos são reveladas. (Nota da **IHU On-Line**)

5 Evangelho de Filipe: constitui um dos livros apócrifos da biblioteca de Nag Hammadi; à semelhança do Evangelho de Tomé, é um evangelho de ditos, ou seja, uma coleção de sentenças encerrando grande sabedoria, atribuídas a Jesus. A atribuição do texto a Filipe é conjunturalmente moderna; a sua única relação com o apóstolo São Filipe deve-se ao fato de ser o único apóstolo mencionado nos manuscritos. Na verdade, o texto deve ter sido redigido entre os anos 180 e 350, portanto muito depois da morte do discípulo de Cristo. O texto constituiu um importante documento para as comunidades gnósticas. Foi descoberto no deserto egípcio em 1945, entre um conjunto de vários documentos gnósticos, conhecidos como biblioteca de Nag Hammadi (do nome do sítio arqueológico onde foram descobertos). (Nota da **IHU On-Line**)

6 Perguntas de Maria: Evangelho apócrifo que admite a relação marital entre Jesus e Madalena. Opinião, no entanto, não confirmada por outros apócrifos. (Nota da **IHU On-Line**)

7 Nicodemos: viveu no século I, foi um fariseu e contemporâneo de Jesus Cristo. Defendeu-o perante o Sinédrio e sepultou-o. Atribuem-lhe um evangelho apócrifo, outrora chamado de Atos de Pilatos. (Nota da **IHU On-Line**)

8 O livro da ressurreição de Cristo: também conhecido como Evangelho de Bartolomeu é uma obra perdida entre os apócrifos do Novo Testamento, mencionado em diversas fontes nos primeiros anos do cristianismo. É possível que ele seja o mesmo texto chamado de Questões de Bartolomeu ou a Ressurreição de Cristo. (Nota da **IHU On-Line**)

9 Detalhadas informações acerca da literatura sagrada apócrifa, especificamente sobre Maria Madalena, ver Jacir de Freitas Faria, *O outro Pedro e a outra Madalena segundo os*

Importância evidenciada

A partir dessas colocações básicas, percebe-se como inegável a importância de Maria Madalena, a Maria da cidade de Magdala, em vários sentidos: De acordo com os textos canônicos, vivenciou a cura com Jesus, serviu a Jesus (diacônia), tornando-se seguidora-discípula de Jesus, junto com outros(as) discípulos(as), vivenciou o processo de condenação e morte de Jesus, junto com outras mulheres discípulas, foi ao túmulo para embalsamar Jesus e vivenciou a ressurreição dele, proclamou sua ressurreição aos demais discípulos(as) e aos Onze. Também em João, ela atua como protagonista na hierofania do ressurreto e no anúncio apostólico desta Boa Nova.

Os textos apócrifos igualmente destacam sua presença e importância na liderança que teve no discipulado e a partir da ressurreição de Jesus, no anúncio e ensino do Cristo, contudo em meio a conflitos de relações de poder principalmente com Pedro. Além deste aspecto de liderança, textos apócrifos também refletem uma relação íntima e preferencial de Jesus e Maria Madalena, apresentando-a como amada, companheira, preferida, confidente de Jesus, apóstola, personificação da sabedoria, mestra. Nos apócrifos, a liderança de Maria Madalena, o seu amor por Jesus e o amor de Jesus por ela são causa de misoginia por parte de Pedro, mas também de defesa por parte de outros apóstolos, como Levi. Isto reflete relações de conflitos de poder e gênero em questões de liderança eclesial em estruturas que se vão institucionalizando patriarcalmente desde cedo, já no século II. As comunidades gnósticas começavam a se estruturar de forma diferenciada às comunidades sob a égide de Pedro ou de Paulo, tendo também mulheres como lideranças e ensinando um modo de vida mais contrito.

apócrifos: uma leitura de gênero (Petrópolis: Vozes, 2005)3. ed. (Nota da autora).

IHU On-Line - Que leitura a senhora faz da construção que se faz de Maria Madalena a partir dos evangelhos?

Ivoni Richter Reimer - Primeiramente gostaria de colocar como entendo, aqui, o termo “construção”. Para mim, cada texto já é uma construção, no sentido de significar por escrito algo experimentado, rememorado, ressignificado e celebrado. Portanto, cada comunidade que construiu, por escrito, sua memória e sua herança histórico-teológica também contribuiu, muito cedo, na construção da memória de Maria Madalena. Esta construção é muito importante! Esta mulher é protótipo, ao lado de Maria, mãe de Jesus, de origens de movimentos de libertação. Seus atributos e suas funções de discípula, amada, diácona, testemunha dos feitos de Jesus e da sua morte e ressurreição, apóstola, líder eclesial etc., garantiram-lhe o título de *isapóstolos*, “igual a apóstolo” na tradição da Igreja Oriental e *apóstola apostolorum* “apóstola dos apóstolos”, na tradição da Igreja Ocidental.

Contudo, por que Maria Madalena figura, até hoje, como ‘prostituta arrependida’ ou ‘pecadora penitente’? Por que tornou-se padroeira das prostitutas, pecadores penitentes, perfumistas e cabeleireiros, pedicures..., sendo que 22 de Julho é considerado Dia da Santa Maria Madalena, na Igreja Católica? Como se chegou a essa construção?

Nenhum texto sagrado apresenta Maria Madalena como prostituta ou pecadora. Essa construção ocorreu recém por meio das interpretações dos Pais da Igreja, entre eles Ambrósio¹⁰ e Gregório

10 **Aurélio Ambrósio** (340-397): mais conhecido como Ambrósio, foi um arcebispo de Mediolano (moderna Milão) que se tornou um dos mais influentes membros do clero no século IV. Ele era prefeito consular da Ligúria e Emília, cuja capital era Mediolano, antes de tornar-se bispo da cidade por aclamação popular em 374. Tradicionalmente atribui-se a Ambrósio a promoção do canto antifonal, um estilo no qual um lado do coro responde de forma alternada ao canto do outro, e também a composição do *Veni redemptor gentium*, um hino natalino. Ambrósio é um dos quatro

Magno¹¹, nos séculos IV-VI, quando a Igreja também se constituía como representante de poder no e do Império Romano. Nesta época, todos os textos canônicos e quase todos os textos apócrifos já estavam escritos, e eram passíveis de interpretações, portan-

“

A diversidade de fontes e tradições acerca de Maria Madalena não permite tecermos ‘uma’ figura desta mulher

to, desconstruções e reconstruções. Diretamente não forneciam bases para essa construção de Maria Madalena como pecadora arrependida. Ao contrário, essa tradição fez crescer em vários lugares, como em Éfeso, comunidades madaleanas, que tinham em Maria Madalena seu referencial de anúncio e ensino da práxis de Jesus. Havia discípulos(as) de Maria Madalena que fizeram missão e expandiram a Boa Nova, aceitando a liderança de mulheres e de homens. Eram comunidades de influência gnóstica, assim como os textos apócrifos sobre Maria Madalena. Por meio de sua missão, chegaram até a França, em cuja Basílica de Vézelay estariam guardadas as relíquias de Maria Madalena. A alta Idade Média está repleta de sua presença e liderança, por meio de narrativas, imagens e esculturas.

doutores da Igreja originais e é notável por sua influência sobre o pensamento de Santo Agostinho. (Nota da **IHU On-Line**).

11 **São Gregório I**, OSB (540-604): papa de 03-09-590 até a data da sua morte. Era monge beneditino, e um dos Doutores da Igreja. Foi chamado pelo povo de Magno, ou Gregório, o Grande sendo celebrado como santo pela Igreja Católica. (Nota da **IHU On-Line**)

Questões hierárquicas que criam sentidos

Aqui encontramos-nos numa encruzilhada. No processo de hierarquização da Igreja e das funções eclesiais e eclesiásticas, as autoridades combatiam movimentos heréticos, também gnósticos, divergentes do que se estabelecia como norma conciliar. Assim, num incisivo e simultâneo processo de ressignificação de Maria Madalena e de combate aos ‘hereges’, começou-se a transformar a apóstola, amada/amante, líder e mestra em pecadora, prostituta, penitente. No imaginário religioso, a Eva pecadora teve sua contraparte na Madalena arrependida. Mas como se conseguiu forjar essa ressignificação que quis acabar com a autoridade apostólica de Maria Madalena?

Os papas/Pais da Igreja Ambrósio e Gregório Magno tiveram importante papel nesse processo. Já no século IV, Ambrósio sugeriu que Maria Madalena poderia ter sido aquela pecadora que ungiu Jesus. Gregório Magno, no processo de identificação de Maria Madalena com a pecadora arrependida que ungiu Jesus, fez também o malabarismo exegético de identificar os sete demônios com os sete pecados mortais, vinculando pecado, demônios/demonização com descontrolada sexualidade feminina, cuja simbólica se expressava no óleo aromático, nos cabelos longos, nos beijos, no desperdício, que, antes do contato com Jesus, eram utilizados em promiscuidades. Com esta interpretação, a construção da “outra” Maria Madalena, pecadora penitente, estava definida para os próximos séculos para a Igreja no Ocidente.¹²

A base para esta definição foi elaborada via associações narrativas e interpretativas, sendo que os seguintes textos serviram para o amálgama desta “nova” tradição: Lucas 7,36-50 - a mulher pecado-

12 Ver história interpretativa em Renate Wind. *Maria aus Nazareth, aus Bethanien, aus Magadala: Drei Frauengeschichten*. Gütersloh: Kaiser Verlag, 1996. Ver também Faria (2005). (Nota da entrevistada)

ra que ungiu Jesus, secando-o com seus cabelos e beijando-lhe os pés (em Marcos 14,3-9, a mulher que unge não é caracterizada como pecadora); João 12,1-8 - Maria, irmã de Marta e Lázaro, unge os pés de Jesus e os seca com seus cabelos - (em João, a Maria que unge não é caracterizada como pecadora). Cenário comum foi uma ceia e a unção feita por mulher. Os personagens, exceto Jesus, eram distintos.

O texto de Lucas 7 foi tomado por causa da caracterização da mulher como pecadora. Juntaram-se três mulheres para a construção de uma quarta, a 'outra' Maria Madalena, que passou a ser ensinada e que passou a pautar modelos femininos na igreja e sociedade ocidentais. Esta construção eclesial dogmática de Maria Madalena suplantou a Maria Madalena dos textos sagrados, e foi usada para domesticar mulheres por meio da culpabilização da sua sexualidade e de sua necessária penitência. Esta foi a Maria Madalena usada para justificar a criação de conventos para mulheres, para afirmação do celibato ou da abstinência sexual. Tirando-se o poder da Maria Madalena apóstola e companheira de Jesus, tirava-se também a força dos movimentos eclesiais madalenos. A "popularização" dessa "outra" Maria Madalena está intrinsecamente ligada com uma política eclesial patriarcal de desempoderamento das mulheres.

IHU On-Line - Como compreender a importância das mulheres no movimento de Jesus? E como Madalena se insere nesse contexto?

Ivoni Richter Reimer - Nos textos sagrados, Maria Madalena é uma entre muitas outras mulheres discípulas de Jesus, que vivenciaram experiências de libertação junto de Jesus e seu movimento. Sua importância está marcada pela igualdade, solidariedade, serviço e gratidão. A afirmação da igualdade e do reconhecimento da diferença é simultânea e complexa, porque não desqualifica a diferença. O movimento de Jesus tinha como cen-

tro o anúncio e a vivência do Reino de Deus, do qual homens e mulheres de todas as etnias, classes e idades eram convidados a participar (Gálatas 3,26-28; Romanos 6,4.18), andando "em novidade de vida", criando novas relações entre si e no mundo, de paz, justiça, liberdade e partilha.

IHU On-Line - Quem são as demais mulheres que marcam a história de Cristo e como são recebidas e, mais tarde, reconstruídas pelos homens seguidores de Jesus, em especial Paulo?

Ivoni Richter Reimer - Junto de Maria Madalena estavam Joana, Suzana, várias outras Marias (a de Tiago, Maria mãe de Jesus, a de Cléopas, a de Tiago o menor, a de José, Salomé, a de Zebedeu,

“

Nenhum texto sagrado apresenta Maria Madalena como prostituta ou pecadora

a "outra" Maria) e muitas mulheres anônimas. Algumas delas continuam mencionadas em Atos dos Apóstolos (1,14), no projeto luca de construção de comunidades cristãs.

O apóstolo Paulo teve conhecimento indireto e secundário dos acontecimentos primeiros do movimento jesuânico-cristão. Parece que as suas fontes não o informaram sobre Maria Madalena e seu papel protagonista no evento da cruz e ressurreição (1 Coríntios 15,3-8), mas estas mulheres também podem estar contempladas nas expressões "500 irmãos/irmãs" e "todos(as) os(as) apóstolos(as)", visto que as expressões gregas constam em plural que abriga masculino e feminino. No mais, em Paulo, exegeses feministas tem percebido

e destacado a importância das mulheres em todas funções eclesiais de forma paritária e companheira: apóstola, diácona, missionária, mestra, protetora, líder local (Romanos 16,1-16, p.ex.). Paulo é judeu helênico e reflete influências na interpretação de tradições judaicas, como a criação de homem e mulher (1 Coríntios 11,2-16), mas isso não faz com que ele limite a participação e atuação plenas das mulheres, capazes de viver os seus dons pela graça de Deus em Cristo (1 Coríntios 12,1-31; 16,19; Rm 16; Filipenses 4,2-3; Filemom 2).

Na tradição paulina *posterior*, contudo, há diferenças marcantes e que foram determinantes para o uso eclesial: negação do ensino e do apostolado, maternidade como porta de salvação, castidade, silêncio e submissão (p.ex. cartas pastorais, 1 Timóteo 2,11-15). Estas diferenças foram influenciadas por ideologias patriarcais greco-romanas e foram fundamentais para a construção da 'mulher cristã ideal' em nível público e privado.

IHU On-Line - Por que a história de Madalena é importante para os estudos de teologia feminina hoje?

Ivoni Richter Reimer - Analisar os textos, rever as tradições, reconstruir significados é tarefa da teologia e da história. O desenvolvimento de metodologias exegéticas e de análise de textos permitem ler textos e tradições, de maneira a (re)encontrar sentidos que foram invisibilizados por interesses hierárquicos em vários momentos da história ou a ressignificar os próprios textos e as tradições. Eu preciso ler a tradição de Maria Madalena como prostituta/pecadora arrependida, porque esta foi construída com o objetivo de desempoderar mulheres em funções eclesiais, num mais amplo processo de combate a 'heresias' para desautorizar outras formas de viver a fé e organizar a vida; eu preciso ler a tradição eclesial de Maria Madalena, porque ela se demonstrou misógina em relação às mulheres em sua sexuali-

dade e no exercício pleno de suas capacidades e vocações; eu preciso reler esta tradição eclesiástica, porque os textos sagrados mostram que mulher e homem podem atuar conjunta e equitativamente; eu preciso reler esta tradição eclesiástica ecumenicamente, porque igrejas protestantes podem contribuir no processo do reconhecimento pleno de ministérios eclesiais de mulheres.

A história de Maria Madalena, em seus vários processos de construção, é importante, porque evidencia parte da história daquela época. Hoje, ela continua importante no sentido que nunca deixou de ter para movimentos de libertação e de resistência: testemunho das possibilidades históricas de e para mulheres, convite à imitação e à reconstrução, vivência de espiritualidade em meio às dificuldades históricas, afirmação do apostolado e da paixão de mulheres enquanto mulheres.

IHU On-Line - Como avalia o papel atribuído à mulher no cristianismo hoje (estamos mais para a época dos primeiros cristão ou para cristão da Idade Média)?

Ivoni Richter Reimer - Uma característica da igreja cristã ou dos cristianismos é a diversidade, desde suas origens. E isto permanece, mesmo que de maneiras distintas. Assim, hoje há igrejas ou movimentos eclesiais ou tendências teológicas que tem mulheres no exercício de todas as funções eclesiais e eclesiásticas, na realização de todas as profissões e atividades, na vivência plena de todas as suas dimensões de vida. Há outras experiências que colocam algumas limitações nas questões ministeriais por questões interpretativas ou dogmáticas. Ainda outras escolhem seguir de forma fundamentalista quesitos de usos e costumes. Partes dessa Igreja ainda consideram mulheres como seres que precisam da tutela de uma autoridade que não sejam elas próprias.

Portanto, há avanços e retrocessos, continuidades e manutenção

de aspectos que perfazem a vida de mulheres, dependendo dos textos e das tradições aos quais se reporta. Penso ser importante não olhar apenas o “papel atribuído à mulher”, mas perceber como as próprias mulheres estão pensando e (re)fazendo seu papel, sua im-

“

No cristianismo há avanços e retrocessos que perfazem a vida de mulheres, dependendo dos textos e das tradições aos quais se reporta

portância, sua contribuição, sua capacidade, suas limitações, dores e alegrias; além disso, importa perceber esta configuração de papéis ou funções nas dinâmicas de relações de poder em todas as instâncias, também de gênero. A partir disso, pode ser muito criativo reler os papéis e as tradições, pois teremos um processo não estático de avaliação e reconstrução de experiências. Aliás, lembro também que a longa Idade Média é também um tempo de luzes para a história de mulheres.

IHU On-Line - Em um de seus textos¹³ a senhora trata da necessidade de rever a tradição para resgatar o empoderamento feminino. Gostaria que falasse sobre esse empoderamento. O que é? E em que medida ele é necessário para a construção da ideia de liberdade plena?

13 REIMER, I. R. Apostolado, diaconia e missão de mulheres nas origens do cristianismo: rever tradições para empoderar e promover cidadania plena. Pós-Escrito (Rio de Janeiro), v. 4, p. 110-126, 2011. (Nota da **IHU On-Line**)

Ivoni Richter Reimer - Entendo o empoderamento como um processo dinâmico de promover e garantir equidade de gênero em todas as dimensões da vida para mulheres, crianças e homens. Especificamente para mulheres, isso significa reconhecer e formar lideranças, não discriminar em nenhuma atividade de trabalho ou função, zelar pela saúde e pelos direitos reprodutivos, promover educação, bem-estar e lazer, vida digna partilhada no direito à individualidade. Empoderar(-se) faz parte do processo de assujeitamento, no qual eu assumo direitos e deveres, como participe cidadã do lugar que eu quero ajudar a construir e a cuidar. Nesse sentido, liberdade plena faz parte do horizonte utópico que pode tornar-se realidade sempre em porções heterotópicas!

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Ivoni Richter Reimer - Agradeço pela oportunidade de revisitar Maria Madalena e compartilhar um pouco daquilo que vivenciei nesse processo. Descobri que um dos motivos de conflitos de liderança entre Maria Madalena e Pedro, presentes nos escritos apócrifos, é o fato e a experiência de “ouvir mulher”: Temos que realmente “ouvir mulher” para agradar e realizar a vontade do Senhor, perguntavam. Ouso afirmar que é preciso, sim, ouvir mulheres, assim como Jesus também o fez, na sua diversidade e na sua complexidade, considerando suas forças e suas fraquezas, seus erros e seus acertos. Contudo, só ‘ouvir’ não basta. É preciso dialogar de forma respeitosa e firme, sabendo que é na relação dialógica que se constroem parcerias importantes e diferenciais para a vida. Talvez seja este o desafio para os nossos tempos!

E que Maria Madalena seja, nesse tempo, padroeira das apóstolas, que poderosamente anuncia: “Não lamentem, não se aflijam [...], pois a graça estará com vocês e irá proteger vocês! Louvemos-lhe a grandeza, pois nos fez filhos e filhas!” (Evangelho de Maria 9,12-20). ■

A testemunha ocular da Divina Misericórdia

Ancorado no evangelho de João, Johan Konings analisa a face de Madalena junto ao sepulcro, a testemunha privilegiada do amor-fidelidade de Deus, da verdadeira Misericórdia

Por João Vitor Santos

O ano de 2016 também será importante para os estudiosos de Maria Madalena, pois é o ano em que a celebração dessa personagem bíblica deixa o estatuto litúrgico de “memória” e é elevada ao nível de “festa” oficial. Mais do que uma honraria ritualística da Igreja, esse movimento é cheio de significados. Johan Konings, professor titular da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - Faje, destaca que a Rádio Vaticano enfatizou que a decisão foi tomada no “contexto do Jubileu da Misericórdia e valoriza Maria Madalena como a primeira testemunha da Divina Misericórdia”.

Para compreender esse conceito de Misericórdia e relacionar com Madalena na história do cristianismo, é preciso focar nos relatos evangélicos acerca do instante em que Jesus se revela ressurreto. O cenário é narrado nos quatro Evangelhos, mas “é em João que temos a descrição mais ampla da aparição do Ressuscitado à Madalena (Jo 20,11-18)”, destaca Konings. E o professor enfatiza: “a misericórdia não é apenas a condescendência para com os pecadores, mas a *chésed*, o amor-fidelidade de Deus que se comprova na Cruz, ‘enaltecimento’ de Cristo revelado como glorioso na ressurreição. E é disso que Maria Madalena é testemunha privilegiada”, explica.

Como entender o fato de ser ela, uma mulher entre os homens, a grande testemunha? Na entrevista, a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Konings reconhece essa como uma questão menor. Entretanto, salienta que em toda a caminhada de Jesus fica claro que viu “na igualdade de homem e mulher o ideal do ser humano segundo o projeto de Deus”. Mas, para o professor, a igualdade de gêneros não é a novidade em Jesus. “Faz parte da lei de Deus desde sempre. João, em sua carta, diz que o mandamento é antigo, porém novo em Cristo e em nós (1Jo 2,7-8), e então continua falando sobre o amor fraterno. Aí está a novidade cristã na relação homem-mulher, mais do que na igualdade de direito”.

Johan Konings é padre jesuíta nascido na Bélgica, professor titular da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - Faje, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Participou como perito na XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, em Roma, em 2008, com o tema “A Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja”. Filósofo e filólogo, concluiu o doutorado em Teologia na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. Entre seus livros publicados, estão *A Palavra se fez livro* (Loyola, 2010, 4ª ed.) e *Ser cristão - Fé e prática* (Vozes, 2003, 5ª ed.).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que Maria Madalena é possível constituir a partir da leitura dos Evangelhos? No que a Madalena segundo João se difere dos sinóticos¹?

¹ **Evangelhos Sinóticos** (português europeu) ou **Evangelhos Sinóticos** (português brasileiro): é um termo que designa os Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas por conterem uma grande quantidade de histórias em comum, na mesma sequência, e algumas

Johan Konings - Não creio que a Maria Madalena dos evangelhos sinóticos seja muito diferente da

vezes, utilizando exatamente a mesma estrutura de palavras. Tal grau de paralelismo relativo ao conteúdo, narrativa, linguagem e estruturas das frases, somente pode ocorrer em uma literatura interdependente. Muitos estudiosos acreditam que esses evangelhos compartilham o mesmo ponto de vista e são claramente ligados entre si. (Nota da **IHU On-Line**)

do quarto evangelho. Mas, antes de entrar neste assunto, é preciso distinguir entre a Maria Madalena dos evangelhos canônicos e aquela dos evangelhos apócrifos e da imaginação popular. Em Mateus e Marcos, a Madalena é mencionada entre as mulheres que “observaram de longe” a crucificação de Jesus (Mt 27,56 = Mc 15,40) e seu sepultamento (Mt 27,61 = Mc 15,42-47).



Jesus a faz entender que ele não está mais aí na condição do venerado mestre que ela seguiu desde a Galileia

Lucas, ao relatar a crucificação e o sepultamento, não a menciona nomeadamente, mas fala de “mulheres que seguiram Jesus desde a Galileia” (Lc 23,49.55), certamente incluindo Maria Madalena, por ele mencionada anteriormente entre as mulheres seguidoras de Jesus na Galileia (Lc 8,2).

João diz que Madalena estava “junto à cruz” com a mãe de Jesus e a irmã da mãe, Maria de Cléofas (Jo 19,25). Os sinópticos mencionam a Madalena entre as mulheres que vão ao sepulcro na manhã da Páscoa (Mt 28,1; Mc 16,1; Lc 24,10). João menciona só ela, mas a deixa falar no plural, o que mostra que ele conheceu a versão das diversas mulheres que foram ao túmulo (Jo 20,1-11). O final acrescentado a Marcos (16,9) e o texto de Mateus (implicitamente, em Mt 24,9) a mencionam ao falar da aparição de Jesus Ressuscitado. Mas é em João que temos a descrição mais ampla da aparição do Ressuscitado à Madalena (Jo 20,11-18), e é nisto que consiste a maior diferença entre João e os sinópticos.

Quanto à vida pessoal da Madalena, só temos a breve informação de Lc 8,2, dizendo que dela saíram sete demônios. Mais do que isso não se lê nos evangelhos canônicos, mas desde cedo a devoção a associou à pecadora de Lc 7,37, à mulher adúltera de Jo 8,3 e à Maria de Betânia em Jo 12,3. A imagem de Maria Madalena prostituta penitente ao pé da cruz se baseia nesta associação.

IHU On-Line - O que representa Maria Madalena no mistério paschal da ressurreição? Por que é ela a testemunha da ressurreição?

Johan Konings - Nos evangelhos não vemos a Madalena penitente, mas a testemunha privilegiada da ressurreição de Jesus, a primeira à qual o Ressuscitado apareceu, conforme Mt 28,10, Mc 16,9 e Jo 20,11-18. Porque Jesus a escolheu para ser testemunha privilegiada e anunciadora da Ressurreição, sobretudo em Jo 20,17-18, não se sabe. As eleições de Deus e de Jesus são gratuitas. Por que ele escolheu Judas?

IHU On-Line - O que revela o diálogo, narrado por João (20,1-18), entre Jesus e Madalena na ressurreição?

Johan Konings - O diálogo entre Jesus e a Madalena, depois que Pedro e o Discípulo Amado deixaram o túmulo, em Jo 20,11-18, revela muito amor, tanto da parte de Maria como da parte de Jesus. Diz o papa Gregório Magno², por volta do ano 450: “Aquele a quem procurava por fora, era o mesmo que interiormente a impelia a procurar”. Segundo o texto de João, Maria, ao ver os anjos no sepulcro, não pensa em ressurreição e não reconhece o Ressuscitado. Toma Jesus pelo guarda do sepulcro (20,11-15). Então, Jesus a chama pelo nome, na língua dela (e de Jesus), em aramaico: “Mariame” (segundo o

² **Papa Gregório IX** (1160-1241) foi o 178º papa, de 1227 a 1241. Foi importante incentivador dos dominicanos e dos franciscanos, tendo sido amigo pessoal do próprio São Francisco de Assis. Organizou a Inquisição Pontifícia com o objetivo de reprimir as heresias, com a promulgação da bula “Licet ad capiendos” em 20 de abril de 1233, dirigida aos dominicanos, que passaram a liderar o trabalho de investigação, julgamento, condenação e absolvição dos hereges. Canonizou S. Francisco de Assis dois anos após sua morte, S. Domingos de Gusmão e Santo Antônio de Lisboa. (Nota da **IHU On-Line**)

texto original de Jo 20,16). E nisto ela o reconhece e lhe responde, igualmente em aramaico: “Rabûni” (meu grande mestre). Jesus mesmo disse que as ovelhas reconhecem a voz de seu pastor! (Jo 10,3.4.16.27).

Maria procurava o corpo morto de Jesus para, com todo seu amor, cuidar dele, dar-lhe um embalsamamento digno, mas ela o encontrou vivo, transformado pela glória de Deus. Jesus lhe diz que ela não o deve segurar - pelos pés, gesto oriental de veneração - porque ele está subindo para junto do Pai, já que sua morte na cruz faz parte (na linguagem do Quarto Evangelho) de seu “enaltecimento”, outra maneira de expressar o simbolismo da glorificação junto de Deus. Ou seja, Jesus a faz entender que ele não está mais aí na condição do venerado mestre que ela seguiu desde a Galileia, mas como o Enaltecido, que enviará a ela, e a todos os discípulos, o Espírito-Paráclito, para continuar a obra de Jesus junto aos seus, agora chamados de irmãos. Esta comunicação do Espírito é narrada no trecho imediatamente seguinte do Evangelho de João (20,19-23).

IHU On-Line - Como compreender o papel das mulheres no movimento de Jesus e entre os cristãos primitivos? Como esse papel vai mudando ao longo dos tempos e como o senhor o vê hoje?

Johan Konings - Levando em consideração o pouco espaço que as mulheres tinham na vida pública naquele tempo, especialmente no judaísmo de tendência farisaica, é surpreendente o espaço que os evangelhos, sobretudo os de Lucas e de João, abrem para as mulheres. Por exemplo, as palavras de Jesus contra a lei que permitia o repúdio da mulher devem ser interpretadas como defesa da dignidade da mulher. Jesus viu na igualdade de homem e mulher o ideal do ser humano segundo o projeto de Deus. A breve nota de Lucas 8,1-3 sobre as mulheres que seguiam Jesus e o serviam com seus bens; a descrição de Marta e Maria de Betânia

como donas de casa que davam hospitalidade a Jesus (Lc 10,38-42; Jo 11,2; 12,1-2); a insistência em terem sido mulheres as testemunhas da cruz, do sepultamento e da aparição junto ao sepulcro vazio; a importância dada, nestas cenas, à mãe de Tiago Menor, futuro chefe da igreja de Jerusalém, além de outros indícios nos evangelhos e nas cartas de Paulo - tudo isso mostra que, desde o início, o movimento de Jesus foi marcado pela participação ativa das mulheres.

Elas seguiram Jesus até junto da cruz, enquanto os homens sumiram. Quanto ao Discípulo Amado, ele representa, junto com a mãe, o discípulo perfeito, enquanto os imperfeitos não estão aí, apesar de Jesus ter dito que, onde ele estiver, estejam também os que o servem (Jo 12,26). As mulheres realizaram isso, Pedro não. E a diminuição do protagonismo das mulheres nas igrejas dos séculos seguintes mostra que esse traço era original do primeiro movimento de Jesus, mas foi apagado pelo ambiente cultural, tanto judaico como greco-romano, que se impôs também em outras dimensões.

IHU On-Line - Que outras mulheres são importantes na caminhada de Cristo? No momento da crucificação, João (19,25) fala das três mulheres ao pé da cruz. Como compreender o que representam essas figuras?

Johan Konings - Essas mulheres subiram com Jesus desde a Galileia, prestando ajuda a ele e aos que o acompanhavam naquilo que parece ter sido uma romaria à Páscoa em Jerusalém. Eram mulheres de alto *status* social, dispendo de meios financeiros. Entre elas, Joanna, mulher de um alto funcionário de Herodes, vice-rei da Galileia, e Suzana e muitas outras, algumas curadas de diversos males (Lc 8,1-3), por exemplo, Maria Madalena. Foi, portanto, o bem que Jesus fazia - sua "misericórdia" - que atraía essas mulheres e as levou a colocar-se a seu serviço, isto é, a serviço dos que com ele estavam subindo a Jerusalém.

Houve outras mulheres que interagiram com Jesus em sua missão: Marta e Maria de Betânia; a mulher que o ungiu antes da morte (anônima segundo Mc 14,3, porém identificada como Maria de Betânia em Jo 12,3); a mulher siro-fenícia, que provocou Jesus a dar o pão das crianças (de Israel) também aos cachorrinhos (os pagãos; Mc 7,28); Maria, mãe de Tiago Menor, chefe da igreja de Jerusalém. Segundo João, a própria mãe de Jesus, presente no início e no fim da obra de Jesus; Lucas a coloca na comunidade de Jerusalém, no livro dos Atos (At 1,14).

E, certamente, houve muitas outras. Depois que Jesus desapareceu da terra, elas continuaram fazendo parte do discipulado, diferentemente da sinagoga judaica, onde isso não era possível. É mais que provável que exerceram certo protagonismo, como também as numerosas mulheres mencionadas em torno do apostolado de Paulo.

IHU On-Line - Em João 4, Jesus tem um encontro com a samaritana num poço. Na passagem, é possível perceber que até ela se surpreende por Cristo lhe falar em público. Mais adiante no texto (João 4, 27), os apóstolos se escandalizam com a cena. Como, através dessa passagem, é possível compreender o espaço da mulher na sociedade da época e a forma como o Cristo entendia ser o verdadeiro papel das mulheres? E que paralelo é possível traçar com a relação entre Cristo e Maria Madalena?

Johan Konings - Não devemos projetar no tempo de Jesus questões que surgiram no quadro da moderna emancipação da mulher. Creio que Jesus não lhes confiava expressamente um "papel na sociedade". A questão não se colocava nesses termos. Mas, mesmo sem esta questão moderna, é mais que evidente que Jesus, de fato, sem nenhuma teoria sociológica, confiava coisas importantes às mulheres.

Deu-se a conhecer como Messias à mulher samaritana, que logo

se tornou a mensageira junto aos samaritanos, a parte excluída do antigo povo de Israel. E isso se repete, não apenas como reação espontânea, mas como incumbência explícita, no caso de Maria Madalena e das mulheres que viram os anjos junto ao sepulcro vazio. Jesus ou os anjos não se perguntaram se uma mulher podia exercer essa missão. Mandaram, ainda que os discípulos achassem isso "delírio" (Lc 24,11) ou coisa que "algumas mulheres" andaram contando (Lc 24,22-24). Jesus e os anjos aparentemente não davam muita importância aos preconceitos machistas.

IHU On-Line - Como compreender o conceito de "discípulo amado"? E, a partir dos Evangelhos, como podemos inferir quem é ele e qual sua relação com o feminino?

Johan Konings - Como eu disse, o Discípulo Amado, pouco importa qual tenha sido sua identidade, desempenha no evangelho de João o papel do discípulo perfeito, o "iniciado", aquele que conhece os segredos de Jesus (na última ceia) e está onde Jesus está: ao pé da cruz, para dar testemunho do supremo gesto de amor de Jesus (Jo 19,35; 21,24). Ele é também o primeiro a entender o sentido da morte de Jesus quando encontra o sepulcro vazio: ele crê na Escritura que até então não tinha compreendido (Jo 20,8-9), certamente a Escritura que falava do enaltecimento do servo de Deus, o quarto cântico do Servo, em Isaías 52-53. Neste sentido, ele representa tanto as mulheres quanto os homens, desde que busquem ser discípulas ou discípulos perfeitos. Digamos que uma mulher cheia de amor e de fé se sentiria bem no papel do Discípulo Amado.

IHU On-Line - Gostaria que o senhor detalhasse a sua perspectiva de "coesão cristã", pensada a partir dos direitos de homem e mulher e sua igual dignidade.

Johan Konings - A igualdade de homem e mulher e, portanto, a igualdade de direito (com as devi-

das adaptações segundo o gênero de cada um) é um dado inerente à criação. Por isso está na primeira página da Bíblia, Gênesis 1,27. Não sei como entendem isso aqueles que acham que a Bíblia justifique discriminações; devem ter algum problema de dislexia ou de analfabetismo...

Jesus se referiu expressamente a esse texto, na primeira página da Lei, para invalidar a concessão do repúdio da mulher, que aparece no último livro da Lei, o Deuteronômio - por causa da "dureza de coração" (em bom português: a estupidez) dos homens (Mc 10,5). A igualdade de direito de homem e mulher não é a grande novidade de Jesus. Faz parte da lei de Deus desde sempre. João, em sua carta, diz que o mandamento é antigo, porém novo em Cristo e em nós (1Jo 2,7-8), e então continua falando sobre o amor fraterno. Aí está a novidade cristã na relação homem-mulher, mais do que na igualdade de direito.

O amor nos faz levar a sério o que é de direito desde sempre. E é por isso que, por exemplo, o matrimônio, o ser "uma só carne", é uma participação do mistério do amor de Cristo, segundo Efésios 5,32, com o qual Cristo ama, na Igreja, a sua própria carne, seu próprio corpo (Ef 5,29). Em termos práticos: a luta pelos direitos dos gêneros masculino, feminino e outros

é a luta de todos os humanos; e a missão cristã é animar a convivência humana pelo amor de Deus, do qual Jesus é a revelação perfeita.

“

As palavras de Jesus contra a lei que permitia o repúdio da mulher devem ser interpretadas como defesa da dignidade da mulher

IHU On-Line - Como o senhor tem visto os movimentos do papa Francisco com relação às mulheres na Igreja? O que é possível apreender desses movimentos? Que questão de fundo há em seu ato ao atribuir o dia 22 de julho como Dia da Festa de Maria Madalena?

Johan Konings - Nosso irmão Francisco tem dessas inspirações bem-aventuradas! Ora, ele não inventou a festa de Maria Madalena; existe desde a Idade Média. Na França, na Itália e, salvo engano,

também em algumas cidades do Brasil, é a festa das "madalenas", as prostitutas. Naquele dia elas deixam de ser excluídas. A celebração de Madalena, que no missal até agora tinha o estatuto litúrgico de "memória", pelo decreto do Papa é elevada ao nível de "festa" oficial, obrigatória e com direito ao "Glória".

Diz o comunicado da Rádio Vaticano: "Esta decisão foi tomada pelo Papa Francisco no contexto do Jubileu da Misericórdia e valoriza Maria Madalena como a primeira testemunha da Divina Misericórdia". O Papa deve ter pensado na expulsão dos sete demônios e também no papel de pecadora penitente que a devoção popular lhe atribui. E a festa de uma pecadora é naturalmente uma festa para todos nós, pois quem é que não é?

Mas, certamente, pensou também na exclusão de tantas mulheres por causa da "dureza de coração" dos homens. Pensou naquelas e naqueles que se empenham pela plena dignidade da mulher. Convém lembrar que, biblicamente falando, a misericórdia não é apenas a condescendência para com os pecadores, mas a *chésed*, o amor-fidelidade de Deus que se comprova na Cruz, "enaltecimento" de Cristo revelado como glorioso na ressurreição. E é disso que Maria Madalena é testemunha privilegiada. ■

LEIA MAIS...

- *O Evangelho de João como o livro da identidade e coesão cristã*. Entrevista especial com Johan Konings, publicada nas **Notícias do Dia** de 03-05-2008, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/29obE0r>.
- *A Palavra de Deus como "acontecimento" e "encontro"*. Entrevista com Johan Konings, publicada na revista **IHU On-Line**, número 354, de 20-12-2010, disponível em <http://bit.ly/29GPXxP>.
- *Sínodo dos Bispos atualizou o Concílio Vaticano II*. Entrevista com Johan Konings, publicada na revista **IHU On-Line**, número 282, de 17-11-2008, disponível em <http://bit.ly/29nJh3s>.
- *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI*. Artigo de Johan Konings, publicado nos **Cadernos Teologia Pública**, número 1, disponível em <http://bit.ly/29sJYe5>.

Pregadora de uma nova fé e em pé de igualdade com os outros apóstolos

Solteira e vinda de uma família abastada, Maria Madalena é tida como uma das únicas a testemunhar a ressurreição de Cristo. Para Katherine L. Jansen, é motivo de alegria que o Papa Francisco tenha elevado seu dia ao quilate dos demais apóstolos

Por João Vitor Santos | Edição Márcia Junges | Tradução Walter O. Schlupp

Talvez uma das únicas testemunhas da ressurreição de Jesus Cristo, Maria Madalena “foi a primeira a ver o Cristo ressuscitado e a primeira a relatar esse evento para os/as demais”, afirma a teóloga Katherine L. Jansen, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Especula-se que ela foi uma “das primeiras e uma dedicada discípula de Cristo, que apoiou financeiramente o seu ministério”.

A pesquisadora adverte que “não se deve cometer o erro de pensar que Maria Madalena fosse quer símbolo do pecado, quer símbolo de evangelização. Ela era pecadora antes de sua conversão, mas depois da Ascensão de Cristo, foi pregadora da nova fé”. Antes de Cristo nada se sabe acerca da vida de Maria de Madalena, “exceto que ela parece ter vindo de uma família relativamente abastada e que ela era solteira. Seu status econômico é indicado pelo fato de o Novo Testamento nos dizer que ela e as outras mulheres que seguiam Cristo lhe serviam com seus

próprios recursos.” Jansen, cuja pesquisa fundamental é centrada em Maria Madalena, comemora que sua figura esteja, finalmente, “recebendo o devido reconhecimento, na Igreja moderna, ao menos na liturgia”. E acrescenta: “Estou muito contente em ver que o papa Francisco elevou o dia em que se festeja Maria Madalena de um dia memorial para um dia festivo em pé de igualdade com os outros apóstolos”.

Katherine L. Jansen leciona no Departamento de História da Universidade Católica da América, em Washington, nos Estados Unidos. É Ph.D. pela Universidade de Princeton, especialista em Itália Medieval, gênero e mulheres da era medieval, religião e história cultural. É autora de *Medieval Italy: Texts in Translation* (Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2009), coeditado com Joanna Drell e Frances Andrews, e de *The Making of the Magdalen: Preaching and Popular Devotion in the Later Middle Ages* (Princeton: Princeton University Press, 2000).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Com base nos relatos evangélicos, quem foi Maria Madalena? Quais as semelhanças e distinções nos relatos de Marcos, Mateus, Lucas e João?

Katherine L. Jansen - Os quatro Evangelhos contêm apenas doze

referências a Maria Madalena, das quais apenas uma é independente da narrativa da Paixão. Lucas 8, 2-3 relata que ela era a mulher de quem Jesus expulsou sete demônios. Depois disso, ela se tornou um dos seus discípulos estáveis,

contribuindo para ele com seus próprios recursos financeiros.

Nas narrativas da paixão, ela é uma, talvez a única testemunha da ressurreição de Cristo. No evangelho de Marcos 16, 9-10, ela é uma das três Marias a chegarem ao se-



Quanto ao que aconteceu com ela depois da ascensão de Cristo, nada sabemos, uma vez que nenhum túmulo da época ou evidência textual veio a lume

pulcro na manhã de Páscoa e encontrá-lo vazio. Um anjo informa às mulheres que Cristo ressuscitou. Maria Madalena, no entanto, foi a primeira a ver o Cristo ressuscitado e a primeira a relatar esse evento para os/as demais.

Na versão de Mateus sobre os mesmos eventos (Mt 28, 1-10), ela e outra Maria visitam o túmulo e ambas ao mesmo tempo testemunham o Cristo ressuscitado. Ambas são encarregadas pelo anjo de espalhar a Boa Nova de que Jesus ressuscitou.

Uma das primeiras discípulas

Na versão de João (20, 1-18), a ênfase é totalmente diferente. Maria chega ao lado da sepultura, encontra o túmulo vazio e começa a chorar. Ao invés de interagir apenas com um anjo, também lhe é concedido o privilégio pascal de interagir com o próprio Cristo ressurreto. Ele pronuncia o nome dela e ela acorre, chamando-o de "Mestre". Embora Jesus rejeite seu toque, ele pessoalmente a encarrega de levar a boa notícia da sua ressurreição aos outros discípulos.

Então, com base nessas poucas passagens, que podemos reconstituir sobre a personagem Maria de Magdala? Podemos dizer que foi uma das primeiras e uma dedicada discípula de Cristo, que apoiou financeiramente o seu ministério. Podemos dizer que ela provavelmente sofria de algum mal (físico

ou espiritual) que Cristo curou. Mais significativamente, podemos dizer que ela foi a primeira (ou uma das primeiras) testemunhas da ressurreição de Cristo, à qual foi concedido o privilégio ímpar entre os apóstolos de anunciar a Boa Nova para o mundo, como a "apóstola do[s] apóstolo[s]".

IHU On-Line - Como compreender a construção que se faz dessa personagem na Idade Média?

Katherine L. Jansen - Logo no início da Idade Média, a personagem do evangelho Maria Madalena foi totalmente transformada pelo Papa Gregório I¹, também conhecido como Gregório Magno. Em 591 ele pregou um sermão que amalgamou a personagem do evangelho com outras mulheres mencionadas no Novo Testamento, incluindo a anônima mulher pecadora do evangelho de Lucas (7,36-50), que entra na casa do fariseu onde Jesus está descansando, lava seus pés com suas lágrimas e os seca com seus cabelos. E ele vai além: também sugeriu que no caso de Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro, se tratava da mesma pessoa (João 11,1-45 e 12,1-8).

Embora não possamos saber definitivamente por que o Papa Gregório criou essa nova santa, o mais provável é que ele estava tentando

¹ **São Gregório I**, OSB (540-604): papa de 03-09-590 até a data da sua morte. Era monge beneditino e um dos Doutores da Igreja. Foi chamado pelo povo de Magno, ou Gregório, o Grande, sendo celebrado como santo pela Igreja Católica. (Nota da **IHU On-Line**)

harmonizar os relatos dos Evangelhos. O evangelho de Lucas menciona em rápida sucessão a pecadora anônima e Maria Madalena, de quem Cristo expulsara sete demônios. Além disso, uma passagem em João (11,1-2) observa que a mulher que tinha ungido Cristo e enxugara seus pés com os cabelos se chamava Maria de Betânia. Daí se pode ver como era tentador para Gregório considerar todas essas díspares figuras como uma só.

O legado que essa "amalgama" deixou para a posteridade foi que agora Maria Madalena, além de ser devotada discípula de Cristo e sua apóstola para os apóstolos, passou a ser considerada uma pecadora.

IHU On-Line - Qual o papel da mulher entre os cristãos primitivos e como esse papel se transforma a partir da Idade Média, período que condenou a sexualidade feminina e pregação das mulheres?

Katherine L. Jansen - Esta é uma questão formidável, que não pode ser respondida plenamente em algumas poucas frases. Além disso, acho que a caracterização da Idade Média é demasiado esquemática. Eu diria que, nos primórdios da Igreja, temos algumas evidências de que as mulheres desempenhavam papéis de liderança. Maria Madalena, juntamente com uma série de outras mulheres, estava entre os primeiros discípulos. Como mencionei anteriormente, ela também foi privilegiada entre os apóstolos, tendo-lhe sido concedida a primeira visão do Cristo ressuscitado e o mandato de espalhar a Boa Nova para os outros. Na geração seguinte, sabemos que São Paulo tinha confiado uma de suas cartas, a carta aos Romanos (Rm 1-2), a Febe, diaconisa da igreja de Cencreia. Uma diaconisa mulher indica que ainda não tinha aparecido uma hierarquia rígida de gênero a estruturar a igreja institucional.

Textos cristãos também indicam que Paulo pode ter tido uma seguidora do sexo feminino, uma ajudante de nome Tecla.

Na Antiguidade tardia, no entanto, essas posições de autoridade [feminina] na igreja tinham desaparecido, porque se argumentou que a autoridade apostólica foi transmitida de São Pedro através dos bispos, nenhum dos quais era mulher. Existe, no entanto, um retrato do século IX em mosaico maravilhosamente enigmático na igreja de Santa Prassede, em Roma. Na capela de San Zeno, uma mulher chamada Theodora² é identificada como “*Episcopa*”, forma feminina de episcopo/bispo.

IHU On-Line - Como compreender a relação entre política e santidade no sul da França e Itália a partir da história de Maria Madalena? A que se atribui a histórica devoção de leigos a Madalena nessa região? E como passa de pecadora a símbolo de conversão e evangelização?

Katherine L. Jansen - Não se deve cometer o erro de pensar que Maria Madalena fosse quer símbolo do pecado, quer símbolo de evangelização. Ela era pecadora antes de sua conversão, mas depois da Ascensão de Cristo, foi pregadora da nova fé. No que tange a seu “apostolado” na França, trata-se de uma história interessante, porém fantasiosa. Ela emerge no século XI, quando cidades ansiosas por não terem seu próprio santo padroeiro, começam a associar-se a personagens do Novo Testamento. Pense na lenda de São Tiago

² **Theodora**: mãe de **Pascal I**, chamada de *episcopa*, que significa “bispa”, “presbítera” ou “anciã”. Isso sugere que ela exerceu uma autoridade na Igreja equivalente à dos homens que tinham o mesmo título. O problema está em reconectar exatamente o que esses títulos significavam na época e que função Teodora cumpria. Confira detalhes sobre o tema no texto *A bispa Teodora, o Papa Francisco e as diaconisas*. Artigo de Paul Collins, publicado pelo sítio do IHU em <http://bit.ly/29R74Mf>. (Nota da **IHU On-Line**)

de Compostela³, por exemplo. Foi nessa mesma época em que Compostela foi tramando sua lenda de São Tiago arribando na costa espanhola, que se fez o mesmo no sul da França.

“

Nas narrativas da paixão, ela é uma, talvez a única testemunha da ressurreição de Cristo

No século XI, provavelmente em conjunto com o desenvolvimento do culto de Maria Madalena em Vézelay, começou a circular no Ocidente uma lenda segundo a qual Maria Madalena, sua irmã Marta e o irmão Lázaro, juntamente com 72 discípulos, foram jogados num barco sem leme na Palestina e largados à deriva no mar. Acabaram arrastados até a Provença e passaram a evangelizar lá, primeiro em Marselha, mais tarde em Aix-en-Provence. Outras lendas acrescentam que ela passou os últimos trinta anos de sua vida como eremita na montanha de La-St-Baume, onde veio a falecer.

Apóstola da Provença

Um dos principais promotores do culto de Maria Madalena no sul da França foi Carlos II de Anjou⁴, rei de

³ **São Tiago Maior** (São Tiago Filho do Trovão – Boanerge): filho de Zebedeu e São Tiago Apóstolo o Maior, martirizado em 44 da nossa era, foi um dos doze apóstolos de Jesus Cristo. Foi feito santo e chamado Maior (mais velho) para o diferenciar de outro discípulo de Jesus de mesmo nome, conhecido como Tiago Menor (mais jovem) e também de Tiago, o Justo, sendo estes últimos possivelmente a mesma pessoa: Tiago, menor; Tiago, o justo; e Tiago, irmão do Senhor. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Carlos II de Nápoles, o Coxo** (1254-1309): conde de Provença, Forcalquier, de Anjou e do Maine, duque da Apúlia, Príncipe

Nápoles e Duque da Provença. Era grande devoto de Maria Madalena, sendo que uma lenda alega ter ele descoberto restos mortais dela em Saint-Maximin, na Provença. Em consequência, ele ali fundou uma nova basílica em sua honra, determinando que a Ordem Dominicana assumiria a respectiva custódia. Isso explica por que Maria Madalena até hoje é conhecida como apóstola da Provença e a veneração dela ser tão forte na região.

IHU On-Line - Qual o papel das ordens mendicantes na construção da figura de Madalena? Como compreender a relação de Madalena com os Dominicanos, de quem é padroeira?

Katherine L. Jansen - Devemos lembrar que na Idade Média sermões eram o veículo de “comunicação de massa”, e as ordens mendicantes eram os pregadores por excelência naquela época. Consequentemente, as suas mensagens sobre o santo eram as mensagens que a maioria das pessoas recebia. Como sua mensagem tratava principalmente da penitência e conversão para a vida cristã, a figura de Maria Madalena que Gregório Magno legou à Igreja se adequava perfeitamente às campanhas de pregação dos frades. Já a devoção dos frades dominicanos à santa cresceu particularmente após terem recebido a custódia da nova basílica de Charles II, dedicada a ela.

IHU On-Line - O que se sabe de Madalena antes de Cristo? Qual terá sido seu destino depois da crucificação de Jesus?

Katherine L. Jansen - Nada sabemos sobre a vida de Maria Madalena antes de Cristo, exceto que ela parece ter vindo de uma família relativamente abastada e que ela era solteira

de Salerno, Cápua, Tarento em 1271; segundo rei angevino de Nápoles e de Jerusalém, da Sicília peninsular, de 1285 a 1309. (Nota da **IHU On-Line**)

ra. Seu status econômico é indicado pelo fato de o Novo Testamento nos dizer que ela e as outras mulheres que seguiam Cristo lhe serviam com seus próprios recursos. Em 2009, escavações em Magdala junto ao mar da Galileia indicam que Magdala era uma localidade importante. Arqueólogos encontraram o que parece ser uma grande cidade, com uma sinagoga do primeiro século, uma de apenas sete naquele período em todo o Israel e a única naquela área. Pode-se especular que ali Maria Madalena, pela primeira vez, ouviu Jesus ensinar. A outra coisa que podemos dizer com alguma certeza é que ela era solteira. Numa época em que sobrenomes ainda não tinham sido regulamentados, as mulheres eram conhecidas mediante referência a seus maridos, daí Maria de Tiago, por exemplo. No caso dela, Maria Madalena era identificada por sua cidade: Magdala.

Quanto ao que aconteceu com ela depois da ascensão de Cristo, nada sabemos, uma vez que nenhum túmulo da época ou evidência textual veio a lume. O melhor que podemos fazer é atentar para Gregório de Tours⁵, escritor do século VI, que nos diz que Maria Madalena teria acompanhado a Virgem Maria e João Evangelista até a Ásia Menor, onde ela morreu e foi sepultada. Até hoje a cidade de Éfeso, na Turquia moderna, preserva uma sepultura da qual se alega ter sido a de Maria Madalena.

IHU On-Line - Os relatos bíblicos dão conta de que é Madalena quem faz o anúncio da ressurreição e que é ela que encoraja Pedro⁶ e os demais. Ainda assim,

5 São Gregório de Tours (538-594): historiador galo-romano e bispo de Tours. É considerado a principal fonte contemporânea da história merovíngia. Seu mais notável trabalho foi seu *Decem Libri Historiarum (Dez Livros de História)*, mais conhecido como *Historia Francorum (História dos Francos)*, um título dado por cronistas posteriores. (Nota da **IHU On-Line**)

6 São Pedro ou São Pedro Apóstolo (século I a.C. – Roma, cerca de 67 d.C.): um

como compreender que a Igreja é erguida a partir de Pedro? Como compreender o que poderia ser chamado de ideologia de gênero medieval a partir da história de Madalena? Como essa ideologia se atualiza na história do Cristianismo e qual suas influências nos dias de hoje?

Katherine L. Jansen - Pelo menos desde o século V, começando com o Papa Leão, o Grande⁷, a Igreja institucional tem apelado para a passagem em Mateus 16,18, quando Jesus diz: “Tu és Pedro, e sobre esta rocha edificarei a minha Igreja”, como evidência de um mandato para a sucessão apostólica do sexo masculino para a autoridade e liderança episcopais. Como se acreditava que Pedro fosse o líder da comunidade romana cristã (e, portanto, “bispo” de Roma), argumentou-se também que Roma fosse a principal sede [ou sé] episcopal do mundo cristão, mesmo que outras sedes no Oriente Médio tivessem direito e *pedigree* mais veneráveis. Este argumento, claro, naturalmente marginaliza o significativo papel de Maria Madalena na história da salvação como “apóstola dos apóstolos”, e concede a Pedro e aos seus sucessores poder e autoridade eclesíásticas. Finalmente, gostaria de dizer que isso encapsula a tensão (muitas vezes não reconhecida) na Igreja em relação aos papéis das mulheres e à autoridade desde o período cristão primitivo até os dias atuais.

IHU On-Line - Em que medida é possível afirmar que a Igreja de hoje, em específico a partir do

dos 12 apóstolos de Jesus Cristo, segundo o Novo Testamento. A igreja católica considera Pedro como o primeiro Bispo de Roma, sendo por isso o primeiro Papa. (Nota da **IHU On-Line**)

7 Papa Leão I (São Leão Magno ou Magno, o Grande): papa de 29 de setembro de 440 até 10 de novembro de 461. É um doutor da Igreja e um dos Padres latinos. É conhecido por ter convencido Átila, o Huno em Roma, em 452, a voltar atrás de sua invasão da Europa Ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

pontificado de Francisco, se move para um resgate da figura de Madalena? E como esse resgate pode contribuir para as discussões do papel da mulher na Igreja hoje?

Katherine L. Jansen - Estou muito contente em ver que o Papa Francisco⁸ elevou o dia em que se festeja Maria Madalena de um dia memorial para um dia festivo em pé de igualdade com os outros apóstolos. Tanto o decreto quanto a carta de acompanhamento da Congregação para o Culto Divino, de 10 de junho, são intitulados “*Apostolorum Apostola*” (“Apóstola dos Apóstolos”), título que não tem sido conferido à santa desde a Idade Média; sua história eu analiso em profundidade no meu livro *The Making of the Magdalen* (Princeton: Princeton University Press, 2000). Por isso, considero extremamente gratificante que Maria Madalena finalmente esteja recebendo o devido reconhecimento, na Igreja moderna, ao menos na liturgia, e espero que minha pesquisa tenha contribuído para isso. Gostaríamos de interpretar isso como um primeiro passo numa discussão voltada para a reabertura de posições de autoridade e poder para mulheres na Igreja Católica Romana. A carta do secretário da Congregação para o Culto Divino sugere essa interpretação: “Está certo que a celebração litúrgica dessa mulher tenha o mesmo nível festivo dado à celebração dos apóstolos no calendário romano geral, destacando a missão especial dessa mulher que é exemplo e modelo para cada mulher na igreja”. ■

8 Papa Francisco (1936): argentino filho de imigrantes italianos, Jorge Mario Bergoglio é o atual chefe de estado do Vaticano e Papa da Igreja Católica, sucedendo ao Papa Bento XVI. É o primeiro papa nascido no continente americano, o primeiro não europeu no papado em mais de 1200 anos e o primeiro jesuíta a assumir o cargo. A edição 465 da revista **IHU On-Line** analisou os dois anos de pontificado de Francisco. Confira em <http://bit.ly/1Xw2tgu>. Leia, ainda, a edição *Amoris Laetitia e a ética do possível. Limites e possibilidades de um documento sobre 'a família', hoje*, disponível em <http://bit.ly/1SseNSe> e a edição *O ECOMENISMO DE LAUDATO SI'*, disponível em <http://bit.ly/1S6Luik>. (Nota da **IHU On-Line**)

A transcendência de Madalena: múltiplas faces no espírito dos tempos

Para Régis Burnet, ao longo da tradição Cristã os sentidos atribuídos à figura de Maria Madalena são diversos, mas acabam evidenciando um ponto, a marca de sua presença feminina

Por João Vitor Santos | Edição Leslie Chaves | Tradução Vanise Dresch

Diferentes perspectivas, intencionalidades e modos de ver a trajetória de Jesus resultaram em um painel multifacetado de interpretações não só sobre os atos desse importante personagem da história da humanidade, mas também acerca das figuras que de algum modo experienciaram diretamente a convivência com Cristo ou se debruçaram no legado deixado por ele. Uma dessas personalidades que fazem parte da construção da narrativa cristã é Maria Madalena, a quem foram atribuídos traços e perfis que ainda continuam em processo de recriação constante, revelando pistas sobre os diferentes tempos e sociedades em que foram idealizados. Entretanto, um ponto é pacífico dentro dessa multiplicidade de conotações: a força da presença dessa mulher, que atravessa as épocas e se mantém vívida.

Conforme nos chama a atenção o filósofo e doutor em Ciências Religiosas Régis Burnet, “a memória de Madalena nunca morreu, como demonstra a moda do uso do seu nome, que a lembra em todas as línguas: Madeleine, Magdeleine, Maddalena, Magdalen etc.”. Na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o professor e pesquisador alerta que “mesmo que nossa modernidade tenha a impressão de que “faltam mulheres” no Novo Testamento, constatamos que Jesus dá a elas um lugar que não possuíam nos outros con-

textos religiosos (seja nos textos do paganismo, seja nos do judaísmo, por exemplo)”.

Para Burnet, independente das interpretações que se possa fazer acerca de Madalena, se sobressai a importância da figura feminina, apesar dos obstáculos e tentativas de apagamento. Bergoglio, ao resgatar a memória dessa personagem bíblica, atualiza esse debate na sociedade e no clero. “O gesto do Papa me parece ser uma maneira, talvez, de reconhecer o lugar surpreendente (para a época) que as mulheres ocupavam junto de Jesus, mas, sobretudo, um apelo a um maior reconhecimento delas na Igreja de hoje”, frisa.

Régis Burnet é graduado em Filosofia pela Universidade Pierre Mendes-France e doutor em Ciências Religiosas pela École Pratique des Hautes Études, em Paris. É especializado em história do cristianismo e atualmente é professor de Novo Testamento na Universidade Católica de Louvain, Bélgica. Entre suas publicações mais importantes destacam-se *Paroles de la Bible* (Paris: Seuil, 2011), *L'Évangile de la trahison, une biographie de Judas* (Paris: Seuil, 2008), *Marie-Madeleine. De la pécheresse repentie à l'épouse de Jésus* (Paris: Cerf, 2008) (2ª edição) e *Le Nouveau Testament (Que Sais-Je?)* (Paris: PUF, 2004).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Com base nos relatos evangélicos, quem é Maria Madalena? Quais as semelhanças e distinções nas representações feitas pelos três Evangelhos sinóticos e por João?

Régis Burnet - Em primeiro lugar, é importante compreender que certos traços que atribuímos a Maria Madalena pertencem, na verdade, a vários personagens dos Evangelhos. O fato de ela ser uma

pecadora perdoada provém do episódio da ceia na casa de Simão, o Fariseu, presente somente em Lucas¹. Da mesma maneira, o fato de

¹ A passagem referida pelo autor está em Lucas 7:37.(Nota da **IHU On-Line**)

ela ser irmã de Marta e de Maria provém de uma analogia com Maria de Betânia² (que é, de fato, a irmã de Marta e Lázaro). Essa confusão pode ter ocorrido porque as duas têm o mesmo nome (Maria), mas também por causa do seu gesto (uma unção com óleo perfumado durante a ceia). Porém, nada indica que Maria possa ter sido uma pecadora e que possa ter espalhado seu perfume fora de casa.

Maria de Magdala aparece, de fato, muito pouco. Está presente em Lucas, entre as mulheres que seguem Jesus, e nos Evangelhos Sinóticos³, na crucificação, no sepultamento e, é claro, na aparição do Ressuscitado, junto ao túmulo.

IHU On-Line - O que se sabe de Madalena antes do encontro com Cristo? Como compreender a história de possessão pelos sete demônios? E qual terá sido seu destino depois da crucificação?

Régis Burnet - Realmente não se sabe muita coisa! Podemos apenas supor que ela era originária da cidade de Magdala, um povoado muito próspero, à beira do lago Tiberíades, graças à pesca e à salga de peixes. As escavações arqueológicas revelaram verdadeiras pequenas fábricas pesqueiras. Além disso, Maria faz parte de um círculo de mulheres bastante ricas que ajudavam o grupo dos discípulos com seu dinheiro.

A menção feita por Lucas à possessão pelos sete demônios⁴ nos

2 A passagem a respeito de Maria, irmã de Marta e Lázaro está em João 12 e Marcos 14, 2-11; e a passagem sobre a mulher que unge os pés de Jesus com nardo está em Lucas 7. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Evangelhos Sinóticos** (português europeu) ou **Evangelhos Sinóticos** (português brasileiro): é um termo que designa os Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas por conterem uma grande quantidade de histórias em comum, na mesma sequência, e algumas vezes, utilizando exatamente a mesma estrutura de palavras. Tal grau de paralelismo relativo ao conteúdo, narrativa, linguagem e estruturas das frases, somente pode ocorrer em uma literatura interdependente. Muitos estudiosos acreditam que esses evangelhos compartilham o mesmo ponto de vista e são claramente ligados entre si. (Nota da **IHU On-Line**)

4 A passagem referida pelo autor está em Lucas 8:2. (Nota da **IHU On-Line**)

depara com a questão, difícil para a modernidade, da interpretação da presença dos demônios na Bíblia. De fato, nossa época científica tem dificuldade de acreditar nos casos de possessão pelos demônios e na demonologia. Para propor uma explicação, podemos destacar que, na Antiguidade, a presença de demônios não está associada ao que chamaríamos de "possessão", no sentido de invasão de um indivíduo pelo princípio do mal, e sim a enfermidades. De fato, doenças mentais (esquizofrenia, depressão, melancolia etc.) ou físicas (paralisias, epilepsia) foram muitas vezes associadas aos demônios. Não saberíamos dizer mais do que isso.

Também não se sabe muito mais sobre o fim da vida de Maria de Magdala, depois da Ressurreição. Na verdade, a viagem para a França pertence à lenda tardia, uma vez que isso não é mencionado nos textos antes do século XII.

IHU On-Line - Qual era o papel de Madalena no movimento de Jesus? O que ela representava ao grupo?

Régis Burnet - É muito difícil responder a essa pergunta. Aparentemente, como dissemos, ela era uma das mulheres afortunadas que ajudavam Jesus com seu dinheiro. De certa forma, eram as "meceiras" do grupo. O episódio da aparição no jardim⁵ leva à compreensão de que ela era próxima de Jesus, o que parecem confirmar os textos apócrifos⁶. Mas trata-se de escritos tardios e muitas vezes polêmicos contra os apóstolos masculinos.

5 O entrevistado refere-se ao instante em que Maria Madalena tem um encontro com Cristo ressurreto. A passagem é narrada em Mateus 28, Lucas 24 e João 20. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Apócrifos do Novo Testamento**: também conhecidos como "evangelhos apócrifos", são uma coletânea de textos, alguns dos quais anônimos, escritos nos primeiros séculos do cristianismo, votados no Primeiro Concílio de Niceia, não reconhecidos pelo cristianismo ortodoxo e que, por isso, não foram incluídos no Cânone do Novo Testamento. Não existe um consenso entre todos os ramos da fé cristã sobre o que deveria ser considerado canônico e o que deveria ser apócrifo. (Nota da **IHU On-Line**)

Quanto a uma possível história de amor entre ela e Jesus, as especulações não remontam a um período anterior ao século XIX e são muito hipotéticas.

IHU On-Line - Como compreender a figura de Maria Madalena no contexto histórico da época? E como interpretar a construção que se faz dela "de pecadora arrependida a esposa de Jesus"?

Régis Burnet - É muito difícil avaliar o lugar exato que a mulher ocupava na sociedade antiga. Na verdade, precisamos entender que não existe uma única cultura na Antiguidade, mas um número muito grande de realidades radicalmente diversas. Os papiros do Egito nos mostram ricas negociantes que administram com mãos hábeis os negócios de seus falecidos maridos; historiadores cultavam a lembrança de imperatrizes ou mulheres da corte poderosas; os romanos nos mostram como as moças podiam exercer poder sobre o coração dos jovens; as mulheres dos comerciantes de Palmira também eram representadas em seus túmulos, como seus maridos. Mas como saber de que modo viviam as camponesas do delta do Nilo, as gaulesas de Narbonne ou as judias das margens do Tiberíades? Não sabemos.

No século II, Hipólito de Roma⁷ não hesita em glorificar Maria de Magdala e reler o episódio da manhã de Páscoa à luz do Cântico dos Cânticos⁸ e do relato do Gênesis⁹. Buscando o

7 **Hipólito de Roma** (160-235 d. C.): grande teólogo romano, presbítero e defensor extremado da fé católica. Fez oposição acirrada ao papa Zefirino, que na sua opinião, não estava suficientemente preparado para detectar e denunciar as heresias que atentavam contra a Igreja de Roma. Hoje é venerado como santo. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Cântico dos cânticos** ou Cântico de Salomão: Livro do Antigo Testamento, posterior ao Eclesiastes e anterior ao livro da Sabedoria, na Bíblia católica e, na Bíblia protestante, antes de Isaías. No judaísmo, é um dos cinco rolos da última seção do Tanakh, conhecida como Ketuvim ("Escritos"). (Nota do **IHU On-Line**)

9 **Gênesis** (português brasileiro) ou **Génesis** (português europeu) (do grego Γένεσις, "origem", "nascimento", "criação"): é o primeiro livro tanto da Bíblia Hebraica como da Bíblia cristã, antecede o Livro do Êxodo. Faz parte

bem-amado, ela nada mais é que a nova Eva em um novo jardim. Isso abre um grande espaço para Maria, mas seria em nome de uma revalorização da feminilidade ou seria mais o gosto por uma leitura simbólica dos textos bíblicos?

Quando Gregório Magno¹⁰ (ou Gregório, o Grande) combina as três figuras a que nos referimos (Maria de Magdala, Maria de Betânia e a Pecadora), na virada do século VI, não é tanto por se tratar de mulheres. O que interessa ao Papa é a construção de uma figura de perdão naquele momento em que a Igreja está dilacerada por divisões. A pecadora é a melhor amiga de Jesus: que imagem de perdão poderia ser mais bela para propor aos fiéis?

IHU On-Line - Quem são as mulheres da vida de Jesus e qual o papel de cada uma na vida de Cristo e nos primórdios do cristianismo?

Régis Burnet - Mesmo que nossa modernidade tenha a impressão de que “faltam mulheres” no Novo Testamento, constatamos que Jesus dá a elas um lugar que não possuíam nos outros contextos religiosos (seja nos textos do paganismo ou do judaísmo, por exemplo).

Primeiramente, há o círculo íntimo, da família ou dos amigos. Encontramos ali, é claro, sua mãe, que parece tê-lo acompanhado durante uma parte de sua vida (pelo menos, na última Páscoa em Jeru-

do Pentateuco e da Torá, os cinco primeiros livros bíblicos. Gênesis é o nome dado pela Septuaginta ao primeiro destes livros, ao passo que seu título hebraico Bereshit (“No princípio”) é tirado da primeira palavra de sua sentença inicial. Narra uma visão mitológica desde a criação do mundo na perspectiva hebraica, genealogias dos Patriarcas bíblicos, até à fixação deste povo no Egito através da história de José. A tradição judaico-cristã atribui a autoria do texto a Moisés enquanto a crítica literária moderna prefere descrevê-lo como compilado de texto de diversas mãos. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **São Gregório I**, OSB (540-604): papa de 03-09-590 até a data da sua morte. Era monge beneditino, e um dos Doutores da Igreja. Foi chamado pelo povo de Magno, ou Gregório, o Grande sendo celebrado como santo pela Igreja Católica. (Nota da **IHU On-Line**)

salem¹¹). Há também as mulheres de sua família: as “Santas Mulheres” parecem, de fato, ser suas tias ou primas. A esse círculo íntimo, podemos acrescentar as mulheres amigas, como as da família de Lázaro, Marta e Maria, cuja casa servia de etapa no caminho para Jerusalém.

Além disso, há o círculo de mulheres que o acompanhavam e lhe prestavam assistência com suas doações pecuniárias: não só Maria de Magdala, mas também Joana, mulher de Cuza¹². Elas parecem ter o papel de se encarregarem da intenção, o que teria feito com que a existência do movimento de Jesus fosse possível graças às mulheres.

E depois, todas aquelas mulheres encontradas pelo caminho que Jesus tratou como iguais, contrariando os costumes - isso é reconhecido pelos textos em vários momentos: mulheres pecadoras com as quais ele aceita falar; mulheres enfermas consideradas impuras em quem aceita tocar para curá-las etc.

IHU On-Line - Como avalia a construção feita à figura de Madalena pela Igreja ao longo da história, tendo sempre muito forte a imagem da pecadora arrependida, mas também de apóstola dos apóstolos?

Régis Burnet - A história da figura de Madalena passou por muitas metamorfoses e nem sempre foi aquela de uma “mulher forte”. Certamente, no final da Antiguidade, a Madalena que triunfa é a mais heroica. Assimilada a ilustres “prostitutas convertidas”, como Maria, a Egípcia, a tendência foi torná-la uma asceta um pouco sobre-humana, alimentando-se de tâmaras no deserto. Encontra-se essa representação durante os séculos XII e XIII, na Maria Madalena venerada em Vézelay, França. Na verdade, era a Madalena dos príncipes, dos papas, dos cruzados.

11 A passagem referida pelo autor está em João 13:1. (Nota da **IHU On-Line**)

12 A informação referida pelo autor está em Lucas 8:3. (Nota da **IHU On-Line**)

Mas é bem diferente a santa muito mais popular da [gruta de] Sainte-Baume. Na coletânea dos milagres¹³ compilada por um dos priores da Sainte-Baume, Jean Gobi l’Ancien¹⁴, descobrimos que são as mulheres solteiras que recorrem a ela, miseráveis a quem a santa alivia da gravidez difícil, camponesas cujos filhos ela cura... Maria Madalena torna-se uma figura protetora, um recurso para os casos desesperados, muito mais próxima do povo do que a austera penitente.

Em outras épocas, encontramos uma figura muito mais opressiva. Madalena serviu de “padroeira” para uma série de instituições encarregadas de cuidar de mães solteiras e que costumavam se transformar em prisões. O filme *Magdalen sisters* ilustra essa prática ainda na metade do século XX.

IHU On-Line - Em que medida a “história da construção da figura” de Madalena se atualiza em outras mulheres da Igreja?

Régis Burnet - Nenhuma mulher teve tantas figuras e representações na história da Igreja; por isso, Madalena serviu de modelo para muitas mulheres. Muitas religiosas imitaram a pecadora convertida que terminou sua vida no silêncio e na austeridade de um deserto. Madalena também assumiu traços que encontramos atualmente na piedade mariana, sobretudo em seu papel materno e de assistência aos mais pobres.

IHU On-Line - Judas é tido como o apóstolo traidor, e Pedro, o que negou Cristo. No entanto, a tradição cristã parece minimizar essa face desses apóstolos, enquanto Madalena segue sempre com a

13 *Miracles de Sainte Marie Madeleine* (Paris: CNRS éditions, 2009). (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Jean Gobi l’Ancien** (1304-1328): frei dominicano, professor de teologia, autor do livro “Milagres de Santa Maria Madalena”, obra encomendada pelo rei Charles II da Sicília. Escrito no primeiro trimestre do século XIV, o livro é uma testemunha essencial sobre a espiritualidade dos primeiros peregrinos e sobre as doenças encontradas na época. (Nota da **IHU On-Line**)

imagem da pecadora voluptuosa, envolta em malícias e mistérios. Por que isso ocorre? Como compreender a questão de fundo dessa perspectiva?

Régis Burnet - O que você descreve é uma tendência geral da história da humanidade. De fato, ao longo da história, constatamos que os grandes personagens costumam ser simplificados para se tornarem heróis resumidos em um único traço. Isso funciona tanto para personagens literários quanto para personagens históricos.

No mundo grego, Aquiles era a imagem da força guerreira, com toda a sua grandeza e todos os seus excessos; Ulisses era a astúcia e a sagacidade. Os historiadores gregos e romanos não ficaram atrás quando “construíram” a figura de Alexandre, o Grande, como o jovem herói fundador de uma civilização, ou de Nero como imperador cruel. E nós, modernos, não escapamos dessa propensão. Não tendemos a fazer de Martin Luther King¹⁵ ou de Gandhi¹⁶ os heróis da paz e da não violência, deixando de lado o caráter profundamente político do combate deles? Não tendemos a fazer de Simón Bolívar¹⁷ a própria

15 **Martin Luther King** (1929-1968): pastor e ativista político estadunidense. Pertencente à Igreja Batista, tornou-se um dos mais importantes líderes do ativismo pelos direitos civis (para negros e mulheres, principalmente) nos Estados Unidos e no mundo, através de uma campanha de não-violência e de amor para com o próximo. É a pessoa mais jovem a receber o Prêmio Nobel da Paz, o que ocorreu em 1964, pouco antes de seu assassinato. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Mahatma Gandhi** (1869-1948): líder pacifista indiano um dos idealizadores e fundadores do moderno estado indiano e um influente defensor do Satyagraha (princípio da não-agressão, forma não-violenta de protesto) como um meio de revolução. O princípio do satyagraha, freqüentemente traduzido como “o caminho da verdade” ou “a busca da verdade”, também inspirou gerações de ativistas democráticos e anti-racistas, incluindo Martin Luther King e Nelson Mandela. Frequentemente Gandhi afirmava a simplicidade de seus valores, derivados da crença tradicional hindu: verdade (satya) e não-violência (ahimsa). (Nota da **IHU On-Line**)

17 **Simón Bolívar** (Simón José Antonio de la Santísima Trinidad Bolívar y Palacios Ponte-Andrade y Blanco) (1783 - 1830): foi um militar liberal e líder político venezuelano, sendo o primeiro a apoiar na prática a descolonização. Junto a José de San Martín,

figura do *libertador*, sem vermos os lados eminentemente parciais e problemáticos dessa “libertação”? A ver em Hitler¹⁸ a encarnação do mal absoluto, a ponto de subestimarmos todo o sistema administrativo e político que permitiu sua ação?

IHU On-Line - Quais as semelhanças e distinções nas experiências de Paulo e Madalena no exercício da evangelização? Como compreender o papel de cada um no cristianismo primitivo e nos dias de hoje?

Régis Burnet - As duas experiências não têm absolutamente nada a ver uma com a outra! Na verdade, a experiência evangelizadora de Paulo é perfeitamente histórica e bem conhecida pelos escritos do próprio Apóstolo, que

foi uma das peças chave nas guerras de independência da América Espanhola do Império Espanhol. Após o triunfo da Monarquia Espanhola, Bolívar participou da fundação da primeira união de nações independentes na América Latina, nomeada Grã-Colômbia, da qual foi Presidente de 1819 a 1830. Simón Bolívar é considerado por alguns países da América Latina como um herói, visionário, revolucionário, e libertador. Durante seu curto tempo de vida, liderou a Bolívia, a Colômbia, Equador, Panamá, Peru e Venezuela à independência, e ajudou a lançar bases ideológicas democráticas na maioria da América Hispânica. Por essa razão, é referido por alguns historiadores como “George Washington da América do Sul”. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Adolf Hitler** (1889-1945): ditador austríaco. O termo Führer foi o título adotado por Hitler para designar o chefe máximo do Reich e do Partido Nazista. O nome significa o chefe máximo de todas as organizações militares e políticas alemãs, e quer dizer “condutor”, “guia” ou “líder”. Suas teses racistas e antisemitas, bem como seus objetivos para a Alemanha, ficaram patentes no seu livro de 1924, *Mein Kampf* (Minha Luta). No período da ditadura de Hitler, os judeus e outros grupos minoritários considerados “indesejados”, como ciganos e negros, foram perseguidos e exterminados no que se convencionou chamar de Holocausto. Cometeu o suicídio no seu Quartel-General (o Führerbunker) em Berlim, com o Exército Soviético a poucos quarteirões de distância. A edição 145 da **IHU On-Line**, de 13-06-2005, comentou na editoria Filme da Semana, o filme dirigido por Oliver Hirschbiegel, *A Queda* - as últimas horas de Hitler, disponível em <http://bit.ly/ihuon145>. A edição 265, intitulada *Nazismo: a legitimação da irracionalidade e da barbárie*, de 21-07-2008, trata dos 75 anos de ascensão de Hitler ao poder, disponível em <http://bit.ly/ihuon265>. (Nota da **IHU On-Line**)

a descreve ao longo de suas cartas. Em compensação, a evangelização da Provença (região do sul da França) por Maria Madalena é linda, uma linda até mesmo tardia, uma vez que o relato de sua atividade remonta ao século XIII. Aliás, essa lenda mistura elementos estereotipados da vida de santos (a conversão de reis e rainhas, a fundação de bispados) com narrativas claramente mais fantasiosas (como o combate de sua irmã, Marta, com a tarasca¹⁹, uma espécie de dragão). Portanto, não podemos comparar.

IHU On-Line - Em que medida é possível afirmar que a Igreja hoje faz um resgate à memória de Madalena? Como compreender a ação do Papa Francisco ao elevar à festa o dia dedicado a ela na liturgia católica? (seria a abertura de espaços para a mulher de hoje? Ou é mais um reconhecimento histórico, o papel dessa mulher no seu contexto?)

Régis Burnet - Penso que a memória de Madalena nunca morreu, como demonstra a moda do uso do seu nome, que a lembra em todas as línguas: Madeleine, Magdeleine, Maddalena, Magdalen etc. Na França, os locais de culto de Vezelay e Sainte-Baume continuam sendo muito frequentados. O gesto do Papa me parece ser uma maneira, talvez, de reconhecer o lugar surpreendente (para a época) que as mulheres ocupavam junto de Jesus, mas, sobretudo, um apelo a um maior reconhecimento delas na Igreja de hoje. Esse gesto muito contemporâneo é feito com fidelidade à tradição. De fato, ao propor o título de *apóstola dos apóstolos*, Francisco resgata uma maneira antigüíssima de designá-la, uma vez que remonta a Hipólito de Roma, de quem falamos. E o título *apostola apostolorum* está presente nas mais antigas liturgias dedicadas à Santa. ■

19 **Tarasca**: Animal lendário monstruoso que se dizia habitar às margens do rio Ródano, na França. (Nota do entrevistado)

A Magdala de Maria

Marcela Zapata-Meza trabalha nas escavações em Magdala, cidade em que Jesus teria encontrado Madalena. O objetivo é saber mais sobre o povo que conheceu e seguia o Cristo

Por João Vitor Santos | Tradução Moisés Sbardelotto

Pela tradição, que se constitui a partir das interpretações dos textos bíblicos, essencialmente os evangélicos, Jesus seguia pela Galileia quando encontrou uma mulher. Ela, chamada Maria, sofria de muitos males. Cristo a salva dos males, libertando-a de sete demônios. Extasiada pela mística de Jesus, passa a segui-lo e, mais tarde, se torna a anunciadora do Cristo Ressurreto. Entre os cristãos primitivos, passa a ser chamada Maria de Magdala, ou Maria da cidade de Magdala (em aramaico). Mas que cidade era essa? E o que pode revelar dessa mulher? Questões como essas norteiam as pesquisas que são feitas hoje nesse local. “A arqueologia é muito importante para uma maior compreensão das terras da Bíblia, para cotejar as fontes escritas com a evidência e ser muito objetivos na hora de expor os resultados”, destaca Marcela Zapata-Meza, pesquisadora que atua no sítio arqueológico onde se imagina ser a cidade de Maria Madalena.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Marcela reconhece que pouco se tem revelado sobre essa figura. “Não há nenhuma evidência de fato que nos refira à pessoa

de Maria Madalena arqueologicamente, mas, por analogia, podemos dizer que era uma mulher judia, observante das suas leis e tradições”, explica. No entanto, a pesquisadora reforça a importância das recentes descobertas, pois revelam muito da sociedade da época e que permite que, a partir daí, se infira acerca dos primeiros cristãos. “Podemos falar do quarto de banho de purificação ritual descoberto em 2015. Essa descoberta nos leva a compreender que essa sociedade dava um valor agregado à água como fonte de vida”, exemplifica, destacando a principal característica de Magdala.

Marcela Zapata-Meza é arqueóloga da Universidade Anáhuac do México, especializada em arqueologia bíblica e egiptologia, com mestrado em Filosofia, especialização em Filosofia e Fenomenologia das Religiões, Pluralismo Religioso. Ela vem trabalhando nas escavações do sítio arqueológico de Magdala, em Isarel¹. Entre suas publicações, destaca-se *Las religiones del mundo: historia, filosofía y credo* (México: Hermanos Porrúa & Universidad Anáhuac del Sur, 2005).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que as pesquisas arqueológicas revelam sobre quem foi Maria Madalena? Quais suas origens e o que se sabe sobre a sua vida antes de conhecer Cristo?

Marcela Zapata-Meza - As escavações que a Universidade Anáhuac do México realizou em

colaboração com a Autoridade de Antiguidades de Israel e a Universidade Nacional Autônoma do México - UNAM desde 2010 revelaram dados muito importantes e interessantes sobre a vida cotidiana da população da antiga *Taricheae* (Magdala) durante a sua ocupação no século I. Hoje, sabemos que era um povoado portuário com atividades relacionadas com a pesca, a salga do pescado e sua conserva-

ção, além de atividades comuns, como a preparação, moagem e armazenamento de diversos alimentos. Não há nenhuma evidência de fato que nos refira à pessoa de Maria Madalena arqueologicamente, mas, por analogia, podemos dizer que era uma mulher judia, observante das suas leis e tradições, que deve ter realizado atividades comuns às mulheres daquele tempo, nada fora do normal.

¹ Conheça mais sobre o sítio arqueológico e os trabalhos realizados pelo Magdala Center em Israel através do site magdala.org. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Quais são as descobertas mais recentes no sítio arqueológico de Magdala e o que revelam sobre Madalena e os cristãos primitivos?

Marcela Zapata-Meza - Essa informação não nos revela nada sobre Maria Madalena, nem sobre os primeiros cristãos. No entanto, podemos falar do quarto de banho de purificação ritual descoberto em 2015. Essa descoberta nos leva a compreender que essa sociedade dava um valor agregado à água como fonte de vida. A água que alimenta os banhos de purificação rituais é de origem subterrânea (mananciais). Essa característica torna Magdala um lugar único e especial em termos de pureza física e espiritual.

IHU On-Line - O que é possível inferir sobre o papel da mulher na sociedade da época? E em que medida, com base nessas evidências, é possível considerar que Madalena subvertia o lugar tradicional da mulher da época?

Marcela Zapata-Meza - O papel da mulher no século I era de ser protetora da família (como continua sendo nos nossos dias). A mulher não tinha um papel nas questões de religião nem de política. Portanto, as mulheres de Magdala deveriam ter mantido a união familiar, sendo os pilares da casa. Eu não acho que Maria Madalena mudou esse papel durante o século I, no entanto, depois de ser libertada de sete demônios, algo muda na sua vida, que a faz seguir Jesus e se converter na apóstola dos apóstolos. O seu exemplo teve um impacto positivo sobre a visão e o papel das mulheres ao longo do tempo.

IHU On-Line - Quais as características do local onde se encontra o sítio de Magdala?

Marcela Zapata-Meza - O assentamento contemporâneo de Migdal está ao lado de um penhasco e é um lugar que se ocupa com a finalidade das casas de verão ou de fim de semana para aqueles que vivem em cidades grandes como Jerusalém e que buscam escapar para um lugar tranquilo como é a Galileia. Ela fica a cinco quilômetros da cidade de Tiberíades. Entre Tiberíades e Migdal, a cada dia, estabelecem-se mais comunidades tanto de judeus quanto de árabes.

IHU On-Line - Que relatos e evidências se têm sobre o destino de Maria Madalena depois da crucificação?

Marcela Zapata Meza - De acordo com os Evangelhos, ela é a testemunha da crucificação e a primeira testemunha da ressurreição de Jesus. Também foi ela quem levou a notícia aos demais apóstolos. Certamente, ela voltou para a Galileia junto com os seus discípulos e a sua mãe, como Jesus lhes disse. Até agora, não há nenhuma fonte verídica que nos dê dados sobre a vida de Maria Madalena depois de Pentecostes, mas seguramente ela assumiu um papel de apóstola pregando a boa nova.

IHU On-Line - Poderia detalhar o que é e como se realiza o trabalho de arqueologia bíblica?

Marcela Zapata-Meza - A arqueologia é uma ciência social, cujo objeto de estudo é o homem que nos deixou evidências da sua vida ao longo da história. O arqueólogo trabalha com objetos que muitas vezes correspondem a lixo, somado com um trabalho multidisciplinar (muitas disciplinas que, a partir do seu campo de estudo, fornecem dados que o arqueólogo põe em conjunto para uma interpretação mais precisa do passado

do homem). A arqueologia bíblica é um campo da arqueologia ou uma especialização, como seria a egiptologia, os especialistas em cultura maia ou inca etc. Isto é, o objetivo é o mesmo, mas as metodologias de trabalho variam, dependendo das escolas de arqueologia e dos contextos com os quais se esteja defrontando.

IHU On-Line - Como entende o papel da arqueologia para o aprofundamento dos estudos bíblicos?

Marcela Zapata-Meza - A arqueologia é muito importante para uma maior compreensão das terras da Bíblia, para cotejar as fontes escritas com a evidência e ser muito objetivos na hora de expor os resultados. A fé não deve interferir nas investigações. A ciência e a fé se complementam, mas nem tudo em que se acredita terá uma comprovação arqueológica. O homem só pode compreender de Deus e dos mistérios da religião aquilo que, com a sua razão, conseguir conhecer. A arqueologia não deve se ver permeada por nenhum credo, para que a interpretação seja veraz e confiável perante todos os públicos.

IHU On-Line - A partir da perspectiva arqueológica, o que é possível inferir sobre a figura de Jesus Cristo? Em que medida as perspectivas bíblicas contribuem para esse trabalho arqueológico?

Marcela Zapata-Meza - Elas nos oferecem um panorama da vida, dos costumes, das tradições, das relações comerciais e sociais da época em que Jesus viveu. Esse panorama nos permite localizar Jesus no contexto histórico e entender mais a sua vida, os seus seguidores e os habitantes durante o primeiro século. ■

LEIA MAIS...

— *A cidade de Maria Madalena como era nos tempos de Jesus*. Reportagem publicada por Vatican Insider, em 11-06-2014, e reproduzida nas *Notícias do Dia*, de 12-07-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/29WxNJj>.

O mosaico das “Madalenas”

Wilma Steagall De Tommaso olha para Madalena das artes, um ícone que tem uma face revelada para cada tempo, em movimentos que a transformam em muitas

Por João Vitor Santos

Há historiadores que buscam a compreensão de um tempo através do que foi produzido nele. É dentro dessa perspectiva que a arte revela. Numa rápida e despreziosa pesquisa na Internet por “representações artísticas de Maria Madalena”, se passa facilmente de 85 mil ocorrências. São rostos e mais rostos de uma personagem envolta em muitas dúvidas sobre quem de fato foi essa mulher. Para Wilma Steagall De Tommaso, professora no Museu de Arte Sacra de São Paulo, o fascinante reside aí. É pensar o que esse mosaico diz da personagem sobre cada tempo em que foi representada. “Cada período da era cristã criou uma Madalena que satisfizesse suas necessidades e anseios, e assim Maria Madalena vem sendo submetida até nossos dias a uma plástica cultural”, destaca, lembrando que cada nuance dessas teve seu papel na preservação da memória dessa mulher pelos tempos.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, a professora faz um passeio pela história da arte sacra ancorada nas formas como Madalena é lida e constituída. As versões começam na Idade Média, quando “era retratada na arte como uma mulher da nobreza”, cuja “vida era uma lição de arrependimento e esperança”. No período da Reforma se tem o primeiro revés, e ela passa a ser “a penitente”. “O papel de Maria Madalena como exemplo de pe-

nitência e intercessora tornou-se uma arma essencial de propaganda contra os princípios luteranos e defesa da doutrina tridentina do mérito”, explica Wilma.

Confessando-se uma apaixonada pela discípula, a professora segue seu passeio pelas concepções pós-Concílio de Trento. “Talvez não seja exagero sugerir que Maria Madalena ressurgiu das deliberações do Concílio de Trento como um símbolo da Igreja triunfante e da verdadeira fé”, arrisca-se. “Temos de reconhecer que a beleza interior de Madalena brilha por meio de todas as acusações, leituras equivocadas e lama lançadas contra ela”, completa, ao analisar a Madalena que atravessa o Concílio vaticano II e chega ao século XX, banhada pelo cinema.

Wilma Steagall De Tommaso é doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, professora no Museu de Arte Sacra de São Paulo - MAS-SP. Integra o grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em Mística e Santidade - NEMES, da PUC-SP. Entre suas publicações sobre o tema, destacamos *Maria Madalena nos textos apócrifos e nas seitas gnósticas* (Caderno de Pesquisa, v. 1, p. 74-94, 2006) e *Maria Madalena até a arte contemporânea* (Ciberteologia Revista de Teologia & Cultura. São Paulo: Paulinas, 2009. v. 2. p. 87-103).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Para a senhora, quem foi Maria Madalena e qual sua importância para o cristianismo?

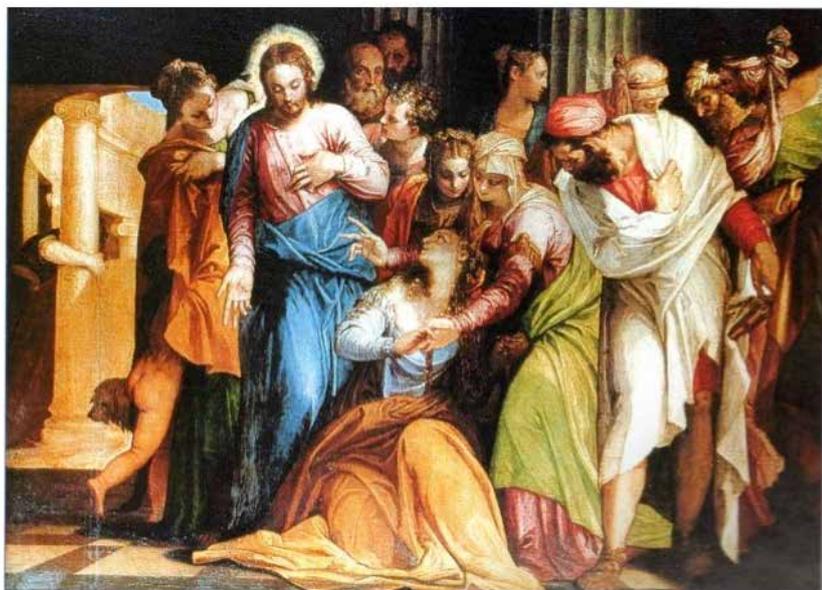
Wilma Steagall De Tommaso - Maria Madalena é na verdade Maria de Magdala. Maria é seu nome e Magdala, cidade da Galileia, pró-

xima a Nazaré, onde ela nasceu. Ela foi uma discípula de Jesus, de quem Ele expulsou sete demônios. Nesse momento aconteceu uma *metanoia*, uma completa conversão, e após esse fato divisor de águas, nunca Maria Madalena abandonaria seu Mestre.

O mais importante é que Maria Madalena é a prova de que, mais que uma doutrina, o cristianismo é um encontro, uma experiência pessoal. Um encontro com o Amor, única possibilidade para poder mudar radicalmente a vida, dando-lhe sentido. Maria Madalena é o exem-

plo desse encontro. Além de ser, sobretudo, a testemunha-chave da Ressurreição, maior evento do cristianismo.

Cada membro da Igreja que caminha para a busca da transcendência deveria se identificar com Maria Madalena, a pecadora que muito amou. Ter sido uma pecadora fez Maria Madalena muito humana, seu exemplo se torna para o cristão a esperança da salvação apesar das fraquezas, dos pecados e da culpa inerente à humanidade.



Paolo Veronese, vers 1550-1560. *Conversion de Marie Madeleine*. National Gallery, Londres.

IHU On-Line - Quais os relatos mais antigos de Madalena que destacaria? Como é retratada nesses registros?

Wilma Steagall De Tommaso - Os documentos mais antigos são os Evangelhos canônicos, onde Maria Madalena é a mulher mais citada, porém a pesquisa sobre Maria Madalena nos Evangelhos Canônicos leva à frustração pelo escasso número de dados que revelam sobre a identidade desta mulher. Ela também não é citada nos Atos dos Apóstolos, nas Epístolas, nem no Apocalipse de João, mesmo tendo sido citada 14 vezes nos Evangelhos.

Penso que é importante frisar o que está escrito nos Evangelhos sobre Maria Madalena: em uma leitura atenta podemos saber pelo Novo

Testamento que Jesus expulsou de Maria Madalena sete demônios. Depois deste episódio que está no evangelho de Lucas, o evangelista também relata que Madalena seguiu e serviu a Jesus, junto a outras mulheres, com seus próprios recursos. Esta é uma importante informação, pois o fato de as mulheres disporem de seus recursos tem um significado de peso. Elas não faziam parte do grupo que seguia Jesus para realizarem tarefas como cozinhar, cuidar das roupas e

outros serviços domésticos. As mulheres seguiam Jesus porque eram também discípulas. Sobre isso, Mateus conta que essas mulheres estiveram com Jesus desde o tempo em que Ele pregou na Galileia até quando Jesus foi a Jerusalém no final de seu ministério.

A cena da ressurreição

Quando Jesus foi levado para ser crucificado, Marcos e Mateus contam que Madalena e outras mulheres o seguiam de longe. Quando Jesus foi sepultado, Marcos escreveu que Madalena estava entre as mulheres que observaram onde o corpo foi sepultado. No amanhecer do primeiro dia da semana, Mateus e Marcos falam que Madalena e outras duas mulheres foram embalsa-

mar o corpo de Jesus. Ao encontrar o sepulcro aberto, ela foi correndo avisar Pedro e João, segundo o evangelista João.

Um anjo próximo ao sepulcro aberto anuncia à Madalena e às outras mulheres que Jesus havia ressuscitado, segundo Mateus. Lucas ainda acrescenta que depois do anúncio do anjo Madalena vai dar a boa nova aos discípulos. Marcos e João a privilegiam como primeira testemunha da Ressurreição. São estes os episódios que podem ser lidos nos Evangelhos Canônicos sobre Maria Madalena.

Depois da ressurreição, o desaparecimento

Com o *Noli me Tangere*¹, João Evangelista concluiu de forma bela e poética a participação de Madalena nos Evangelhos. No entanto, as histórias sobre a vida dessa Maria proliferaram no imaginário do povo cristão. Inconformismo com a ausência? As muitas versões sobre o seu paradeiro após a Ressurreição trouxeram muitas histórias sobre ela.

O que não está nos Evangelhos

Não há nos Evangelhos nenhuma referência a que Madalena tenha sido uma mulher pecadora ou uma mulher adúltera. O texto em que Lucas conta sobre a mulher que lavou os pés de Jesus com suas lágrimas, secou com seus cabelos e os ungiu com perfume é conhecido como a história da pecadora anônima. O interessante é que este texto está no capítulo 7 do Evangelho de Lucas e, quando Lucas refere-se à Madalena sobre a expulsão dos sete demônios, está no capítulo 8. Foi esta proximidade de textos uma das alternativas que pode explicar como as duas mulheres se tornaram homônimas. A mulher

¹ *Noli me tangere*, que significa "não me toques", é a versão em latim das palavras ditas por Jesus a Maria Madalena quando ela o reconhece após a sua ressurreição. O evento é narrado no Evangelho de João (João 20,16-18). (Nota da entrevistada)



Alessandro Tiarini (1577-1668)
Madalena anuncia a Pedro e João que o sepulcro está vazio.

anônima recebeu um nome e Maria Madalena se tornou a pecadora arrependida.

Maria Madalena também não era irmã de Marta e de Lázaro. Os irmãos Maria, Marta e Lázaro eram de Betânia, uma região próxima a Jerusalém. Maria Madalena era de Magdala, uma cidade que ficava na região da Galileia.

Em nenhum dos Evangelhos Canônicos encontra-se qualquer citação que sugira que Madalena e Jesus tiveram algum relacionamento especial ou íntimo. Os apóstolos eram casados, se Jesus tivesse constituído uma família, não haveria motivos para que este fato fosse omitido. Os apócrifos gnósticos² mencionam uma predileção a Maria Madalena, mas não há ênfase a um possível casamento. O celibato

² Apócrifos do Novo Testamento: também conhecidos como "evangelhos apócrifos", são uma coletânea de textos, alguns dos quais anônimos, escritos nos primeiros séculos do cristianismo, votados no Primeiro Concílio de Niceia, não reconhecidos pelo cristianismo ortodoxo e que, por isso, não foram incluídos no Cânone do Novo Testamento. Não existe um consenso entre todos os ramos da fé cristã sobre o que deveria ser considerado canônico e o que deveria ser apócrifo. (Nota da IHU On-Line)

para os sacerdotes só aconteceria depois de séculos.

Faces de Maria Madalena

Há uma questão que gostaria de acrescentar, que é fundamental para compreensão do personagem Maria Madalena. No Ocidente, três Mulheres fazem uma Maria Madalena. São elas: a pecadora anônima, Maria de Betânia e a Maria Madalena. No Novo Testamento há poucos elementos, de forma geral, para que se possa ter uma noção da vida pessoal daqueles que protagonizam as suas histórias. Os Evangelhos são breves. Priorizam a vida pública de Jesus, não a vida privada daqueles que lá aparecem. Por isso, é um trabalho quase que insano querer decifrar a biografia, mesmo dos que mais estão lá citados. Maria Madalena, por exemplo, é mais citada que a Virgem Maria. No entanto, a posição de Maria, a mãe de Jesus, não deixou por isso de ser menos reconhecida, nem perde em importância.

Assim, temos referências escassas sobre Maria Madalena, tornando-a um personagem enigmático. Ela é apresentada de uma forma

livre, isto é, não está vinculada a nenhum homem: pai, marido ou filho, fato que contrariava os costumes judaicos da época. Quando não se encontra explicação, o imaginário coletivo cria saídas para os enigmas. É interessante como com Maria Madalena, ao longo dos dois mil anos de cristianismo, ocorre essa constante tentativa de decifrar o mistério. A cada época surgem histórias, geralmente fantásticas, que procuram desvendar o enigma. Quem realmente foi esta mulher?

Mesmo em relação ao que está nos Evangelhos Canônicos, no Ocidente ocorreu uma fusão: são de três diferentes mulheres que durante séculos "formaram" uma só Maria Madalena.

As confusões sobre as mulheres

A identidade de Maria Madalena - de quem Jesus expulsou sete demônios e que foi testemunha da paixão e da Ressurreição - fundiu-se então com a da pecadora anônima, que está no final do capítulo 7 do Evangelho de Lucas - mulher que lavou, ungiu e secou com os cabelos os pés de Jesus na casa de Simão, o fariseu - e também é identificada com a Maria de Betânia irmã de Marta e de Lázaro. Maria de Betânia, no Evangelho de João, unge também Jesus com um valioso perfume de nardo. A pecadora anônima que aparece no Evangelho de Lucas. Maria de Betânia e Maria Madalena passaram a ser consideradas a mesma pessoa. Não há nos Evangelhos uma narração em que apareça Maria Madalena ungiendo Jesus.

A confusão sobre a identidade destas mulheres remonta ao século III, pois foi ao final do século VI que o Papa Gregório Magno (540-604)³

³ Papa Gregório IX (1160-1241): foi o 178º papa, de 1227 a 1241. Foi importante incentivador dos dominicanos e dos franciscanos, tendo sido amigo pessoal do próprio São Francisco de Assis. Organizou a Inquisição Pontifícia com o objetivo de reprimir as heresias, com a promulgação da bula "Licet ad capiendos" em 20 de abril de 1233, dirigida aos dominicanos,



Carlo Crivelli (1430-1502). *Santa Maria Madalena*, 1478. National Gallery, Londres.

pôs fim à questão ao declarar que Maria Madalena, Maria de Betânia e a “pecadora” de Lucas eram a mesma pessoa.

IHU On-Line - Como Madalena foi reproduzida pelas artes até a Idade Média? E como foi reproduzida durante e ao final da Idade Média?

Wilma Steagall De Tommaso - Na Idade Média, Maria Madalena foi muito cultuada, prova simples é verificar as numerosas igrejas, locais santos que foram erguidos na época em sua homenagem e

que passaram a liderar o trabalho de investigação, julgamento, condenação e absolvição dos hereges. Canonizou S. Francisco de Assis dois anos após sua morte, S. Domingos de Gusmão e Santo António de Lisboa. (Nota da IHU On-Line)

devoção. Surgiram também muitas lendas sobre ela. Sua personalidade crescida daquela de Maria de Betânia e da pecadora anônima estava perfeitamente conformada.

O período entre os séculos XI e XIII foi o ponto alto do culto da Virgem Maria, santa e imaculada, mas o modelo para os meros mortais pecadores era Maria Madalena, pois ela foi pecadora e pelo arrependimento alcançou a santidade. Dentre muitos relatos há um que teve grande influência nas artes, seja na literatura, no teatro, na pintura e na escultura. A obra do frei dominicano Jacopo de Varazze⁴, *Legenda Áurea: vida de santos*⁵, que no ano 2000 foi traduzida e editada no Brasil pela Companhia das Letras. Esclarecendo: *Legenda* - aquilo que deve ser lido no que se refere à vida dos santos; *Áurea* - pelo grande valor, de ouro.

A *Legenda Áurea* é um tratado hagiográfico em que foram compiladas as vidas dos santos que até então eram conhecidos pelos leigos cristãos pela tradição oral. Este gênero literário que se tornou muito popular no século XIII e nos posteriores, tinha como finalidade a edificação da fé do fiel através do exemplo da vida daqueles que a Igreja considerava como santos.

Madalena por Varazze

De acordo com a narração de Varazze, 14 anos depois da Ascensão de Cristo, um grupo de discípulos de Jesus foi expulso da Judeia pelos infiéis. Estes cristãos eram Lázaro, suas irmãs Maria Madalena e Marta, Martila criada de Marta, os beatos Maximino e

⁴ **Jacopo De Fazio** (1228-1298): também é chamado Jacopo da Voragine (nome latino de Varazze) ou James de Voragine. Foi um frade dominicano, arcebispo de Gênova e hagiógrafo, proclamado Beato na Igreja Católica. (Nota da IHU On-Line)

⁵ São Paulo: Companhia das Letras, 2000. O sítio do IHU publicou artigo de Chiara Frugoni, historiadora italiana, especialista em Idade Média, em que trata dessa obra. Confira em <http://bit.ly/29yn2qF>. Saiba mais sobre essa tradução em português da obra em <http://bit.ly/29Eunch>. (Nota da IHU On-Line)

Cedôneo, o cego curado por Jesus e outros cristãos. Os judeus os obrigaram a subir em uma barca sem vela nem leme para que morressem no mar, porém a Divina Providência não só cuidou deles, como os conduziu até o porto de Marselha, no sul da França. Foi lá que Maria Madalena fez várias pregações que converteram muitas pessoas. Mais tarde, parte do grupo se dirigiu a Aix-en-Provence e se tornaram os evangelizadores da Provença.

Maria Madalena, no entanto, retirou-se à gruta de Sainte-Baume e se dedicou à penitência e à contemplação e assim viveu durante trinta anos até a sua morte. Sete vezes ao dia, nas horas canônicas da oração, os anjos a transportavam ao céu para que assistisse aos ofícios. A gruta de Sainte-Baume, desde a Idade Média até hoje, ainda é um lugar de peregrinação.

Em 1293, quando foi editada a *Legenda Áurea*, foi imenso o seu sucesso, não só na Itália, mas em outros lugares. Em relação à santa Maria Madalena, que já era conhecida e venerada, seu prestígio aumentou consideravelmente. A devoção e a peregrinação aos lugares em que a santa viveu ou naqueles em que se dizia haver suas relíquias também passaram a ser mais visitados.

IHU On-Line - Ainda na perspectiva das artes, como compreender as mudanças na forma como Madalena é representada a partir do Concílio de Trento?

Wilma Steagall De Tommaso - Na Idade Média, Maria Madalena era retratada na arte como uma mulher da nobreza, foi pecadora, mas sua vida era uma lição de arrepen-

⁶ **Concílio de Trento:** realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico. Foi convocado pelo Papa Paulo III para assegurar a unidade da fé (sagrada escritura histórica) e a disciplina eclesiástica, no contexto da Reforma da Igreja Católica e a reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, razão pela qual é denominado como Concílio da Contrarreforma. (Nota da IHU On-Line)



Giotto di Bondone (1267-1337). Capela da Madalena. Igreja São Francisco de Assis. Maximino, Lázaro e família chegam a Marselha



Le Prêche de la Madeleine, atelier d'A. Ronzen.(1510-1515)
Musée d'Histoire, Marseille, France.

dimento e esperança. Era também santa, foi uma poderosa pregadora e apóstola. No século III, Hipólito de Roma⁷ lhe dera o título de *apostola apostolorum*, sempre mantido pela Igreja.

⁷ **Hipólito de Roma** (160-235 d.C.): grande teólogo romano, presbítero e defensor da fé católica. Fez oposição acirrada ao papa Zeferino, que na sua opinião, não estava suficientemente preparado para detectar e denunciar as heresias que atentavam contra a Igreja de Roma. Hoje é venerado como santo. (Nota da **IHU On-Line**)

Madalena pós-reforma

Com o evento da Reforma⁸, sé-

⁸ **Reforma Protestante**: movimento reformista cristão iniciado no início do século XVI por Martinho Lutero, quando através da publicação de suas 95 teses, em 31-10-1517 na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, protestou contra diversos pontos da doutrina da Igreja Católica, propondo uma reforma no catolicismo. Lutero foi apoiado por vários religiosos e governantes europeus provocando uma revolução religiosa, iniciada na Alemanha, e estendendo-se pela Suíça, França, Países Baixos, Reino Unido, Escandinávia e algumas partes do Leste europeu, principalmente os Países Bálticos e a Hungria.

culo XVI, o protestantismo destruiu imagens, pintou de branco os afrescos de suas igrejas, que se tornaram tão nus como as sinagogas ou as mesquitas. A Igreja de Roma, se opondo a essa atitude radical protestante, vestiu de esplendor suas igrejas, decorando-as com quadros, afrescos, esculturas, lápis-lazúli, bronze, mármore e ouro.

Os sacramentos, que segundo a Igreja eram meios para se obter a salvação, foram também atacados pelos protestantes. Lutero⁹, baseando-se em seus estudos no Novo Testamento, aceitava unicamente o batismo e a eucaristia como memória. A Igreja de Roma, no entanto, mantinha os sete sacramentos, incluindo a confirmação, a penitência, a unção dos enfermos, o sacerdócio e o matrimônio. O protestantismo negava a necessidade da confissão, pois o batismo limpava a mancha do pecado original e, portanto, era em si mesmo o ver-

A resposta da Igreja Católica Romana foi o movimento conhecido como Contrarreforma ou Reforma Católica, iniciada no Concílio de Trento. O resultado da Reforma Protestante foi a divisão da chamada Igreja do Ocidente entre os católicos romanos e os reformados ou protestantes, originando o Protestantismo. Em 2017, serão celebrados os 500 anos da Reforma. O IHU publicou recentemente, em **Cadernos de Teologia Pública**, o artigo de Vítor Westhelle sobre o tema. Acesse em <http://bit.ly/29BqxOS>. Ainda na seção Notícias do Dia, em seu sítio, o IHU vem publicando diversos textos sobre o quinto centenário da Reforma, entre eles "Reforma (1517-2017), os 500 anos depois de Lutero. Entrevista com Bernard Sesboué", disponível em <http://bit.ly/29KIRBa>, e a entrevista com Roberto Zwetsch, publicada nas Notícias do Dia de 27-03-2016, disponível em <http://bit.ly/29NCdi9>. Confira mais textos em <http://bit.ly/29BoTxY>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **Martinho Lutero** (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. Foi o autor da primeira tradução da Bíblia para o alemão. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutenberg em 1453. Sobre Lutero, confira a edição 280 da **IHU On-Line**, de 03-11-2008, intitulada *Reformador da Teologia, da igreja e criador da língua alemã*. O material está disponível para download em <http://bit.ly/ihuon280>. (Nota da **IHU On-Line**)

dadeiro sacramento da penitência. Considerava que o sacramento da eucaristia era meramente simbólico, uma comemoração da última ceia; os protestantes não aceitavam a transubstanciação.

O papel de Maria Madalena como exemplo de penitência e intercessora tornou-se uma arma essencial de propaganda contra os princípios luteranos e defesa da doutrina tridentina do mérito. Também com este papel compensava a ideologia protestante. Aos olhos dos protestantes que proibiam as imagens e a arte religiosa, a intercessão dos santos não tinha autoridade bíblica e, conseqüentemente, a utilização de imagens chegava a ser idolatria.

Concílio de Trento

O efeito que o Concílio de Trento teve sobre a figura de Maria Madalena foi duplo e de muita repercussão, tanto por suas declarações sobre os sacramentos como no que se refere às diretrizes relativas à arte religiosa. Talvez não seja exagero sugerir que Maria Madalena ressurgiu das deliberações do Concílio de Trento como um símbolo da Igreja triunfante e da verdadeira fé.

Após o Concílio de Trento, ao mesmo tempo em que se impunha uma nova iconografia, foi se formando um vasto vocabulário simbólico por toda a Europa, no qual os artistas se baseavam para realizar suas obras, tanto as religiosas como as profanas. Esta cultura simbólica se propagou pelas academias que floresciam nos séculos XVI e XVII. Nestas escolas se ensinavam as "receitas" das representações psicológicas, isto é, "a expressão das paixões", e nos manuais se obtinha a explicação dos atributos.

A Maria Madalena da Idade Média se despoja dos trajes finos e das joias, passa a ser retratada como penitente. Seus atributos são o alabastro que contém o perfume, o livro, longos cabelos soltos, um crânio que significa a fugacidade da vida, o crucifixo, dentre outros. Passa a ser a famosa Madalena arrependida.



Domenico Robusti (1560-1635). *Madalena Penitente*. Galeria Doria Pamphili, Roma.

IHU On-Line - Que imagem de Madalena chega ao século XXI, em especial no cinema?

Wilma Steagall De Tommaso - Na maioria dos filmes bíblicos - há mais de trinta épicos ou histórias morais que apresentam a santa - aprendemos que Maria Madalena é uma linda mulher sedutora e pecadora. Ela é tentadora. Temos alguns exemplos: *O Rei dos reis* (1927), *A maior história já contada* (1965), O famoso *Jesus de Nazaré* de Franco Zeffirelli¹⁰ (1977), até *A Paixão de Cristo*, de Mel Gibson¹¹ (2004). Também apresentam a Madalena da Tradição, o amálgama das três mulheres, conforme falado anteriormente.

Esse fato está diretamente ligado com a arte cristã Ocidental que desenvolveu e deu como código de identificação à Maria Madalena o de uma mulher sempre sedutoramente bela. Esses elementos visuais transferidos da arte para o cine-

¹⁰ **Gianfranco Corsi Zeffirelli**, mais conhecido como Franco Zeffirelli (1923): cineasta italiano. Também foi cenógrafo e diretor de teatro. Montou óperas líricas de sucesso nos anos 1950 e alcançou projeção mundial como diretor do filme *Romeu e Julieta* (1968). É também um político, tendo sido eleito senador (1994 a 1996 e 1996 a 2001) por Catânia, filiado ao partido Força Itália. (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ **Mel Columecille Gerard Gibson** (1956): é um ator, diretor de cinema, produtor cinematográfico e roteirista estadunidense naturalizado australiano. (Nota da **IHU On-Line**)

ma em que trajes, cenários e toda atmosfera visual são traduzidos de um meio para outro, acabam criando uma autenticidade histórica. As atrizes que já representaram Maria Madalena sempre são mulheres muito bonitas, como Jacqueline Logan, Anne Bancroft, Claudia Cardinale, Monica Bellucci etc. Em *A espada e a cruz* (1959), a atriz Yvonne De Carlo interpreta uma bela sedutora. Em *A última tentação de Cristo* (1988) de Scorsese¹², as tatuagens e os lábios carnudos de Barbara Hershey estabeleceram um novo padrão para as imagens voluptuosas de Maria Madalena.

Madalena na lama

Em *A Paixão de Cristo* (2004), Mel Gibson apresenta sua Madalena coberta de lama. Em entrevista, Mel Gibson declarou: "Eu joguei lama nela. E quanto mais lama eu jogava, mais bonita ela ficava". Se conseguirmos entender verdadeiramente o significado da declaração de Gibson, reconheceremos que seu comentário pode ser visto através de uma lente mais ampla, tanto em relação à Madalena em geral quanto à sua apresentação na história do filme. Entre suas muitas metamorfoses na arte cristã e na teologia, Maria Madalena foi transformada de uma santa matronal em uma pecadora, e de uma pecadora em uma prostituta.

Parafraseando Mel Gibson, temos de reconhecer que a beleza interior de Madalena brilha por meio de todas as acusações, leituras equivocadas e lama lançadas contra ela. Por muitos séculos Maria Madalena foi festejada como uma penitente, uma mulher que representou uma alienação e uma reconciliação com Deus ao rejeitar sua (suposta) vida anterior para seguir Jesus. E isso ainda é importante para compreender a salvação como algo possível a qualquer um, não importa quão graves sejam seus pecados. Muitas pessoas veem a

¹² **Martin Scorsese** (1942): cineasta, ator, produtor e roteirista norte-americano. De sua filmografia, destacamos *A Última Tentação de Cristo* e *A ilha do medo*. (Nota da **IHU On-Line**)



Monica Bellucci como Maria Madalena.
Maia Morgenstern como Maria.

Reprodução de imagem do filme "A paixão de Cristo" (2004), de Mel Gibson

Maria Madalena da Tradição como uma das pessoas mais humanas do Evangelho. Ela é alguém com quem muitos acham que podem se identificar: uma pessoa que cometeu erros e no final escolheu o caminho certo.

IHU On-Line - Maria Madalena, e por óbvio suas representações, estão sempre envoltas a muitas polêmicas. Uma delas é com relação à representação da Santa Ceia, de Leonardo da Vinci¹³. Gostaria que a senhora analisasse algumas especulações que se faz em torno desse quadro.

Wilma Steagall De Tommaso - As polêmicas aconteceram por causa do livro de Dan Brown¹⁴, que foi um

¹³ **Leonardo da Vinci** (1452–1519): polímata italiano, uma das figuras mais importantes do Renascimento naquele país, que se destacou como cientista, matemático, engenheiro, inventor, anatomista, pintor, escultor, arquiteto, botânico, poeta e músico. É ainda conhecido como o precursor da aviação e da balística. Leonardo frequentemente foi descrito como o arquétipo do homem do Renascimento, alguém cuja curiosidade insaciável era igualada apenas pela sua capacidade de invenção. É considerado um dos maiores pintores de todos os tempos, e como possivelmente a pessoa dotada de talentos mais diversos a ter vivido. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁴ **Dan Brown** (1964): é um escritor norte-americano. Seu primeiro livro, *Fortaleza Digital*, foi publicado em 1998 nos Esta-

dos Unidos. A este seguiram-se *Ponto de Impacto* e *Anjos e Demônios*, a primeira aventura protagonizada pelo simbologista de Harvard Robert Langdon. Seu maior sucesso foi o polêmico best-seller *O Código da Vinci*, mas seus outros cinco livros também tiveram uma grande tiragem. Entre seus grandes feitos, está o de conseguir colocar seus quatro primeiros livros simultaneamente na lista de mais vendidos do jornal *The New York Times*. (Nota da **IHU On-Line**)

sucesso de vendas porque justamente fala abertamente que Jesus de Nazaré e Maria Madalena foram casados. Não fosse o parágrafo antes de iniciar a história em que o autor diz que "todas as descrições de obras de arte, arquitetura, documentos e rituais secretos neste romance correspondem rigorosamente à realidade", seria apenas mais um romance de ficção. Brown baseou sua história em um livro, *O santo Graal e a linhagem sagrada*¹⁵, de três jornalistas ingleses nos anos 80. Esse livro foi publicado no Brasil em 1993 pela Editora Nova Fronteira, li e achei tudo uma grande bobagem.

Juntando arte, arquitetura, seitas esotéricas, o livro *O santo Graal e a linhagem sagrada* e alguns fatos da tradição cristã, tudo transportado para nossa época, Brown escreveu um romance que conseguiu vender milhões de exemplares,

mas que não se sustenta. Vários livros-resposta foram escritos por teólogos, historiadores, combatendo a "verdade dos fatos" que o autor pregava, sem falar dos muitos documentários produzidos.

A Santa Ceia

A verdade é que João Evangelista sempre foi retratado imberbe¹⁶ por ser o mais jovem dos discípulos. Não conheço pintura ou escultura que o retrate com barba. O cabelo comprido era moda na época de Jesus. Maria Madalena não faz parte da Santa Ceia de Leonardo Da Vinci, não conheci ainda nenhum historiador da arte que negue esse fato.

IHU On-Line - Por que muitos seguidores de Madalena foram perseguidos? Que imagem de Madalena esses seguidores constituíram e em que medida essa perseguição destruiu tais perspectivas artísticas?

Wilma Steagall De Tommaso - A pesquisa sobre Maria Madalena nos Evangelhos Canônicos leva à frustração pelo escasso número de dados que revelam sobre a identidade desta mulher. Ela também não é citada nos Atos dos Apóstolos, nas Epístolas, nem no Apocalipse de João, mesmo tendo sido citada 14 vezes nos Evangelhos. Os evangelistas preocuparam-se em detalhar a vida pública de Jesus; sabe-se muito pouco da vida daqueles que o rodeavam.

Alguns textos apócrifos, "reservados e secretos", revelam, no entanto, uma Maria Madalena amada por Jesus de uma forma diferente, uma discípula que não apenas servia a Jesus, porém uma líder que faz sombra a Pedro, causando ciúme na comunidade apostólica. Ela é também o "espírito da sabedoria", o que a torna um "prato cheio" para o gnosticismo que surgia a partir do primeiro século da Era Cristã.

¹⁶ Que ou o que não tem barba ou aquele que é novo, jovem, iniciante. (Nota da **IHU On-Line**)



Santa Ceia, de Leonardo da Vinci

Assim, surgiram várias seitas gnósticas que acreditavam que a salvação vem através do profundo conhecimento de si e de Deus, que a causa da destruição era a ignorância e, para se chegar à perfeição, o homem deveria buscar o conhecimento (gnose). Foram várias e ecléticas as correntes gnósticas e muitas compartilhavam a ideia de que o mundo - portanto a carne e a matéria que o compunham - estava irremediavelmente corrompido e controlado por forças malignas, e que só o espírito era puro.

Segundo algumas seitas gnósticas, Deus não é o criador nem o governador do mundo, por isso há um enorme abismo entre Ele e o homem. Deus será sempre estranho e incognoscível ao homem, a não ser que o homem se converta no destinatário de uma revelação sobrenatural. Ao parecer dos gnósticos, Deus, o ser supremo do amor, não poderia ter criado este mundo caótico e malvado. Por esta razão, atribuem a criação do mundo a uma deidade menor e imperfeita, o Demiurgo¹⁷.

Apócrifos

Em alguns textos apócrifos do cristianismo, Maria Madalena se apresenta muitas vezes como uma líder que anuncia o Cristo aos

17 A ideia do Demiurgo já havia aparecido em *O Timeu* de Platão como o criador de um belo e harmonioso cosmos. Segundo um Salmo de Valentino, a queda de Sofia provocou a criação do Demiurgo que por sua vez foi o artífice do mundo e da matéria. (Nota da entrevistada)

apóstolos, visto que recebia d'Ele ensinamentos que os outros não entenderiam. Há também a disputa de poder em relação a Pedro, que sente ciúme por ela ter sido a preferida do Senhor. No Evangelho apócrifo de Felipe, Jesus beijava Maria Madalena na boca, o que era uma forma de passar conhecimento (Felipe v. 31). Esse texto deixa implícito que Maria Madalena era companheira de Jesus, no sentido da mulher que consuma com o homem o ato sexual. No entanto, não se pode deixar de considerar que o amor erótico também era usado para exemplificar e expressar as experiências místicas. Nesse Evangelho de Felipe, a união espiritual entre Jesus e Maria Madalena, expressa por meio da sexualidade humana, é também uma metáfora da união de Jesus com a Igreja, assim como no Cântico dos Cânticos¹⁸ pode ser interpretado como uma alegoria do amor de Yaweh por Israel, seu povo. A união de Jesus e Maria Madalena pode ser aqui o símbolo da perfeita união espiritual.

No Evangelho apócrifo de Tomé, Jesus diz que fará de Maria Madalena um homem, porque toda a mulher que se tornar homem entrará no Reino dos Céus (Tomé v. 114). Esse texto reflete um dualismo ra-

18 **Cântico dos cânticos ou Cântico de Salomão:** Livro do Antigo Testamento, posterior ao Eclesiastes e anterior ao livro da Sabedoria, na Bíblia católica e, na Bíblia protestante, antes de Isaías. No judaísmo, é um dos cinco rolos da última seção do Tanakh, conhecida como Ketuvim ("Escritos"). (Nota da IHU On-Line)

dical na essência da fé gnóstica. O princípio feminino é a carne. Só renunciando a ela pode-se voltar para o mundo perfeito, ou seja, o espiritual que consiste no masculino primordial. Quando Jesus diz que fará de Maria Madalena um homem, quer dizer que vai torná-la "espiritual".

De maneira geral, os apócrifos não contribuíram como a Lenda Áurea na forma artística como Maria Madalena foi representada através dos séculos, porém o mesmo não acontece com a produção literária que sempre se serviu destes textos apócrifos.

Cátaros

Podemos dizer o mesmo dos cátaros, movimento herético da Idade Média na França, do grego *katharos* (puros), homens que acreditavam em dois deuses assim como os gnósticos do cristianismo primitivo, um bom e outro mau, hostis um ao outro desde a humanidade. Para os cátaros, a matéria era essencialmente má, e o homem, um alienado, condenado a viver no reino da perdição. O objetivo principal do ser humano era ir ao encontro da perfeição e participar da comunhão do mundo espiritual. Acreditavam na redenção dos espíritos e na reencarnação, na transmigração das almas do homem para o homem e do homem para os animais, quer dizer, na metempsicose¹⁹. Rejeitavam a crença na existência do Purgatório e do Inferno uma vez que, ao final, tais espaços estariam na própria Terra.

Essas concepções divergem totalmente da doutrina cristã. Essa heresia foi amplamente combatida pelas ordens dominicana, que têm Santa Maria Madalena como patrona, e franciscana, cujo fundador, São Francisco, era devoto da santa

19 **Metempsicose:** movimento cíclico por meio do qual um mesmo espírito, após a morte do antigo corpo em que habitava, retorna à existência material, animando sucessivamente a estrutura física de vegetais, animais ou seres humanos. (Nota da IHU On-Line)



Giotto de Bondone. *Madalena e o bispo Teobaldo Pontano*. Cappella della Maddalena, (1307-1308) Assis, Itália.

a ponto de uma das capelas inferiores da Basílica de Assis ser dedicada a ela. A Maria Madalena que os cátaros cultuavam é a do gnosticismo, não a dos Evangelhos. Não há registros de obras artísticas dos cátaros que retratem Maria Madalena.

IHU On-Line - Qual a sua representação de Maria Madalena preferida? Por que escolhe essa (ou essas) obra(s)?

Wilma Steagall De Tommaso - A iconografia de Maria Madalena é extensa, pois nenhum personagem feminino na história da arte cristã apresentou tantas mudanças culturais ao longo dos séculos. Ela foi retratada na Paixão, junto à cruz; na descida do corpo de Jesus da cruz; no Sepulcro vazio com as santas mulheres; no *Noli me tangere*; nas cenas da sua história na Legenda Áurea e foi a heroína da Contrarreforma como penitente. Dos vários aqui já apresentados, destaco dois que me são caros:

1) Começo com Fra Angélico: *Noli me Tangere*

Esse afresco está na primeira cela do andar superior do Museu San Marco, em Florença, antigo convento da ordem Dominicana. Obra do Beato Angélico²⁰, frade do-

²⁰ **Giovanni da Fiesole** (1387-1455): nascido Guido di Pietro Trosini, ficou mais

conhecido como Fra Angelico. Foi um pintor italiano, beatificado pela Igreja Católica, considerado o artista mais importante da península na época do Gótico Tardio ao início do Renascimento. O papa João Paulo II, em 1982, indicou sua festa litúrgica para o dia de sua morte e dois anos depois, o mesmo pontífice declarou-o "Padroeiro Universal dos Artistas". (Nota da **IHU On-Line**)



Fra Angélico. *Noli me tangere*. Museu San Marco, Firenze, 1440.

Fra Angélico nos apresenta um momento em que Jesus diz à Maria Madalena, *Noli me tangere*, "Não me retenhas"; o que o afresco mostra não é um distanciamento, nem uma recusa, mas um convite que aponta a passagem da vida imanente à transcendente. Em um rápido olhar aparece a delicadeza da cena que intui uma personalidade de rica de espírito e contemplação. Fra Angélico jejuava e rezava antes de pintar, havia desenvolvido a precisão e a consciência das cores, o afresco reflete uma luz beatíssima que passa do branco ao dourado e se liquefaz no olhar de quem o contempla.

"Eu vi o Senhor", dirá Maria Madalena aos discípulos logo após, tornando-se para sempre a *Apostola apostolorum!*

2) El Greco, Domenicos Theotocopoulos (1541-1614) é considerado o pintor místico da Contrarreforma.



El Greco. *Maria Madalena penitente* (1585-1590). Museu Cau Ferrat, Sitge, Espanha.

Das muitas Madalenas que El Greco retratou, essa se destaca, sobretudo, por sua originalidade. Madalena Penitente com o crucifixo, executada entre 1585-1590, portanto, quando El Greco já era um homem de meia idade.

Com os cabelos castanho-avermelhados e seus olhos, em outras telas, antes fixos para o céu, contemplam agora com doçura um pequeno crucifixo à sua frente. Ela tem a mão direita sobre o peito e aponta com a esquerda para o crânio. Não há o pote de essências, nem tampouco a paisagem. O tom de maior austeridade da obra, os gestos das mãos e o olhar aludem ao benefício que a meditação no sacrifício do Cristo pode trazer para a transitoriedade da vida aqui na terra. É uma demonstração explícita da evolução de El Greco em direção a uma expressão de espiritualidade interior.

IHU On-Line - Como compreender o papel da arte sacra na Igreja? Em que medida é possível que, ao longo da história, houve um desejo de fazer permanecer apenas a perspectiva clássica europeia? E como observar isso através dos muitos retratos de Madalena?

Wilma Steagall De Tommaso - Em dois mil anos de cristianismo, não há outro personagem que tenha estimulado tanto a imaginação de artistas, escritores e outros

estudiosos como Maria Madalena. Sabemos pouco a respeito dela, no entanto, a cada período da era cristã criou-se uma Madalena que satisfizesse suas necessidades e anseios, e assim Maria Madalena vem sendo submetida até nossos dias a uma plástica cultural.

A Igreja Católica, a partir do Concílio Vaticano II²¹, mudou o Missal²² e fez a separação das três mulheres, e assim tirou de Maria Madalena o epíteto de penitente. Na celebração do Domingo de Páscoa, data máxima para os cristãos, quando é lido o Evangelho de João 20, Maria Madalena é privilegiada como a primeira testemunha da Ressurreição de Jesus, o evento mais importante do cristianismo. No século XX se produziu pouca

21 **Concílio Vaticano II:** convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 08-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em <http://bit.ly/oze8cX>, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/REokjn>, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, disponível em <http://bit.ly/1cUUZfC>. Em 2015, o **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU promoveu o colóquio O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade. As repercussões do evento podem ser conferidas na **IHU On-Line**, edição 466, de 01-06-2015, disponível em <http://bit.ly/1fYpJ2> e também em Notícias do Dia no sítio IHU. (Nota da **IHU On-Line**)

22 **Missal Romano:** é o livro usado nas missas de rito romano para as leituras próprias do celebrante (um clérigo). Ele contém vários tipos de orações eucarísticas. (Nota da **IHU On-Line**)

arte religiosa, pois a Igreja, já há algum tempo, deixara de funcionar como grande mecenas da arte, daí o número escasso de imagens de Madalena nesse século, em relação aos anteriores.

No século XXI, o lançamento do livro *O Código Da Vinci* de Dan Brown provocou muitas polêmicas, assim como o lançamento de diversos livros-resposta. Esse romance suscitou também muita pesquisa e despertou o interesse de fiéis e de leigos que buscavam respostas e explicações para a notícia bombástica, para a maioria, de que Jesus de Nazaré fora casado com Maria Madalena e dessa união nasceria uma filha. Aquilo que parecia desmerecer o cristianismo trouxe o benefício do interesse pela busca da verdade dos fatos. Muitos fiéis que nada sabiam sobre Madalena passaram a conhecê-la.

Madalena em perspectivas

Ao longo de dois mil anos de cristianismo, torna-se claro que cada período criou a Madalena que lhe convém. O interesse do nosso período em Maria Madalena é alimentado por movimentos e aspirações muito diferentes. O movimento feminista, na busca histórica, encontrou a Maria Madalena, onde alguns textos gnósticos sugerem que ela deveria estar no lugar de Pedro na Igreja Católica. Essa visão estimulou a pesquisa sobre Maria Madalena na Igreja primitiva para se obter argumentos a favor da ordenação das mulheres.

O estudo hagiográfico permite levantar questões que nos conduzem a um melhor entendimento da função dos santos nos diversos períodos históricos e servem de parâmetro ao pesquisador sobre como a espiritualidade é expressa de formas diferentes no tempo e no espaço e como foi, ao correr dos séculos, retratada por pintores, esculptores, poetas e escritores.

Parece que, ainda hoje, a figura de Maria Madalena não possui mais a força de difusão da mensagem cristã que a santa encarnou duran-

te tantos séculos, mas ainda fica a pergunta: teria Maria Madalena perdido a sua capacidade de levar a mensagem de vida e de amor no alabastro que traz consigo para uma sociedade mais materialista do que espiritual, mais individualista que comunitária?

Reconhecimento da Igreja

A boa notícia é que, há pouco, o papa Francisco elevou a celebração de Santa Maria Madalena, comemorada todo 22 de julho, à categoria de festa litúrgica no calendário romano. O Vaticano explicou que a decisão foi decretada pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos por “expresso desejo do Santo Padre Francisco”. A nota oficial segue informando que “a Santa Sé informou que esta iniciativa pretende destacar a importância de Santa Maria Madalena, descrita como ‘um exemplo de verdadeira e autêntica evangelizadora’, uma mulher que foi ‘mensageira e anunciou a boa notícia da Ressurreição do Senhor’”. O Santo Padre Francisco tomou esta decisão no marco do Jubileu da Misericórdia para assinalar a relevância desta mulher que mostrou um grande amor por Cristo e que foi tão amada Ele”.

Quem sabe, essa decisão seja uma inspiração para artistas, que tomem Madalena pela mão em sua juventude e nos rerepresentem a santa para nos dar a chance de recuperar a esperança na vida e no amor.

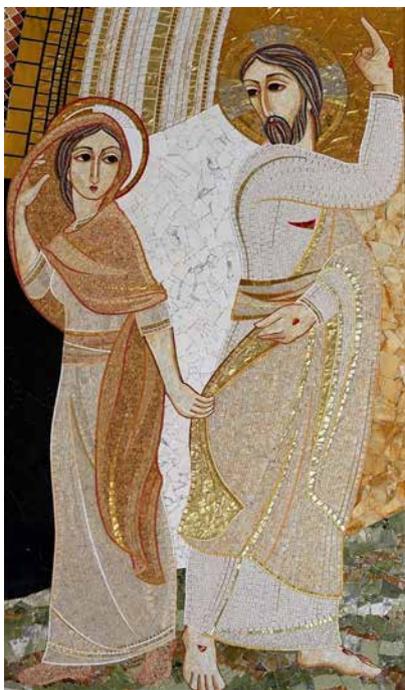
Arte sacra pós-Vaticano II

O Concílio Vaticano II deu aos artistas a direção da arte tal como deveria ser apresentada em suas igrejas. A melhor forma de avaliar esses cinquenta anos passados é observar o que está sendo produzido pelos artistas pós-concílio. Para a Igreja bimilenar, cinquenta anos não é muito tempo, as imagens de santuários como o de Lourdes, na França, Fátima, em Portugal,

Aparecida, no Brasil, e de outras igrejas com obras realizadas no século XXI talvez deem uma dimensão mais clara de como está se conformando a arte da Igreja pós-Vaticano II.

Apresento dois exemplos de Santa Maria Madalena na arte pós-Concílio: Marko Ivan Rupnik²³ (1954), esloveno de Zadlog, e Cláudio

²³ **Marko Ivan Rupnik** (1954): é um artista, teólogo e sacerdote esloveno jesuíta. Artista e mosaicista católico, juntamente com o 'Atelier arte espiritual do Centro Aletti' da qual ele é diretor, criou obras famosas em toda Europa, como os mosaicos da Capela "Redemptoris Mater", os das basílicas de Fátima e de San Giovanni Rotondo, os que estão na frente Santuário de Lourdes. (Nota da **IHU On-Line**)



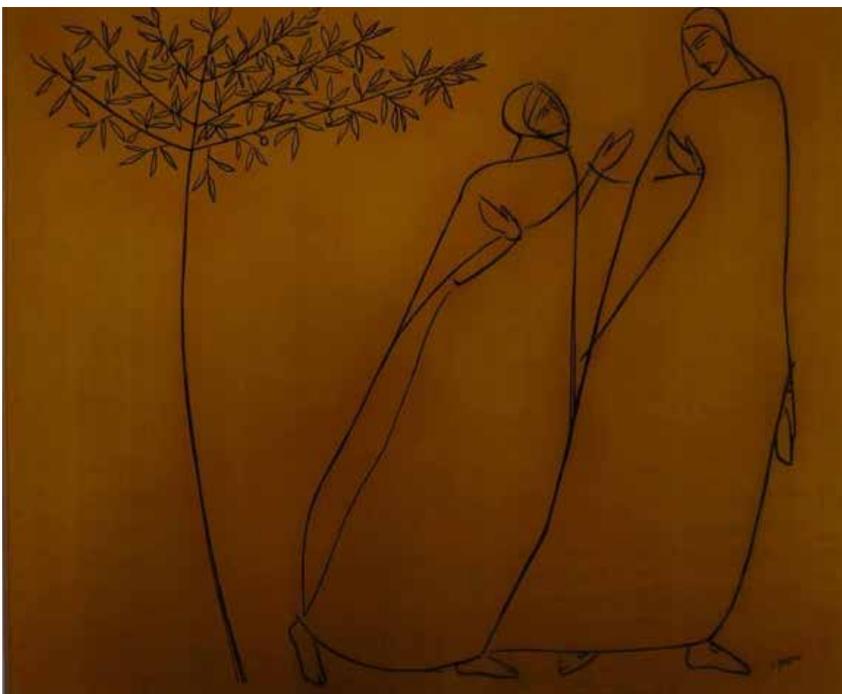
Marko I. Rupnik, *Madalena e o Ressuscitado*. Detalhe do mosaico da igreja Os Santos Primo e Feliciano Em Vrhoplje, Eslovênia.

Pastro²⁴ (1948), brasileiro de São Paulo, considerado o maior artista sacro do Brasil e reconhecido em todo mundo. Esses dois grandes artistas, que têm muitos discípulos, entenderam que a linguagem litúrgica, ao longo dos séculos, purificou-se daquilo que era psicológico demais, afetivo e sentimental demais, para chegar a uma essencialidade simbólica, metafórica, de um lado, mas sabem se alimentar da objetividade da Revelação de

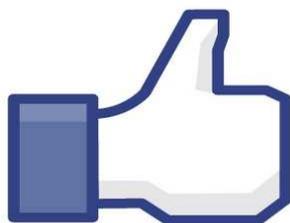
²⁴ **Cláudio Pastro** (1948): é um artista plástico brasileiro dedicado a trabalhos de arte sacra. Considerado por especialistas de arte sacra como o brasileiro mais expressivo da atualidade nesta área. (Nota da **IHU On-Line**)

Cristo, utilizam para isso uma linguagem que pode ser reconhecida a qualquer momento da História pelo povo cristão.

Penso que mesmo antes da elevação da celebração de Santa Maria Madalena à festa litúrgica, os artistas pós-Vaticano II já tenham intuído que a beleza de Maria Madalena não é apenas física. Sua maior beleza, talvez, seja o seu incondicional amor a Jesus Cristo. Rupnik se expressa na maravilha dos mosaicos, Cláudio Pastro, com traços simples e marcantes; ambos retratam o maior evento do cristianismo. Contemple e tire suas conclusões! ■



Cláudio Pastro, *Noli me tangere*, coleção particular do artista.



A autêntica humanidade em Jesus por Maria Madalena

Carlo Molari propõe a interpretação da personagem bíblica como “testemunha da misericórdia divina” e não como “pecadora arrependida”

Por João Vitor Santos | Tradução Moisés Sbardelotto

A perspectiva de Maria Madalena enquanto uma pecadora arrependida é tomada pela tração - e não pelo que de fato está nos Evangelhos - em muito por ter tido sete demônios expulsos de si por Jesus. É daí que surge a figura da Madalena arrependida, aquela que se arrepende, converte-se e passa a ser a fiel seguidora. Essa ótica em muito já está superada, porém, há quem defenda a história como caráter pedagógico de conversão.

O teólogo italiano Carlo Molari é do grupo que prefere outra interpretação. “Creio que é oportuno não chamá-la mais de ‘pecadora arrependida’ por causa da incerteza da referência, embora ela continue sendo ‘testemunha da misericórdia divina’ em razão da cura segura das suas doenças”, defende. Para ele, é preciso estar atento ao que se revela entre o Cristo e Madalena. “A relação de Jesus com a Madalena revela a sua autêntica humanidade, assim como a relação com a Samaritana e com as outras mulheres, acolhidas ao seu seguimento”.

Na entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o teólogo ainda interpreta o que significa, dentro do ritual litúrgico da Igreja, o reconhecimento que vem sendo feito à Madalena. “A celebração litúrgica dessa mulher tem agora o mesmo grau de festa

dado à celebração dos apóstolos”, destaca. Molari ainda acrescenta que “a função de Maria Madalena como apóstola dos apóstolos é única”. “O seu amor por Jesus é inegável, assim como a sua função histórica específica de anunciadora da ressurreição aos apóstolos”, completa.

Carlo Molari é teólogo e padre italiano. Trabalha com teologia dogmática, lecionou na Pontificia Università Lateranense, na Faculdade de Teologia da Pontificia Universidade Urbano de Propaganda Fide e no Instituto de Estudos da Religião na Pontificia Università Gregoriana, todas em Roma. Entre 1961 e 1968 foi assistente na Seção de Estudo Doutrinário da Congregação para a Doutrina da Fé. Foi, ainda, secretário da Associação Italiana de Teologia - ATI) e membro da Comissão de Consulta da seção dogma da revista internacional Concilium. Realiza trabalho pastoral em Roma no Istituto San Leone Magno. Entre suas publicações estão *Caminhos Comunitade de Fé* (Roma: Borla, 2000), *A vida do crente. Meditações espirituais para o homem de hoje* (Elle Di Ci, Leumann-Torino 1996), *Darwinismo e teologia católica* (Roma: Borla, 1984), *A fé professada. Catecismo da Igreja Católica e os modelos teológicos* (Milano: Paoline, 1996).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que compreensão se tem da figura de Maria Madalena hoje? Qual seu papel para o cristianismo?

Carlo Molari - Houve uma mudança profunda que se expressou também na liturgia: no mês passado (6 de junho de 2016) a recorência litúrgica que cai no dia 22 de julho e era memória obrigatória para a Igreja universal foi elevada

à festa. A razão adotada é a missão particular confiada a Maria Madalena por Jesus de levar o anúncio da sua ressurreição aos apóstolos. Por “expresso desejo do Papa Francisco”, no dia 22 de julho, na missa do dia, serão inseridas leituras especiais dedicadas a ela, e será recitado o Glória¹.

¹ **Glória a Deus nas alturas:** também conhecido pelo nome latino Gloria in excelsis

O atual Martirólogo Romano diz: “Memória de Santa Maria Madalena, que, liberta de sete demônios pelo Senhor, se tornou sua discípula, seguindo-O até ao monte Calvário e, na manhã da Páscoa, mereceu ser a primeira a ver o Salvador ressuscitado dentre os mor-

Deo, é um antiquíssimo hino de louvor utilizado na liturgia cristã. (Nota da **IHU On-Line**)



A celebração litúrgica dessa mulher tem agora o mesmo grau de festa dado à celebração dos apóstolos

tos e levar aos outros discípulos o anúncio da ressurreição”. O atual Martirologio Romano faz memória, no dia 29 de julho, de Maria de Betânia, junto com a sua irmã, Marta, e o seu irmão, Lázaro. O jornal L'Osservatore Romano publicou um artigo ilustrativo do secretário da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos², onde ele escreve: “A decisão se inscreve no atual contexto eclesial, que pede para se refletir mais profundamente sobre a dignidade da mulher, a nova evangelização e a grandeza do mistério da misericórdia divina. Foi São João Paulo II que dedicou uma grande atenção não só à importância das mulheres na própria missão de Cristo e da Igreja, mas também, e com especial ênfase, à peculiar função de Maria Madalena como primeira testemunha que viu o Ressuscitado e primeira mensageira que anunciou aos apóstolos a ressurreição do Senhor (cf. *Mulieris dignitatem*, n. 16). Essa importância continua hoje na Igreja - o atual empenho por uma nova evangelização manifesta isso - que quer acolher, sem qualquer distinção, homens e mulheres de qualquer raça, povo, língua e nação (Ap 5, 9), para lhes anunciar a boa notícia do Evangelho de Jesus Cristo, acompanhá-los na sua peregrinação terrena e oferecer-lhes as maravilhas da salvação de Deus. Santa Maria Madalena é um exemplo de verdadeira e

2 Robert Sarah (1945): cardeal guineense, presidente do Pontifício Conselho Cor Unum e, desde 23 de novembro de 2014, é prefeito da Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos do Vaticano. Anteriormente, o prelado exerceu a função de secretário da Congregação para a Evangelização dos Povos. (Nota da **IHU On-Line**)

autêntica evangelizadora, ou seja, de uma evangelista que anuncia a alegre mensagem central da Páscoa (cf. coleta do dia 22 de julho e novo prefácio)”. Nesse contexto, o secretário da Congregação recorda o título de “apóstola dos apóstolos”, referindo-se a Rábano Mauro³ e a São Tomás de Aquino⁴, “porque anuncia aos apóstolos aquilo que, por sua vez, eles anunciarão a todo o mundo (cf. Rábano Mauro, *De vita beatae Mariae Magdalenae*, c. XXVII; São Tomás de Aquino, *In Iohannem Evangelistam Expositio*, c. XX, L. III, 6)”.

Memórias e confusões do passado

No passado, a recordação de Maria Madalena tinha se desenvolvido como ícone da pecadora penitente pela identificação com a mulher anônima mencionada por Lucas no capítulo 7 do Evangelho (v. 36-50) e também com Maria, irmã de Lázaro, que tinha feito um gesto

3 **Rábano Mauro**: (780-856): foi um abade nos mosteiros beneditinos de Fulda e Mogúncia durante o período da renascença carolíngia do século IX, apoiante do imperador carolíngio Lotário I e de Ermengarda de Tours. É o autor do famoso hino *Veni Creator Spiritus*, que é entoado nas Festas do Espírito Santo, nas ordenações sacerdotais e episcopais, durante os conchaves, nas missas votivas ao Espírito Santo. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **São Tomás de Aquino** (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas “*Summae*”, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae* e a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da **IHU On-Line**)

semelhante. A imagem da pecadora arrependida parecia encontrar confirmação no mesmo Evangelho de Lucas, que escrevia: “da qual haviam saído sete demônios” (Lc 8, 2)⁵, fórmula retomada no acréscimo ao Evangelho de Marcos (Mc 16, 9: “da qual havia expulsado sete demônios”). Mas essa anotação pode se referir simplesmente à cura de doenças, que eram atribuídas à ação de espíritos. O Papa Gregório Magno⁶, com a sua autoridade, tinha contribuído para a confusão das pessoas.

Esclarecimentos

Atualmente, os exegetas distinguem acuradamente as três pessoas diferentes. Trata-se, portanto, de um novo pensamento sobre o papel das mulheres na missão evangelizadora, mostrando Maria Madalena como um exemplo do significado e do papel das mulheres, do seu discipulado apostólico e da sua função na Igreja. A ela, Cristo ressuscitado confia a missão de testemunha e anunciadora da ressurreição aos apóstolos, chamados, depois, a testemunhar e anunciar a notícia ao mundo inteiro. Por isso, a celebração litúrgica dessa mulher tem agora o mesmo grau de festa dado à celebração dos apóstolos.

Reconhecimento

A antífona de entrada retoma o texto de Jo 20, 17: “O Senhor disse a Maria Madalena: ‘Vai a meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus’”. A coleta se refere ao “primeiro anúncio da alegria pascal”.

5 As citações bíblicas em português são da Bíblia Sagrada - Edição Pastoral (n.d.t.). (Nota do tradutor)

6 **Papa Gregório IX** (1160 - 1241) foi o 178º papa, de 1227 a 1241. Foi importante incentivador dos dominicanos e dos franciscanos, tendo sido amigo pessoal do próprio São Francisco de Assis. Organizou a Inquisição Pontifícia com o objetivo de reprimir as heresias, com a promulgação da bula “*Licet ad capiendos*” em 20 de abril de 1233, dirigida aos dominicanos, que passaram a liderar o trabalho de investigação, julgamento, condenação e absolvição dos hereges. Canonizou S. Francisco de Assis dois anos após sua morte, S. Domingos de Gusmão e Santo António de Lisboa. (Nota da **IHU On-Line**)

A oração sobre as oferendas faz referência a “Cristo ressuscitado que acolheu o testemunho de amor reverente de Maria Madalena”. E, na oração após a comunhão, pedimos que o sacramento recebido “acenda também em nós o amor ardente e fiel de Santa Maria Madalena pelo Cristo, Mestre e Senhor”. O prefácio próprio resume deste modo a figura de Maria Madalena na sua relação com o Cristo “que tinha amado enquanto estava vivo, tinha-O buscado deitado no sepulcro e, por primeiro, adorou-O ressuscitado dentre os mortos, e que a honrou com o ofício apostólico perante os apóstolos, para que o anúncio da vida nova pudesse chegar até os confins da terra (do mundo)” (*Qui in hortu manifestus apparuit Mariæ Magdalénæ, quippe quae eum diléxerat vivéntem, in cruce viderat moriéntem, quæsierat in sepúlcro iacéntem, ac prima adoráverat a mórtuis resurgéntem, et eam apostolátus officio coram apóstolis honorávit ut bonum novæ vitæ núnium ad mundi fines pervéniret*).

O Calendário Romano anterior ao Vaticano II⁷ identificava Maria Ma-

7 Concílio Vaticano II: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em <http://bit.ly/02e8cX>, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/REokjn>, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, disponível em <http://bit.ly/1cUUZfC>. Em 2015, o **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU promoveu o colóquio O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade. As repercussões do evento po-

dalena com a pecadora penitente e com Maria de Betânia, a irmã de Lázaro. O Missal Romano⁸ de 1962, no dia 22 de julho, ainda celebrava a recordação de *S. Mariæ Magdalénæ Paenitentis*. A oratio do formulário identificava Maria Madalena com Maria, a irmã de Lázaro. O

“

A divisão atual das três Marias corresponde melhor à tradição bíblica e permite focalizar a mensagem da primeira anunciadora do querigma pascal

evangelho era o de Lc 7, 36-50, em que se fala da pecadora que entra na casa do fariseu, onde Jesus se encontra, e, chorando, banha com as suas lágrimas os pés do Senhor. O mesmo critério era seguido pelo *Breviário Romano*.

A divisão atual das três Marias corresponde melhor à tradição bíblica e permite focalizar a mensagem da primeira anunciadora do querigma pascal.

IHU On-Line - Como compreender a mensagem de Jesus Cristo através de Maria Madalena? E no que sua mensagem se difere na forma de pregar o evangelho de figuras como Pedro e Paulo?

Carlo Molari - Eu acredito que não podemos forçar muito o valor da figura de Maria Madalena

dem ser conferidas na **IHU On-Line**, edição 466, de 01-06-2015, disponível em <http://bit.ly/1fYpJ2> e também em Notícias do Dia no sítio IHU. (Nota da **IHU On-Line**)

8 Missal Romano: é o livro usado nas missas de rito romano para as leituras próprias do celebrante (um clérigo). (Nota da **IHU On-Line**)

na vida de Jesus, como fizeram alguns escritores de romances. Também não devemos exaltar de modo excessivo a peculiaridade do anúncio evangélico de Maria Madalena em relação ao feminino em geral. O seu amor por Jesus é inegável, assim como a sua função histórica específica de anunciadora da ressurreição aos apóstolos. Mas eu não tento deduzir características específicas a partir desse fato.

IHU On-Line - Em que medida se pode afirmar que Maria Madalena revela a perspectiva mais humana de Cristo? E em que medida a perspectiva de Madalena, “a pecadora arrependida”, é importante para se pensar em remissão dos pecados? Mas, também, em que medida essa perspectiva reduz a figura de Madalena?

Carlo Molari - Mais do que a pecadora arrependida, eu me referiria ao poder de cura de Jesus. A referência do decreto da Congregação a São Gregório Magno (*testis divinae misericordiae*) também é ambígua por causa da identificação que São Gregório fazia das três Marias na única pessoa de Maria Madalena. Ora, eu creio que é oportuno não chamá-la mais de “pecadora arrependida” por causa da incerteza da referência, embora ela continue sendo “testemunha da misericórdia divina” em razão da cura segura das suas doenças. A relação de Jesus com a Madalena revela a sua autêntica humanidade, assim como a relação com a Samaritana e com as outras mulheres, acolhidas ao seu seguimento.

IHU On-Line - Qual foi o papel das mulheres no movimento de Jesus? Por que se fala tão pouco das mulheres que seguiam Cristo? Como as compreender no contexto do grupo e que espaço era dado a elas?

Carlo Molari - A situação era tão diferente da atual que temos dificuldade para entender, por exemplo, por que nos Evangelhos se fala tão pouco das mulheres no seguimento de Jesus e por que, a propó-

sito dos discípulos, sempre se usa o masculino. Os Evangelhos, por outro lado, foram escritos por homens, que relatam de preferência a presença de homens e habitualmente ignoram as mulheres. No relato da multiplicação dos pães, por exemplo, lê-se que foram saciados “cerca de cinco mil homens” (Mc 6, 44; Lc 9, 14; Jo 6, 10b). Só Mateus acrescenta de modo genérico “sem contar mulheres e crianças” (Mt 14, 21).

No mundo judaico do primeiro século, as mulheres não desempenhavam um papel público nem tinham a obrigação de conhecer a lei. Elas tinham uma função significativa apenas dentro da família. As mulheres não estudavam a lei, não sabiam escrever, raramente sabiam ler. A mulher era considerada a serviço do homem e sob o seu domínio. No segundo relato da criação (o mais antigo), primeiro é criado o homem, depois as plantas, os animais, e, no fim, “Deus disse: ‘Não é bom que o homem esteja sozinho. Vou fazer para ele uma auxiliar que lhe seja semelhante’” (Gn 2, 18).

O destino da mulher era considerado como estar a serviço do homem, propriedade primeiro do pai, que podia até vendê-la como escrava para cobrir as dívidas familiares, depois do marido. Não acontecia o mesmo com o filho homem, que garantia a continuidade da família. Uma tarefa fundamental do pai e do marido era a de proteger a mulher das agressões sexuais dos outros homens. A mulher devia ficar escondida em casa, velada para ser protegida. A sexualidade era vivida pelo homem de um modo instintivo, de modo que era necessário garantir uma proteção contínua da mulher.

As impuras

Outro dado a se ter em mente é que a mulher era considerada muitas vezes em estado de impureza, seja pelas menstruações, sejam em consequência do parto. Havia muitas regras que também permaneceram na tradição cristã até tempos relativamente recentes:

recitavam-se orações pelas mulheres depois do parto, invocando uma espécie de purificação.

Funções familiares

Um último elemento a se ter presente era o fato de que a atividade específica da mulher era desempenhada dentro da família. A sua tarefa era preparar as refeições, organizar a casa, cuidar dos filhos nos primeiros anos de vida, quando ainda estavam sob a sua tutela, até que o pai assumisse a função de chefe e educador. Ao filho, o pai devia ensinar uma profissão e prepará-lo para a vida; à filha, ele devia encontrar um marido. A mulher, habitualmente, não tinha papel nem relevância social. Essa condição geral da mulher também teve reflexões na cultura cristã primitiva.

A subversão de Jesus

Jesus, ao contrário dos mestres oficiais daquele tempo, também tinha discípulas, e as relações que ele mantinha com as mulheres eram julgadas como inoportunas. Giorgio Jossa⁹ escreve a respeito: “Jesus frequentou apenas vilarejos de camponeses e de pescadores, aquele ‘povo da terra’ que, não conhecendo a lei, dificilmente podia ser apreciado pelos fariseus (...) E ele não teve nenhuma dificuldade para manter relações familiares com as mulheres, algo totalmente incomum e inevitavelmente suspeito para um mestre judeu”.¹⁰

Lucas, apresentando a pregação de Jesus escreve: “Depois disso, Jesus andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa Notícia do Reino de Deus. Os Doze iam com ele, e também algumas

mulheres que haviam sido curadas de espíritos maus e doenças: Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios; Joana, mulher de Cuza, alto funcionário de Herodes; Susana, e várias outras mulheres, que ajudavam a Jesus e aos discípulos com os bens que possuíam” (Lc 8, 1-3). Para o exegeta James Dunn¹¹, “particularmente interessante é o relato de Marcos 15, 41, segundo o qual, ‘quando ele estava na Galileia’, essas mulheres ‘costumavam segui-lo (*ekoloutoun*) e cuidar (*diekonoun*) d’Ele’. Marcos acrescenta que havia muitas outras mulheres que tinham subido com ele a Jerusalém”¹². O mesmo exegeta observa que, mesmo entre os amigos estáveis, as mulheres são muito numerosas, porque é a elas que é delegada a função de “hospitalidade” nas casas que acolhem Jesus e os seus¹³. Entre estas, devem ser recordadas, em primeiro lugar, Marta e Maria, as irmãs de Lázaro. Elas moravam em Betânia, onde muitas vezes Jesus se retirou como hóspede, sobretudo na última semana, quando, todos os dias, ele ia ao templo.

Mulheres na vida de Jesus

As mulheres têm um papel relevante na fase final da vida de Jesus. No caminho rumo ao calvário, muitas mulheres “batiam no peito e choravam por Jesus. Jesus, porém, voltou-se, e disse: ‘Mulheres de Jerusalém, não chorem por

¹¹ James DG “Jimmy” Dunn FBA (1939): é um teólogo britânico, estudioso do Novo Testamento. Foi por muitos anos o Professor Lightfoot da Divindade no Departamento de Teologia da Universidade de Durham, agora emérito Lightfoot Professor. (Nota IHU On-Line)

¹² Dunn D. G. *Gli albori del cristianesimo. 1.2. La memoria di Gesù. La missione di Gesù*. Brescia: Paideia, 2006, p. 574. (Nota do entrevistado)

¹³ Dunn D. G. *Gli albori del cristianesimo. 1.1. La memoria di Gesù. Fede e Gesù storico*. Brescia: Paideia, 2006, p. 238. Dentre outras coisas, ele observa que o papel que Lucas atribui às mulheres desde o Evangelho da infância é um dos argumentos para afirmar que “é difícil evitar a conclusão de que conteúdo e forma trazem a marca profunda das comunidades protocristãs e, portanto, não devem ser isentos das repercussões que a missão de Jesus já tivera”. (Nota do entrevistado)

⁹ Giorgio Jossa (1938): historiador italiano que tem se dedicado a estudar origens do cristianismo, a figura histórica de Jesus e o nascimento da cristologia. Sua pesquisa investiga todas as testemunhas possíveis, canônicas ou apócrifas, literárias ou arqueológicas, religiosas ou seculares, que podem lançar luz sobre as origens cristãs. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ Jossa G. *Tu sei il re dei Giudei? Storia di un profeta ebreo di nome Gesù*. Roma: Carocci, 2014, p. 107. (Nota do entrevistado)

mim! Chorem por vocês mesmas e por seus filhos! Porque dias virão, em que se dirá: Felizes das mulheres que nunca tiveram filhos, dos ventres que nunca deram à luz e dos seios que nunca amamentaram. Então começarão a pedir às montanhas: Caiam em cima de nós! E às colinas: Escondam-nos! Porque, se assim fazem com a árvore verde, o que não farão com a árvore seca?” (Lc 23, 27-31).

As discípulas de Jesus tiveram uma grande parte na unção para a sepultura e na descoberta do túmulo vazio. Todos os Evangelhos falam disso, embora de modo diferente. Essa diversidade que reflete as várias tradições que se formavam na cultura oral do tempo e sem muitos contatos entre as diversas comunidades é uma confirmação inequívoca do fato de que as mulheres tiveram um papel importante.

Marcos recorda Maria de Magdala à frente de um grupo de mulheres que, ao contrário dos discípulos que haviam fugido, observam “de longe” (Mc 15, 40 paralelos) a crucificação, queriam ungir o corpo de Jesus (Mc 15, 47-16, 1 par.) e foram as primeiras a ver o túmulo vazio (Mc 16, 2-8; Lc 24, 22-23) e Jesus ressuscitado dos mortos (Mt 28, 8-10) e informaram os outros discípulos a respeito disso (Lc 24, 10, 23).

Em todos os casos, também a elas foram dirigidas as palavras que o quarto Evangelho atribui a Jesus na primeira aparição narrada depois da ressurreição: “Recebam o Espírito Santo. Os pecados daqueles que vocês perdoarem, serão perdoados. Os pecados daqueles que vocês não perdoarem, não serão perdoados” (Jo 20, 22-23).

IHU On-Line - Como compreender a figura feminina na Igreja? Em que medida Maria Madalena pode auxiliar na busca por essa compreensão? Por que sua figura não tem (ou não vinha tendo) o mesmo espaço de outras mulheres da vida de Cristo, como a Virgem Maria?

Carlo Molari - Não me parece exata a comparação com Maria, a Mãe de Jesus, que, à parte os Evangelhos da infância, não aparece quase nada durante a vida pública do Filho. E, quando aparece, parece ter uma atitude de reserva preocupada: Marcos relata que “os parentes de Jesus foram segurá-lo, porque eles mesmos estavam dizendo que Jesus tinha ficado louco” (Mc 3, 21). E quando os seus chegaram a Cafarnaum, e a sua presença é anunciada a Jesus, ele responde: “Quem é minha mãe e meus irmãos? (...) Quem faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (3, 33-35).

Evangelhos Apócrifos

A razão fundamental pela qual Maria Madalena é pouco recordada é de ordem cultural. Há muito tempo já se fala de Maria Madalena tão detalhadamente. Tenhamos em mente a incidência dela sobre os evangelhos apócrifos¹⁴. Podemos começar justamente da perturbação que a presença feminina provocou entre os próprios seguidores de Jesus. Isso tem reflexos explícitos nos escritos apócrifos, sobretudo de tendência gnóstica.

O Evangelho segundo Tomé¹⁵, por exemplo, no dito 114, o último, relata este estranho diálogo entre Jesus e Pedro: “Simão Pe-

14 **Apócrifos do Novo Testamento**: também conhecidos como “evangelhos apócrifos”, são uma coletânea de textos, alguns dos quais anônimos, escritos nos primeiros séculos do cristianismo, votados no Primeiro Concílio de Niceia, não reconhecidos pelo cristianismo ortodoxo e que, por isso, não foram incluídos no Cânone do Novo Testamento. Não existe um consenso entre todos os ramos da fé cristã sobre o que deveria ser considerado canônico e o que deveria ser apócrifo. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Evangelho de Tomé**: é uma lista de 114 ditos atribuídos a Jesus. Alguns são semelhantes aos dos evangelhos canônicos de Mateus, Marcos, Lucas e João, mas outros eram desconhecidos até a descoberta desse manuscrito em 1945. Tomé não explora, como os demais, a forma narrativa, apenas cita –de forma não estruturada– as frases, os ditos ou diálogos breves de Jesus a seus discípulos, contados a Tomé, dito Dídimo (“gêmeo” em grego), sem incluí-los em qualquer narrativa, nem apresentá-los em contexto filosófico ou retórico. (Nota da **IHU On-Line**)

dro disse-lhes: ‘Maria deve nos deixar, porque as mulheres não merecem a vida!’. Jesus respondeu: ‘Eis que eu a guiarei a ponto de torná-la homem, de modo que ela também possa se tornar um espírito vivo semelhante a vocês, homens. Pois toda mulher que se torna homem entrará no reino dos céus’”¹⁶.

O próprio biblista escocês Bruce¹⁷ cita dois outros testemunhos gnósticos relativos a Maria Madalena: “Em Pistis Sophia, quando Maria expressou o ‘mistério do arrependimento’ em um sentido gnóstico e Jesus se congratulou com ela pela sua intuição, Pedro protesta: ‘Ó Senhor, não podemos mais suportar essa mulher, que fala no nosso lugar; ela não permitiu que nenhum de nós falasse, e ela fala muitas vezes’”¹⁸. O mesmo autor resume o fragmento de um papiro grego de um Evangelho segundo Maria (Madalena)¹⁹ do início do terceiro século “em que os discípulos discutem sobre revelações que o Senhor teria feito exclusivamente a Maria. Pedro não quer admitir que o Senhor teria confiado privadamente a uma mulher verdades que não partilhou aos seus discípulos homens, mas Levi o repreende e defende Maria”²⁰. A presença de Maria Ma-

16 Que chegou até nós em tradução copta em um manuscrito do século IV, descoberto em 1945, em Nag Hammadi. *Apócrifi del Nuovo Testamento*, organizado por M. Erbetta (Torino: Marietti, 1975), citado por Frederick Fyvie Bruce (1910-1990). *Gesù visto dai contemporanei. Le testimonianze non bibliche*. Torino: Claudiana, 1989 (or. 1984), p. 119. (Nota do entrevistado)

17 **Frederick Fyvie Bruce** (1910 – 1990): foi um professor, escritor, erudito da Bíblia, e um dos fundadores da moderna compreensão evangélica da Bíblia. Sua obra *Merece confiança o Novo Testamento? (No original em inglês: New Testament Documents: Are They Reliable?)* é considerada um clássico na área de apologética cristã. (Nota da **IHU On-Line**)

18 Citado por Bruce F. F. *Gesù visto dai contemporanei*, o. c., p. 182, n. 59 (traduzido literalmente do texto inglês de Mirella Corsani). (Nota do entrevistado)

19 **Evangelho de Maria Madalena**: é um texto gnóstico encontrado no Codex Akhmin, que foi adquirido pelo Dr. Carl Rheinhardt na cidade do Cairo em 1896. (Nota da **IHU On-Line**)

20 Bruce F. F. *Gesù visto dai contemporanei*, o. c., p. 182, n. 59. O fragmento se encontra na biblioteca da John Rylands University, de Manchester. Ele acrescenta que parte

dalena e das outras tinha suscitado reações e descontentamentos.

IHU On-Line - Como compreender a forma como a figura de Madalena foi tratada pela Igreja ao longo da história?

Carlo Molari - O modo pelo qual a figura de Maria Madalena foi desenvolvida na história da Igreja é emblemático. Certamente, outras mulheres tiveram papéis ativos na Igreja, até mesmo extraordinários, mas eu não falaria de “atualização” da sua figura. Cada santa tem a sua identidade histórica. A função de Maria Madalena como apóstola dos apóstolos é única. O fato de tê-la ignorado não foi compensado por nenhuma outra função.

IHU On-Line - De que forma é possível compreender os movimentos da Igreja hoje com relação às mulheres?

Carlo Molari - Existem diversos movimentos femininos dentro da Igreja. A questão mais relevante diz respeito ao poder a ser concedido às mulheres e ao sacerdócio feminino.

A historiadora Giulia Galeotti escreve: “Aos olhos do mundo, porém, um ponto permanece misterioso e absolutamente incompreensível: o fechamento ao sacerdócio. Por que isso deve ser de exclusiva pertinência masculina? A demanda se tornou tão premente também a partir de dentro, que houve a necessidade de um posicionamento oficial. ‘Para que seja excluída qualquer dúvida em assunto da máxima importância, que pertence à própria constituição divina da Igreja - escrevia João Paulo II na carta apostólica *Ordinatio sacerdotalis* (1994) -, em virtude do meu ministério de confirmar os irmãos (cfr. Lc 22, 32), declaro que a Igreja não tem absolutamente a faculdade de conferir a ordenação sacerdotal às mulheres, e que esta sentença deve ser considerada como defini-

da mesma obra sobrevive em uma versão copta no papiro de Berlim 8502. (Nota do entrevistado)

tiva por todos os fiéis da Igreja’. Além disso, na *Evangelii gaudium* (2013), o Papa Francisco escreveu que ‘o sacerdócio reservado aos homens, como sinal de Cristo Esposo que Se entrega na Eucaristia, é uma questão que não se põe em discussão’. Confirmando o ensinamento transmitido ao longo dos séculos, portanto, reiterou-se que as mulheres não podem ser ordenadas nem sacerdotes nem bispos, uma vez que estes são os sucessores dos apóstolos (todos homens) e, durante a celebração eucarística, agem *in persona Christi*, isto é, como se fossem Cristo”²¹.

Galeotti recorda os argumentos adotados por aqueles que defendem a praticabilidade da ordenação feminina: “Graças ao batismo, mulheres e homens são iguais no seguimento de Cristo; durante a última ceia, Jesus deixou o seu mandato aos homens e às mulheres presentes; Maria é o primeiro dos sacerdotes; Maria estava presente com os apóstolos quando Jesus se revelou; depois da ressurreição, as mulheres foram ordenadas diaconisas; a contrariedade da Igreja se baseia em um preconceito misógino plurissecular; o fato de que muitas mulheres católicas se sentem chamadas ao sacerdócio é um importante sinal do Espírito Santo não pode ser ignorado”²².

Lucetta Scaraffia²³ fala de uma minoria de teólogas e de religiosas que, em cada país ocidental, “luta abertamente pelo sacerdócio feminino, considerando o único caminho possível para garantir o acesso das mulheres aos papéis decisivos, hipótese considerada inaceitável por todos os papas, incluindo Francisco”²⁴.

21 Galeotti G. *Donne e Chiesa*. In: Galeotti G.; Scaraffia L. *Papa Francesco e le donne*. Milano: Il sole 24 ore, 2014, p. 18. (Nota do entrevistado)

22 Galeotti G. *Donne e Chiesa*. In: Galeotti G.; Scaraffia L. *Papa Francesco e le donne*, o. c., p. 18-19. (Nota do entrevistado)

23 Lucetta Scaraffia é jornalista, historiadora e professora da Universidade La Sapienza de Roma. Ela também é uma das entrevistadas nessa edição da revista IHU On-Line. (Nota da IHU On-Line)

24 Scaraffia L. *Questioni aperte*. In: Galeotti G.; Scaraffia L. *Papa Francesco e le donne*, o. c., p. 176. (Nota do entrevistado)

Adriana Valerio²⁵ termina o seu livro *Le ribelli di Dio* [As rebeldes de Deus] com um breve capítulo *Sobre a autoridade na Igreja*²⁶, que concluiu com estas palavras: “A presença da mulher dentro da estrutura eclesial seria extremamente valiosa, mas, para isso, é preciso facilitar o seu acesso aos centros decisivos, abrindo-lhe novos espaços de corresponsabilidade operativa. Reconhecer a dignidade e a autoridade da pessoa, de fato, significa compartilhar com ela a participação nos processos decisivos. O modelo inclusivo de participação e o ethos de igualdade não excluem o exercício da autoridade-serviço, mas, ao contrário, exigem-no. Por isso, é preciso se abrir a um horizonte de reformas em uma Igreja que queira se renovar, para que a teologia esteja pronta para abrir espaços para as palavras das mulheres; para que o episcopado esteja disposto a enfrentar a fundo a problemática do ministério e da partilha do governo da Igreja e da necessária reorganização da comunidade cristã”²⁷.

IHU On-Line - Como analisa o resgate que o Papa Francisco vem fazendo a figura de Madalena e o que isso diz acerca do seu reconhecimento da mulher na Igreja?

Carlo Molari - De modo muito positivo. Com as suas escolhas e os seus gestos, ele está sacudindo a Igreja, um pouco cansada e incerta. Mas eu acredito que não devemos pisar muito no acelerador e esperar muito do papa. O caminho da Igreja é longo, e os seus ritmos devem permitir que todos acompanhem os processos em curso. ■

25 Adriana Valerio (1952): teóloga italiana, que há mais de 20 anos busca fontes e evidências para a reconstrução da memória das mulheres na história do cristianismo. (Nota da IHU On-Line)

26 Valerio A. *Le ribelli di Dio*. Feltrinelli, 2014. O nome deriva de uma possível interpretação do nome Miryam (“rebelde ou amada por Deus”, p. 133), p.154-156. (Nota do entrevistado)

27 Valerio A. *Le ribelli di Dio*, o. c., p. 156. (Nota do entrevistado)



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

WWW

ihu.unisinos.br



unisinos.br/blogs/ihu



fb.com/InstitutoHumanitasUnisinos



instagram.com/_ihu



youtube.com/ihucomunica



twitter.com/_ihu

A mística que reconhece o Salvador

Salma Ferraz vê Maria Madalena, através da literatura, como uma mulher à frente de seu tempo, a primeira a conseguir apreender quem era Jesus e que dele viria a libertação

Por João Vitor Santos

Existe um ditado popular entre escritores e jornalistas: “o que não se sabe, se inventa”. É evidente que se trata de uma brincadeira entre aqueles que vivem de escrever, mas no caso da história de Maria Madalena se pode afirmar que é mais ou menos isso que acontece. A professora da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e doutora em Letras Salma Ferraz destaca que, nos Evangelhos Canônicos, o que seria a fonte oficial dessa personagem bíblica, Maria Madalena se constitui com muitos vazios. “Pouca coisa se sabe sobre o passado dela, o que é narrado é sempre muito sucinto”, aponta. Além disso, há as leituras equivocadas sobre o pouco que se sabe. “Por essa interpretação problemática da bíblia sobre quem foi Madalena, ela passa para a ficção como um verdadeiro baú de histórias”, completa.

E se as fontes oficiais revelam pouco, as não oficiais encontram terreno fértil para tecer suas ilações. “É por esses vazios, na história de Jesus e também de Madalena, entre o sagrado e o profano, entre a literatura e a teologia, que entram os escritores”, completa, em entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**. Para Salma, é preciso ter clareza. “Os autores são ficcionistas e não têm nenhum compromisso com a realidade, nem com a teologia ou com qualquer outra coisa”, adver-

te. A professora alerta que mais produtivo do que debater sobre a relação do Cristo com essa mulher, é pensar na perspectiva feminina do cristianismo que emerge a partir de Madalena, mas que se perde ao longo dos tempos. “A Igreja Primitiva, por excelência, dependeu muito das mulheres. Eram elas que abriam suas casas para as primeiras reuniões. E o seu papel não era somente de receber as pessoas nas casas, pois muitas andavam com Jesus”, esclarece.

Salma Ferraz é graduada em Letras, com mestrado e doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. cursou o pós-doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e atualmente é professora da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Tem, ainda, experiência na Teologia, com graduação na área, e por isso vem orientando projetos de pesquisa na área de Teopoética, estudos comparados entre Teologia e Literatura. Dirige o Núcleo de Estudos comparados entre Teologia e Literatura - Nutel, com sede na UFSC, em Florianópolis. É contista com diversos prêmios recebidos e livros publicados, entre eles *Maria Madalena: das páginas da bíblia para a ficção* (Maringá, Paraná: Editora da Universidade Estadual de Maringá - Eduem, 2011).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quem foi Maria Madalena? Como distinguir entre a personagem histórica e a personagem de ficção?

Salma Ferraz - Ela foi a discípula amada e que foi olvidada, esquecida, por dois milênios da história

do cristianismo. Como personagem histórico, Maria Madalena foi muito forte porque foi vítima do erro histórico de ser tomada como uma meretriz, um erro gravíssimo. Assim, passou a ser vista como a protetora dos cabelereiros, das

mulheres sofredoras, dos arrependidos. Passa então para a história com esse subtítulo: a Madalena arrependida.

É um título que advém do erro de confundir com a face daquelas outras mulheres citadas no Evan-



Por essa interpretação problemática da bíblia sobre quem foi Madalena, ela passa para a ficção como um verdadeiro baú de histórias

gelho¹. E com esse título de penitente passa para a história como alguém que sempre vai proteger as mulheres arrependidas, as prostitutas... A história dela a partir da bíblia é de uma mulher que não é respeitada como a discípula amada, começando como uma mulher endemoniada, e com o passar do tempo se torna essa Madalena penitente e que antes era prostituta.

Por essa interpretação problemática da bíblia sobre quem foi Madalena, ela passa para a ficção como um verdadeiro baú de histórias. É um mar de histórias em que os escritores mergulham e cada um constrói a sua Madalena. E só há cerca de 30 anos esse rosto verdadeiro de Madalena tem sido pesquisado de forma diferente. Esse rosto tem sido moldado de forma diferente tanto pela Teologia como pela Literatura. Veja: só em 1967 que o Vaticano reconheceu que Maria Madalena nunca foi prostituta. E a ficção vai ajudar a moldar esse novo rosto, o rosto perdido de Madalena. Não o rosto de uma prostituta, mas de uma mulher livre, avante de seu tempo, para quem Jesus apareceu. Ela foi a anunciadora, a que primeiro viu que o túmulo estava vazio e para quem Jesus apareceu ressuscitado pela primeira vez.

IHU On-Line - Como entender essas confusões e toda essa nebulosidade em torno da figura de Maria Madalena? O que a leva dos erros históricos até o reconhecimento que tem hoje?

1 Maria, irmã de Marta e Lázaro (João 12 e Marcos 14, 2-11); a pecadora que seria apedrejada (João 8); a mulher que unge os pés de Jesus com nardo (Lucas 7). (Nota da **IHU On-Line**)

Salma Ferraz - E essa perspectiva confusa persevera ainda hoje. Tanto é que Mel Gibson², no filme *A Paixão de Cristo* (2004)³, que é da extrema-direita católica norte-americana, comete um equívoco gravíssimo. Depois de todos esses esclarecimentos, ele retrata na *Paixão de Cristo* Madalena sendo apedrejada, coisa que efetivamente nunca aconteceu. A mulher que foi apedrejada não é nomeada, uma mulher adúltera que não é identificada⁴.

História de mulheres fortes X leitura machista

Eu não vejo machismo no Velho Testamento e tampouco no Novo Testamento. A leitura que é feita deles é que é machista. No Velho Testamento, vemos que as matriarcas deixavam todos estarecidos. Elas discutiam e resolviam muitas

2 **Mel Columcille Gerard Gibson** (1956): é um ator, diretor de cinema, produtor cinematográfico e roteirista estadunidense naturalizado australiano. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **A Paixão de Cristo** (The Passion of the Christ, por vezes referido como The Passion. No Brasil e em Portugal, A Paixão de Cristo): é um filme bíblico estadunidense de 2004, do gênero drama épico, dirigido por Mel Gibson e estrelado por Jim Caviezel como Jesus Cristo. Ela retrata a Paixão de Jesus, em grande medida de acordo com os Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João do Novo Testamento. Inspira-se também sobre a Sexta-Feira das Dores, juntamente com outros escritos devocionais, como os atribuídos à mística e visionária Anna Catarina Emmerich, beata da Igreja Católica. Parte do filme foi inspirada no livro *A Dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo*. O filme abrange principalmente as 12 horas finais da vida de Jesus. (Nota da **IHU On-Line**)

4 A história é narrada em João 8. (Nota da **IHU On-Line**)

coisas. Veja a Rebeca⁵ articulando, a Sara no meio de toda a confusão mandando Agar para o deserto e Agar questionando "o que tenho eu a ver com isso?"⁶. Então, podemos dizer que há uma espécie de feminismo no Velho Testamento. As matriarcas são muito fortes e podemos perceber na própria genealogia de Jesus. São mulheres muito a frente de seu tempo, Tamar (Mt 1,3); Raabe e Rute (Mt 1,5); a mulher de Urias, o heteu - Bate-Seba/Betsabéia (Mt 1,6).

E também no Novo Testamento, nem mesmo naquelas palavras do apóstolo Paulo, que são completamente descontextualizadas ("que vossas mulheres estejam caladas na Igreja", 1 Cor. 14,34), não se pode dizer que há machismo. É na leitura descontextualizada que se dá o machismo. Nessa passagem de Paulo, é preciso levar em conta que a comunidade estava se formando e que deveriam ser cultos muito barulhentos.

A "mulher ideal"

Para a Igreja Católica, e até para o cristianismo, que faz uma releitura machista tanto do Velho como do Novo Testamento, era muito mais importante ter uma mulher como Maria (a Virgem, mãe de Jesus). Assim, eleva-se a imagem de Maria, uma mulher assexuada, que gerou sem ter amado. Esse modelo de Maria era o modelo perfeito e completamente inatingível para a maioria das mulheres. Como a mulher vai ser santa, mãe, pura e virgem? Assim, o modelo de Maria Madalena não servia, pois era uma mulher livre, que não pertencia a ninguém, que não era pobre, que seguia Jesus - pois a bíblia diz que elas o seguiam com seus bens. Tanto é que os evangelistas não falam que Madalena era filha de alguém, irmã de alguém, mulher de alguém, enquanto todas as mulheres

5 A figura de Rebeca e suas posições são muito claras ao longo de Gêneses. Porém, em Gêneses 27, manifesta a posição do matriarcado que a entrevistada quer evidenciar. (Nota da **IHU On-Line**)

6 A história a que a entrevistada se refere está em Gêneses 16. (Nota da **IHU On-Line**)

daquela época tinham uma certa pertença.

Então, essa nebulosidade sobre o rosto e o corpo de Maria Madalena foi proposital, porque ela era um modelo que não se encaixava. Veja que foi ela que foi ao túmulo, mas mesmo assim não foi suficiente seu testemunho. Foi necessário que Pedro fosse lá, visse e voltasse para contar o que vira. E se fosse um homem que tivesse visto Jesus primeiro? Talvez o cristianismo não existisse, pois é provável que ele pensasse: “eu não vou contar isso daí, não vão acreditar em mim”. Então, para a Igreja Católica, que, digamos, detém o monopólio do cristianismo, não interessava essa imagem de uma mulher que estava milênios à frente de sua época. Por favor, não estou aqui tirando os méritos de Maria, mãe de Jesus, mas, ao mesmo tempo em que vai se agregando uma série de dogmas à jovem Maria ao longo da história, surge essa nebulosidade que vai embaçando a figura de Maria Madalena.

IHU On-Line - Como compreender o papel da mulher no cristianismo primitivo?

Salma Ferraz - A Igreja Primitiva, por excelência, dependeu muito das mulheres. Eram elas que abriam suas casas para as primeiras reuniões, pois o cristianismo sai de dentro da sinagoga e vai para as casas. E o seu papel não era somente de receber as pessoas nas casas, pois muitas andavam com Jesus. Ele tinha muitas seguidoras, e o próprio Paulo, depois, revelou em suas cartas que chegou a nomear algumas mulheres como discípulas. Por isso dizer que Paulo não autorizou a ordenação de mulheres por aquela frase sobre as mulheres se calarem na Igreja é retirar uma passagem do seu contexto.

Paulo tinha uma série de discípulas que trabalhavam com ele, e elas eram muito importantes como fator de agregação. E, depois, quando Roma se cristianizou, ou o cristianismo se romanizou, certas senhoras ofereciam suas *domus ecclesiae*, um lugar em que havia

uma espécie de capela, que também foram muito importantes. Antes de ir para a Igreja, as reuniões se davam nesses espaços.

E Jesus, como sempre à frente de seu tempo, estava cercado de mulheres. Veja a quantidade de mulheres que ele curou. Ele falava

“
Eu não vejo machismo no Velho Testamento e tampouco no Novo Testamento

em público e tocava nas mulheres, veja o exemplo da samaritana⁷. E observe que a primeira vez que Jesus escreveu, no Novo Testamento, quando se tem a escritura crística, ele escreveu na areia diante de uma mulher adúltera⁸. Sua primeira escrita foi vista e lida somente por essa mulher que seria apedrejada. Posso colocar Jesus como o grande antecipador do movimento feminista. E veja: na hora da cruz, não ficam os homens.

Importantes, mas preteridas

Então, as mulheres são fundamentais para a Igreja Primitiva se organizar. Isso fica evidente tanto nos evangelhos como nas cartas de Paulo, que menciona dezenas de mulheres. E, assim, chegamos a um ponto de interrogação: por que uma mulher sendo figura que pode ser considerada uma das mais importantes daquele grupo, e sendo as mulheres tão importantes para o surgimento do cristianismo, a figura feminina se torna envolta em tanta nebulosidade? Isso gera marcas, são coisas que não se recupe-

ram. Há algo que se tenta resgatar agora, mas o imaginário é sempre muito forte e mantém essas perspectivas vivas. Voltemos ao exemplo do Mel Gibson na forma como retratou Madalena em seu filme.

É muito curioso. Tenho uma amiga cultíssima e ela me disse que sempre imaginou Maria Madalena dentro de um buraco sendo apedrejada. Eu mesma, apesar de ser estudiosa de Madalena, quando estive na França, visitando a igreja em homenagem a ela⁹, vendo uma imagem de mulher com tanto destaque no altar fiquei surpreendida e até achando meio estranho. Fiquei até meio em êxtase, meio...¹⁰

IHU On-Line - Que tipo de Jesus nos é revelado através de Maria Madalena? No que esse Cristo se difere do de Pedro ou de Paulo, por exemplo?

Salma Ferraz - O apóstolo Paulo era um homem do mundo, falava duas, três línguas, e viajava muito. Já Pedro era um pescador humilde. Segundo Pedro, Jesus veio apenas para os judeus e ficaria ali entre eles. Tanto é que Pedro era um homem muito duro e preso ao seu tempo, insistia ainda que os judeus fizessem a circuncisão, enquanto o apóstolo Paulo tinha uma dimensão muito grande de Jesus, era o Cristo do mundo, o Jesus de todos. E o Jesus de Madalena é, por excelência, o Jesus amigo, o companheiro, aquele que todas as mulheres gostariam de ter por perto, como alguém para conversar, contar as suas mágoas. Assim, por ela, Jesus é por excelência o interlocutor das mulheres.

IHU On-Line - Então, como a senhora apresenta, as faces de Jesus por cada um deles não constitui contraposição. É isso?

⁹ A Igreja da Madalena (em francês: Église de la Madeleine), está situada perto da Praça da Concórdia, em Paris, na França. A imagem a que a entrevistada se refere pode ser conferida em <http://bit.ly/29qATRP>. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁰ A entrevistada interrompe a frase com um profundo suspiro. (Nota da **IHU On-Line**)

Salma Ferraz - É muito mais produtivo pensar na ideia de complementaridade. Só que as perspectivas de Pedro e de Paulo vingaram, e essa como Jesus interlocutor privilegiado das mulheres, na visão de Maria Madalena, ficou um pouco prejudicada. Há um texto de Paulo Leminski¹¹ chamado "Jesus A.C."¹², em que ele explora bem essa face de Jesus enquanto interlocutor entre as mulheres.

IHU On-Line - Como Madalena é representada na literatura ao longo dos tempos? O que está por trás de cada uma dessas representações?

Salma Ferraz - Pouca coisa se sabe sobre o passado dela, o que é narrado é sempre muito sucinto quanto a isso. Na própria história de Jesus, há um período de silêncio muito grande entre a infância e o início da vida adulta. Há na bíblia muitos vazios e é por esses vazios, na história de Jesus e também de Madalena, entre o sagrado e o profano, entre a literatura e a teologia, nesses vazios dos narradores dos evangelhos, que entram os escritores. Na literatura contemporânea, Madalena não vem mais com essa imagem de meretriz, mas vem sempre como alguém que antevê o papel de Jesus.

É por aí que se escreve muita coisa, como o Código da Vinci¹³, que coloca Madalena como a esposa de Jesus. Mas os autores - como Dan Brown¹⁴ - são ficcionistas e não têm

11 **Paulo Leminski Filho** (1944-1989): foi um escritor, poeta, crítico literário, tradutor e professor brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

12 São Paulo: Editora Brasiliense, 2003. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **BROWN, Dan**. O Código Da Vinci. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Dan Brown** (1964): é um escritor norte-americano. Seu primeiro livro, *Fortaleza Digital*, foi publicado em 1998 nos Estados Unidos. A este seguiram-se *Ponto de Impacto* e *Anjos e Demônios*, a primeira aventura protagonizada pelo simbologista de Harvard Robert Langdon. Seu maior sucesso foi o polêmico best-seller *O Código da Vinci*, mas seus outros cinco livros também tiveram uma grande tiragem. Entre seus grandes feitos, está o de conseguir colocar seus quatro primeiros livros simultaneamente na lista de mais vendidos do jornal The New York Times. (Nota da **IHU On-Line**)

nenhum compromisso com a realidade, nem com a teologia ou com qualquer outra coisa. Mas eu me pergunto: se Jesus tivesse sido casado? No que mudaria a história do cristianismo? Claro que nada. Para um judeu da época pareceria muito esquisito não ser casado. Mas, efetivamente, claro que Jesus não foi casado. Sua vida pública sempre foi muito tumultuada.

Muita gente se scandalizou com a possibilidade de Jesus ter sido casado, falavam em ameaça de fim do cristianismo se isso tivesse acontecido. Quer dizer que Jesus sofreu, passou dificuldades, chorou, mas só se tivesse sido casado é que o cristianismo estaria ameaçado? Eu não vejo por esse lado. O que é importante é perceber que Madalena surgiu na literatura quase como uma visionária, uma grande mística que conseguiu ver, muito mais que os discípulos, o que Jesus representava. E nos (evangelhos) apócrifos, não quero entrar muito nisso, apenas destacar que ela aparece como alguém muito forte e, por vezes, até é colocada discutindo com Pedro. Ou seja, reforça esse papel de mulher muito especial que foi de perceber o Salvador e antever misticamente que aquele homem que estava ali não era qualquer um, pois ele tinha uma missão na terra.

IHU On-Line - Por que Madalena, e a história - ou as histórias - que se construiu dela, é importante para as discussões feministas? E quais outras mulheres na história da Igreja contribuem para essa perspectiva?

Salma Ferraz - São inúmeras as mulheres dentro da Igreja que contribuem para a perspectiva feminina. Não vou citar nenhuma para não cometer injustiças, mas são as santas, as doutoras da Igreja Católica. Estamos a mais de dois mil anos do início do cristianismo, e muita coisa já se conseguiu. Porém, quando vemos notícias de que houve um estupro coletivo¹⁵

15 A seção Notícias do Dia, do sítio do IHU, tem reproduzido textos com as repercussões desse fato. Entre eles "As pessoas não

numa favela, podemos pensar que a violência contra a mulher é uma questão de classe. Mas não é. A mulher, ainda hoje, sofre violência e é estigmatizada em várias classes sociais. Há cerca de um mês, essa menina foi estuprada por vários homens numa comunidade pobre. E, agora, na semana passada, veio à tona o caso da atriz Luiza Brunet, que foi agredida por seu parceiro, um homem milionário.

O feminismo conseguiu muitas coisas, mas ainda temos uma cultura muito forte de opressão à mulher, por isso ainda precisamos avançar muito. Isso falando apenas em termos de ocidente. E é nesse contexto que Madalena acaba sendo tomada como heroína, como alguém muito bem quista entre as feministas. É curioso como o protestantismo parece se apegar muito mais a Maria Madalena, enquanto o catolicismo se prende muito mais a Maria, mãe de Jesus.

E, além da questão da violência, a constituição desta face de Madalena contribui para outra luta das feministas cristãs que é a ordenação das mulheres.

IHU On-Line - Por que a senhora acha importante a ordenação feminina?

Salma Ferraz - Porque é algo que não pode ser negado às mulheres. Se os cristãos creem que a mensagem tem de ser levada a todas as nações, por que negar isso à mulher? Elas têm o direito de poder escolher. Observe a cúpula da Igreja Católica, mesmo em outros cargos (não clericais), não se veem mulheres. Elas ficam nos serviços de base como leigas, e nos mosteiros, como religiosas, chegam a certo nível, mas apenas dentro dos mosteiros ou nas ordens. E vemos missionárias que fazem todo um trabalho, como no caso da Amazônia, com as

estupram porque estão loucas, estupram porque são machistas", publicada em 30-05-2016, disponível em <http://bit.ly/29kIe3G>, e "Por que mulheres ficaram contra a vítima de estupro coletivo no Rio?", publicado em 07-06-2016, disponível em <http://bit.ly/29kXkps>. Confira mais textos em <http://bit.ly/29qLOeh>. (Nota da **IHU On-Line**)

comunidades, preparam as famílias e daí vem um pastor ou padre de fora e faz os batismos. Por que ela mesma não poderia fazer isso? Por que não dar à mulher essa opção pela ordenação?

E outra coisa muito importante: a mulher tem de ocupar todos os espaços, e não só ficar com os serviços da igreja (no sentido de templo), cuidar dos necessitados. Elas se ocupam de uma série de coisas, mas também têm de ir para outros espaços. Porque os espaços decisórios são espaços de poder. Se formos olhar a história da Igreja Católica e mesmo da Protestante, veremos que as mulheres conquistaram muitos espaços, mas não espaços de poder.

IHU On-Line - Como tem visto os movimentos recentes da Igreja, principalmente na figura de Francisco, de resgate a Maria Madalena? O que inferir a partir desses movimentos?

Salma Ferraz - O papa Francisco está muito à frente de seu tempo. Aliás, como Francisco de Assis¹⁶, que é de quem ele toma o nome, estava. Só que o papa tem atrás de si uma Igreja muito conservadora. E eu o admiro porque, mesmo em meio a um colégio de cardeais mui-

16 **São Francisco de Assis** (1181-1226): frade católico, fundador da "Ordem dos Frades Menores", mais conhecidos como Franciscanos. Foi canonizado em 1228 pela Igreja Católica. Por seu apreço à natureza, é mundialmente conhecido como o santo patrono dos animais e do meio ambiente. Sobre Francisco de Assis confira a edição 238 da **IHU On-Line**, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*, disponível para download em <http://bit.ly/1NLA7l7>. (Nota da **IHU On-Line**)

to conservadores, está tocando em assuntos muito polêmicos, como a segunda união, como a Igreja não se preocupou devidamente com a questão da homossexualidade, e até elevando esse dia de Maria Madalena à Festa. É diferente de Ratzinger¹⁷, um teólogo por excelência

“ É na leitura descontextualizada que se dá o machismo

e que também estava muito cansado, embora elogie muito a atitude dele em reconhecer que seu tempo já passou e deixar o pontificado.

O cristianismo em geral, e principalmente a Igreja Católica, terá que se confrontar com questões muito sérias. Entre elas, a ordenação das mulheres, a questão de gays, lésbicas e todas as questões de gêneros, porque a história caminha para frente. Assim, o papa Francisco vai tocando com muita cautela nessas questões, levando em conta o colégio cardinalício muito conservador. Não sei até que

17 **Bento XVI**, nascido **Joseph Aloisius Ratzinger** (1927): foi papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma, foi eleito, no conclave de 2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

ponto ele vai conseguir avançar. Mas o fato de vir tocando nesses temas, o que vem fazendo sistematicamente, é importante. Na Igreja, a cada mil anos se andam alguns passos pequeninhos para frente. Até hoje a Igreja não entendeu bem tudo que vem com o Concílio Vaticano II¹⁸. Então, creio que os frutos do papa Francisco talvez não sejam colhidos de imediato. Entretanto, provavelmente serão um caminho para uma abertura. E acho que será um caminho sem volta, sem retrocessos. ■

18 **Concílio Vaticano II**: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 08-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O **Instituto Humanitas Unisinos** - **IHU** produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-06-2009, disponível em <http://bit.ly/02e8cX>, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/REokjn>, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, disponível em <http://bit.ly/1cUUZfC>. Em 2015, o **Instituto Humanitas Unisinos** - **IHU** promoveu o colóquio *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois*. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade. As repercussões do evento podem ser conferidas na **IHU On-Line**, edição 466, de 01-06-2015, disponível em <http://bit.ly/1IfYpJ2> e também em Notícias do Dia no sítio **IHU**. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- *Maria Madalena, a mulher que amou Jesus*. Entrevista com Salma Ferraz, publicada na revista **IHU On-Line** número 385, de 19-02-2011, disponível em <http://bit.ly/29tyabZ>.
- *Quais são as faces de Deus?* Entrevista com Salma Ferraz, publicada na revista **IHU On-Line** número 299, de 06-07-2009, disponível em <http://bit.ly/29kxEOK>.
- *As faces de Deus, segundo Saramago*. Entrevista especial com Salma Ferraz, publicada nas **Notícias do Dia**, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - **IHU**, de 05-06-2009, disponível em <http://bit.ly/29pZs2i>.

Os limites do reconhecimento masculino sobre a mulher

Antonietta Potente reconhece que hoje há movimentos sensíveis a questões femininas. Porém, reitera que isso ainda se dá numa posição varonil, que desconsidera os espaços e caminhos abertos pelas próprias mulheres ao longo da história

Por João Vitor Santos | Tradução Eduardo Herrmann

Não há quem negue que os movimentos feministas abriram espaços no espectro social para as mulheres, colocando-as no mesmo grau que os homens. Entretanto, há mais nuances que parecem ainda não terem sido compreendidas. Isso fica claro quando a teóloga Antonietta Potente analisa a figura da mulher na Igreja de hoje, inspirada pela imagem de Maria Madalena. Para ela, a sensibilidade do papa Francisco para com o outro abre as portas da Igreja para refletir sobre muitos temas, entre eles o feminino no catolicismo.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Antonietta ainda enfatiza: “Tenho a impressão de que [o papa, os homens] me trata sempre, e a minhas companheiras mulheres, como pobrezinhas, a não ser que reflitamos os paradigmas que eles têm em seu imaginário”. Ela chama atenção como esse detalhe ruidoso na relação entre o masculino e o feminino sempre existiu e se perpetua desde o anúncio feito por Madalena, quando os homens não compreendem a mensagem.

IHU On-Line - Como a senhora compreende a figura de Maria Madalena? Qual sua importância para o cristianismo?

Antonietta Potente - Parece que, dentro do imaginário cristão, Maria Madalena é a que mais resgata a ousadia feminina. Falo do imaginário porque, por si só, como todas as mulheres bíblicas, sua história se situa em um nebuloso mistério, onde cada uma de nós

encontra algo de si. Essa proximidade não se encaixa em devotos critérios morais - pecadora ou santa -, mas também dentro de seu infinito desejo e de sua proximidade ao mistério. Em uma hermenêutica um pouco extemporânea das clássicas hermenêuticas sobre as escrituras cristãs, me perguntaria se não foi ela a mulher sangrando que toca por trás o manto de Jesus sem pedir permissão

Antonietta Potente é doutora em teologia moral e religiosa da Congregação das Irmãs Dominicanas de São Tomás de Aquino. Lecionou em diferentes centros de estudos e universidades teológicas da Itália até 1994, quando foi viver na Bolívia. Lá, seguiu sua atividade de docência e escritora. Buscando uma integração maior, morou com uma família indígena nos arredores de Cochabamba. De volta à Itália, desde 2012, colabora com a Faculdade de Filosofia da Universidade Estatal de Verona. Além disso, segue sua atividade de escritora, acompanhando comunidades de base em diferentes lugares. Seus temas de reflexão são místico-política, relações interculturais e inter-religiosas a partir de uma perspectiva da diferença sexual. Entre suas publicações, estão *Un bene fragile. Riflessioni sull'etica* (Milano: Mondadori 2011), *Umano piú umano* (Firenze: Piagge edizioni, 2013), *È vita ed è religiosa: una vita religiosa per tutti* (Milano: Paoline, 2015) e *Vestire gli ignudi* (Bologna: EDB, 2016).

Confira a entrevista.

a ninguém, empurrando entre a multidão.

Na história desse imaginário cristão, todo mundo disse algo sobre ela e, lamentavelmente, sendo a narração cristã uma narração masculina, a morfologia dessa mulher se tornou sempre mais etérea. É interessante saber que, nos primeiros séculos da experiência cristã alternativa, entre as mães do deserto, todas ou quase todas aque-



Todo mundo disse algo sobre ela e, lamentavelmente, sendo a narração cristã uma narração masculina, a morfologia dessa mulher se tornou sempre mais etérea

las mulheres que percorrem o deserto têm o nome de Maria. Como se fosse para se deixar adotar por essa mulher, que talvez para elas incorpora as características de uma mulher fora dos cânones varonis. É ela que permite a cada uma ser “a outra Maria”.

IHU On-Line - Como a figura de Maria Madalena pode contribuir para reflexões acerca do espaço e papel da mulher na Igreja? É possível afirmar que o apagamento do protagonismo feminino, na história da Igreja, se dá na mesma proporção em que a figura de Madalena é relegada?

Antonietta Potente - Na Ordem Dominicana¹, desde suas origens, Maria Madalena é considerada como a padroeira, junto a Santo Domingo², da mesma Ordem Dominicana, e a ela se dava o nome de “apóstola dos apóstolos”. Isso me parece muito significativo, e me leva a pensar que se hoje, na Igreja, queremos resgatá-la, não é uma grande novidade. O mesmo acontece com toda a teologia sobre as mulheres e, sobretudo, a

¹ **Ordem dos Pregadores** (latim: Ordo Prædicatorum, O. P.), também conhecida por Ordem dos Dominicanos ou Ordem Dominicana: é uma ordem religiosa católica que tem como objetivo a pregação da palavra e mensagem de Jesus Cristo e a conversão ao cristianismo. Foi criada em Toulouse, França, em 22 de Dezembro de 1216 por São Domingos de Gusmão, sacerdote castelhano (actual Espanha), o qual era originário de Caleruega, e confirmada pelo Papa Honório III. (Nota da **IHU On-Line**)

² **São Domingos de Gusmão** (1170 –1221): foi um frade e santo católico fundador da Ordem dos Pregadores, cujos membros são conhecidos como dominicanos. (Nota da **IHU On-Line**)

eclesiologia em torno delas. Parece que não conseguimos dar passos muito relevantes. Há algo como uma constante repetição do que, há muitos séculos, de alguma forma alguém havia intuído, sobretudo as místicas e os místicos.

Penso em Meister Eckhart³ e toda sua escola formada também por mulheres. Não acredito que o destino das mulheres na Igreja seja relacionado apenas com Maria Madalena, mas também com aquele imaginário próprio que se tem sobre a mulher em geral e na fé cristã, a partir da mesma Maria, mãe de Jesus de Nazaré. A ela também fizeram cumprir um papel que refletia a mentalidade varonil e sacerdotal, e que não fuge nunca daquelas coordenadas masculinas sobre as mulheres que eles sentem: mãe, irmã e nada mais. Mãe que os cuida e irmã que os serve.

Sempre falaram sobre nós e poucas vezes pediram que falássemos sobre nós mesmas. O mesmo acontece na Igreja atual. Desde a Igreja atual, estão dizendo o que fazer conosco: chamar-nos ou não de diaconisas. E sobre isso fazem eternas discussões sobre quem disse sim e não, e tudo isso porque são eles que têm de decidir. E se isso não nos interessar? Se a nós não importar ser ou não ser admitidas em tudo isso? Qual seria o problema? Uma desobediência mais?

³ **Eckhart de Hochheim**, O.P. (1260 – 1328): mais conhecido como Mestre Eckhart, em reconhecimento aos títulos acadêmicos obtidos durante sua estadia na Universidade de Paris, foi um frade dominicano, reconhecido por sua obra como teólogo e filósofo e por seu misticismo. Ele é considerado como um dos grandes símbolos do espírito intelectual da idade média. (Nota da **IHU On-Line**)

O reconhecimento das mulheres, dentro de uma perspectiva de diferença sexual, passa por outro caminho, e são os caminhos das mesmas mulheres que podem ou não podem coincidir com uma instituição totalmente varonil.

IHU On-Line - Hoje, em especial nesse pontificado, quando se fala em mais espaço para a mulher na Igreja, logo se associa à ideia de ordenação de diaconisas. Mas será esse o espaço mais importante para as mulheres, a maior conquista? Em que medida esse debate acerca das diaconisas cessa e inebria um debate mais amplo sobre o espaço para mulheres na estrutura da Igreja?

Antonietta Potente - Em parte já respondi sobre esse tema, mas poderia acrescentar que, por parte da Igreja e da sensibilidade do Papa Francisco, falta reconhecimento histórico sobre o papel das mulheres - todas as mulheres - na história. Tratam a nós um pouco como os pobres: eles nasceram pobres - o que não é verdade - e nós nascemos “menores de idade”. A diferença nesse momento é que Papa Francisco é mais sensível com respeito aos outros, e parece que se sente culpado de tantos males da Igreja e da humanidade em geral, e é como se quisesse pedir perdão e tentar fazer gestos que resgatem a posição da Igreja. Mas não se dá conta de que, ao longo da história, algo aconteceu: nós, mulheres, elaboramos nossa hermenêutica, nossa filosofia e sabedoria de vida. Porém, isso ele não percebeu. Tenho a impressão de que me trata sempre, e a minhas companheiras mulheres, como pobrezinhas, a não ser que reflitamos os paradigmas que eles têm em seu imaginário.

IHU On-Line - Em que medida a estrutura piramidal da Igreja hoje cessa potências femininas? E que outras potências são diminuídas dentro desse modelo?

Antonietta Potente - Eu, por minha experiência, vejo que as mulheres livres seguem seus ca-

minhos. O problema pode ser para algumas que, por algum motivo, não conseguiram abandonar esse imaginário de servidão. Penso em algumas congregações religiosas que nasceram para servir os sacerdotes e monges e daí não saíram. Nesse sentido, penso que a culpa também é de nós, as mulheres teólogas, que não as ajudamos a fazer um caminho de conscientização feminina.

Para fazer isso, é necessário criar outra teologia, outra antropologia e filosofia. Não é suficiente falar de Deus maternal, nem de suas entranhas, porque sobre isso podem falar também os homens, pelo fato de que eles sentem as entranhas e o útero como um espaço também deles, porque dali nasceram e não se pode negar isso. Uma teologia de mulheres vai mais além; usando as palavras de Jesus com Nicodemos⁴, não é suficiente renascer desde o útero da mãe, porque as dores do parto seriam mais uma vez da mulher, e não dele. É necessário nascer de novo desde o vento, que não se sabe de onde vem e para onde vai. No entanto, para a teologia varonil, é importante saber tudo, para saber também que ninguém retira deles seus papéis e seu poder - ainda que sempre menores - sobre a vida dos e, sobretudo, das demais.

IHU On-Line - No cristianismo primitivo não havia essa organização piramidal, sendo uma Igreja muito mais circular. Em que momento, como e por que a Igreja assume essa configuração?

Antonietta Potente - Deixando privilégios, terminando com essa ânsia de ser a única, de tomar um espaço que é de outros e outras. Impressiona-me, sobretudo na Itália, a nível midiático, ver como se dá um peso especial ao que a Igreja diz. Se aguarda o que ela diz, a pensam como a instituição que

pode resolver. Os primeiros cristãos sempre rechaçaram essa visibilidade (carta a Diogneto)⁵, sempre lutaram contra estar na mesa onde se decide a sorte da humanidade por parte dos donos. Nossa opção não é ser bons, fazer o bem porque todo o mundo nos vê e sabe de nós, mas sim viver bem com mulheres e homens de qualquer cultura e religião, que buscam o mesmo.

“
Sempre falaram sobre nós e poucas vezes pediram que fálássemos sobre nós mesmas

IHU On-Line - Como mudar essa estrutura piramidal e como as discussões sobre os espaços e papéis das mulheres e do laicato podem contribuir para essa “reforma”? Que relação é possível estabelecer com os movimentos de Francisco em seu pontificado?

Antonietta Potente - Não se trata de uma reforma que vem do alto e, além disso, eu não considero as instituições se já se colocam desde o início nessa posição. Trata-se de uma mentalidade que mudamos desde baixo, até que se perceba no “alto”. Francisco é um homem que salvou a cara da Igreja, mas não muda muito. O alto segue existindo. Pessoalmente, me interessa a reforma da humanidade, a da Igreja é pouca coisa dentro do que deve ser transformado na humanidade.

5 Epístola de Mathetes a Diogneto : é provavelmente o exemplo mais antigo de apologética cristã, textos defendendo o Cristianismo de seus acusadores. O autor e o destinatário, gregos, não são conhecidos, mas a linguagem e outras evidências textuais colocam a obra no final do século II d.C. Alguns assumem uma data ainda mais antiga e contam a epístola entre os Padres Apostólicos. (Nota da **IHU On-Line**)

Certamente, se a Igreja seguisse impedindo a transformação em direção à inclusão e à paz da humanidade, isso seria muito grave e haveria que lutar para que ninguém a escutasse: “*façam o que eles dizem, mas não façam o que eles fazem*” é um antigo adágio. É preciso que voltemos a ser pessoas ativas na transformação das relações humanas e com o cosmos, porém chamando a todo o mundo: cada cultura, religião, cada beleza e bondade e suas respectivas boas e belas experiências. Os leigos devem ser mais criativos, no entanto, desde o Concílio Ecumênico Vaticano II⁶, cresceram demais à imagem e semelhança do clero.

IHU On-Line - A senhora viveu muito tempo entre camponeses aimará na Bolívia. Qual é e como compreender o papel das mulheres nessas comunidades indígenas e no que podem nos inspirar?

Antonietta Potente - São sábias e fortes como as mulheres do começo do cristianismo.

6 Concílio Vaticano II: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. **O Instituto Humanitas Unisinos – IHU** produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em <http://bit.ly/0ze8cX>, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/REokjn>, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, disponível em <http://bit.ly/1cUUZfC>. Em 2015, o **Instituto Humanitas Unisinos – IHU** promoveu o colóquio *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois*. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade. As repercussões do evento podem ser conferidas na **IHU On-Line**, edição 466, de 01-06-2015, disponível em <http://bit.ly/1fYpJ2> e também em Notícias do Dia no sítio IHU. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Como a senhora tem observado o atual momento da Bolívia? A perspectiva do "Bem Viver" sucumbe ao desenvolvimento capitalista?

Antonietta Potente - A dificuldade para a Bolívia, como para todos os países em caminho de transformação, é a de conseguir sobreviver com suas mudanças em um sistema mundial que não permite mudanças. O problema não são esses países, mas sim o sistema, que todo o mundo deveria enfraquecer dia após dia. A Bolívia segue sendo uma tentativa muito interessante, porém já não tem grandes apoios.

IHU On-Line - Como observa a Lei de Identidade de Gênero boliviana? Quais são os avanços e limites? Como compreender as

7 Na seção Notícias do Dia, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos -IHU foram publicados diversos textos sobre o tema. Entre eles "Lei sobre identidade de gênero opõe Morales e bispos na Bolívia", publicada em 28-06-2016, disponível em <http://bit.ly/29BRLUX>. (Nota da **IHU On-Line**)

posições dos bispos que entram em choque com Evo Morales?

Antonietta Potente - A Bolívia, como outros países, tenta responder a novas tomadas de consciên-

“
Por parte da Igreja e da sensibilidade do Papa Francisco, falta reconhecimento histórico sobre o papel das mulheres

cia por parte da sociedade. Porém a Igreja, quanto ao processo de mudança política, não soube encontrar o seu lugar. Desde o início, em um processo de transformação, a Igreja desempenhou um papel

demasiado crítico até se tornar, pouco a pouco, contrária, e isso porque sentiu que algo - por sorte, digo eu - estava acontecendo e aconteceu sem ela.

Assim foi e assim se seguiu, no meu modo de ver, piorando dia após dia. Isso porque à Igreja interessam os pobres, e não sua capacidade de se tornarem capazes de um futuro com autonomia. Os indígenas são um mundo, e esse mundo agradou à Igreja quando estava calado - assim como as mulheres -, mas o papel mudou. Isso não quer dizer que tudo o que acontece na Bolívia é perfeito, absolutamente não, mas na Bolívia não podemos mais voltar atrás.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Antonietta Potente - A história das mulheres sempre foi muito parecida com a história dos povos e das categorias sociais mais fracas. Mas nós demos sinais muito bonitos de que vamos além. ■

Cadernos Teologia Pública

Cadernos Teologia Pública divulga artigos que apresentam a contribuição da teologia com os debates que se desenvolvem na esfera pública da sociedade e na universidade, com abertura ao diálogo com as ciências, com a cultura e com as religiões.

Publicações disponíveis em: ihu.unisinos.br

Paulo e Madalena: dois caminhos que levam ao Cristo

Chris Schenk defende que pelo resgate da história de liderança coigual da mulher na Igreja primitiva é possível pensar na igualdade em todos os ministérios, rompendo com a dualidade na disputa de gênero

Por João Vitor Santos | Tradução Luis Sander

A grande luta do feminismo pode ser resumida a uma palavra: igualdade. Por essa perspectiva, mulheres querem ter a oportunidade de ocupar o mesmo espaço - e com o mesmo prestígio - que os homens. Chris Schenk, da FutureChurch, destaca que Jesus faz esse movimento, igualando homens e mulheres nas suas potências. Mais tarde, seguido por Paulo de Tarso. Ela entende que essa perspectiva da mulher potente na Igreja primitiva foi se perdendo e, para pensar em igualdade hoje, defende o resgate a esse princípio. "Resgatar a história da liderança coigual das mulheres na igreja primitiva contribui para preparar o terreno para a igualdade das mulheres em todos os ministérios da igreja, como foi visionado pela primeira vez por Jesus e S. Paulo", enfatiza.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Chris demonstra que a igualdade de gênero vem pelo reconhecimento de cada um em sua especificidade, no que entende como reconhecimento coigual entre ambos. Ideia que fica clara, por exemplo, quando questionada sobre as diferenças de uma - suposta - mística feminina. "No caso de Teresa [de Ávila] e João [da Cruz, ambos místicos], é de se perguntar se as diferenças em suas experiências místicas se devem ao seu gênero ou mais ao fato de que Teresa era mais extrovertida do que João",

acentua. A provocação de Chris coloca em suspenso até as apressadas conclusões acerca de uma ideia de ministério de homens, que sufocou o de Maria Madalena. "A experiência de Maria se deu logo depois de testemunhar a morte brutal e o sepultamento de Jesus, de modo que o impacto de ver a nova vida de Jesus deve ter sido avassalador. A experiência de Paulo se deu depois de meses de perseguição à igreja recém-nascida. A experiência dele também foi avassaladora, mas por razões diferentes", reflete.

Chris Schenk é religiosa da congregação das Irmãs de São José e diretora-executiva da FutureChurch (futurechurch.org), organização norte-americana de renovação da Igreja, que atua pela plena participação de todos católicos e católicas em todos os aspectos da vida e do ministério da Igreja. Tem mestrado em Obstetrícia e em Teologia e, com a assistência da equipe da FutureChurch, desenvolve e administra programas nacionais de base, incluindo questões como a mulher na liderança da Igreja e no mundo, o futuro do ministério sacerdotal e a situação das paróquias dos Estados Unidos. A FutureChurch tem trabalhado para restaurar a consciência sobre a Santa Maria de Magdala como a primeira testemunha da Ressurreição e uma respeitada líder da Igreja primitiva.

Confira a entrevista.



Uma grande diferença entre Paulo e Maria de Magdala é que as viagens missionárias de Paulo e suas cartas às primeiras comunidades por todo o mundo do Mediterrâneo foram preservadas

IHU On-Line - De que forma o tratamento dado à mulher, na figura de Madalena, pela Igreja é atualizado ao longo da história na figura de outras mulheres, como Joana D'Arc¹, Teresa de Ávila², entre outras?

1 Joana d'Arc (1412-1431): cognominada "A Donzela de Orléans" (em francês: La Pucelle d'Orléans) e também conhecida como Joana d'Arc, a ruiva (em francês: Jeanne d'Arc, la rousse) é uma heroína francesa e santa da Igreja Católica. É a santa padroeira da França e foi uma chefe militar da Guerra dos Cem Anos, durante a qual tomou partido pelos armagnacs, na longa luta contra os borguinhões e seus aliados ingleses. Foi executada pelos borguinhões em 1431. Camponesa, modesta e analfabeta, foi uma mártir francesa e também heroína de seu povo, canonizada em 1920, quase cinco séculos depois de ter sido queimada viva em um auto de fé. Segundo a escritora Irène Kuhn, Joana d'Arc foi esquecida pela história até o século XIX, conhecido como o século do nacionalismo, o que pode confirmar as teorias de Ernest Gellner. Irène Kuhn escreveu que foi apenas no século XIX que a França redescobriu esta personagem trágica. (Nota da **IHU On-Line**)

2 Teresa de Ávila (1515-1582): freira carmelita espanhola nascida em Ávila, Castela, famosa reformadora da ordem das Carmelitas. Canonizada por Gregório XV (1622), é festejada na Espanha em 27 de agosto, e no resto do mundo em 15 de outubro. Foi a primeira mulher a receber o título de doutora da igreja, por decreto de Paulo VI (1970). Entre seus livros citam-se *Libro de su vida* (1601), *Libro de las fundaciones* (1610), *Camino de la perfección* (1583) e *Castillo interior ou Libro de las siete moradas* (1588). Escreveu também poemas, dos quais restam 31 deles, e enorme correspondência, com 458 cartas autenticadas. Sobre Teresa, confira *Teresa - A Santa Apaixonada* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2005), de autoria de Rosa Amanda Strausz; *Obras completas* (São Paulo: Loyola, 1995); e *Santa Teresa de Jesus - "Livro da vida"* (4ª ed. São Paulo: Ed. Paulus, 1983). A edição 460 da revista **IHU On-Line**, sob o título *A mística nupcial. Teresa de Ávila e Thomas Merton, dois centenários*, analisa o seu legado. Confira em <http://bit.ly/1hbCXyo>. (Nota da **IHU On-Line**)

Chris Schenk - Esta é uma pergunta complexa. Limito-me a dizer que, à medida que mais mulheres entram nos campos bíblico, teológico e histórico, alguns aspectos anteriormente não percebidos das mulheres na Bíblia, na teologia e na história da igreja estão vindo à luz. Por exemplo, sabe-se há tempo que Teresa de Ávila estava sob ameaça contínua da Inquisição, e daí sua grande confiança em sacerdotes confessores de várias ordens religiosas. Eles lhe davam credibilidade e segurança. Além disso, as contribuições teológicas significativas de místicas medievais anteriormente obscuras, como Hildegard de Bingen³ e Juliana de Norwich⁴,

3 Hildegarda de Bingen (1098-1179): mística, filósofa, compositora e escritora alemã, abadesa de Rupertsberg em Bingen. Hildegarda foi autora de várias obras musicais de temática religiosa incluindo *Ordo Virtutis*, uma espécie de ópera que relata um diálogo de um grupo de freiras com o Diabo. Escreveu ainda dois dos únicos livros de medicina escritos na Europa no século XII, onde demonstrou um conhecimento notável de plantas medicinais. Hildegarda alegava ter visões inspiradas por Deus, que o próprio a incentivou a escrever em livros. Após quatro tentativas de canonização, Hildegarda permanece apenas beatificada. Leia também, *Hildegard de Bingen, mística medieval e santa doutora da Igreja*, disponível em <http://bit.ly/1wElySG>; *Hildegard de Bingen e a igualdade homem-mulher*, disponível em <http://bit.ly/1GL2Hb>; Hildegard de Bingen: os bastidores de uma promoção tardia, disponível em <http://bit.ly/1zrjHBL>; *Hildegard de Bingen: futura Doutora da Igreja*, disponível em <http://bit.ly/13thKKs>; *O ser humano sinfônico de Hildegard de Bingen*, disponível em <http://bit.ly/1LWQB2z>. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Juliana de Norwich (1342-1416): foi uma anacoreta e mística inglesa. O seu livro *Revelações do Amor Divino* (Revelations of Divine Love, em inglês), escrito por volta de 1395, foi o primeiro em língua inglesa que se

estão sendo reconhecidas e valorizadas atualmente⁵.

IHU On-Line - Como romper com a ideia de "Madalena, a esposa de Jesus" e mergulhar na mística dessa relação?

Chris Schenk - Não há dados históricos ou bíblicos para apoiar a especulação de que Maria Madalena era casada com Jesus. A alegação de que autores antigos não mencionaram o casamento e os filhos ou filhas deles por medo da perseguição judaica não se sustenta, porque o Evangelho de João e a maioria da literatura apócrifa foram escritos depois da queda de Jerusalém, quando não haveria nada a temer das autoridades judaicas. Se Maria Madalena fosse esposa de Jesus e mãe de seu filho ou filha, é altamente improvável que esses textos tivessem omitido esses fatos importantes, especialmente porque ela é retratada de modo proeminente tanto como a testemunha primordial da ressurreição quanto como uma líder que, de muitas formas, entendeu a missão de Jesus melhor do que os discípulos.

Se Jesus era casado, não era com Maria de Magdala, pois nesse caso ela teria sido conhecida como "Maria, a esposa de Jesus", e não como Maria de Magdala. As convenções literárias e sociais da Antiguidade determinavam que se mulheres fossem mencionadas (uma ocorrência muito rara), elas eram quase sempre nomeadas por seu relacionamento com a casa patriarcal, como, por exemplo, "Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes" (Lc 8,1-3). De maneira atípica, Maria de Magdala era nomeada de acordo com a cidade de onde vinha, não por seu relacionamento com um homem. Biblistas acreditam que isso indica que ela

sabe ter sido escrito por uma mulher. Juliana foi também uma autoridade espiritual dentro da sua comunidade, que serviu como conselheira. É venerada na Igreja Católica, apesar de não ter sido beatificada ou canonizada, e nas Igrejas Anglicanas e Luteranas. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ Confira também o artigo disponível em <http://bit.ly/29B488L>. (Nota da entrevistada)

provavelmente era uma mulher rica, independente, não vinculada à casa patriarcal.

A verdadeira relação com o Cristo

Maria Madalena certamente amava Jesus e era sua mais fiel discípula. Ela o acompanhou quando da morte por crucificação, do sepultamento e foi a primeira pessoa a testemunhar sua ressurreição. Os outros discípulos fugiram.

Assim como Maria Madalena, também nós somos chamadas e chamados para um relacionamento íntimo com o Cristo ressurreto. Esse Cristo que nos fortalece e acompanha quando, como ele, nós trabalhamos e testemunhamos de modo que a vontade de Deus seja feita aqui na terra como o é no céu.

IHU On-Line - É possível compreender um conceito de “mística feminina”? Em que medida, por exemplo, é possível falar em diferenças de experiências místicas a partir de figuras como Teresa de Ávila e João da Cruz⁶ na sua conexão com o divino?

Chris Schenk - No caso de Teresa e João, é de se perguntar se as diferenças em suas experiências místicas se devem ao seu gênero ou mais ao fato de que Teresa era mais extrovertida do que João. Ainda assim, porque os homens e as mulheres são diferentes, poder-

6 João de Yepes ou São João da Cruz (1542-1591): ingressou na Ordem dos Carmelitas aos 21 anos de idade, em 1563, quando recebe o nome de Frei João de São Matias, em Medina del Campo. Em setembro de 1567 encontra-se com Santa Teresa de Jesus, que lhe fala sobre o projeto de estender a Reforma da Ordem Carmelita também aos padres. Aceitou o desafio e trocou o nome para João da Cruz. No dia 28 de novembro de 1568, juntamente com Frei Antônio de Jesús Heredia, inicia a Reforma. No dia 25 de janeiro de 1675 foi beatificado por Clemente X. Foi canonizado em 27 de dezembro de 1726 e declarado Doutor da Igreja em 1926 por Pio XI. Em 1952 foi proclamado “Patrono dos Poetas Espanhóis”. Sua festa é comemorada no dia 14 de dezembro. Sobre São João da Cruz, confira *As obras completas de São João da Cruz* (Petrópolis: Vozes, 2002). (Nota da **IHU On-Line**)

-se-ia teorizar razoavelmente que suas experiências místicas diferem. No fim das contas, entretanto, qualquer experiência do divino é inefável e está além da explicação, e tanto os místicos quanto as místicas atestam isso. Assim, se elas são diferentes, duvido que qualquer pessoa pudesse provar que as diferenças se devem ao gênero e não à bela diversidade que é o empreendimento humano.

“É digno de nota o fato de que mais da metade das igrejas titulares de Roma devem seu nome às mulheres

IHU On-Line - Quais as semelhanças e diferenças nas experiências de Madalena e Paulo de Tarso com o Cristo ressuscitado? E, a partir de seus escritos, que papel Paulo de Tarso entende que a mulher tem no cristianismo?

Chris Schenk - A experiência de Maria se deu logo depois de testemunhar a morte brutal e o sepultamento de Jesus, de modo que o impacto de ver a nova vida de Jesus deve ter sido avassalador. Ela já era uma pessoa crente e uma discípula fiel, de modo que a incumbência que Jesus lhe deu de “ir e dizer a meus irmãos” que ele tinha ressuscitado era o nascimento da igreja, pois, naquele momento, só ela (Maria Madalena) era portadora da verdade da ressurreição.

A experiência de Paulo se deu depois de meses de perseguição à igreja recém-nascida. A experiência dele também foi avassaladora, mas por razões diferentes. Paulo passou a perceber que Jesus era o cumprimento da lei que ele tinha seguido fielmente a vida inteira. A conversão de Paulo, que expan-

diu sua mente, preparou o terreno para admitir gentios na igreja sem exigir a circuncisão. Ele também é um modelo para todas e todos nós que, assim como Paulo, não conhecemos Jesus em vida. Paulo nos ajuda a crer que nós também podemos vivenciar a graça da amizade com Cristo que nos fortalece e cura.

Uma grande diferença entre Paulo e Maria de Magdala é que as viagens missionárias de Paulo e suas cartas às primeiras comunidades por todo o mundo do Mediterrâneo foram preservadas e oferecem um excelente instantâneo dos desafios reais com que se defrontavam as primeiras pessoas cristãs. Elas são os mais antigos escritos cristãos que temos. Infelizmente, não temos um registro direto semelhante do que aconteceu na vida e no testemunho subsequentes de Santa Maria de Magdala. Só podemos deduzir de fontes extracanjônicas que ela foi lembrada, em algumas das primeiras comunidades, como uma líder e discípula proeminente que entendeu a missão de Jesus melhor do que seus irmãos.

Mulheres paulinas

As cartas de Paulo também dão informações valiosas sobre a liderança coigual nas primeiras comunidades cristãs. O capítulo 16 de Romanos nos fala do casal Prisca e Áquila, “colaboradores em Cristo” de Paulo. O fato de Prisca ser mencionada primeiro em quatro das seis vezes em que o casal é citado no Novo Testamento nos diz que ela provavelmente era a mais proeminente dos dois. Prisca e Áquila fundaram igrejas que se reuniam em casas em Corinto, Éfeso e Roma e serviam como uma base de evangelização em cada uma dessas importantes cidades. Junto com Paulo, eles podem ser legitimamente chamados de “apóstolos para os gentios”, porque o próprio Paulo diz: “Não somente eu lhes devo gratidão, mas também todas as igrejas da gentilidade” (Rm 16,4). Paulo louva outro casal de missionários, Júnica e seu marido Andrônico, como “apóstolos exímios” (Rm

16,7). Júnia é a única mulher no Novo Testamento a quem se dá o título de “apóstola”.

Apoiadoras do cristianismo

Uma realidade pouco conhecida é que Maria Madalena é a primeira em uma longa linhagem de patronas e benfeitoras que apoiaram financeiramente a missão cristã. Ela era uma mulher independente e rica que usou seu dinheiro para financiar a missão galileia de Jesus (Lc 8,1-3). Da mesma maneira, ao menos algumas das viagens missionárias de Paulo foram apoiadas financeiramente por Febe⁷ - a benfeitora (e *diakonos*) de Cencreia (Rm 16,1). Muitas patronas disponibilizaram recursos financeiros para que a missão cristã se espalhasse por todo o mundo mediterrâneo.

Isso começou com Maria Madalena e Joana, esposa de Cuza, procurador de Herodes. Continuou por meio de Febe, que ajudou financeiramente o ministério de Paulo, e se estendeu até o século IV, com Olímpia, que, sem dúvida, financiou metade dos bispos da Ásia Menor, dos quais João Crisóstomo⁸

7 Sobre o tema, confira o artigo “Será que a Igreja aceitará Mulheres Diáconos? Santa Febe, rogai por nós”, publicado nas Notícias do Dia de 30-06-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos, disponível em <http://bit.ly/29SNnV1>. (Nota da IHU On-Line)

8 **João Crisóstomo** (347-407): teólogo e escritor cristão, Patriarca de Constantinopla no fim do século IV e início do século V. Por sua retórica inflamada, ficou conhecido como Crisóstomo (que em grego significa “boca de ouro”). É considerado santo pelas Igrejas Ortodoxa e Católica. É um dos quatro grandes Padres da Igreja Oriental e doutor da Igreja Católica. (Nota da IHU On-Line)

é um dos mais conhecidos. É digno de nota o fato de que mais da metade das igrejas titulares de Roma devem seu nome às mulheres que eram proprietárias dessas casas maiores em que as primeiras pessoas cristãs se reuniam para o culto.



Resgatar a história da liderança coigual das mulheres na igreja primitiva contribui para preparar o terreno para a igualdade das mulheres em todos os ministérios da igreja

O patronato de mulheres foi fundamental para a disseminação do cristianismo. O próprio Papa Bento⁹ atestou isso, em 14 de fevereiro de 2007, ao fazer a notável afirmação de que, nas primeiras comunidades

9 **Bento XVI, nascido Joseph Aloisius Ratzinger** (1927): foi papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua renúncia. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma, foi eleito, no conclave de 2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da IHU On-Line)

cristãs, “a presença feminina era tudo menos secundária”¹⁰. Isso é outra forma de dizer que a liderança das primeiras mulheres cristãs era primordial ou, ao menos, igual à liderança dos homens.

IHU On-Line - Como compreender o movimento na Igreja hoje em reconhecer as injustiças e incompreensões feitas sobre a figura de Madalena? E como compreender o espaço da mulher na Igreja hoje a partir das discussões em torno da história de Madalena na atualidade?

Chris Schenk - Em 1997, FutureChurch iniciou o que viria a se tornar um esforço internacional para resgatar a memória de Maria de Magdala como apóstola dos apóstolos e corrigir a ideia de que ela teria sido uma prostituta. Desde então, entre 250 e 400 celebrações educativas anuais foram feitas, no mundo inteiro, no dia ou perto do dia da festa dela a cada verão [no Hemisfério Norte]¹¹. Resgatar a história da liderança coigual das mulheres na igreja primitiva contribui para preparar o terreno para a igualdade das mulheres em todos os ministérios da igreja, como foi visionado pela primeira vez por Jesus e S. Paulo. ■

10 Disponível em Asia News, através do link <http://bit.ly/29BkCbD>. (Nota da entrevistada)

11 Conheça um pouco dessas celebrações no artigo da Nathional Catholic Reporter, disponível em <http://bit.ly/2a6gRfi>. E no link de FutureChurch, confira os esforços deste para as celebrações desse ano (você pode baixar gratuitamente um kit para organizar a celebração). Acesse em <http://bit.ly/29B3p7n>. (Nota da entrevistada)

LEIA MAIS...

— *Maria de Magdala, a grande “Apóstola dos Apóstolos”*. Entrevista com Chris Schenk, publicada na revista IHU On-Line, número 385, de 19-12-2011, disponível em <http://bit.ly/29vWYfY>.

A apóstola da dedicação e do amor integral

Lucetta Scaraffia aponta que Maria Madalena representa o amor e a dedicação totais a Jesus, e que a importância do amor é o centro da mensagem cristã

Por João Vitor Santos | Edição João Flores da Cunha | Tradução Ramiro Mincato

A jornalista e historiadora Lucetta Scaraffia afirma que Madalena é “a mulher mais importante do Evangelho” depois de Maria, a Virgem, “porque é a primeira testemunha da ressurreição”. Para ela, Madalena não apenas foi considerada apóstola por Jesus, mas a mais importante entre eles. Em sua visão, “Madalena representa o amor total, a dedicação total a Jesus, que deixou claro como as mulheres tinham compreendido melhor o que significava a importância do amor”. “É o coração da mensagem cristã”, destaca.

Na entrevista, concedida por e-mail à IHU On-Line, Scaraffia nota que de Madalena “se sabe tão pouco, que se procurou, até mesmo, unificar sob seu nome a pecadora arrependida”. Nos últimos 30 anos, segundo ela, mulheres especialistas em exegese redescobriram “a presença das mulheres nos Evangelhos”. Elas “estavam lá, sob os olhos de todos, mas ninguém parecia

vê-las ou compreender o que elas significavam”. A historiadora valoriza a instituição, pelo Papa Francisco, da festa de Maria Madalena, a qual “constituiu um passo importante e irreversível na definição do papel das mulheres na Igreja”.

Lucetta Scaraffia é jornalista, historiadora e professora da Universidade La Sapienza de Roma. É a primeira colunista do *L'Osservatore Romano*, o jornal da Santa Sé, e dirige o suplemento “Mulheres, Igreja, Mundo” do jornal. Ela se ocupa da história das mulheres e de história religiosa, e escreveu diversas obras sobre religiosidade feminina. Entre seus livros, estão *Due in una carne. Chiesa e sessualità*, com Margherita Pelaja (2008) e *La grande meretrice. Un decalogo di luoghi comuni sulla storia della Chiesa* (2013). Scaraffia faz parte do Comitê Italiano de Bioética.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como define Maria Madalena? Qual sua importância para o cristianismo?

Lucetta Scaraffia - Maria Madalena, depois de Maria, é a mulher mais importante do Evangelho, porque é a primeira testemunha da ressurreição. Seu encontro com Jesus ressuscitado também revela a estreita relação que existia entre ela e Jesus, uma relação de discipulado e amor intenso, que provocou, muitas vezes, desconforto nos comentaristas. Muitos comentaristas,

mais antigos, procuravam até justificar o fato de que Jesus depois da ressurreição tenha aparecido para ela, e não para sua mãe, para dar a boa notícia.

Madalena é importante, porque sua presença revela a importância das mulheres na vida de Jesus, é óbvio, porque provavelmente os evangelistas não tinham intenção de colocá-la em destaque.

IHU On-Line - Por que, ao que parece, ao longo da história da

Igreja, foi sempre difícil assumir Madalena como “apóstola”, a primeira entre os apóstolos, a quem o Senhor se manifestou ressuscitado? O que está por trás desse espaço dado à Madalena ao longo da história?

Lucetta Scaraffia - Os Evangelhos são, sem dúvida, o livro mais revolucionário da história, mesmo no que respeita ao relacionamento com as mulheres. Jesus subverte todos os papéis, todos os estereótipos, e afirma de modo indubi-



Os Evangelhos são o livro mais revolucionário da história, mesmo no que respeita ao relacionamento com as mulheres

tável sua paridade espiritual. Mas os evangelistas eram homens de seu tempo, e na narrativa - alguns mais, outros menos - tentavam desarmar esta bomba. Que, porém, está igualmente presente, especialmente na figura de Maria Madalena: dela se sabe tão pouco, que se procurou, até mesmo, unificar sob seu nome a pecadora arrependida, senão a irmã de Lázaro, Maria¹. Mas, o que coloca Madalena fora e acima de todos os outros relacionamentos de Jesus é o seu testemunho da ressurreição, coração da mensagem evangélica. Não se pode negar o que é evidente: que Madalena não só foi considerada "apóstola" pelo próprio Jesus, mas a mais importante entre os apóstolos. Porque é aquela que ama mais.

IHU On-Line - Em que medida é possível entrar na discussão do feminino na Igreja através desta personagem? Como compreender suas representações (artísticas, literárias e mais tarde cinematográficas) postas, quase sempre, em contradição ao estereótipo da Virgem Maria, a mãe?

Lucetta Scaraffia - Madalena representa o amor total, a dedicação total a Jesus. Um discípulo selado pelo amor, e imune de todo moralismo, de todo o medo de julgamento dos outros. Por isso ela constitui um exemplo brilhante, mas extremo, difícil de seguir, especialmente pelos homens. Para Maria, a mãe, o amor total é com-

¹ A passagem a respeito de Maria, irmã de Marta e Lázaro está em João 12 e Marcos 14, 2-11. (Nota da **IHU On-Line**)

preensível e quase natural. Na Madalena torna-se inquietante, porque insinua um vínculo sexual, parece até aludi-lo.

Por isso Madalena foi considerada uma pecadora arrependida, representada como prostituta, com ar sedutor, embora arrependida. Seu amor, fora de qualquer regra estabelecida, sua dedicação total, despertou suspeitas e insinuações maliciosas. Basta pensar que, mesmo há poucos anos, um dos maiores sucessos editoriais, *O Código Da Vinci*², baseava-se no amor escondido, mas bem terreno, entre Maria Madalena e Jesus.

IHU On-Line - Em que medida a história de Madalena, ou o tratamento dado a ela, se atualiza em outras mulheres na Igreja, como Teresa de Ávila e Rita de Cássia?

Lucetta Scaraffia - Muitas santas, especialmente místicas, souberam amar a Jesus com o mesmo abandono total de Madalena: sem dúvida, Teresa de Ávila é o exemplo mais claro, uma vez que foi capaz de narrar, com palavras extraordinárias, esta história de amor. Não é por acaso que, entre os místicos, as mulheres são claramente a maioria.

IHU On-Line - Qual a importância de se repensar toda tradição cristã tendo como perspectiva principal as mulheres - Marta,

² BROWN, Dan. *O Código Da Vinci*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. (Nota da **IHU On-Line**)

Maria, a Samaritana e Maria Madalena - presentes no Evangelho?

Lucetta Scaraffia - Nos últimos trinta anos houve mulheres, principalmente especializadas em exegese bíblica, que fizeram redescobrir a presença das mulheres nos Evangelhos. Elas estavam lá, sob os olhos de todos, mas ninguém parecia vê-las ou compreender o que elas significavam. Hoje, existem muitas especialistas que abriram nossos olhos: pena que o clero não se atualizou sobre estes estudos, porque nos seminários não se leem estes escritos. Porque só agora podemos realmente entender qual era o projeto revolucionário de Jesus para as mulheres, e é importante que isto se torne consciência coletiva e compartilhada pela Igreja. Jesus confiou às mulheres um importante papel espiritual, deixou claro como exatamente as mulheres tinham compreendido melhor o que significava "serviço" e, sobretudo, a importância do amor. É o coração da mensagem cristã.

IHU On-Line - Como a senhora analisa a elevação da celebração litúrgica de Maria Madalena para o grau de festa? O que está por trás deste movimento do papa Francisco?

Lucetta Scaraffia - Penso que a festa de Maria Madalena promovida pelo Papa Francisco constitui um passo importante e irreversível na definição do papel das mulheres na Igreja. Desta forma, o papa estabelece irrevogavelmente a igualdade no espírito e na missão de mulheres e homens na vida da Igreja. É um passo decisivo, que muda tudo, desde a raiz, desde as origens. Liberta a mulher de todas as projeções negativas - sedutora, imagem erótica, enganadora - que ofuscaram, ao longo dos séculos, a imagem da Madalena, assim como das mulheres em geral. Pena que poucos tenham percebido.

IHU On-Line - Qual é o espaço da mulher na Igreja hoje? Como compreender os movimentos e discursos de Francisco com relação ao espaço e ao papel da mulher na Igreja? Quais as distinções e semelhanças com seus antecessores?

Lucetta Scaraffia - Hoje, as mulheres estão conquistando algum espaço na vida da Igreja, graças aos prudentes passos feitos pelo papa. Mas estão excluídas dos momentos importantes de discussão, onde se define o futuro da Igreja, o que constitui uma grave perda. Seria suficiente fazer participar nas decisões as religiosas que estão no topo das organizações mundiais existentes, mas que não servem para nada, como a União Internacional das Superiores Gerais³, sem mudar nada, sem acrescentar nada. Também os antecessores de Francisco sentiram a necessidade de resolver a questão das mulheres que, à diferença do contexto ocidental, onde estão quase plenamente emancipadas, torna-se ainda mais intolerável. Penso que a decisão mais importante foi tomada por Paulo VI⁴, com a nomeação de Teresa de Ávila⁵

3 União Internacional das Superiores Gerais – UISG: é uma organização internacional de Superiores Gerais das Congregações religiosas canonicamente aprovadas. (Nota da IHU On-Line).

4 Paulo VI (1897-1978): Giovanni Battista Montini foi papa da Igreja Católica entre 1963 e 1978. Chefiou a Igreja Católica durante a maior parte do Concílio Vaticano II e foi decisivo na colocação em prática das suas decisões. (Nota da IHU On-Line)

5 Teresa de Ávila (1515 – 1582): freira carmelita espanhola nascida em Ávila, Castela, famosa reformadora da ordem das Carmelitas. Canonizada por Gregório XV (1622), é festejada na Espanha em 27 de agosto, e no resto do mundo em 15 de outubro. Foi a primeira mulher a receber o título de doutora da igreja, por decreto de Paulo VI (1970). Entre seus livros citam-se *Libro de su vida* (1601), *Libro de las fundaciones* (1610), *Camino de la perfección* (1583) e *Castillo interior ou Libro de las siete moradas* (1588). Escreveu também poemas, dos quais restam 31 deles, e enorme correspondência, com 458 cartas autenticadas. Sobre Teresa, confira *Teresa – A Santa Apaixonada*, (Rio de Janeiro: Objetiva, 2005), de autoria de Rosa Amanda Strausz; *Obras completas* (São Paulo: Loyola, 1995) e *Santa Teresa de Jesus – Livro da*

e Catarina⁶ de Dotoras da Igreja: deste modo afirmou que também as mulheres, como os homens, contribuíram para construir a tradição cristã. E muito importante foi a decisão de Bento XVI de nomear uma doutora da Igreja Hildegard de Bingen, sábia mulher que tinha pregado contra os cátaros nas catedrais alemãs, e que sequer tinha sido canonizada.

“
Jesus deixou claro como as mulheres tinham compreendido melhor o que significava ‘serviço’ e, sobretudo, a importância do amor

É certo que o *Mulieris Dignitatem*⁷ de João Paulo II também foi importante, mas desempenhou função negativa: em essência, muitos elogios às mulheres, ao gênero feminino, mas a Igreja continuava a pensar e agir como se pudesse facilmente descartá-las. Para muitas mulheres católicas de hoje, incluindo religiosas, parece quase um insulto, e não querem mais ouvir falar de gênero feminino.

vida” (4ª ed., São Paulo: Ed. Paulus, 1983). A edição 460 da revista IHU On-Line, sob o título A mística nupcial. Teresa de Ávila e Thomas Merton, dois centenários analisa a legado de Merton. Confira em <http://bit.ly/1hbCXyo> (Nota da IHU On-Line)

6 Catarina de Siena (1347-1380): leiga da Ordem Terceira de São Domingos, venerada como Santa Catarina na Igreja Católica. Catarina de Siena foi ainda uma personagem influente no Grande Cisma do Ocidente. (Nota da IHU On-Line)

7 *Mulieris dignitatem*: é um documento pontifício publicado sob a forma de Carta Apostólica por João Paulo II em 15 de agosto de 1988. (Nota da IHU On-Line)

O Papa Francisco quer ir mais fundo: sabe que só se poderá mudar alguma coisa a condição de “uma mais profunda teologia da mulher”. Como fez com Madalena.

IHU On-Line - O Vaticano, a Cúria Romana em especial, tem a ideia de que os homens e as mulheres têm papéis diferentes e complementares. A senhora concorda com essa perspectiva? Essa visão está presente no pontificado bergogliano e em que medida podemos falar em ruptura e continuidade dessa lógica? (gostaria que levasse em conta a ideia de “reforma bergogliana da Cúria”, e o espaço que mulheres vêm assumindo dentro da Cúria e em outros espaços, como universidades, conselhos... da Igreja).

Lucetta Scaraffia - Penso que o discurso da complementaridade é certo, mas que precisa ser usado com parcimônia: há muitas coisas que podem ser feitas tanto por mulheres, como por homens. Como o ensino em todos os níveis, por exemplo, ou a direção espiritual.

Manter a diferença não significa que não se possa, ou deva, haver sobreposição de papéis. É preciso mais elasticidade, muitas vezes por trás da ideia rígida de complementaridade esconde-se a intenção de excluir as mulheres de papéis importantes.

Parece-me que o Papa Francisco quer ir além dessa ideia, um pouco mecânica, de complementaridade, uma vez que está nomeando mulheres para lugares ocupados até agora somente por homens: reitor de universidade, diretor dos Museus Vaticanos, vice-diretor de imprensa... creio que pensa que, em muitos casos, as mulheres podem desempenhar os mesmos papéis, talvez, de modo um pouco diferente. E que esta diversidade seja um valor adjunto. ■

Um novo pensar sobre a mulher pelo reconhecimento de Madalena

Thomas Stegman compreende que resgatando a importância da figura da apóstola dos apóstolos é possível inspirar a Igreja a pensar sobre o papel da mulher hoje

Por João Vitor Santos | Tradução Luís Sander

Para o professor de Novo Testamento na Boston College School of Theology and Ministry, Thomas Stegman, “Maria Madalena desempenha um papel essencial na proclamação da boa nova de que Jesus ressuscitou dos mortos. Esse é o papel dela, e é um papel privilegiado”. Assim, entende que reconhecer o papel dessa personagem bíblica é também assumir a importância da mulher entre os cristãos primitivos. Entretanto, alerta: “em função das diferenças no tempo em termos de valores culturais e papéis de gênero, não é fácil fazer comparações ou analogias diretas com o presente”.

Por isso, requer um pouco de vagar nas análises. Para o professor, é significativa a ação do Cristo em incluir mulheres em papéis de destaque entre seus seguidores. Elas são cruciais, assim como Madalena nos eventos pascais. “O que isso significa exatamente para o papel das mulheres na Igreja atualmente não está claro, embora esses dados devam fazer parte de qualquer discernimento sobre essa questão”, destaca, propondo assim uma nova forma de olhar e pensar a mulher na Igreja de hoje.

Estudioso dos escritos de Paulo, na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Stegman também destaca que esse apóstolo valorizava a atuação feminina. “Paulo não tem animosidade contra as mulheres. Ele inclui mulheres (p. ex., Prisca e Febe) em seu ministério”.

Thomas D. Stegman é jesuíta, professor de Novo Testamento na Boston College School of Theology and Ministry. Possui mestrado em Filosofia pela Marquette University, também é mestre em Antigo Testamento pela Weston Jesuit School of Theology e Ph.D. em Estudos do Novo Testamento pela Emory University. É o autor de *The Character of Jesus: The Linchpin to Paul's Argument in 2 Corinthians* [Do caráter de Jesus: o pivô ao argumento de Paulo em 2 Coríntios, em livre tradução], publicado pelo Pontifício Instituto Bíblico de Imprensa da série *Analecta Biblica*. Ainda escreveu um comentário sobre 2 Coríntios na *Catholic Commentary on Sacred Scripture* series, publicado pela Baker Academic. Atualmente, vem trabalhando com a carta de Paulo aos Romanos.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - De que modo Madalena é constituída pelos quatro evangelistas? Como compreender o espaço que é dado a ela nesses escritos? E como a figura da mulher emerge em outros espaços, como nas Cartas de Paulo?

Thomas Stegman - A figura de Maria Madalena só aparece nos

quatro evangelhos, e não nos escritos de Paulo. Com a exceção de Lucas 8,1-3, todas as referências a Madalena dizem respeito ao fato de ela testemunhar a crucificação (em Mateus e Marcos - de longe; em João - ao pé da cruz) e o sepultamento (Mateus, Marcos, Lucas) de Jesus, bem como ao sepulcro vazio (todos os quatro evangelhos)

e a um encontro com o Jesus ressurreto (Mateus, Marcos [final mais extenso do evangelho] e João).

Ela é, portanto, uma testemunha crucial que viu onde Jesus foi sepultado, o mesmo sepulcro que encontrou vazio no terceiro dia. Os relatos dos evangelhos nos dão uma “atestação múlti-

pla” do papel de Maria Madalena como essa testemunha. Levando em conta que na lei judaica da época o testemunho de uma mulher não tinha status jurídico como depoimento no tribunal, é notável que os autores dos evangelhos a mantenham como a testemunha-chave.

IHU On-Line - De que forma podemos compreender a concepção de Maria Madalena como apóstola dos apóstolos?

Thomas Stegman - Em Mateus, Marcos e João, o Jesus ressurreto encarrega Maria Madalena de dizer aos discípulos (do sexo masculino) que Jesus ressuscitou. É interessante que Paulo entenda como “apóstolo” uma pessoa com quem o Senhor ressurreto se encontra e a quem ele dá uma missão específica. Maria Madalena certamente se encaixa nessa definição de apóstolo. Por causa de seu testemunho, ela é, com razão, chamada de “apóstola dos apóstolos”.

IHU On-Line - O que se sabe de Madalena antes do contato com o Cristo e sobre sua atuação no movimento de Jesus?

Thomas Stegman - Lucas 8,1-3 é a passagem sobre Maria Madalena que trata desse tempo. Nesse texto, ficamos sabendo que ela estava entre as mulheres que estavam

acompanhando Jesus e os Doze durante o ministério dele na Galileia. Elas davam apoio financeiro para a missão. É em Lucas 8,2 que ficamos sabendo que sete demônios tinham sido expulsos de Maria Madalena.

Não há menção de que Madalena fosse uma pecadora ou prostituta. Essa associação foi feita porque Lucas 8,1-3 se segue imediatamente após o relato a respeito de uma pecadora anônima a quem Jesus perdoa e que, depois, lava extravagantemente os pés dele com suas lágrimas e os seca com seus cabelos. Não há base textual para identificar Maria Madalena com essa mulher, nem com os relatos de Mateus, Marcos e João a respeito de uma mulher que unge os pés de Jesus antes de sua paixão. Em João, essa mulher é identificada como Maria, irmã de Marta e Lázaro (e não como Madalena). Portanto, a tradição de que Maria Madalena seria uma prostituta/pecadora não faz justiça aos relatos bíblicos.

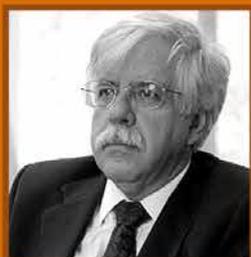
IHU On-Line - Como compreender o ministério de Maria Madalena? Quais as dissonâncias e aproximações com o ministério de Paulo?

Thomas Stegman - Maria Madalena desempenha um papel essencial na proclamação da boa nova de que Jesus ressuscitou dos mor-

tos. Esse é o papel dela, e é um papel privilegiado. Paulo não a inclui na lista das pessoas que receberam uma aparição do Jesus ressurreto em 1 Coríntios 15,3-8. Será que é porque Paulo não sabe? Provavelmente, porque Paulo não tem animosidade contra as mulheres. Ele inclui mulheres (p. ex., Prisca e Febe) em seu ministério.

IHU On-Line - Em que medida é possível afirmar que a Igreja hoje, a partir do papa Francisco, faz um resgate a Maria Madalena? Quais as questões de fundo por trás desses movimentos?

Thomas Stegman - Atualmente, muitas pessoas querem resgatar a figura de Maria Madalena, e com boas razões. As mulheres desempenham um papel importante na identidade e missão da Igreja. Em função das diferenças no tempo em termos de valores culturais e papéis de gênero, não é fácil fazer comparações ou analogias diretas com o presente. O fato de que Jesus incluiu mulheres como parte de um grupo maior de discípulos é significativo. O mesmo se aplica ao papel crucial desempenhado por Maria Madalena nos eventos pascais. O que isso significa exatamente para o papel das mulheres na Igreja atualmente não está claro, embora esses dados devam fazer parte de qualquer discernimento sobre essa questão. ■



Prof. Dr. Roberto Romano

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia da igualdade e dos afetos

26 de setembro (segunda-feira) | 19h30min às 22h

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

Informações e inscrições: ihu.unisinos.br

4º Ciclo de Estudos Metrópoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo.
Territórios, governamento da vida e o comum

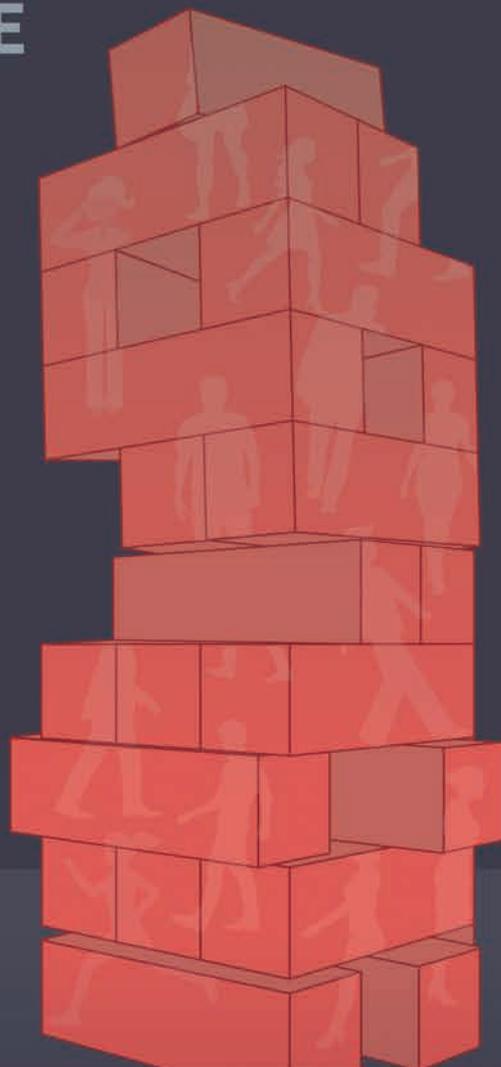
IV Colóquio
Internacional IHU

POLÍTICAS PÚBLICAS, FINANCEIRIZAÇÃO E CRISE SISTÊMICA

13

de setembro
de 2016

Local: Sala Ignacio Ellacuría
e Companheiros – IHU
Campus da Unisinos
São Leopoldo/RS



**Conferencista: Prof. Dr. Yann Moulier Boutang –
Université de Technologie de
Compiègne – UTC – França**

*9h15min às 10h15min – Compreendendo a
financeirização: conceito(s), origens,
impactos e (im)possibilidades*



Informações e inscrições em
ihu.unisinos.br



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

 UNISINOS
Somos infinitas possibilidades

O chamado de Maria de Magdala e o nosso próprio chamado

Por Elisabeth Schüssler Fiorenza | Tradução Isaque Gomes Correa

“Sabemos de várias histórias sobre o chamado de discípulos, no entanto não temos histórias de chamamento envolvendo Maria Madalena e as discípulas. Daí que a igreja como a conhecemos hoje não é um discipulado de iguais”, provoca Elisabeth Fiorenza. E conclui, em artigo enviado à **IHU On-Line**: “a Sabedoria Divina chama cada uma de nós a se juntar a Ela em Sua obra de justiça e libertação, da mesma forma como chamou Miriam de Magdala e outras discípulas muito tempo atrás”.

Elisabeth Schüssler Fiorenza é teóloga e biblista feminista. Romena, nasceu numa família alemã e, depois da Segunda Guerra Mundial, cresceu na Alemanha, onde se tornou uma das primeiras mulheres católicas a se formar em teologia, doutorando-se na área da Bíblia. Desde 1970 vive nos Estados Unidos e ensina exegese/interpretação bíblica feminista, em instituições como Divinity School da Universidade de Harvard, Cambridge, Massachusetts. Entre suas publicações estão *Wisdom Ways (Caminhos da Sabedoria)*, publicado em 2001 (no Brasil, editado pela Nhanduti Editora); *In Memory of Her* (1983); *As origens cristãs a partir da mulher*; *Bread Not Stone* (1984); *But She Said* (1992); *Discipleship of Equals* (1993); *Discipulado de Iguais*; *Jesus: Miriam's Child, Sophia's Prophet* (1994); *Searching the Scriptures* (1994/95); *Sharing Her Word* (1998); *Jesus and the Politics of Interpretation* (2000); *Jesus e a Política da Interpretação*; *The Power of the Word: Scripture and the Rhetoric of Empire* (2007). E ainda entre as publicações traduzidas, destacamos: “Discipulado de Iguais: uma ekklesiologia feminista crítica da Libertação” (1993), “A Força da Palavra: as Escrituras e a retórica do Império” (2007), “Horizontes em transformação: explorações na interpretação feminista” (2013), “Pão Não Pedra: o desafio da interpretação bíblica feminista” (1992).

Eis o artigo.

Estamos reunidos e reunidas aqui neste lugar sagrado para recordar o nosso chamado ao discipulado de iguais e empoderar-nos com a palavra vivificante da Sabedoria Divina. Todas as leituras bíblicas de hoje falam sobre o chamado da Sabedoria Divina. Na leitura do Evangelho de João² que ouvimos, Jesus chama Filipe e Natanael para o discipulado de iguais. Sabemos de várias histórias sobre o chamado de discípulos, no entanto não temos histórias de chamamento envolvendo Maria Madalena e as discípulas. Daí que a igreja como a conhecemos hoje não é um discipulado de iguais. Em vez disso, temos uma instituição em sua maior parte exclusivista e hierárquica que parece ter esquecido o seu chamado a ser uma comunidade de igualdade que acolhe a todos e todas.

Embora a história de Maria de Magdala e das outras discípulas judaicas que ouviram o chamado da Sabedoria Divina não tenha sido contada, nós ainda assim podemos encontrar vestígios do discipulado delas nos evangelhos. As tradições evangélicas ainda transmitem alguns dos nomes das discípulas galileias que seguiram Jesus da Galileia a Jerusalém. Diz-se que estas mulheres não só foram as testemunhas primordiais da execução de Jesus e de seu sepultamento, mas também as primeiras que proclamaram a ressurreição dele. Maria de Magdala foi a mais destacada destas discípulas da Galileia. De acordo com a tradição, ela foi chamada de “apóstola dos apóstolos”. O testemunho de Maria de Magdala e das outras discípulas insiste que Deus e o Ressurgido somente podem ser encontrados entre os Vivos.

Como Maria de Magdala, somos chamadas pela Sabedoria Divina para o discipulado de iguais. Como Maria de Magdala e as demais discípulas, somos incumbidas de ir e dizer aos “irmãos” que eles devem abandonar sua compulsão pelo controle e seu medo da autonomia e criatividade das mulheres. Jesus está indo à frente

1 O texto é um sermão proferido em janeiro de 2006 na igreja de St. Clements, Honolulu, Havaí. Como artigo, foi originalmente publicado como FIORENZA, E. Schüssler. *Empowering Memory and Movement: Thinking and Working Across Borders*, em Minneapolis Fortress Press, 2014, p. 513-519. (Nota da **IHU On-Line**)

2 A autora refere-se ao capítulo 1 de João, quando o Cristo chama os discípulos. (Nota da **IHU On-Line**)

para a Galileia. Somente entre as pessoas é onde o encontrarão. As discípulas são enviadas aos discípulos para anunciar a boa nova daquele que vive. Elas são chamadas a empoderar a comunidade daquele que vive. Aquele que vive está seguindo em frente - não indo embora -, é o que ouvem elas nos evangelhos e o que ouvimos nós com elas. O medo da violência brutal do Estado não pôde deter o testemunho de Maria de Magdala e das outras mulheres.

Misoginia ao assumir a vida pública

As tradições sobre Maria de Magdala e as discípulas também indicam a misoginia que as mulheres enfrentam quando se atrevem a assumir liderança pública. Na teologia cristã, Maria de Magdala, a apóstola dos apóstolos, foi transformada na pecadora arrependida e "mais casta" prostituta, a mulher sexuada que está apaixonada por Jesus e lhe ensina modos femininos de ser. Esse estereótipo de Maria Madalena foi reforçado pelo Papa Gregório Magno (540-604)³. Ele apresentava Maria Madalena como o exemplo de arrependimento e conversão ao povo de Roma que sofria com a fome, pragas e guerra. Conforme escreve Susan Haskins⁴:

"E assim a transformação de Maria Madalena ficou completa. Da figura evangélica, com seu papel ativo de arauto da Vida Nova - a Apóstola para os Apóstolos -, ela se torna a prostituta redimida e o modelo cristão de arrependimento, uma figura dócil e controlável, uma arma e instrumento eficaz de propaganda contra o seu próprio sexo".⁵

Redução da figura de Madalena

Estas histórias das discípulas não só foram esquecidas, mas Miriam de Magdala, a apóstola dos apóstolos, foi também feminilizada cultural e teologicamente. Hoje, clérigos e teólogos cristãos não enfatizam mais a pecaminosidade de Madalena, mas, em vez disso, degradam a sua liderança ao continuar insistindo, em muitas partes do mundo, que as mulheres não podem ser líderes de igrejas porque Jesus escolheu somente homens como apóstolos ou que as mulheres não têm o direito de reformular a liturgia ou a doutrina da Igreja. A cultura popular continua a reforçar o estereótipo cristão tradicional das mulheres como pecadoras ou

amantes em livros como *A última tentação de Cristo*⁶, de Kazantzakis⁷, em filmes como *A última tentação de Cristo*⁸, de Scorsese⁹, ou em musicais como "Jesus Cristo Superstar"¹⁰. Maria Madalena foi rebaixada de apóstola e testemunha da vida nova para um símbolo da pecaminosidade da mulher e estereótipo feminino de amor autossacrificial por um grande homem.

Livros e histórias contemporâneos sobre Maria Madalena poderiam ser resumidos com o refrão de "Jesus Cristo Superstar" - "Eu o amo tanto". A música, a literatura e a arte modernas retratam-na como a amante de Jesus ou como sua esposa, cujo ser total existe no auto-sacrifício amoroso e na admiração. O culto da feminilidade é onipresente: a imagem de Maria Madalena como prostituta desenfreada, como a mulher pecadora, amante de Jesus, a mulher diabólica, reforça a ideologia cultural da feminilidade numa época de reação política contra as mulheres, numa época de comércio internacional do sexo e de abusos sexuais de membros do clero, numa época em que se diz de novo às jovens que o verdadeiro significado de suas vidas consiste no casamento e na maternidade.

Madalena iluminada pelo feminismo

Apesar de tal depreciação e cooptação, a velha tradição do discipulado de Maria e sua missão aos "irmãos" ainda sobrevive, e por causa da pesquisa feminista ela está ganhando um novo fôlego hoje. Nas últimas três décadas, estudos bíblicos e teologias críticas feministas mostraram que Miriam de Magdala não foi uma pecadora ou mulher decaída, mas uma liderança do movimento judaico que recebeu seu nome de Jesus (movimento de Jesus). Junto com Jesus e os outros discípulos e discípulas chamadas pela Sabedoria Divina, ela buscou viver e modelar uma comunidade

6 **A Última Tentação de Cristo** (título original grego: "Ο τελευταίος πειρασμός"; em alfabeto latino: "Ο telefteos pirasmos"): é um romance de autoria do escritor grego Níkos Kazantzákis, publicado originalmente em 1951. No Brasil, foi editado pela Editora Rocco em 1988. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Níkos Kazantzákis** (1883-1957): foi um escritor, poeta e pensador grego. Comumente considerado o mais importante escritor e filósofo grego do século XX, tornou-se mundialmente conhecido depois que, em 1964, Michael Cacoyannis realizou o filme *Zorba, o Grego*, baseado em seu romance homônimo. É também considerado o autor grego contemporâneo mais traduzido. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **A última tentação de Cristo** (1988): filme dirigido por Martin Scorsese com base no livro de Nikos Kazantzakis. Dentro da programação da Páscoa de 2006, o IHU exibiu esse filme em 25 de março, comentado pela MS Ana Maria Formoso, na série Jesus no Cinema. Sobre o assunto, confira a entrevista com Formoso na edição 172, de 20-03-2006, intitulada *O Jesus humano de Scorsese*, disponível em <http://bit.ly/29GyZwl>. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Martin Scorsese** (1942): cineasta, ator, produtor e roteirista norte-americano. De sua filmografia, destacamos *A Última Tentação de Cristo* e *A ilha do medo*. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Jesus Christ Superstar** (Jesus Cristo Superstar): é um musical de rock de Andrew Lloyd Webber, com libreto e letras de Tim Rice. Apresentado em 1970, destaca as lutas políticas e pessoais de Judas Iscariotes e Jesus. O musical começou como um álbum conceitual de ópera-rock. Devido ao seu sucesso, foi para a Broadway em 1971, e desde então tem sido encenado em todo mundo. O filme com legenda em português está disponível no You Tube através do link <http://bit.ly/29zBxvn>. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Papa Gregório IX** (1160-1241) foi o 178º papa, de 1227 a 1241. Foi importante incentivador dos dominicanos e dos franciscanos, tendo sido amigo pessoal do próprio São Francisco de Assis. Organizou a Inquisição Pontifícia com o objetivo de reprimir as heresias, com a promulgação da bula "Licet ad capiendos" em 20 de abril de 1233, dirigida aos dominicanos, que passaram a liderar o trabalho de investigação, julgamento, condenação e absolvição dos hereges. Canonizou S. Francisco de Assis dois anos após sua morte, S. Domingos de Gusmão e Santo António de Lisboa. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Susan Haskins** (1949): produtora e atriz estadunidense, conhecida por obras como *Teatro Discussão* (1996), *Between the Lines* (1977) e *Showbusiness: The Road to Broadway* (2007). (Nota da **IHU On-Line**)

5 HASKINS, Susan. *Mary Magdalen: Truth and Myth*. London: Pimlico, 2005, p. 96-97. (Nota da autora)

de iguais voltada para o discipulado. Junto com as outras discípulas que haviam seguido Jesus da Galileia a Jerusalém e testemunhado sua prisão, sua execução e seu sepultamento, ela se transformou na testemunha principal da ressurreição.

Portanto, para muitos cristãos Miriam de Magdala se tornou o símbolo de esperança que desafia as pessoas que temem a liberdade e carecem de coragem para se levantar contra a misoginia, o racismo, o colonialismo e a injustiça. O testemunho que ela e as outras mulheres deram a respeito do túmulo vazio é ainda ouvido na liturgia da Páscoa e é a imagem mais representada na arte cristã dos primeiros tempos. Hipólito de Roma¹¹, que viveu por volta de 170-225 da era cristã, refere-se da seguinte maneira à tradição do apostolado de Maria e outras mulheres, que era conhecida ainda na Idade Média: "A fim de que as mulheres não parecessem mentirosas, mas portadoras da verdade, Cristo apareceu aos apóstolos e disse-lhes: Sou verdadeiramente eu quem apareceu a estas mulheres e quem desejou enviá-las a vocês como apóstolas".¹²

Vários séculos mais tarde, Gregório de Antioquia¹³, contemporâneo de Gregório Magno († 593), expressa esta mesma compreensão quando faz Cristo dizer às mulheres: "Sede vós as primeiras apóstolas para os apóstolos. Para que Pedro aprenda que eu posso escolher até mesmo mulheres como apóstolos".

Discipulado de iguais

Invoquei aqui a figura de Maria de Magdala como um exemplo do chamamento de mulheres para a liderança no discipulado de iguais. A imagem dela de que mais gosto encontra-se na Catedral Episcopal de San Francisco¹⁴. O artista moderno a pintou como uma mulher negra segurando em sua mão um ovo de Páscoa como símbolo da vida nova. Ela é um testemunho da plenitude da vida em meio à injustiça e morte.

Como Maria de Magdala, somos chamadas ao discipulado de iguais. Como seguidoras de Maria de Magdala, somos convidadas para a mesa da Sabedoria Divina.

11 **Hipólito de Roma** (160-235 d.C.): grande teólogo romano, presbítero e defensor extremado da fé católica. Fez oposição acirrada ao papa Zeferino, que na sua opinião, não estava suficientemente preparado para detectar e denunciar as heresias que atentavam contra a Igreja de Roma. Hoje é venerado como santo. (Nota da **IHU On-Line**)

12 HASKINS, 2005, p. 65, n. 15. (Nota da autora)

13 **Gregório de Antioquia**: foi um Patriarca de Antioquia da Igreja Ortodoxa Grega entre 571 e 593. (Nota da **IHU On-Line**)

14 A imagem a que a entrevistada se refere está disponível em <http://bit.ly/2a1c2aD>. (Nota da **IHU On-Line**)

Nós estamos aqui reunidas neste espaço sagrado porque temos fome e sede de justiça. Estamos reunidas para ganhar força e perceber que não estamos sós e não somos impotentes. Estamos reunidas aqui para celebrar o chamado libertador de Maria de Magdala, para receber a mensagem de vida nova e de libertação dos poderes desumanizantes e mortíferos do antijudaísmo, do racismo, da misoginia, da homofobia e de muitos mais que nós também internalizamos.

“
***Temos uma
instituição em
sua maior parte
exclusivista
e hierárquica
que parece ter
esquecido o seu
chamado a ser
uma comunidade
de igualdade
de acolhe a
todos e todas***

O nosso chamado à igualdade radical fundamenta-se teologicamente no fato de que todos e todas somos criadas à imagem de Deus, que somos todas e todos chamados pela Sabedoria Divina e que todos e todas nós recebemos os dons multifacetados do Espírito. Em todas as nossas diferenças, representamos o Divino aqui e agora porque somos feitas e feitos à imagem e semelhança de Deus. Somos brancos e negros, homens e mulheres, pessoas jovens e de idade, pessoas sem e com deficiência, gays e héteros, imigrantes e nativos, americanos, europeus, asiáticos ou africanos. Somos pessoas sensatas e tolas, teóricas e práticas, corajosas e tímidas, bonitas e nem tão bonitas, eloquentes e taciturnas, espertas e inteligentes, fortes e fracas. Somos pessoas dotadas

com uma variedade de talentos e dons, experiências e esperanças, fé e amor. Somos as representantes da Sabedoria Divina em nosso mundo!

Cada um e cada uma de nós é chamado e chamada a encarnar a imagem de Deus, que criou as pessoas à imagem divina, presenteou e chamou cada uma e cada um de nós de maneiras diferentes. A imagem divina não é nem masculina nem feminina, branca ou negra, rica ou pobre, mas multicolorida e multigênero, e mais. Nós, o povo de Deus, somos como Miriam de Magdala - mensageiras e representantes da Sabedoria Divina. Criadas à imagem divina, somos iguais. Somos iguais não só por causa da criação, mas também por causa do batismo. Somos povo de Deus, chamado e eleito, santo em corpo e alma, dotado do Espírito. Como pessoas ricamente dotadas, somos o corpo de Cristo em quem as diferenças de status religioso, racial, de classe, étnico e heterossexual não existem mais. Como povo peregrino, podemos fracassar repetidamente, porém continuamos a lutar pela vida em plenitude e pela realização do nosso chamado ao discipulado de iguais. A Sabedoria Divina chama cada uma de nós a se juntar a Ela em Sua obra de justiça e libertação, da mesma forma como chamou Miriam de Magdala e outras discípulas muito tempo atrás. Ouçamos o Seu chamado. ■

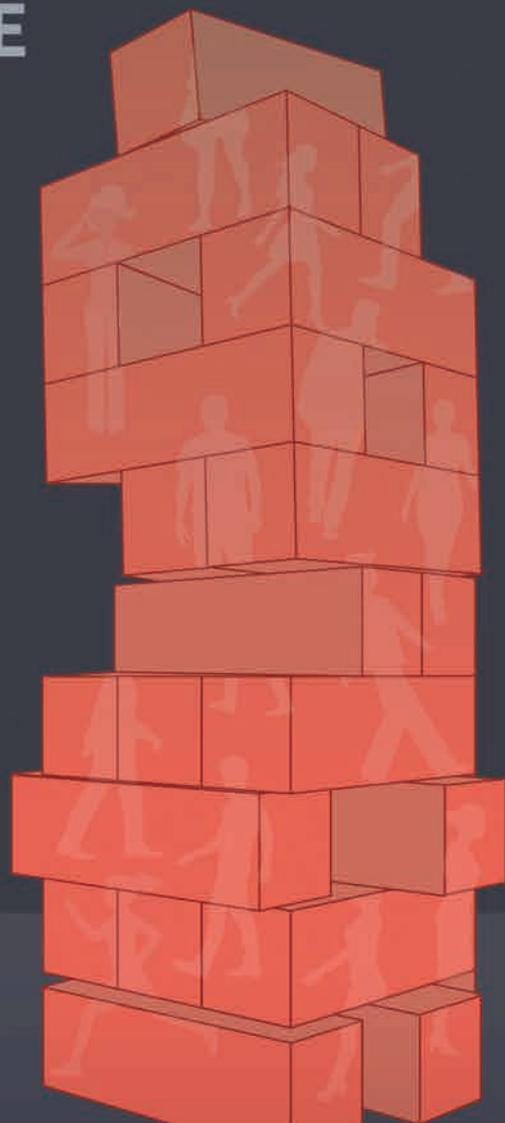
IV Colóquio
Internacional IHU

POLÍTICAS PÚBLICAS, FINANCEIRIZAÇÃO E CRISE SISTÊMICA

14

de setembro
de 2016

Local: Sala Ignacio Ellacuría
e Companheiros – IHU
Campus da Unisinos
São Leopoldo/RS



**Conferencista: Prof. Dr. Gaël Giraud –
Centre National de la Recherche
Scientifique – CNRS – França**

**19h30min às 21h30min – O capitalismo
vindouro e a sustentabilidade: os papéis
da gestão e da economia****



Informações e inscrições em
ihu.unisinos.br



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

UNISINOS
Somos infinitas possibilidades

IHU ON-LINE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

**IHU em
Revista**

#Crítica Internacional - Curso de RI da Unisinos

Fragmentação e estagnação econômica: o que resta ao Mundo Árabe?

Por Carla A. R. Holand Mello

“O desenvolvimento econômico dos países do Oriente Médio e do Norte da África é constrangido significativamente pela falta de capacidade tecnológica e uma alta alocação ineficiente de recursos, e tal ineficiência está baseada na economia política doméstica”, afirma Carla A. R. Holand Mello.

Carla A. R. Holand Mello é graduada e mestra em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, onde também é doutoranda em Estudos Estratégicos Internacionais. Atuou no curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM e atualmente é professora no curso de Relações Internacionais da Unisinos.

Eis o artigo.

A despeito de todo o discurso unificador do pan-arabismo¹ do passado, o Mundo Árabe vive uma permanente fragmentação. O caminho para uma resposta satisfatória é apontado por Hudson (1999, p. 15) *apud* Ferabolli (2009): “[...] os obstáculos para a unidade [árabe] situam-se em quatro categorias: fatores sociopolíticos internos; interesses econômicos que não se sustentam; a estrutura dos sistemas árabe/não árabe de Estado; e os padrões estratégicos, econômicos e culturais exógenos.”.

Uma observação acerca dos pontos levantados acima é que o sistema de Estados do Mundo Árabe carece de mecanismos básicos de *accountability*² intraestatal, prejudicando suas instituições e seu desenvolvimento econômico. Essa conjugação de fatores tem origem no período de estruturação destes Estados no pós-II Guerra Mundial e se agravou ainda mais quando os regimes passaram a enfrentar desafios e resistências internas

1 **Pan-arabismo:** é um movimento político tendente a reunir os países de língua árabe e de civilização árabe em uma grande comunidade de interesses, dentre os quais políticos e econômicos. É um movimento para unificação entre as populações e nações árabes do Oriente Médio. Possui estreita vinculação com o nacionalismo árabe e é baseado em preceitos nacionalistas, seculares e estatizantes. Opôs-se ao colonialismo e à política ocidental de envolvimento no mundo árabe. Ações deste movimento podem ser exemplificadas com a criação da Liga Árabe de Estados em 1945 e o Nasserismo no Egito nos anos 1950. (Nota da autora)

2 **Accountability:** é um termo da língua inglesa, que pode ser traduzido para o português, como responsabilidade com ética e que remete à obrigação de membros de um órgão administrativo ou representativo de prestar contas a instâncias controladoras ou a seus representados. (Nota da autora)

a partir de meados dos anos 1970 e tiveram de dar alguma resposta para manterem-se no poder, seja abrindo suas economias, seja pautando-se por um aparelho estatal mais repressivo, seja utilizando-se de modelos patrimonialistas e privilegiando alguns grupos, como burocratas ou empresários. Pode-se afirmar que a origem destes fatos se deu nos níveis sistêmico, regional e estatal.

Segundo a análise de Brach (2008) de cunho mais econômico, a despeito de uma situação geoestratégica geral favorável entre três continentes, com excelentes conexões com o mar e vias navegáveis e em direta proximidade com a União Europeia - um dos maiores polos econômicos do mundo - o desempenho dos países árabes em geral, mas, sobretudo, dos países do Mediterrâneo Árabe, se encontra aquém de suas possibilidades. Além disso, os países árabes do Oriente Médio e Norte da África (OMNA) se mostraram menos atrativos economicamente do que outras regiões em desenvolvimento. A autora considera que países não árabes e pertencentes à região, casos de Turquia, Israel e Irã, possuem padrão econômico mais elevado e, portanto, não se enquadram em quadro tão alarmante.

Há grandes disparidades de renda, por exemplo, entre grupos diferentes de países da região, como os países árabes do Mediterrâneo e os países do Golfo Árabe, o que uma avaliação agregada dos países do OMNA acaba por ocultar. Brach (2008) também mostra a situação dos fluxos líquidos de investimentos externos diretos (IED), os quais, tanto para o agregado de países do



A despeito de uma situação geoestratégica geral favorável, o desempenho dos países árabes em geral se encontra aquém de suas possibilidades

OMNA, quanto do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG), quanto dos países do Mediterrâneo Árabe, se mostram baixos se comparados com outras regiões do mundo em desenvolvimento como América Latina e Caribe ou a África Subsaariana.

Duas hipóteses são levantadas pela autora para este quadro: o desenvolvimento econômico do OMNA é constringido significativamente pela falta de capacidade tecnológica e uma alta alocação ineficiente de recursos; e a ineficiente alocação de recursos nos países OMNA está baseada na economia política doméstica em cada país e resulta em parte dos prevalentes sistemas políticos e socioeconômicos da região (BRACH, 2008).

Entretanto, não há um acordo sobre o porquê de os países árabes terem lidado com a globalização de forma tão deficiente. Programas internacionais encabeçados por organismos internacionais como o FMI e o Banco Mundial, bem como iniciativas da União Europeia e dos Estados Unidos, foram aplicados nestes países para aumentar sua competitividade através de privatizações e abertura comercial, porém sem sucesso. O PIB dos países árabes da região chegou a experimentar uma queda nas últimas décadas (BRACH, 2008).

Observando-se o aspecto político, Owen (2005) argumenta que a partir dos anos 1990 - o que se poderia considerar como um ensaio para a Primavera Árabe dos anos 2010 - os principais temas analisados no Oriente Médio eram os seguintes: política de desenvolvimento econômico e reestruturação, o impacto do reavivamento religioso contemporâneo (cristão e judaico, bem como muçulmano), a mudança de papel dos militares, a prática de democracia multipartidária e a evolução dos regimes de partido único. Em quase todos os países do Oriente Médio, um período de entusiasmo pela centra-

lização e planejamento foi seguido por um processo de reajustamento forçado, no qual mudanças no clima econômico global, carência de recursos e pressões sociais de baixo exerceram todos papéis importantes.

Nesse contexto, o que poderia ter sido um período de avanços e organização estatal, tornou-se, a partir dos anos 1990, uma lenta marcha rumo ao que ficou conhecido como Primavera Árabe, a qual, na realidade, tem se mostrado, desde então, mais um período de agonia e desestruturação do sistema de Estados no OMNA, do que um movimento de avanços rumo ao desenvolvimento econômico e de instituições democráticas. A modernização com base em participação social e crescimento econômico não foi desencadeada. A possibilidade de reconfiguração territorial da região é uma realidade latente, bem como o fortalecimento ou surgimento de regimes de maior apelo fundamentalista, utilizando o islã político como base. Isto, por sua vez, poderia acarretar uma continuação da ingerência externa histórica verificada na região. Desta perspectiva, o futuro do Mundo Árabe é incerto mais uma vez.

Referências

BRACH, Juliane. Constraints to Economic Development and Growth in the Middle East and North Africa. GIGA Working Papers. GIGA Research Programme: Institute of Middle East Studies. 2008. Disponível em: <<https://www.ciaonet.org/attachments/1946/uploads>>

FERABOLLI, Silvia. Relações internacionais do mundo árabe: os desafios para a realização da utopia pan-arábica. Curitiba: Juruá, 2009. 177 p.

OWEN, Roger. State, Power and Politics in the Making of the Modern Middle East. Routledge. London, 2005. ISBN 0-203-40976-0.

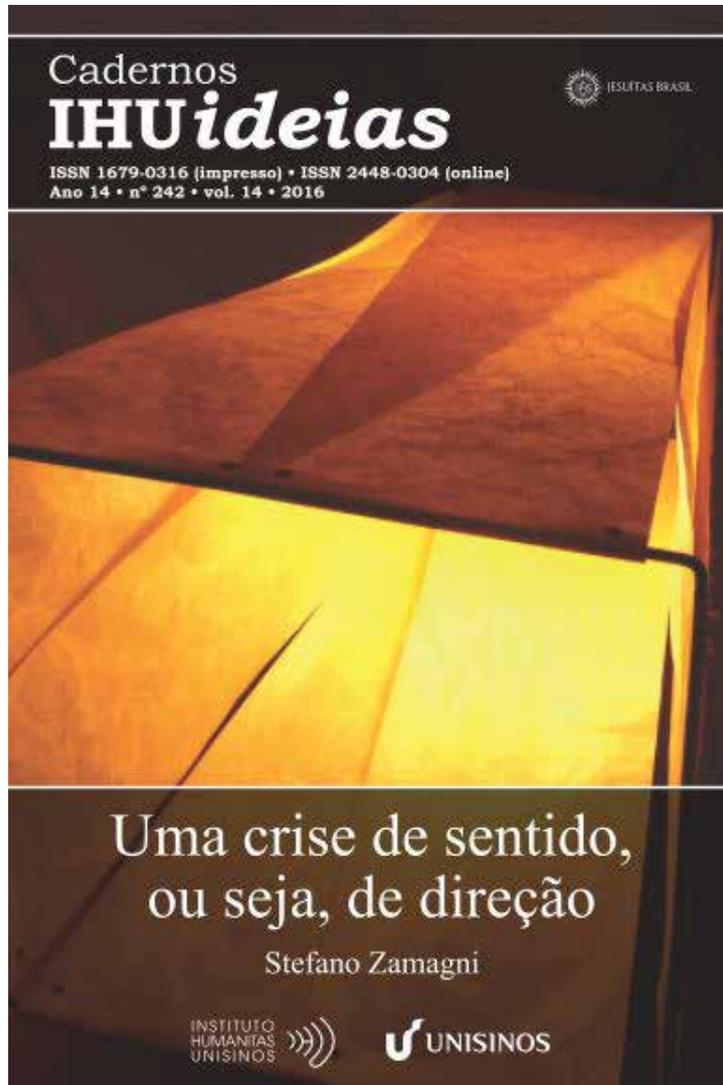
Expediente

Coordenador do curso: Prof. Ms. Álvaro Augusto Stumpf Paes Leme

Editor: Prof. Dr. Bruno Lima Rocha

PUBLICAÇÕES

Uma crise de sentido, ou seja, de direção



Cadernos IHU ideias, em sua 242ª edição, publica o artigo de Stefano Zamagni, professor na Università di Bologna, Itália.

O artigo analisa a separação entre a esfera econômica e a esfera social, o trabalho separado da criação de riqueza, o mercado separado da democracia, que ocorreram no último quarto de século, como as causas que deram origem à crise atual de sentido. Existem dois tipos de crises sistêmicas que podem ser identificados na história da nossa sociedade: a dialética e a entrópica. (Sobre as crises conjunturais, em relação aos aspectos funcionais de uma economia de mercado, não é necessário dizer que são muitas e bastante conhecidas.)

Dialética é a crise que nasce de um grave conflito de interesses que se forma dentro de uma dada sociedade, que não consegue, por uma razão ou outra, se constituir. Essa crise contém em si as causas ou forças para a sua superação. São exemplos históricos e famosos de crises dialéticas a Revolução Americana, a Revolução Francesa e a Revolução de Outubro na Rússia, em 1917.

Entrópica, por sua vez, é a crise que se origina a partir de um sério conflito de valores ou de um conflito

de identidade. Ela tende a criar o colapso do sistema, por implosão, sem que da própria crise possam derivar indicações sobre o caminho a tomar. Este tipo de crise se desenvolve sempre que a sociedade perde o sentido - isto é, literalmente, a direção - do seu próprio caminho. A história nos oferece exemplos notáveis deste tipo de crise: a queda do Império Romano; a transição do feudalismo para a modernidade; a queda do Muro de Berlim e o subsequente colapso do império soviético e tantos outros.

O artigo completo em PDF está disponível em <http://bit.ly/29Gt49y>

Esta e outras edições dos Cadernos IHU ideias podem ser adquiridas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br.

Informações pelo telefone 55 (51) 3590 8213. ■

Retrovisor

Releia algumas das edições já publicadas da IHU On-Line.

As revoluções tecnocientíficas e a modelagem das feminilidades, hoje

Edição 423 - Ano XIII - 17.06.2013

Disponível em <http://bit.ly/29SSnqN>

A modelagem das feminilidades favorecidas pelas revoluções tecnocientíficas contemporâneas é o tema de capa da IHU On-Line número 423. Participam do debate Marlene Tamanini, professora na Universidade Federal do Paraná - UFPR, Diana Maffia, pesquisadora do Instituto Interdisciplinar de Estudos de Gênero da Universidad de Buenos Aires e diretora do Observatório de Gênero na Justiça, do Conselho da Magistratura da capital argentina, Maristela Mitsuko Ono e Marília Gomes de Carvalho, professoras e pesquisadoras no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, Carolina Ribeiro Pátaro, mestranda do Programa de Sociologia da Universidade Federal do Paraná - UFPR e Leonor Graciela Natansohn, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia.



O feminino e o Mistério. A contribuição das mulheres para a Mística

Edição 385 - Ano XI - 19.12.2011

Disponível em <http://bit.ly/2acSVGX>

Mística, segundo o professor do programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, Faustino Teixeira, "é uma experiência que integra, em reciprocidade fundamental, as dimensões de alma (feminilidade) e animus (masculinidade) que habitam cada pessoa humana". "Há uma 'lógica do coração' que transborda a 'lógica da razão'". A contribuição de mulheres como Hildegard de Bingen, Marguerite Porete, Teresa de Ávila, Maria Madalena, Rabi'á al-'Adawiyya, entre outras, para uma compreensão mais profunda do que é a Mística é o tema de capa da edição 385 da IHU On-Line. Contribuem nesta edição Marco Vannini, Juan Martín Velasco, Chris Schenk, Salma Ferraz, Carlos Frederico Barboza de Souza, Victoria Cirlot, Felisa Elizondo, Maria José Caldeira do Amaral, Ceci Baptista Mariani, Sílvia Schwartz e Luce López-Baralt.



Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XXI

Edição 168 - Ano V - 12.12.2005

Disponível em <http://bit.ly/29HnICS>

"Parece que certas pessoas estão, em sua própria vida (e unicamente nisso, e não como pessoas, por exemplo), de tal forma expostas que se tornam, por assim dizer, encruzilhadas e objetivações concretas da vida", escreve Hannah Arendt. A frase prefigura seu próprio destino e o de duas outras mulheres, suas contemporâneas: Simone Weil e Edith Stein. Em 2005, ano em que foi celebrado o centenário do nascimento de Hannah Arendt (1906-1975), a IHU On-Line, em sua edição 168, recordou a trajetória e obra intelectual da pensadora, relacionando-a a duas outras mulheres, judias e filósocas: Edith Stein (1891-1942) e Simone Weil (1909-1943).



Leia nesta edição

editorial p. 2

Tema de capa

Simone Weil: a qualidade e a graça p. 4

Biografias

Hannah Arendt (1906-1975) p. 6

Simone Weil (1909-1943) p. 8

Edith Stein (1891-1942) p. 11

Entrevistas

Sélio Costantini-Demare: três mulheres em tempos conturbados p. 12

Ernesto Cabellero: três mulheres em busca da verdade e da justiça p. 17

Maria de Paula Villalobos: Simone Weil e a experiência da fé e do trabalho p. 22

Paulo de Macedo Duarte: Hannah Arendt e o pensamento em tempo p. 28

Eduardo Jettini: Hannah Arendt: "há uma nova futura luz mais importante" p. 34

Brasil em Foco

Paulo Mattos: "No lado era centro-esquerda, passo a ser quase centro-direita" p. 18

IV Colóquio Internacional IHU

Políticas Públicas, Financeirização e Crise Sistêmica



Prof. Dr. Gaël Giraud

Centre National de la Recherche Scientifique – CNRS – França

13 e 14 de setembro de 2016

ihu.unisinos.br



Prof. Dr. Yann Moulier Boutang

Université de Technologie de Compiègne – UTC – França

13 de setembro de 2016

ihu.unisinos.br

Stefano Zamagni

Uma crise de sentido, ou seja, de direção

O Cadernos IHU ideias traz em sua 242ª edição o artigo *Uma crise de sentido, ou seja, de direção*, de Stefano Zamagni, professor na Università di Bologna. A proposta do texto é analisar a separação entre a esfera econômica e a esfera social, o trabalho separado da criação de riqueza, o mercado separado da democracia, que ocorreram no último quarto de século, como as causas que deram origem à crise atual de sentido. “Um dos muitos legados, nem tão positivos, que a modernidade nos deixou é a crença de que ser um buscador de lucros é o título para acessar o ‘clube da economia’”, critica Zamagni. O artigo completo pode ser acessado em <http://bit.ly/29Gt49y>.



IHU Ideias



Profa. Eduarda Bonora Kern

Ocupa tudo:
limites e possibilidades da
(re)invenção das escolas no RS

O evento ocorre no dia 18-08-2016, às 17h30, na sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU



ihu.unisinos.br



bit.ly/ihuon



twitter.com/_ihu



youtube.com/ihucomunica



medium.com/@_ihu